UNE ✦ SACRA

Grécia Antiga

Odisseia

✦ ✦ ✦

Homero

Tradução de Odorico Mendes (1928)

Créditos

Autor	Homero
Data	séc. VIII a.C.
Idioma original	Grego arcaico
Versão	Tradução de Odorico Mendes (1928)
Edição	1.6
Tradução	Manuel Odorico Mendes
Fonte	Wikisource
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Poema épico atribuído a Homero, composto por volta do século VIII a.C., continuação da Ilíada. Em 24 cantos, narra o regresso de Ulisses (Odisseu) a Ítaca depois da Guerra de Troia: os dez anos de viagem entre o ciclope Polifemo, a feiticeira Circe, a descida ao mundo dos mortos, as sereias e a ninfa Calipso; a busca de seu filho Telêmaco por notícias do pai; e a volta disfarçado de mendigo, a prova do arco e a vingança contra os pretendentes que cercavam Penélope.

O poema deu nome a toda longa viagem cheia de provas e serviu de modelo a incontáveis histórias de regresso, da Eneida de Virgílio ao Ulisses de James Joyce.

Diferente da Ilíada, passada no campo de batalha, a Odisseia celebra a astúcia, a hospitalidade e a fidelidade — de Penélope, de Telêmaco, do porqueiro Eumeu e do velho cão Argos, que reconhece o dono depois de vinte anos e morre.

Fonte: https://pt.wikisource.org/wiki/Odysséa_de_Homero

Consulte a fonte indicada acima para os termos de uso desta versão. O desenho deste arquivo é da Une Sacra (CC BY-NC-SA 4.0); o texto segue a licença indicada acima.

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X

Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

Canto XV

Canto XVI

Canto XVII

Canto XVIII

Canto XIX

Canto XX

Canto XXI

Canto XXII

Canto XXIII

Canto XXIV

CANTO I

✦

1-3 Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ilion santa, errou de clima em clima,
Viu de muitas nações costumes varios.

4-9 Mil transes padeceu no equoreo ponto,
Por segurar a vida e aos seus a volta;
Baldo afã! pereceram, tendo insanos
Ao claro Hyperioneo os bois comido,
Que não quiz para a patria alumial-osa
Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra.

10-13 Da guerra e do mar sevo recolhidos
Os que eram salvos, um por seu consorte
Calypso, nympha augusta, appetecendo,
Separava-o da esposa em cava gruta.

14-17 O Céo, porem traçou, volvendo-se annos,
De Ithaca reduzil-o ao seio amigo,
Onde novos trabalhos o aguardavam:
De Ulysses condoiam-se as deidades;

18-23 Mas, sempre infenso, obstava-lhe Neptuno,
Este era entre os Ethiopes longinquos,
Do oriente e occidente ultimos homens,

Num de touros e ovelhas sacrificio
A deleitar-se; e estavam já no alcaçar
Do Olympo os habitantes em concilio.

24-33 O soberano, a recordar Egistho
Do Agamemnonio Orestes immolado,
Principia: «Os mortaes ah! nos imputam
Os males seus, que ao fado e á propria incuria
Devem somente. Contra o fado mesmo,
Do porvir não cuidoso, ha pouco Egistho,
Em seu regresso o Atrida assassinando,
Esposou-lhe a mulher, bem que enviado
O Argicida subtil o dissuadisse:
— De o matar foge e polluir seu leito;

34-37 Senão, tem de vingal-o, adolescente
Sendo investido no seu reino Orestes. —
Mercurio o amoestou, mas surdo Egistho,
Os delictos por junto expia agora».

38-40 A quem Minerva: «Summo pae Saturnio,
Jaz com razão punido esse perverso;
Todo que o imitar, como elle acabe!

41-47 Mas a afflicção de Ulysses me compunge,
Que, ha tanto longe dos amenos lares,
Em ilha está circumflua e nemorosa,
Lá no embigo do mar; onde é retido

Pela filha de Atlante omnisciente,
Que o salso abysmo sonda, o peso atura
Das columnas que a terra e o céo demarcam.

48-50 A deusa com blandicias o acarinha;
De Ithaca elle saudoso, o patrio fumo
Ver deseja e morrer. Não te commoves?

51-56 Irritou-te faltando, em sua amada
E em Troia, com offertas e holocaustos?»
E o Junta-nuvens: «Que proferes, filha,
Do e encerro dessa boca? eu deslembrar-me
Do mortal mais sisudo, o mais devoto,
Aos celicolas pio e dadivoso!

57-61 Da terra o abarcador he quem o avexa,
Por ter do olho privado a Polyphemo,
O mor Cyclope, que, num antro unida
A Neptuno, pariu Thoosa, estirpe
De Phorcys deus do pego insemeavel.

62-65 O Ennosigeu d'então lhe poupa a vida,
Mas de Ithaca o arreda. Provejamos
Na vinda sua; aplaque-se Neptuno:
Só contra todos contender não pode».

66-69 A Olhicerúlea: «Ó padre, ó rei supremo,
Se vos praz que á família torne Ulysses,
Da ínsula Ogígia á nympha emadeixada
Mercurio o intime, o herói prudente parta.

70-73 A Ithaca baixo a confortar o filho:
Os comantes Argeus convoque ousado;
Suste aos vorazes procos a carnagem
De flexipedes bois e ovelhas pingues.

74-76 Dali, na Esparta e na arenosa Pilos,
Do amado genitor se informe e indague,
E entre humanos obtenha ilustre fama».

77-82 Já liga alparcas de ouro incorruptíveis,
Que a propelem como aura pelas ondas
Ou pelo amplo terreno; a lança empunha
De érea afiada ponta e desmedida,
Com que turmas de heróis desfaz metuenda,
Progênie de tal pai. Do Olympo frecha;

83-85 Em Ithaca, ao vestíbulo de Ulysses
Tem-se, e de hasta na destra, parecia
O hospede Mentes campeão dos Táfios.

86-91 Ao pórtico acha intrusos pretendentes
Sobre coiros de bois que morto haviam,
Os dados a jogar. Servos e arautos
Misturam nas crateras água e vinho,
Ou com povosa esponja as mesas pulem,
E partem nelas abundantes carnes.

92-95 Distante a vê Telemacho deiforme:
No meio, taciturno e consternado
No genitor pensava, que expulsal-os

E reger venha o leme do governo.

96-100 Entrementes a avista, e não sofrendo
Por mais tempo de fora um peregrino,
Corre, aperta-lhe a mão, sua arma toma:
«Hospede amigo, salve; o que precisas,
Depois do teu repasto o saberemos».

101-104 Ei-lo encaminha a déa, e já na sala
Ante celsa coluna encosta a lança
Á nitida hastaria, onde em fileira
As de Ulysses valente em pé dormiam.

105-111 Num trono a põe dedáleo de alcatifa
E de escabelo
aos pés, senta-se perto
Em variegada sela; á parte ficam,
Para que, á bulha e ao trato com soberbos,
O hospede o apetite não perdesse,
E do pai elle a folgo o interrogasse.

112-115 De gomil de ouro ás mãos verte uma serva
Água em bacia argêntea, a mesa lustra,
Que enche a modesta afavel despenseira
De pães e das presentes iguarias;

116-118 Escudelas de várias novas carnes
O trinchante apresenta e copos de ouro,
Que arrasa de almo vinho arauto assíduo.

119-129 Suspenso o jogo, os feros pretendentes
Ocupam já cadeiras e camilhas;
Dão água ás mãos arautos, pão comulam
Servas em canistréis; atiram-se eles
Aos regalados pratos, e as crateras
Lhes coroam mancebos. Farta a sede,
Farta a fome, em prazer os embriagam
Música, dança, adornos de banquetes:
Cítara ebúrnea entrega um dos arautos
A Fêmio, que forçado ali tangia
E o cântico ajustava ao som das cordas.

130-134 Inclinou-se Telemacho a Minerva,
Dizendo á puridade: «Hospede caro,
Vou talvez enfadar-te? Eles só curam
De cantigas e danças, porque impunes
Comem do alheio, os bens do herói consumem.

135-141 Cuja ossada ou jaz podre em longes terras,
Ou rola entre maretas; ah! se o vissem
Cá reaparecer, mais que ouro e galas,
Planta leve amariam. Fado acerbo
Urge-o porém, e embora algum terrestre
A volta sua afirme, as esperanças
Murchas estão, nem luzirá tal dia.

142-145 Ora, quem és? de que família e patria?
Com que gente vieste e em que navio?
Vindo a pé não te creio. Uses franqueza,

Hospede me és recente ou já paterno?

146-157 A muitos nosso teto agasalhava,
E meu pai atraía os forasteiros».
A de azuis claros olhos: «Não duvides,
Mentes sou, de ser nado me glorio
De Anquíale belaz, e os Táfios mando
Náuticos habeis. Vim, com meus remeiros
Sulcando o negro pelago, a Temeses
De estranha lingua permutar meu ferro
Pelo seu cobre: o vaso tenho surto
No Retro porto, fora da cidade,
Junto ao Neio frondoso. Antigo hospicio
Me une a teu pai, e o diga o bom Laertes;

158-161 Herói que, é fama, a corte mesto esquiva
Em campo solitário, onde ama idosa
Lhe apresta a mesa, ao vir cansado e lasso
De amanhar fertilissimos vinhedos.

162-165 Cuidei, corria voz, tornado Ulysses;
Mas os deuses o impedem, que inda vive
Em ilha de mar vasto circunfusa,
Por bárbaros detido e involuntário.

166-170 O que o Céo sugeriu-me, eu to assevero,
Se bem áugur não seja ou grã-profeta:
Não tardará; que, embora o tenham ferros,

Ardis cogita. Sê sincero; os olhos
E a cabeça tens dele, és tu seu filho?

171-173 Como agora freqüentes conversávamos;
Desde que para Tróia, entre os mais cabos,
Se embarcou, nunca mais nos avistamos».

174-176 E o príncipe modesto: «Hospede, é certo
Que minha mãe de Ulysses me diz prole;
Por si mesmo ninguém seu pai descobre.

177-180 Oh! gerado fosse eu de um mais ditoso,
Que em suas possessões envelhecesse!
A porvir de um herói, já que o perguntas,
Esse é desgraçadissimo dos homens».

181-183 E Palas: «Deu-te o Céo preclaro berço,
És da casta Penélope nascido.
Mas, dize, que festim, que turba é esta?

184-190 Para que a tens? são núpcias? é banquete?
Por escote o não fazem. Que insolencia!
Qualquer homem de siso há de irritar-se
De os
ver assim». — Telemacho prudente:
«Hospede, honesta e rica era esta casa,
Quando aquele varão conosco estava;

191-195 Mas obscuro ocultal-o aprouve aos deuses.
Menos dor fora se acabasse em Ilion,
Ou no meio de amigos triunfante:

Erigindo-lhe a Grécia um monumento,
Ao filho seu legara imensa glória.

196-202 As Harpias cruéis mo arrebataram;
Sem brilho algum morreu, só lutos, herdo.
Outros prantos o fado nos suscita:
Os chefes de Dulíquio ambiciosos,
De Ithaca rude e Samos e Zacinto
Pretendem minha mãe, que os não repulsa,
Bem que fiel tais himeneus deteste;

203-206 Famélicos o haver me dilapidam,
E malvados a morte me aparelham».
Palas com dó: «Precisas de que Ulysses
A mão carregue sobre audácia tanta.

207-211 Oh! de seu paço á entrada aparecesse
De elmo, adarga e hastas duas, qual chegando
O vi de Éfira e de Ilo Mermérida,
Aonde fora numa nau veleira
Comprar veneno para ervar as setas;

212-215 Mas, como Ilo o negou temendo os numes,
Lho deu meu pai, que amigo em nossa casa
O regalou de saborosos vinhos:
Surdisse, e a boda amargaria aos procos.

216-220 Se cá deva o Laércio ou não vingar-se,
Arcano é divinal; tu considera
De enxotal-os o modo, eu to aconselho:

Em assembléia aos teus amanhã fala,
Atesta o Céo, despede esses intrusos;

221-223 A desejar Penélope outro esposo,
Torne a seu pai, que as núpcias lá celebre,
E um dote para a filha haja condigno.

224-228 Se outro cordato aviso adotar queres,
Navegues, a indagar de Ulysses novas,
Em ótimo baixel de vinte remos:
Talvez alguém te informe, ou soe o brado
Com que Jove aos mortaes gradua a fama.

229-231 Interroga a Nestor primeiro em Pilos,
Na Esparta ao louro Atrida, que o postremo
Dos lorigados reis entrou na Grécia.

232-234 Vivo Ulysses, paciente um ano esperes;
Morto, regressa, um monumento exalça
E consagra-lhe exéquias dignas dele;

235-238 De ti novo marido a mãe receba.
Isto acabado, ás claras ou por fraude,
Sério dos procos desfazer-te busca:
De brincos pueris não é mais tempo.

239-241 Ouves de Orestes o renome honroso,
Por ter vingado o pai no ymphame Egistho?
Sê no valor qual és no garbo e talhe;

242-244 Gabem-te, filho, as gerações futuras.
Vou-me á inquieta nau por minha ausencia:
Tudo observes, amigo, e nada esqueças».

245-250 E o moço: «Hospede, os sábios teus conselhos
Preceitos são de pai, que eu n'alma guardo.
Mas demora-te ainda, a fim que um banho
O coração te alegre, e prenda exímia
Aceites hospital, que tu conserves,
Doce memória da amizade nossa».

251-257 «Não me estorves, replica, ansioso parto.
A tua offerta para a volta aceito;
A Tafo hei de levá-la, e dignamente
Retribuir». Eis voa a gázea deusa,
Águia Anopéia, infunde-lhe coragem,
Na alma avivando o pai. Crendo-a celeste,
O deiforme assombrado aos mais se agrega.

258-262 Mudos a Fêmio atendem, que o de Tróia
Triste regresso dos Aqueus modula,
Pom Minerva disposto. A nobre Icária
Penélope a divina cantilena
Do alto percebe, e desce pela escada.

263-267 Não só, com duas servas; ante os procos,
Á porta, o véo de pejo ao rosto abaixa,
Entre as servas lágrima, ao vale fala:

Fêmio, outros carmes e trabalhos sabes
De homens e deuses, da poesia assunto;

268-272 Escolhe um que a beber te escutem ledos:
Suspende esse cantar, que amargo sempre
O coração me rala e mo entristece,
Á lembrança do herói, cuja alta glória
Por toda Hélade e Argolida ressoa».

273-276 «Reprovas, minha mãe, contesta o filho,
Que nos deleite a impulsos do seu gênio?
Os poetas não culpes, culpa a Jove
Que a prazer os inspira e o estro acende.

277-279 Não peca em celebrar de Aqueus os males,
E se é nova a canção, mais prende os homens:
Reforça o ânimo teu para sustê-la.

280-284 Se luz não teve para a volta Ulysses,
Em Tróia outros heróis também ficaram.
Mas dentro as servas atarefa, intende
Na roca e no tear: varões discorram,
E eu mormente que sou da casa o dono».

285-289 Recolheu-se com pasmo, na prudencia
Do filho meditando, pela escada,
Mais as fâmulas duas, vai carpindo
O amado ausente esposo, até que em sono
Boa Minerva as pálpebras lhe fecha.

290-295 De compartir seu leito ávidos eles,
Na escurecida sala tumultuam;
A quem Telemacho: «O alarido cesse
De Penélope amantes ultrajosos:
Ora á mesa o cantor saboreemos,
Na harmonia parelho ás divindades.

296-298 Amanhã sem rebouço, em parlamento,
Exporei meu desejo de expulsar-vos:
Mutuando os festins, comei do vosso.

299-302 A preferirdes consumir sem termo
Os bens de um só, recorro aos Sempiternos:
Júpiter o castigo vos fulmine,
E nestes paços expireis inultos».

303-306 Aqui, mordendo os beiços, da ousadia
Pasmavam do mancebo; a Antino, garfo
De Eupiteu, rebentou: «Do Olympo, certo,
A sublime linguagem te ensinaram;

307-311 Se és audaz, é que de Ithaca circúnflua
Oh! destinam-te o cetro hereditário».
Mui ponderoso o príncipe: «O que ajunto
Não te exaspere, Antino: eu de vontade
Granjeara de Júpiter o cetro.

312-317 Mau reputas reinar? quem reina goza
Opulenta morada e as mores honras.
Na ilha há jovens e anciãos que aspiram,

Morto Ulysses, ao mando: quero apenas
O rei ser desta casa, e dos meus servos
Pelo braço paterno conquistados».

318-322 E Eurímaco de Pólibo: «Quem seja
De Ithaca rei, no grêmio está dos numes:
Senhor és do palacio, e enquanto a patria
For habitada, príncipe, não temas
Que da riqueza tua alguém te esbulhe.

323-326 Mas conta-nos, amigo, donde veio,
Que herdades o teu hospede cultiva,
Qual é sua prosapia. Anunciou-te
Perto Ulysses, ou divida reclama?

327-335 Foi-se rapidamente e se encobria;
Porém no aspecto seu nobreza inculca».
«Eurimaco, responde o cauto moço,
Ah! não verei meu pai, nem creio anúncios,
Nem curo de adivinhos que na regia
Consulta minha mãe. Aquele é Mentes
Hospede meu paterno, que se jacta
Filho do ilustre Anquíale; é de Tafo,
Governa os Táfios navegantes habeis».

336-339 Fala assim, mas conhece a divindade.
Na dança e melodia eles se enleiam,
Té que Vésper assoma, e fusca a noite
Vão-se á casa lograr do mole sono.

340-347 Cuidados cem Telemacho rolando,
Um pátio busca interno, onde aposento
Soberbo tinha; avante, aceso um facho
Ia a castissima Eurícléia, filha
De Opes de Pisenor, que, enrubescida,
Por vinte bois comprada, igual da esposa
A estimava Laertes, mas honesto
Nem lhe tocou, para forrar ciúmes;

348-357 De Telemacho a serva era dileta,
Porque ymphante o pensara. Esta é quem abre
O camarim formoso: elle na cama
Despe a macia túnica; dobrada
Em cabide a pendura junto ao leito
A boa velha, que ao sair, a porta
Por um anel de prata a si puxando,
Corre da aldrava o loro. De ovelhuna
Lã coberto, a cismar despende a noite
Na viagem que a deusa lhe ordenara.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO II

✦

1-5 Veste-se, á luz da dedirrósea aurora,
Sai da alcova o amadissimo Ulisseida
Ao tiracolo a espada e aos pés sandálias,
Fulgente como um deus, expede arautos
A apregoar e reunir os Gregos.

6-8 De hasta aênea, ao congresso alvoroçado,
Não sem dous cães alvissimos, se agrega;
Minerva graça lhe infundiu celeste.

9-14 Seu porte e ar admira o povo inteiro;
Cedem-lhe os velhos o paterno assento.
Egípcio ergueu-se, de anos curvo e sábio,
A lembrar-se de Antifo, que audaz indo
Com Ulysses a Tróia, do Cyclope
Foi na seva espelunca ultima ceia;

15-21 O herói carpia o filho, e bem que houvesse
Três outros, um dos procos Eurínomo,
Dous nas lavouras ocupados sempre,
Concionou lagrimando: «Nunca, atentos
Cidadãos, em congresso nos sentamos,
Desde que Ulysses embarcou divino:
Que provecto ou mancebo o ajunta agora?

22-24 Que urge? anúncio há exército inimigo?
Ou tratar vem de público interesse?
Nas justas intenções o assiste Jove».

25-29 O Ulisseida não mais fica em seu posto;
Ledo, orar cobiçando, em pé recebe
Do arauto Pisenor sisudo o cetro,
Por Egípcio começa: «Eis-me, tens perto
Quem, ancião, convoca esta assembléia;

30-33 Nem há novas de exército inimigo,
Nem trato hoje de público interesse,
Mas do meu próprio. Hei duas graves penas:
Falta-me o pai, que o era do seu povo;

34-36 O pior é que amantes importunos,
Filhos dos principais aqui presentes,
Minha mãe vexam, minha casa estragam.

37-40 A Icário temem ir, que a filha dote
E escolha o genro que lhe for mais grato;
Em diários festins, meus bois tragando,
Cabras e ovelhas, minha adega exaurem.

41-43 Nem outro Ulysses que remova o dano,
Nem forças tenho e militar pericia;
Mal seria tental-o: oh! se eu pudesse!

44-55 Da ruína e infâmia, cidadãos, salvai-me,
Os vizinhos temei, temei que os deuses
Em vós a indigna tolerância punam:

E vos rogo por Júpiter, por Têmis,
Que demite ou congrega as assembléias,
Socorro, amigos; só me reste a mágoa
Do extinto pai. Se dele ofensas tendes,
E contra mim os instigais, mais vale
Vós os móveis e imóveis consumirdes:
Assim, tinha o recurso de que a tempo
Em Ithaca meus bens vos reclamasse,
Compensações recíprocas fazendo.

56-61 Ora, insanavel dor me infligis n'alma».
De cólera chorando, o cetro arroja;
Comisera-se o povo. Á queixa amarga,
Em roda emudeceram, mas Antino,
Rompe o silêncio: «Altíloquo e impotente
Da ignomínia o ferrete em nós imprimes?

62-73 A ninguém mais, Telemacho, a mãe cara
Sómente arguas, que de astúcias mestra,
Quatro anos quase, nos contrista, ilusos
De promessas, recados e esperanças,
E al tem no coração. Com novo engano,
Nos disse, ao predispor fina ampla teia:
— Amantes meus depois de morto Ulysses,
Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,
Sem que do herói Laertes a mortalha

Toda seja tecida, para quando
No longo sono o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo

74-77 Manto rico não ter quem teve tanto. —
Esta desculpa ingênuos aceitamos.
Ela, um triênio, desmanchava á noite
Á luz da lâmpada o lavor diurno;

78-80 Ao depois, avisou-nos uma escrava,
E a destecer a teia a surpreendemos:
Então viu-se obrigada a concluí-la.

81-83 Saibas nossa resposta, e a saibam todos:
Penélope de Icário ao paço envies,
Marido a sabor dela o pai lhe escolha.

84-86 De indústria, engenho e ardis, a ornou. Minerva,
Quais não dera ás mais célebres Aquivas,
Tiro e Alcmena e Micena emadeixadas;

87-92 Mas dos dotes abusa em que as supera,
A príncipes da Grécia atormentando.
A insistir na repulsa, na vontade
Que os imortaes no peito lhe puseram,
Terá glória perene, embora sintas
Esgotados rebanhos e tesouros;

93-96 Pois, o assevero, a empresa não largamos,
Antes que ela um consorte a gosto eleja».
Logo Telemacho: «A expulsar, Antino,

Quem me pariu e amamentou me instigas?

97-102 Viva Ulysses ou não, se tal cometo,
A meu avô dar cumpre estreita conta;
Aflito pelo pai, depois que as Furias
Penélope, este lar deixando, impreque,
Me incitará mau gênio humanos ódios:
Não, não proferirei tamanho crime.

103-107 Mutuando os festins, comei do vosso,
A casa despejai-me. A preferirdes
Gastar os bens de um só, recorro aos deuses:
Júpiter o castigo vos fulmine,
E nestes paços expireis inultos».

108-112 Aqui despede o próvido Satúrnio
Do alto águias duas, que, de pandas asas
Pelas auras a par, ante o congresso
Mirando em giro e sacudindo as penas
Sobre as cabeças, prometiam mortes;

113-115 Lacerando-se á unha a testa e o colo,
Da cidade por cima á destra voam.
No anúncio a refletir, pasmaram todos.

116-121 Ergueu-se o herói Mastórida Haliterse,
Agoureiro o melhor entre os coevos,
E orou de grado: «Cidadãos, ouvi-me,

Risco iminente pressagio aos procos:
Não tarda Ulysses, que vizinho traça
Deles o exicio e de outros Itacenses.

122-128 De os refrear o modo averigüemos,
Ou se abstenham por si, que é mais cordato.
Inexperto não sou; predisse aos Gregos,
No embarcar para Tróia o astuto Ulysses,
Que sem nenhum dos seus, após vinte anos
E transes mil, ignoto aqui viria:
Quanto prenunciei vai ser cumprido».

129-133 Eurímaco retorque: «Eia, a teus filhos
Corre a vaticinar, para que um dia
Sério desastre, ó velho, não padeçam:
Profeta eu sou maior; nem quantas aves
Ao sol adejam, pronosticam males.

134-136 Como Ulysses, ao longe oh! pereceras,
Áugur falaz; com olho só no lucro,
O ódio nunca em Telemacho excitavas.

137-143 Mas, se de teu prestígio e idade abusas
Irritando o mancebo, eu te asseguro,
Funesto lhe serás, sem nada obteres,
E a ti multa imporemos, que te grave
E ao vivo doa. Mande, eu lho aconselho,
A Icário a mãe: as núpcias lhe aprontemos,
E um dote para a filha haja condigno.

144-147 Cesse a porfia assim; pois ninguém medo,
Nem o loquaz Telemacho, nos mete.
Predições desprezamos, cujo efeito
Único é detestarmos o adivinho.

148-152 A desfalcar seus bens continuaremos,
Enquanto ela indecisa entretiver-nos:
Todos rivais, pela virtude sua,
Longos dias passamos na esperança,
Outras nobres senhoras enjeitando».

153-155 Dissimula Telemacho: «Não quero
Nisto, Eurímaco e ilustres pretendentes,
Falar mais: tudo os Céos e os Gregos sabem.

156-161 Mas dai-me ágil baixel de vinte remos,
No qual, o instavel pelago sulcando,
Eu vá, na Esparta e na arenosa Pilos,
Do suspirado pai colher noticias:
Talvez alguém me informe, ou soe o brado
Com que Jove aos mortaes gradua a fama.

162-164 Vivo Ulysses, paciente um ano espero;
Morto, aqui volto, e um monumento exalço
E consagro-lhe exéquias dignas dele;

165-174 De mim novo marido a mãe receba».
Mal toma o seu lugar, Mentor ergueu-se,
Socio do grande Ulysses que á partida
Confiou-lhe interesses da família,

Que ao velho obedecia; este prudente
Orou de grado: «Cidadãos, ouvi-me,
Cetrígero nenhum benigno seja,
Nem precatado e bom, sim duro e injusto,
Já que o povo deslembra o divo Ulysses,
Rei homem, rei e pai, senhor e amigo.

175-177 Aos cegos procos a violencia passo,
Porque, a seu risco devorando a casa,
Pensam que Ulysses nunca mais ressurja;

178-180 Ardo só contra o povo, que estais mudos,
Que, tantos sendo, ao menos com palavras,
Não reprimis o orgulho de tão poucos».

181-186 Bradou Leócrito Evenório: «Bronco
E insolente Mentor, nós desistirmos!
Disputar-se o festim será difícil
Dos príncipes á flor: se o próprio Ulysses
Maquinasse expelir de casa os procos,
Não folgava de o ver a amante esposa;

187-190 Crua morte os convivas lhe dariam.
Fútil arenga. Ao trabalho, ó povo;
Naliterse e Mentor, muito há paternos
E amigos seus, dispunham-lhe a viagem.

191-194 Falho o projeto, longamente, eu creio,
Tem de inquirir em Ithaca estrangeiros».
Ei-lo, solve o congresso; os mais ás próprias,

De Penélope á casa os procos foram.

195-200 Telemacho da praia ao longo parte;
No alvo mar banha as mãos, suplica a Palas:
«Socorro, ó nume que a meu lar vieste,
E ontem mandaste que, talhando as vagas,
De Ulysses fosse em busca; obstam-me os Gregos,
E sobretudo os feros pretendentes».

201-207 Palas á prece acorre, em voz e em corpo
A Mentor semelhando: «Siso e esforço,
Ó mancebo, terás, se em ti se instila
O ânimo de teu pai em dito e em feitos,
Nem baldarás teus passos: a não seres
De Penélope sangue e do Laércio,
Que lograsses o intento eu duvidara.

208-211 Muitos filhos do tronco degeneram,
Raros o imitam, raros se avantajam;
Pois de Ulysses herdaste o gênio e o brio,
O teu projeto conseguir esperes.

212-214 Desses loucos e injustos não te importes;
Sem previdencia, ignoram que atra morte
Para um só dia lhes comina o fado.

215-219 Não mais o teu propósito retardes:
Mesmo agora aparece aos pretendentes;
Vitualhas apresta e acondiciona,

Em ânforas o vinho e em densos odres
Mete a farinha, dos barões medula.

220-222 Paterno socio, te serei companha,
Em baixel que te esquipe: ondicercada
Ithaca abunda em naus de toda a sorte;

223-225 A melhor se aparelhe e ao mar se deite».
Á voz da filha do Satúrnio, á casa
Dirige-se o Ulisseida angustiado;

226-231 Os soberbões encontra a esfolar cabras,
A assar no pátio suculentos porcos.
Rindo lhe ocorre Antino e a mão lhe trava:
«Fraco e loquaz Telemacho, desterra
Mau pensamento; investe, como dantes,
Ao comer e ao beber, valente e guapo.

232-234 Gregos te escolherão navio e remos,
Onde a Pilos divina, ao som da fama,
Tu vás de Ulysses indagando novas».

235-241 Sério o príncipe: «Antino, com soberbos
Folgar não devo ou conviver forçado.
Não basta que os meus bens dilapidásseis
Na infância minha? Alerta e mais crescido,
Aconselhei-me, e a ira em mim referve:
Seja em Pilos ou Ithaca, procuro
Vossa ruína; os passos meus não frustro.

242-244 Passagem pagarei, pois vos aprouve
De embarcação privar-me e de remeiros».
E a mão da mão de Antino arranca fácil.

245-250 Rompe o festim, e a charlear um deles:
«Hui! Telemacho a perda nos prepara!
Ou da arenosa Pilos ou de Esparta
Vingadores trará, se é que de Éfira
Não nos trouxer letíficos venenos,
Que na cratera a todos nos propine».

251-255 E outro a zombar: «Quem sabe se naufrague
E longe expire, como o errante Ulysses?
Seria um grã trabalho o dividirmos
Tamanhas possessões, á mãe deixando,
Ou a quem a esposasse, este palacio».

256-258 Ele á paterna estância ampla e sublime
Corre, onde amontoavam-se ouro e cobre,
Óleo odorifero e de vestes arcas;

259-261 Dentro, em redor envelheciam pipas
De almo divino baco, se inda Ulysses,
Depois de tanta angústia, ao lar voltasse.

262-268 Desperta as portas bífores cerrada
Guardava a ecônoma Euricléia, filha
De Opes de Pisenor; chamou-a e disse:
«Em ânforas bom vinho, ama, embotelha,

Do mais suave que a tornada espera
Do infeliz nobre herói, se a morte o poupa,
Delas enche uma dúzia e arrolha todas;

269-272 Alqueires vinte em odres bem cosidos
Vaza de grãos de elaborada Ceres.
Tudo arruma em segredo; á noite venho,
Mal Penélope a câmara procure.

273-280 A Esparta e a Pilos arenosa vou-me,
Do pai dileto a recolher noticias».
Clama Euricléia, debulhada em pranto
«Filho, que insânia a tua! ires sozinho
Por esse mundo! É morto o grande Ulysses,
Ai! longe do seu ninho, em terra ignota:
Fica entre nós; para teus bens gozarem,
Se partes, eles te armarão ciladas;

281-286 Ao cruel vago mar não te confies».
«Ama, responde o príncipe, sossega;
Isto não é sem deus. Jura á mãe cara
Onze dias ou doze encobrir tudo,
Salvo se o tenha ouvido ou queira ver-me:
Não deforme chorando as faces belas».

287-290 Firma a velha um solene juramento,
E enquanto o vinho em ânforas transfunde
E despeja nos odres a farinha,
O jovem se reúne aos pretendentes.

291-296 Mais excogita Palas: disfarçada
No régio garfo, as ruas percorrendo,
Incitava um por um a achar-se prestes,
Ao lusco e fusco, ante um baixel veleiro
Ao de Frômio pedido egrégio filho,
Que o prometeu benévolo e previsto.

297-300 Obumbrava a cidade o Sol no ocaso:
Do porto á boca, a mesma Olhicerúlea,
Em nado posta a nau bem petrechada,
Congrega e exorta a pontual maruja.

301-305 Depois anda ao palacio; os pretendentes
Entre o vapor do vinho em sono enleia,
Turba-os, das mãos os copos lhes sacode:
Eles para dormir, da mesa erguidos,
Carregadas as pálpebras, se espargem.

306-308 Retoma a forma de Mentor a deusa,
Fora chama a Telemacho: «Nos bancos
Te aguardam prontos os grevados Gregos;

309-315 Não demoremos a partida, vamos.»
Já caminha, e Telemacho após ela.
Chegados ao baixel, na praia encontram
Comantes nautas, a quem fala o moço:
«Os víveres, amigos, transportemos
Que hei no aposento: exceto uma cativa,
Nem minha mãe conhece este segredo.»

316-321 Ei-los, colocam tudo na coberta:
Embarca o príncipe, adiante Palas,
Que a par o assenta á popa. Safam cabos
E abancam-se remeiros, bem que a deusa
Mande favonio Zéfiro, que aleia
E encrespa o turvo ressonante pego.

322-325 A vozes de Telemacho, manobram:
De abeto o mastro levantado encaixam
Em sua base e o ligam de calabres,
Com táureas cordas brancas velas içam.

326-332 Venta em cheio; a fremir, purpúreas vagas
O buco açoutam, que as retalha e voa.
Finda a mareação, do mais estreme
Em pé crateras coroando, libam
Aos imortaes, principalmente á prole
De Júpiter Minerva, que da noite
Á nova aurora viajou com eles.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO III

✦

1-10 O Sol, do pulcro lago ressurgindo,
Em céo de bronze alumiava os deuses
E n'alma terra os homens, no abordarem
A celsa Pilos de Neleu fundada,
Em cuja praia ao criniazul Neptuno
Touros em tudo negros immolavam:
Eram bancadas nove e de quinhentos,
Bois nove a cada grupo. Ao nume as coxas,
Consumidas as vísceras, ardiam,
Quando, ferrado o pano, em terras saltam.

11-13 Guia e instrui a Telemacho Minerva:
«Não mais te acanhes, pois rasgaste os mares,
A inquirir onde vive ou jaz Ulysses.

14-16 Presto, a Nestor doma-corcéis; vejamos
O que há na mente, rogá-lhe a verdade;
Nem elle mentirá, sisudo e probo».

17-23 «Como hei de, respondeu-lhe, apresentar-me?
Como saudal-o? Sou, Mentor, noviço
Em discorrer com tento, e me envergonho
De interrogar um velho». — E a de olhos zarcos:

«Telemacho, tua alma há de inspirar-te,
E um nume sugerir-te; eu não te julgo
Nado e nutrido sem favor celeste.

Então se apressa, e o príncipe atrás segue
Dos Pilios ao congresso, onde se achavam
Nestor e filhos, que o banquete aprontam;

Quem assa, quem no espeto a carne enfia.
Ao vê-los grande número os abraça
E convida ao festim. Primeiro a destra
O Nestório Pisístrato lhes toma,
Entre o irmão Trasimedes os coloca
E seu pai n'alva areia e moles peles;

Porção de entranhas lhes offerta; o vinho
Em áureo copo vaza, e reverente
Fala á prole do aluno de Amaltéia:
«Hospede, ao rei Neptuno ora conosco,
A porto chegas para o seu festejo.

Liba e depreca, é justo, e ao socio passes
O doce vinho com que os Céos invoque;
Todos, julgo, dos Céos necessitamos:
Jovem comigo em anos emparelha;

Terás primeiro o copo.» E aqui lho entrega.
Contente Palas do varão cordato,
Que a velhice acatava, assim perora:
«Digna-te, Ennosigeu, de ouvir meus votos!

46-49 Honra a Nestor e os filhos, agradece
A completa hecatombe aos outros Pilios;
Dá-me e ao socio o voltarmos tendo obtido
O que imos procurando a remo e vela».

50-54 O rito já preenche, e traspassado
O bicôncavo copo, á risca o mesmo
Faz o Ulisseu mancebo. Do braseiro
Tirando, assados superiores trincham,
O solene festim lauto celebram.

55-58 Vencida a sede e a fome, satisfeitos
Completamente os hospedes, o velho
Gerênio cavaleiro os interroga:
«Donde vindes cortando as salsas vagas?

59-68 Traficais? ou piratas sois errantes,
Que para dano alheio a vida expondes?»
De Minerva Telemacho animado,
Por ter informações do herói famoso
E nome entre os mortaes, responde afouto:
«Nestor Nelides, ó da Grécia adorno,
Direi quem somos: de Ithaca selvosa,
Não público
negocio, mas privado,
Que vou contar sincero, aqui nos trouxe;

69-71 Vogo após o rumor do pai querido
O longânimo Ulysses, que a teu lado
Soa haver sovertido os muros Teucros.

72-75 Já consta o fim de quantos lá pugnaram;
Mas Jove esconde o seu: ninguém me explica
Se a mãos hostis em terra há sucumbido
Ou soçobrou nas águas de Anfitrite.

76-78 Os pés te abraço, o fado seu declara,
Se o viste, ou se narrou-te um peregrino.
Sem dita ah! veio do materno ventre!

79-82 Por dó nada me ocultes, eu to rogo;
E, se a ti fiel sempre, em dito e feitos,
Foi na guerra onde Aqueus sofreram tanto,
Isto lembre-te agora e não me iludas.»

83-91 A quem Nestor: «Os males me recordas
Que entre esse povo, amigo, suportamos,
Ou quando errantes pelo escuro pego
A depredar nos conduzia Aquiles,
Ou no cerco dos muros Priameios
De heróis sepulcro: o márcio Telamonio,
O Pelides caiu, lá jaz Pátroclo
Em destreza divina, lá meu filho
Antíloco gentil, ágil, brioso.

92-94 Mas quem memoraria as outras penas?
Fiques cinco ou seis anos, que no meio
Da narração com tédio voltarias.

95-99 «Um novênio mil dolos maquinamos;
Jove a custo pôs termo a tantas lidas.
Aos demais nos ardis se avantajava
Teu pai, se o é: com pasmo eu vejo o imitas,
Moço egrégio, em facúndía e gesto e porte.

100-104 Nunca, no parlamento ou no conselho
De Ulysses dissenti, por bem dos povos.
Derruída Ilion celsa e a velejarmos,
O Supremo em furor dispersa os Dânaos,
Que todos justos nem prudentes eram;

105-107 Muitos vítimas foram da olhigázea
Prole de iroso pai, que entre os Atridas
A discórdia acendera.

108-115 Os dous, á tarde
Contra o costume os nossos convocando,
Que do vinho turbados concorreram,
O motivo expressaram da estranheza:
Queria Menelau que o dorso imano
Talhássemos do mar; o irmão queria
Deter-nos, e com sacras hecatombes
A Minerva aplacar. Cegueira e insânia;

116-118 Fácil do intento um nume não se abala.
Insultam-se os irmãos, e Argeus grevados
Com sinistro alarido em pé disputam;

119-126 A noite, infenso o Padre, uns contra os outros
A excogitar velamos. N'alva, os lenhos
Deitam-se ao divo salso mar, de escrava
Alticintas onustos e do espólio:
Fica-se em torno ao rei dos reis metade,
Metade voga. Um deus amaina as ondas,
E em Tênedos portados, suspirando
Pelo saudoso lar, sacrificamos.

127-137 Aumenta o mal, nova descórdia surde:
Vários, ao sumo. Atrida por obséquio,
Após o cauto Ulysses retrocedem
Nos meus navios fujo, pressentindo
Os desígnios de Júpiter funestos,
E Tidides me segue e os seus com ele
Mais tarde Menelau nos topa em Lestos
Na extensa rota a meditar: se, Psíria
Dobrando á esquerda, iríamos acima
Da alpestre sáxea Quio ou desta abaixo,
Singrando ao longo da ventosa Mimas.

138-141 Rogávamos ao deus, que acena e manda
Esquivarmos na Eubéia algum desastre:
Brama o vento, e sulcando o mar piscoso,
A Geresto os baixéis de noite abordam;

142-144 Atravessado o pelago, a Neptuno
Sagramos táureas coxas. Entra em Argos
Ao quarto dia a Diomedéa frota;

145-151 A Pilos me encaminho, sem que afrouxe
A brisa que souprou-me o Céo benigno.
Assim, meu filho, nada sei dos Graios,
Salvos ou perecidos; mas te explano
Quanto em meu teto já me tem constado:
Corre que os bravos Mirmidões lanceiros
Pôs em casa o de Aquiles digno gérmen;

152-154 Que os seus pôs o Peâncio Filoctetes;
Que, em feliz travessia, o rei Cretense
Todos já recolheu de Tróia escapos.

155-158 De Agamemnon lá mesmo a sorte ouviste:
Caro custou seu crime a Egistho ymphame.
Quão belo um nobre herdeiro, como Orestes,
Que o pai vingou no pérfido homicida!

159-164 Amigo, sê também, se és guapo e esbelto,
Sê de valor e esforço, e o mundo assombres.»
E o mancebo: «Ó Neleio, Aquiva glória,
Sim, foi justa a vingança; honrado sempre
Orestes há de ser. Tivesse eu forças
Contra insolentes e molestos procos!

165-176 Eu nem Ulysses venturosos fomos;
Cumpre-nos suportar.» — Contesta o velho:
«Que me lembras? A fama aqui me veio
Dos que oprimem-te e a casa te arruinam,
Requestando a Penélope. Abaixaste
O colo ao jugo, ou por supremo influxo
Aborreceu-te o povo? Inda quem sabe
Se o pai sozinho ou com geral apoio,
Não puna ultrajes tantos? Oh! Minerva
(Nunca um deus a mortal foi tão propicio)
Te protegesse com o amor que tinha
Em Tróia exicial ao grande Ulysses!

177-181 Eles de boda a sede apagariam.»
Telemacho porém: «Prometes muito;
Espantas-me, ancião, mas nada espero,
Nem que os numes o queiram.» — «Desses dentes,
Minerva acode, que proferes, néscio?

182-186 A quem quer favorece ao longe um nume.
Prefiro demorar-me entre fadigas
E ver o dia do regresso á patria,
A sucumbir no lar como Agamemnon,
Pela traição de Egistho e Clitemnestra.

187-189 Contudo os imortaes salvar não podem
Da condição comum qualquer valido,
Se a Parca o empolga para o sono eterno.»

190-197 Telemacho atalhou: «Mentor, cessemos,
Bem que isso me interessa: aparecer-nos
Veda-lhe o seu destino. De outro assunto
Me esclareça Nestor, que em três idades
Se diz que reina, excele na justiça,
É na presença um deus. Como foi morto
O rei dos reis? como um varão mais forte
De Egistho ao braço pereceu doloso?

198-200 Onde era Menelau? Certo, ó Nelides,
Longe errava da Argolida ao momento
Que a tal flagicio o pérfido arrojou-se.»

201-206 Então Nestor: «Sabê-lo vais, meu filho.
Ponderas bem; se á volta o louro Atrida
Inda o encontrasse, a Egistho sobre a cova
Ninguém terra espargira, e na campanha
Tivera sido a cães e abutres pasto,
Sem que uma só mulher chorasse o monstro.

207-218 Nós em altas façanhas, elle estava,
Lá num retiro de Argos pascigosa,
A seduzir em ocio com branduras
A nobre Clitemnestra, que a princípio
Resistiu, roborada na virtude
Por um poeta que, ao partir, o esposo
Ao lado lhe deixou; mas, quando Egistho
Pôs numa ilha deserta o Aonio aluno,
Que o Céo votara ás aves de rapina,

De grado ela se foi do amante á casa:
Conseguido o que nunca obter cuidava,
Muita perna de rês queima nas aras,

219-224 Muita imagem pendura, alfaias, ouros.
Parto com Menelau, que me era unido;
Próximo ao sacro promontório Súnio,
Febo asseteia-lhe o Onetório Frôntis,
Que meneava o leme, sem segundo
Em dirigir a proa nas tormentas.

225-235 Bem que á pressa, em Atenas celebrados
O enterro e funerais, o Atrida segue
Pelo sombrio pelago, e nas águas
Do cabo Maléia, o imbrifero Tonante
Solta estrídulos ventos e em montanhas
Incha escarcéos; dispersa, a frota em parte
A Creta arriba, onde os Cídones moram
Ás abas do Járdano. Alcantilada
Nos Gortínios confins se eleva rocha
Do escuro ponto, e ali maretas Noto
Quebra em Festo ao sinistro promontório;

236-239 Pelo pequeno escolho divididas:
Naufraga, e apenas a campanha livra
Menelau, que em cerúleas proas cinco
O sopro e as ondas para o Egito impelem.

240-243 Enquanto vaga entre homens de outra lingua
E as naus de outro carrega e mantimentos,
Perfaz o dolo Egistho, e por sete anos
Duro impera em Micenas opulenta;

244-249 No oitavo, o divo Orestes vem de Atenas,
Vinga seu pai ao matador matando,
E ao sepulcral banquete assenta os Gregos
Do imbele adúltero e da mãe perversa:
O afavel Menelau surge esse dia,
Nos baixéis de riqueza abarrotados.

250-252 Não muito e longe dos soberbos andes,
Que devorem-te a casa e os bens repartam:
Seria, amigo, péssima a viagem.

253-261 Eu te aconselho a visitar o Atrida,
Que veio donde vir já não pensava,
Por temporais jogado além do horrendo
Pelago vasto, que nem aves podem
Num ano atravessar. Ou corta os mares
No teu navio, ou se por terra queres,
Dou-te meu carro, e os filhos te conduzam
De Esparta á nobre corte: a preces tuas,
O probo rei te falará sincero.»

262-271 Caído o Sol, adverte a gázea Palas:
«Sábio discorres, velho, mas das vezes
Talhem-se as linguas, e mesclado o vinho,

Libemos a Neptuno e ás mais deidades:
Hora é de repousar; sepulto o lume
Na opaca treva, recolher-nos cumpre
Deste festejo.» — Todos lhe obedecem:
Dão água ás mãos arautos; as crateras
Coroando moços, distribuem copos
Em derredor; e, no brasido as linguas.

272-280 Em pé libam de novo e á larga bebem.
Já Minerva e Telemacho desejam
Tornar-se a bordo; mas Nestor o impede:
«De vos deixar partir o Céo me guarde,
Como infeliz trapento, a quem falecem
Agasalhos de mantas e tapetes:
Hei tudo, e á farta; no convés não durma
Do amigo o nada; eu vivo, ou meus herdeiros,
Para hospitais deveres exercermos.»

281-283 «Justo, ancião, discorres, diz Minerva:
Aqui pernoite o príncipe contigo;
Vou confortar a gente e prover tudo.

284-290 Prezo-me eu só de velho; os mais vieram
Eqüevos e a Telemacho votados.
Hei de a bordo encostar-me, e alvorecendo,
Aos honrados Caucomes dirigir-me,
Antiga a recobrar grossa quantia
Em coche um dos teus filhos o encaminhe,
Rijos lhe empresta alipedes cavalos.»

291-295 Dali, como um xofrango, a de olhos garços
Desaparece com geral assombro;
A Telemacho a dextra o velho aperta:
«Não serás, filho, imbele e sem virtude,
Pois tão jovem te assiste uma deidade;

296-298 É certamente a predadora Palas,
Que a teu pai distinguia. Oh! tu rainha.
Glorifica-me e a prole e a casta esposa!

299-303 Imolarei do jugo intacta aneja,
De larga fronte com dourados cornos.»
Aceita a prece, á regia com seus filhos
E genros parte; e, em ordem colocados,
Ele o vinho mistura de anos onze.

304-313 De ânforas que destapa a despenseira,
Brinda e roga á do Egifero progênie.
Para dormir, saciados se despedem:
Nestor o divinissimo Ulisseida
Retém no paço, e ao pórtico sonoro
Um recortado leito lhe oferece,
De Pisístrato perto, belaz chefe,
Inda na adolescencia; o rei descansa
Num retrete recôndito, onde a cama
Afofara a consorte veneranda.

314-323 Ao roxear da pudibunda aurora,
Surge Nestor, ante o portão repousa,
Em alva pedra a óleo bem polida,
Poial já de Neleu, divino engenho:
Ali, depois que a Dite o pai descera,
Soía aquela dos Argeus custódia
O cetro alçar. Das câmaras saídos,
Cercavam-no Equéfron e Estracio e Areto
E Perseu e o deiforme Trasimedes,
Sexto Pisístrato, o menor da estirpe.

324-330 Era Telemacho, a imortaes parelho,
Junto ao régio Nestor, que assim começa:
«Filhos, eia, a Minerva engrandeçamos,
Que ao solene festim vi manifesta:
Um corra ao prado em busca do vaqueiro,
Que uma novilha traga; outro aqui chame
O ourives Laerceu, que doure os cornos;

331-335 Ande á nau de Telemacho o terceiro,
E os nautas, menos dous, nos apresente.
Ficai-vos os demais; que as servas dentro
Lauta mesa aderecem, que nos sirvam
De cadeiras e lenha e de água pura.»

336-339 Tudo obedece: A rês do campo chega;
De Telemacho chega a marinhagem;
Com bigorna e alicates e martelo,
Utensilios do oficio, o fabro chega;

340-342 Chega Palas e atenta a cerimônia.
Ouro Nestor fornece; o artista o assenta,
Para a deusa alegrar, da rês nos cornos;

343-345 Por estes Equéfron e Estracio a levam.
Traz de cima em bacia floreada
Água Areto, e uma serva em cesta molas;

346-348 Afiada o guerreiro Trasimedes
Secure empunha, a golpear disposta
Para o sangue aparar Perseu tem vaso;

349-355 Ora o pai, água esparge e farro pio,
Ao fogo lança da cabeça o pêlo.
Finda a prece, o Nestório Trasimedes,
Rápido os nervos cervicais talhando,
As forças lhe dissolve; em gritos rompem
Filhas e noras, a pudica esposa,
Eurídice, a maior das de Clímeno;

356-358 Do chão vasto a novilha erguem, sustentam,
E Pisístrato príncipe a degola:
Mana o sangue da vítima, que expira.

359-363 Partem-na; e, como é rito, as cérceas coxas
Cobrem de pingue dúplice camada,
Postas várias por cima; o velho as torra,
Negro vinho entornando; ao pé mancebos
Bons espetos sustêm qüinqüedentados.

364-366 Ossos combustos, vísceras comidas,
Picam-se as carnes, que enroscadas assam,
Os pontudos espetos revirando.

367-371 Filha menor, a bela Policasta
O hospede lava; e, de óleo perfumado,
Ele, em túnica nova e gentil manto,
Saiu do banho com divino aspecto,
Junto abancou-se do pastor de povos.

372-378 Pronto o assado e o banquete, os mais prestantes
O vinho em copos de ouro em pé transfundem.
Repleta a fome e a sede, ei-lo o Gerênio:
«Filhos, ora a Telemacho parelha
Crinita ao carro atai.» — Sem mais delonga,
Jungidos os corcéis, mete a caseira
Pão, vinho, provisões que os reis costumam;

379-390 Sobe Telemacho á formosa biga;
Da juventude príncipe, o Nestório
Pisístrato a seu lado as rédeas move
E açouta os brutos, que por gosto arrancam
Da árdua Pilos formosa. O dia inteiro
De uma e outra banda o jugo não sossega,
Té que, ao Sol posto, em Feres se dirigem
A Díocles, de Ortíloco nascido,
Que o foi do rio Alfeu: lá pernoitaram

Em jocunda pousada; e, mal fulgia
A manhã dedirrósea, a biga jungem
Ao vário coche, e os brutos flagelados

391-394 Ledos voam do pórtico estrondoso.
Por frugifero campo atravessando,
A carreira os ungüíssonos terminam,
Quando as veredas obumbrava a tarde.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO IV

✦

1-7 Já no vale da grão Lacedemônia,
Em casa o Atrida glorioso encontram
Com pompa a celebrar do filho as núpcias
E as da filha sem pecha. Em leves carros
Ia enviá-la á Mirmidônia corte,
Ao do Rompe-esquadrões herdeiro Pirro,
De Ílio cumprindo o juramento sacro.

8-12 Do Espartano Aléctor une uma virgem
Ao forte Megapentes, que uma escrava
N'ausencia lhe pariu: de Helena prole
O Céo não lhe outorgou, depois da amavel
Hermíone, rival da loura Vênus.

13-16 No amplo alcáçar opíparo convívio
Deleita a cidadãos e a forasteiros,
Á lira canta um músico divino,
Dous bailadores a compasso pulam;

17-23 Mas o coche ao vestíbulo e o Nestório
E Telemacho estão. Pajem do Atrida,
O bravo Eteoneu, que os observava,
De povos ao pastor a informar veio:

«Dous hospedes, quiçá de Jove garfos,
Temos: desatar cumpre a veloz biga,
Ou mandal-os, senhor, para outro asilo?»

24-27 «Dantes eras, Boétidas, sisudo,
O flavo rei troou; mas louquejaste,
Compassível discurso. Ah! quantas vezes
O pão comi da mesa do estrangeiro!

28-32 De novas aflições me afaste Jove!
Solta a parelha, os hospedes convida.»
Eteoneu chama os fâmulos, que o seguem:
Aos suados corcéis, do jugo livres,
Meiam cevada e espelta a manjedoura;

33-35 Á parede luzente o carro apoiam;
Introduzem na regia os peregrinos,
Regia brilhante como o Sol e a Lua.

36-39 Já farta a vista, em limpa cuba os lavam
E ungem de óleo as escravas, que, em felpudos
Albornozes, e túnicas macias,
Do soberano a par os apoltronam.

40-43 De gomil de ouro ás mãos verte uma delas
Água em bacia argêntea, a mesa lustra,
Que enche a modesta afavel despenseira
De pães e das presentes iguarias;

44-50 Escudelas de várias novas carnes
O trinchante apresenta e copos de ouro.
Dá-lhes a destra e fala Menelau:
«Comei, saboreais; depois da ceia,
Saberemos quem sois. De escura estirpe
Certo não vindes, mas de heróis cetrados:
Gérmen vil não rebenta em plantas nobres»

51-53 Aqui, tergo bovino assado e gordo.
Seu quinhão de honra, aos hospedes offerta,
Que ao regalado prato as mãos estendem.

54-59 Refeitos já, Telemacho ao Nestório
Inclinou-se em voz baixa: «Considera,
Amigo da minha alma, como ecoa
E esplende a sala, em bronze, em prata, em ouro,
Em electro e marfim! Do interno Olympo
É tal o adorno imenso: espanta olhal-o.»

60-64 Menelau, que o percebe, acode: «Filhos,
Ninguém se iguala a Jove na opulencia;
Eterno é seu palacio. Uns nos haveres
Superam-me, outros eu: mas que infortúnios
Oito anos carreguei, vagando os mares!

65-70 Vi Chipre, vi Fenicia, vi o Egito,
A Etiópia, a Sidônia, Erembos, Líbios;
Onde aos cordeiros nascem presto os cornos,

E há três partez a ovelha anualmente:
Lá senhor nem zagal tem mingua nunca
De queijo e carnes e mungido leite.

71-73 Enquanto eu cumulava tais riquezas,
Por dolo da consorte o irmão foi morto,
E elas na amarga dor não me consolam.

74-76 Ter-vos-ão vossos pais, quem quer que sejam,
Contado os meus pesares: de Ílio em cinzas
O precioso espólio os não compensa.

77-79 Com pouco no meu lar me contentava,
Se incólumes vivesse os que remotos
Da Argolida ubertosa lá caíram.

80-82 Amiúde, sentado a lamental-os
Saudoso verto lágrimas que enxugo,
Pois viver não podemos de tristezas;

83-85 Porém choro um mormente, e o recordal-o
O sono tira-me e o sabor, dos Gregos
O mais acérrimo e constante, Ulysses.

86-90 Quantas penas o fado reservou-lhe,
Quantas a mim também na ausencia longa
Se respira ignoramos; e o pranteiam
O decrépito pai, a honesta esposa,
Tenro o filho Telemacho deixado.»

91-102 Á lembrança de Ulysses, água chove
Dos olhos do mancebo, que ás mãos ambas
Esconde-os n'aba do purpúreo manto:
Menelau o descobre; em si reflete
Se o deixa declarar-se, ou prosseguindo
Lho pergunte e se explique. Entanto, Helena
Do alto assoma camarim fragrante,
Qual Febe de arco de ouro: Adestra logo
Chega-lhe uma poltrona, traz-lhe Alcipe
De lã mole tapete, e Filo o argênteo
Rico açafate dádiva de Alcandra,
Mulher de Pólibo, o da Egípcia Tebas,

103-105 Em maravilhas célebre. Houve dele
O flavo rei de prata duas tinas,
Duas trípodes e áureos dez talentos;

106-112 Houve de Alcandra Helena roca de ouro,
De ouro com orlas e redondo embaixo
O açafate que Filo apresentou-lhe
De preparado fio, a roca em cima
E roxa lã. No assento e de escabelo
Aos pés Helena, a Menelau inquire:
«De Jove aluno, que hospedes nos honram?

113-115 Quer acerte, quer não, falar desejo:
Tanto não vi, de vê-lo estou pasmada,
Mulher nem homem semelhar-se a outrem!

Aposto haver Telemacho ante os olhos,
De Ulysses ramo, que o deixou de berço,
Quando magnânimo entre os nobres Graios
Foi debelar, por minha culpa, Tróia.»

E o marido: «Consorte, o mesmo cuido.
As mãos tem dele e pés, cabelo e testa,
O penetrante olhar; do herói me lembra,
Do que por mim sofreu, do que inda sofre:
Há pouco o moço, em lágrimas desfeito,
No purpurino manto as escondia.»

Pisístrato ajuntou: «Pastor de povos,
Ele é sim, que modesto aqui primeiro
De interpelar se peja a um rei tamanho,
Cuja encantada voz nos regozija.

O ancião Nestor mandou-me acompanhal-o;
Vem pedir-te ou socorros ou conselho;
Sendo ausente seu pai, na própria casa
Ah! padece, e lhe faltam protetores,
Falta-lhe povo que remova o dano.»

E o rei: «Que! no meu teto o filho tenho
De quem por mim correu perigos tantos!
Sobre os outros heróis o amava eu sempre,
Se feliz travessia ás naus veleiras
Nos concedesse o próvido Satúrnio.

140-142 Cidade evacuando a mim sujeita,
Paços lhe erguera, e de Ithaca elle a gente,
Família e bens á Argolida passava.

143-146 Em contínua aprazível convivencia,
Nada nos separava, antes que a morte
Nos cobrisse de trevas. Mas o Olímpio
Tal dita inveja, nega-lhe a tornada.»

147-152 Gera-se um vivo pranto: Helena chora,
Chora o esposo e Telemacho; o Nestório,
Não enxuto, recorda-se de Antíloco,
Morto ás mãos de Mênon da Aurora filho,
E bradou: «Prudentissimo aclamar-te
Nestor em nossas práticas saía;

153-155 Digna-te ouvir meu parecer, Atrida:
Á mesa nunca choros me recreiam,
Mas na alvorada removê-los cabe;

156-161 Só consagram-se aos míseros defuntos
Cortada a coma e lágrimas sentidas.
O irmão perdi também, que reconheces
Não era o mais imbele: ouvi que a muitos,
Pois lá não fui, se avantajou garboso
Velocissimo Antíloco e bizarro.»

162-164 Atalha o Atrida: «Em obras e palavras
Prudencia inculcas de maduros anos;
Saíste ao celso pai, querido jovem.

165-169 Fácil o sangue de um mortal se estrema
A quem ditoso berço e casto leito
O Satúrnio fadou; como o Nelide,
Que em velhice pacífica desliza
Entre guapos herdeiros valorosos.

170-172 Mas suspenda-se o luto; as mãos se lavem,
Toca a cear. Telemacho á vontade,
Raie a manhã, conversará comigo.»

173-184 Água ministra Asfálio, atento servo;
Deitam-se os convidados ás viandas.
Helena al excogita: anexa ao vinho
De nepentes porção, que aplaque as iras
E as tristezas desterre; o que a bebesse
Não brotava uma lágrima no dia,
Por mãe nem genitor, irmão nem filho,
Que visse degolar. De Jove á prole
Dera bálsamos e ervas Polidana,
De Fono Egípcia esposa, cuja terra
Os reproduz saudaveis ou nocivos,
E onde o médico excede os homens todos

185-188 E de Péon descende. Helena exclama,
Preparada a poção: «De heróis procedem,
Sim, divo Menelau; mas poderoso
Dispensa o Eterno as mágoas e os prazeres.

189-192 Discursando o festim saboreemos;
De gratas narrações vou deleitar-vos.
Todas não posso referir proezas
Do sofrido varão durante o assédio;

193-197 Onde os Aqueus mil transes aturastes;
Mas uma contarei. De chagas torpes
E andrajos desfeado, qual mendigo,
Em Ílio introduziu-se, e em pobre escravo
Da mesma frota Argiva disfarçou-se.

198-202 Por mim só conhecido, elle ás perguntas
Me quis tergiversar; mas, quando ao banho
O ungi, vesti-o. e lhe jurei segredo
Até que aos pavilhões e ás naus voltasse,
Me revelou dos Gregos os projetos.

203-209 Alguns matando á espada, cheio foi-se
De informações. As Teucras ululavam;
Eu me alegrei, pois já de novo o peito
Patrizar me pedia, arrependida
Sentindo o haver, a impulsos da Cipônia,
Largado a casa, a filha, o toro, o esposo,
Que em talento e beleza a ninguém cede.»

210-216 O marido aplaudiu-a: «Sim, consorte,
Muito hei peregrinado, heróis vi muitos;
O coração de Ulysses nenhum tinha:
Paciente, engenhoso, e forte e sábio,

Quanto ideou, quanta mostrou constância,
No cavalo artefato, em que os melhores
Clade e exicio aos Trojúgenas levamos!

217-223 Com Deífobo divino ali vieste,
E em seu favor um nume te inspirava;
Em três giros, palpaste a cava insídia,
E com voz da mulher de cada chefe
Os nomeavas todos. Eu no centro
E Tidides e Ulysses te escutamos:
Surdir os dous ou responder quisemos;

224-228 No ímpeto e fogo Ulysses nos conteve.
Calam-se os mais, ia falar Anticlo;
Com mãos robustas pertinaz Ulysses
Lhe aperta a boca, o exército preserva,
Até que enfim reconduziu-te Palas.»

229-231 Eis Telemacho: «É duro que as virtudes,
Sublime rei, da Parca o não livrassem,
Qual se tivesse um coração de ferro.

232-237 Mandai-nos ora aonde ambos logremos
As delicias do sono.» — Presto Helena
Desdobrar faz ao pórtico umas camas
De almofadas e espessos cobertores
E purpúreos tapetes: logo as servas
Aparecem de facho, e tudo aviam;

238-241 Conduz arauto os hospedes; lá dormem
O herói Telemacho e o Nestório egrégio.
Pernoita Menelau na interna alcova,
E a mais gentil mulher nos braços dele.

242-247 Do éter gênita, surde a roxa aurora:
Desperta, veste-se o belaz Atrida;
Cingindo a espada, as nitidas sandálias
Calça, e ao pé do Ulisseida vem sentar-se:
«Que precisão, Telemacho, rasgado
O equóreo dorso, te conduz a Esparta?

248-250 É pública ou privada? eia, franqueza.»
Prudente o moço: «A ti, senhor, pujante,
Vim para de meu pai colher noticias.

251-254 Enchem-me a casa, arruínam-me a fazenda,
Matam-me negros bois, e ovelhas pingues
Os procos de Penélope, vorazes,
Arrogantes, violentos e importunos.

255-257 Conta-me, eu te suplico, a morte sua,
Se a viste ou referiu-te um forasteiro.
Foi no ventre materno á dor votado!

258-261 A minha tu não poupes, nada ocultes;
E, o caro genitor se em tudo e sempre
Te era fiel na desastrosa guerra,
Isso lembre-te agora e não me iludas.»

262-272 O Espartano suspira: «Oh Céos! cobardes
Ao tálamo aspirar de herói tamanho!
Se, em covil de leão depondo acaso
Os filhinhos de mama, o vale e monte
Lustra a corça a pastar, entrando a fera
Os esgana cruel: destarte Ulysses
Lhes dará morte certa. Ele se ostente,
Ó Jove, Palas, Febo, como em Lestos
Quando com Filomelides em luta,
O prostrou com prazer dos bravos Gregos:
A boda em breve acerba lhe seria.

273-275 Satisfazer-te vou no que me imploras;
Dir-te-ei sem rebuço quanto arcano
Aclarou-me o veraz marinho velho.»

276-278 «Os deuses, que nos punem, de olvidal-os,
Impaciente no Egito me retinham,
Porque faltei com justas hecatombes.

279-281 Lá Faro surge á flor da azul campina,
De foz em fora, quanto em singradura
Marcha popa a que vente aura sonora;

282-290 Tem um porto seguro e boa aguarda,
E ao pelago os baixéis dali descendem.
Uns vinte dias, não soprando Eolo,
Que pelo undoso ponto os nautas leva
E a planície lhe encrespa, eu demorado,

Com poucas provisões, lassa a companha,
Desesperava já, quando Idotéia,
Do potente Proteu marinha prole,
Ocorreu compassiva a mim sozinho;

291-296 Que os mais de curvo anzol, do ventre urgidos,
De toda a ilha em derredor pescavam.
Acometeu-me a deusa: — «Estulto ou fátuo,
Ficas-te, hospede, em mágoas te apascentas,
E enquanto aqui sem termo estás detido,
Langue e definha o coração dos socios.»

297-299 «Ó deusa, contestei, seja qual fores,
Por meu gosto o não faço, mas suponho
A celícola algum ter ofendido.

300-311 Ora dize, a imortaes é claro tudo,
Quem assim me proibe o mar piscoso. —
«Ela ingênua me foi: — Do Egito o velho,
De Neptuno ministro, aqui se aloja,
Proteu meu pai, que as úmidas entranhas
Tem sondado e conhece. Há de ensinar-te,
Se obténs prendê-lo, como a rota sigas,
E se o queres também, de Jove aluno,
Os maus ou bons domésticos sucessos
Durante errores teus no instavel pego —
Eu porém: — Com que insídias surpreendê-lo
Poderei, sem que fuja ao pressentir-me?

312-316 Não é para mortaes vencer a numes. —
«A guapa nympha continua: Atende.
Ao meridiano Sol, do salso abismo,
Hirtas sobre a cabeça as fuscas ondas,
Surde o ancião de Zéfiro aos sonidos;

317-319 Numa espelunca dorme, e em torno juntos
Ápodes focas de Halosidna bela,
A exalarem ascosa maresia.

320-324 N'alva, hei de colocarte em sítio azado,
Com três que elejas da valente frota.
Seus ardis eu te expendo. Cinco a cinco,
Ronda e enumera as focas, e no meio
Deita-se qual pastor com seu rebanho;

325-331 Sopita-se depois. De jeito e força
Os agarreis, bem que anele escapulir-se;
E em serpe ao converte-se, em água, em fogo
Tende-o mais duro e firme, até que o velho,
Já volto á prima forma, a interpelar-te
Comece. Inquire então que nume avesso
Te fecha o mar piscoso. — Ei-la mergulha;

332-334 N'alma comoto, ás naus varadas corro.
Depois da ceia, inteira a noite amena
Pela praia arenosa adormecemos.

335-337 «Já vermelha a manhã, do imenso lago
Á borda chego a suplicar os deuses,
Mais três seguros destemidos socios.

338-340 Para enganar o pai, do fundo a nympha
De focas sai com frescas peles quatro;
Camas na areia escava, á espera tem-se;

341-349 Vê-nos enfim, nas camas nos concerta,
A cada qual em sua pele enfronha.
Tetra cilada! os focas trescalavam
Nutridos na salsugem: de um cetáceo
Quem pode ao pé jazer? útil a deusa,
Neutralizando o cheiro, doce ambrosia
Nos unta ás ventas: A manhã passamos,
Com paciencia os quatro; acima os focas
Surgindo, junto a nós se enfileiraram.

350-352 «Merídio vem Proteu; conta, examina,
Por nós principiando, o gado obeso,
E sem dar pelo engano ali se estende.

353-356 A vozearmos súbito o agarramos:
Sem lhe esquecer o ardil, muda-se o velho
Em jubado leão, drago, pantera,
Cerdo, riacho, ou tronco de alta copa;

357-361 Mas, com tenacidade urgido, o astuto
Lasso vociferou: — Que deus, Atrida,
A forçar-me instruiu-te? que pretendes? —

Mas eu: — porque me enganas, tu que sabes
Que ansioso estou sem termo aqui detido?

362-366 Ora dize, a imortaes é claro tudo,
Quem assim me proíbe o mar piscoso? —
«Devias, respondeu-me, antes do embarque
Sacrificar ao Padre e á corte sua,
Para alcançares próspera viagem.

367-378 Amigos não verás, nem patrio alvergue,
Sem que ao Dial Egito rio volvas
E ás divindades hecatombes sagres:
O teu desejo então será cumprido. —
«Magoado por de novo irmos ao rio,
Longa árdua rota em borrascoso pego,
Inda insisti: «Proteu, quanto me ordenas
Preencherei; mas dize-me sincero
Se os Arquivos que em Tróia se apartaram
De Nestor e de mim respiram todos,
Se algum morte imprevista, após a guerra,
Teve a bordo ou nos braços dos amigos.

379-383 Ele: — Indagas, Atrida, os meus segredos?
Olha que d'água os olhos não te banhem.
Dos livres da matança em que te achaste,
Só morreram dous chefes arnezados,
E um vivo está no meio do Oceano.

384-389 Ante as remeiras naus, bebendo as ondas,
Ajax de Oileu da Parca foi preado:
Primeiro ás pedras o lançou de Giras
Favoravel Neptuno, onde escapara
Mal grado a Palas, se ímpio não bramasse
Que era salvo apesar dos mesmos deuses;

390-394 Eis, da blasmêmia azedo, o rei dos
Pega do seu tridente e fere a penha
Aos pés de Ajax, que se abismou no fundo
Com porção do rochedo. Em cavo bojo
Foi por Juno Agamemnon preservado;

395-400 Mas, ao dobrar o Maléia, uma tormenta
O arrojou pesaroso ao campo extremo,
De Fiestes morada, ora de Egistho:
Seguro cria-se, e mudado o vento,
Recolhidos os deuses, o chão patrio
Beija alegre e o ensopa em quente choro.

401-405 Um vigia o avistou, que o ano inteiro,
De dous áureos talentos com promessa.
Pôs de atalaia Egistho, e que era atento,
Por temer que, aportando inopinado,
O herói do seu valor se recordasse;

406-409 Denuncial-o foi. Súbito Egistho,
Insidioso, valentões da plebe
Vinte escolheu, que estavam de alcatéia,

Aprestado um banquete em outra sala.

410-412 O traidor, meditando, em coches parte
O Atrida a convidar, que á ceia incauto,
Como a rês no presepe, é trucidado;

413-416 Nem socio deste, nem de Egistho mesmo
Poupam na regia os brutos matadores. —
«Cai na areia em pranto, e compungido
Viver nem ver queria ao Sol a face.

417-425 De prantear cansei-me e rebolcar-me,
E então Proteu: — O luto é sem remédio,
Basta; a Micenas corre; ou vivo ou morto
Ou de Orestes punido, ao menos chegues
Para os seus funerais. — Isto me acalma
O generoso peito, e veloz falo:
— Pois bem, doa-me embora, esse outro ou preso
Ou morto no Oceano me declares. —
«Prossegue o vate: — É o Ítaco Laércio.

426-428 Na ilha o vi desfeito em grossas lágrimas.
Por Calypso retido, e sem navio
Para vogar no páramo salgado.

429-432 Genro de Jove, tu de Helena esposo,
Morrer em campo Argólico não deves,
Mas, junto ao flavo Radamanto, o Elísio
Deleitoso habitar, confins da terra;

433-437 Onde os humanos docemente vivem,
De temporais, de neves, de invernadas
Sempre isentos, e de auras do Oceano
Fresco bafejo e respirar suave. —
Então sumiu-se no espumoso ponto.

438-440 «Com meus divinos socios, no embarcarmos,
Ia deliberando, e espessa a noite,
Finda a ceia, no seco repousamos.

441-444 No matutino albor, em nado os lenhos
De amuradas iguais, mastros eretos
E tendidas as velas, de seus bancos
Batem remeiros o espumoso pego.

445-447 De novo ao rio Egito navegamos,
E apaziguado o Céo com sacrificios,
Do irmão levanto em honra um cenotáfio.

448-453 Prosperamente os ventos assoprando,
Mandam-me os deuses á querida patria.
Agora, fica tu comigo uns dias,
Dez ou doze; haverás válido coche,
Três corcéis, linda copa, que, em sagradas
Libações, deste amigo te recorde.»

454-456 «Não me detenhas replicou Telemacho.
Um ano, deslembrado o lar paterno.
Dessa boca eloqüente aqui pendera;

457-464 Mas, já com tédio, na divina Pilos
Meus socios, Menelau, por mim suspiram.
Dás-me um tesouro; eu deixo-te os cavalos
Nas mimosas campinas em que imperas,
Onde á larga germinam loto, junça,
Trigo, cevada e espelta; lá nem tenho
Vastos circos nem prados: só de cabras,
Não de poldros nutriz, me é cara a terra;

465-473 Pois, Ithaca mormente, em roda as ilhas
Do nosso mar em pastos não verdejam.»
Ri-se o pugnaz Atrida, e a mão lhe cerra:
«És de bom sangue, acertas. Posso, filho,
Pela mais bela a dádiva trocar-te
Por argêntea cratera de áureas bordas,
Lavor exímio de Vulcano mesmo:
Foi do rei dos Sidonios glorioso
Prenda, ao nos despedirmos; de hoje é tua.»

474-477 E entanto em sala interna resplendente
Concorrem: quem ovelhas, quem trazia
O vigoroso vinho; o pão, de fitas
Ornadas moças. Lauta a ceia aprestam.

478-480 Mas de Ulysses na regia, ao disco e dardo
Os procos num calçado se exerciam
Pátio, que da protérvia era o teatro;

481-485 E, ao pé de Antino e Euríniaco deiformes,
Indagou Noémon, de Fronio garfo:
«Sabe-se, Antino, da arenosa Pilos
Se Telemacho é vindo? Em meu navio
Foi-se, e a Élide vasta ir necessito;

486-493 Éguas doze lá tenho e mus bravios,
E alguns desejo acostumar ao jugo».
Atônitos calaram, que o supunham
Em Pilos não, mas a velar nos prédios,
No pastor e na grei. De golpe Antino:
«Quando, como partiu? seletos jovens
De Ithaca tem consigo, ou tão sómente
Mercenários e escravos? Que ardileza!

494-496 Fala a verdade; a nau, por força a deste,
Ou cedendo a seus rogos voluntário?»
Súbito Noémon: «Fi-lo espontâneo.

497-502 A preces de homem tal quem não cedera,
E em tanta angústia? A gente mais luzida
E a Mentor vi no embarque, ou certo um nume,
Que em tudo o parecia. Mas, oh! pasmo,
O divino Mentor bem que embarcasse,
Na manhã de ontem me encontrei com ele.»

503-510 Disse, e á casa paterna recolheu-se.
Os audazes, comotos e aterrados,
Se abstêm dos jogos. O Eupiteio ruge,

De rábido furor, olhos em brasa:
«Oh! que atrevida empresa! de acabá-la
Julgado era incapaz: mocinho, ás ondas,
A despeito de nós, deitou navio,
E com gente escolhida foi-se impune.

511-515 Este começo nos agoura danos,
Se o não tolhe o Satúrnio. Já, ligeiro
Baixel de vinte remos; que, á passagem
De Ithaca e Samos numa espera, conto
Que a viagem por seu pai lhe seja amarga.»

516-521 Aprovam todos e ao palacio montam.
Médon, que ouviu de fora o atroz conluio,
Pelo pátio açodou-se a annuncial-o,
E Penélope indaga: «Eles te enviam,
Para que as servas do divino Ulysses
Terminem seu trabalho e a mesa ponham?

522-526 Basta de importunar-me e a quaisquer outros.
Esta lhes fosse a derradeira ceia!
Ó vós que ao meu Telemacho amiúde
A substância esbanjais, nunca em meninos
Quem seu pai era aos vossos escutastes?

527-529 Brando ao povo, em palavras comedido,
Justo e humano, alguns reis não semelhava
Que ódio e favor dispensam caprichosos.

530-535 Ah! vós lho agradeceis com torpes feitos.»
E o sensato Médon: «Fosse, ó rainha,
Esse o mal todo! os bárbaros meditam,
Jove o remova, assassinar teu filho
Ao regresso de Pilos e de Esparta,
Aonde foi colher de Ulysses novas.»

536-544 Do abalo sufocada, esmorecida,
Joelhos frouxos, lágrimas nos olhos,
Estúpida soluça e balbucia:
«Que! nada urgindo, cavalgou meu filho
Num dos corcéis do mar que a salsa imensa
Via atravessam! Nem pretende ao menos
Renome entre os humanos!» — «Eu ignoro,
Torna Médon, se um deus, se impulso próprio
Fê-lo ir do pai no alcance, ou vivo ou morto.»

545-548 Nisto, o arauto a seu posto recolheu-se.
Bem que a sala em cadeiras abundasse,
Atormentada ao limiar sentou-se
Da câmara custosa, a lastimar-se;

549-556 Em ais cercam-nas as servas quantas eram,
Velhas e moças, a quem diz chorando:
«O Céo me aflige, ó caras, mais que a todas
Que nasceram comigo e se criaram:
Meu marido perdi, leão no esforço

De virtudes complexo, espelho aos Dânaos,
De Hélade e Argos espanto; ora o só filho
Preia inglório será das tempestades.

557-560 Cruéis, vós que o sabíeis, á partida
Acordar-me do leito não viestes:
Se eu da sua intenção fosse inteirada,
Ele ou não ia ou morta me deixara.

561-565 Uma aqui chame a Dólio, o velho escravo.
Paterno dom, cultor dos meus pomares;
Corra, informe a Laertes, e este ao povo
Deplore a trama que extinguir a estirpe
Dele e de Ulysses divinal promove.»

566-572 A ama Euricléia então: «Querida nympha,
Mates-me a duro bronze, ou bem me poupes,
Não te oculto, ciente o pão e o vinho
Eu mesma forneci; jurei sagrado
Por doze dias, salvo ou pressentires
Ou vê-lo desejares: tinha medo
Que te ofendesse o pranto as faces belas.

573-575 Tu purifica-te e alvas roupas cinge,
No alto com tuas fâmulas implora
A Tritônia que o filho te conserve;

576-579 Não contristes o velho. Eu não presumo
Que o Céo deteste a geração de Arcésio:
Sequer nos restará quem nesta regia

Mande em longinquos ubertosos campos.»

580-587 Com isto aliviada, enxuga os olhos;
Sobe, e se purifica e se reveste,
Ora com suas fâmulas, esparso
De açafates o farro: «Ouve-me, ó gérmen
Do aluno e Amaltéia; se o prudente
Ulysses te queimou de ovelha ou touro
Gordas pernas, conserva-lhe o só ramo,
Daqui me afasta os arrogantes procos.»

588-592 Geme e ulula; aceitou-lhe os votos Palas.
Pelos escuros atrios em tumulto,
Sem suspeita, os protervos se diziam:
«Certo, ignara do risco de seu filho,
Cobiçada a rainha apresta as bodas.»

593-595 Mas Antino os atalha: «Endiabrados,
Calai-vos, pode alguém denunciar-nos;
Tácitos nosso plano executemos.»

596-601 Vinte escolhendo, lesto á praia os guia;
Eis, o baixel em nado, o mastro erigem,
Remos aos bordos em correias atam,
Armas carregam valorosos pajens,
E dos envergues fora as brancas velas,
Comem de largo, esperam que anoiteça.

602-608 Penélope, em jejum, no andar cimeiro,
Só no inocente cuida, se elle escape,
Ou se aos golpes sucumba dos traidores:
Como temendo, em círculo doloso
De montanheses, o leão cogita,
Ela pensa e repensa, e recostada
Lhe amolenta as junturas meigo sono.

609-612 Palas, que isto aguardava, uma aparencia
Da Icária Iftima, em Feres com Eumelo
Casada, aos paços de Laércio expede,
Porque o pranto a Penélope refreie;

613-618 Na câmara a visão, por entre o loro
Da fechadura entrando, á cabeceira:
«Adormeces, Penélope, lhe brada,
Aflita e mesta? Os numes não permittem
Essa tristeza; reverás teu filho,
Que nunca os ofendeu nem levemente.»

619-623 Ás portas já Penélope dos sonhos
Adormentada, fala: «A que vieste,
Irmã, que, ao longe moradora, nunca
Me visitavas? queres que eu deponha
As dores e aflições que n'alma sinto?

624-627 Perdi meu bom marido, exemplo aos Dânaos,
Honra da Grécia: agora o só renovo,
Inexperto em negocios e em trabalhos,

Meteu-se em cava nau. Mais choro a este;

628-630 Que se afunde, ou padeça em clima alheio,
Temo e tremo: inimigos o insidiam,
E antes que volte aqui matal-o anseiam.»

631-634 «Ânimo, ajunta, o fusco simulacro;
Não te assustes que o segue uma de todos
Aparecida: a consolar-te as penas
A potente Minerva a ti mandou-me.»

635-638 «Se és deusa, diz Penélope, ou da deusa
Ouviste a voz, do outro infeliz me informes:
Á luz do Sol acaso inda respira,
Ou jaz defunto na Plutônia estância?»

639-641 A sombra contestou: «Se é morto ou vivo
Omito, é vão discurso.» E como vento
Por entre a fechadura esvaeceu-se.

642-645 Desperta a Icária, exulta ao ver o sonho
Da noite na calada sobrevir-lhe.
A úmida via os pérfidos sulcavam,
De Telemacho o exicio ruminando.

646-649 Fica entre Samos e Ithaca fragosas
Ásteris, ilha exígua, de pastagens,
De abras, de uma e outra banda, ao crime azadas,
Para a traição, de espreita, ali se escondem.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO V

✦

1-8 Mal surge a Aurora do Titonio leito,
O mundo alumiando, á corte sua
Preside o poderoso Altitonante,
E Minerva solícita o Laércio,
Pela Nympha retido, assim deplora:
«Ó padre, ó vós beatos sempiternos,
Cetrígero nenhum será benigno,
Reto e humano, sim duro e injusto e fero;

9-15 Pois ninguém, entre os povos de que Ulysses
Era um pai, já se lembra dos pesares
Que padece, impedido por Calypso,
Faltando-lhe galé que á patria o leve
Pelo equóreo amplo dorso. O nobre herdeiro
Traçam-lhe assassinar, que a Esparta e Pilos
Foi do afamado pai colher noticias.»

16-19 E o Nubícogo: «Filha, que proferes?
Não projetaste mesma o como Ulysses
Venha e se vingue? O filho guiar podes,
E a nau dos pretendentes retroceda».

20-24 Vôlto a Mercurio: «Núncio e amada prole,
Já já, que a nympha de cabelos crespos
Solte o herói: Nem varão nem deus o ajude:

Em tecida jangada a curtir penas,
Ao vigésimo dia arribe á esquéria;

25-30 Donde os Feaces, a imortaes propinquos,
Honrado a par de um nume, á terra o enviem,
Em nau de alfaias e ouro e bronze onusta,
Quanto nunca, se incólume tornasse,
Do espólio que lhe coube, transportara:
O lar e os seus rever tem por destino.»

31-34 Calça o Argicida os áureos seus talares,
Com que, parelho aos ventos, o amplo globo
E o vasto mar transcursa; a vara toma
Que, a seu prazer, dá sonos ou desperta;

35-38 Á Piéria descai, e rui dos ares
E á tona d'água aleia, qual peixinhos
Por inquieto golfo o guincho caça,
Crebo na escuma as asas imergindo.

39-45 Já do azul ponto á ínsula apartada
Voa, e á gruta caminha de Calypso:
De longe tuia recendia e cedro,
Ardendo no fogão; melífluas árias
Ela entoava, a teia percorrendo
Com lançadeira de ouro. Em torno á gruta
Choupo, odoro cipreste, alno viceja;

46-48 Ali — extensas no bosque aninham-se aves,
Gaviões e bufos, linguareiras gralhas,
Ao marinho bulicio afeiçoadas.

49-57 Fora, parreira de pubentes ramos
Flores em uvas; quatro fontes regam
De água pura, chegando-se e fugindo,
Aipos e violais em moles veigas:
Um deus pasmado ali se deleitava,
E o fez Mercurio assim. Deve ver saciado,
Ele dentro penetra, e a nympha augusta
Num relance o conhece; porque os deuses
Por distantes que morem, dão-se todos.

58-64 Lá não encontra o generoso Ulysses,
Que era na praia, os macerados olhos
Pelo ponto infrugifero estendendo,
Em suspiros e lágrimas. Num trono
Maravilhoso e esplendido sentado,
A nympha o inquire: «Venerando amigo,
De áurea vara a que vens? não vinhas dantes.

65-73 Cumprirei, no que possa, os teus mandados.
Hospitaleiros dons vou presentar-te.»
Ela, em mesa que alçou, mistura ambrosia
E rubro néctar. Saboreia alegre
E diz Mercurio: «Deusa, em deus perguntas
A que venho? Obrigado fui por Jove:

Quem voluntário atravessava o ingente
Pelago salso, onde cidade falta
Que nos sagre solenes hecatombes?

74-79 Mas transgredir-lhe as ordens não podemos.
Dos que os Priameus sitiados muros
Ao décimo ano destruíram, consta
Que tens contigo o mais desventuroso:
No regresso ofendida, excitou Palas
Tempestade em que os socios pereceram;

80-83 Salvo abordou só elle ás praias tuas.
Quer Jove que o mais breve o deixes livre;
Dos seus não morra ausente: amigos, patria,
O alto paço rever, tem por destino.»

84-87 Freme Calypso e rápido responde:
«Cruéis sois todos, ínvidos, ciosos
De que em seu leito ás claras uma deusa
Mortal admita e ame e aceite esposo.

88-99 Roubado Órion da Aurora dedirrósea,
O invejastes, vós deuses té que Febe
Casta e auritrônia o derribou na Ortígia
Com brandas frechas; de Jasão cativa,
Quando num trietérico pousio
Com elle Ceres de anelada coma
Ajuntou-se amorosa, a fulminal-o
Foi pronto Jove: agora, ó deuses, tendes

Zelos desse homem, que salvei lutando
Sobre a quilha de nau despedaçada
Pelo mesmo Tonante, e que sozinho
Arrojoram-me á ilha as negras ondas.

100-104 Carinhosa acolhi-o, na esperança
De isental-o da morte e da velhice;
Mas do Satúrnio o mando irresistível
Execute-se, vague pelos mares
De novo o herói. Não posso despedi-lo;

105-107 Vasos faltam-me e nautas que o transportem
Por essa imana via: hei de contudo
Mostrar-lhe o como ileso á patria volva.»

108-110 «Despede-o já, replica-lhe Mercurio;
Nunca irrites a Júpiter, nem queiras
Irado experimental-o.» Disse, e foi-se.

111-117 Dócil a nympha, se dirige á praia
Onde Ulysses longânimo gastava
A doce vida, os olhos nunca enxutos,
Saudoso e enfastiado; pois com ela
Por comprazer dormia constrangido,
E gemebundo, o ponto contemplando,
Passava o dia em litoral penedo.

118-127 Rosto a rosto lhe fala a deusa augusta:
«Cesse o pranto, infeliz, não te consumas;
Parte, consinto. Abate a bronze troncos,

De alto soalho ajeita ampla jangada,
Em que o sombrio páramo atravesses:
De pão te hei de prover e de água e vinho,
De agasalhada roupa; auras favônias
Te levarão seguro á terra cara,
Se esta for dos Supremos a vontade,
Que em saber o juizo me superam.»

128-132 E arrepiado o herói: «Que teces, deusa?
Numa jangada queres tu que eu tente
As vagas horrendissimas, difíceis
Ás mesmas de iguais bordos naus altivas,
Do Etéreo aos sopros a exultar afeitas?

133-136 Não farei tal, solene se não juras
Que nenhum dano, ó deusa, me aparelhas.»
Sorri mansa Calypso, a mão lhe afaga:
«És ardiloso e desconfias sempre.

137-141 Já comigo o jurei; mas o orbe saiba,
O céo vastissimo, a infernal Estige
(Grave aos numes terrível juramento),
Que nenhum dano, Ulysses, te aparelho:
No teu caso obraria o que proponho.

142-146 Férrea e iníqua não sou, mas compassiva.»
E anda e Ulysses também, que entrado ocupa
O trono de Mercurio; em frente, a nympha

Lhe oferece o que os homens alimenta,
E as serventes a ela ambrosia e néctar.

147-155 Saciados ambos, começou Calypso:
«Voltar queres, astuto, em breve aos lares?
Embora, adeus. Se as penas antevisses
Que te aguardam, comigo em laço estreito
Imortal ficarias, bem que aneles
Tua esposa abraçar, cuja lembrança
Te rala de contino; em garbo e talhe
A sobrelevo; que as mortaes não podem
Comparar-se em beleza ás divindades.»

156-159 Ulysses respondeu: «Sublime deusa,
Não te agraves portanto; eu sei que em tudo
A prudente Penélope transcendes,
Nem da morte és escrava ou da velhice;

160-162 Mas para os lares meus partir suspiro.
Se um deus me empece, como os já passados,
Suportarei constante os outros males.»

163-165 Cai a noturna treva: ambos num leito
No amor se deliciam. Na alvorada,
Uma túnica e um manto Ulysses veste;

166-168 Veste a nympha um sendal cândido e fino,
Faixa de ouro gentil ata á cintura,
Orna a cabeça de elegante coifa.

169-176 A despedir o amante resignada,
Érea forte bipene lhe fornece
De oleagíneo cabo artificioso,
Enxó dá-lhe amolada; aos fins o leva
Da ilha, onde medram árvores gigantes,
Choupo, alno, abeto e percutir as nuvens,
Secos e aptos a vencer caminho:
Depois que a selva mostra, á casa torna.

177-183 Ardente elle derruba troncos vinte,
Falca, desbasta, esquadra, alisa e talha.
Com trados volta a nympha; o herói verruma,
Cavilha, junta as peças: quanto é largo
De nau de carga o bojo, obra de mestre,
Era a barca de Ulysses. Finca espeques,
Pranchas estiva, um tabulado forma;

184-186 Antena ao mastro anexa; mune o leme,
Contra escarcéos, com vergas de salgueiro;
Alastram-na pesados lígneos toros.

187-190 De lona, por Calypso oferecida,
Vela engenha, e de escotas e calabres
O mastro apruma; enfim, sobre alavancas,
A jangada escorrega ao mar divino.

191-197 Ao quarto Sol perfeito o seu trabalho,
Por despedida ao quinto a nympha o lava,
Perfuma e veste; o vinho em odre fecha,

Num maior água, em saco os acepipes,
O sustento em surrão; tépidas auras,
Meigas invoca. O pano o divo Ulysses
Contente expande, lesto agita o leme;

198-206 Cortado o sono, as Plêiadas observa,
Tardo Bootes, a Carreta ou Ursa
Em Órion sempre fita ao revolver-se
A só que foge os banhos do Oceano:
Ir desta á esquerda lhe ordenou Calypso
Dias vários navega, até que enxerga,
Já no décimo oitavo, umbroso topes
Da mais vizinha terra, a dos Feaces,
Qual pavês a ondear no escuro pego.

207-211 Vem da Etiópia e dos Sólimos serros
Neptuno o avista; sacudindo a fronte,
Em si raiva: «Ah! que dele dispuseram
Na minha ausencia os deuses! Quase tocas
Onde, Laércio, é fado os males findes;

212-214 Mas nem todos provaste». Eis move o cetro;
Procelas concitando, altera as ondas,
A praia e o mar enfusca, assola os ventos;

215-219 A noite rui do céo; muge Euro, Noto,
Bóreas árido, Zéfiro insolente.
No peito esmorecido o herói murmura:

«Ai de mim! temo o anúncio de Calypso,
Que á patria eu chegaria atormentado.

220-224 Jove de que bulcões enluta os ares!
Que lufadas, que brenhas, que borrascas!
Presente o exicio tenho. Oh! três e quatro
Vezes ditosos os que em Tróia sacra
Por amor dos Atridas feneceram!

225-228 Acabasse eu na hora em que êneas lanças
Do Aquileu corpo em cerco me choviam!
Lá funerais houvera gloriosos:
Força é hoje beber indigna morte.»

229-231 Nisto, empinado vagalhão desaba,
Horríssono investido a frágil barca:
Demite o leme e fora cai Ulysses;

232-234 Um tufão rende o mastro, e vela e antena
Longe arremessa. Os ventos o soçobram;
Vir ao de cima os escarcéos lhe tolhem;

235-237 Pesam-lhe as vestes que lhe deu Calypso.
Surde enfim, da cabeça escorrendo água,
Com ânsias vomitando os salsos goles;

238-243 Mas não se olvida, a nado o lenho aferra,
Senta-se vigoroso, engana a Parca.
Ele á matroca em vórtices flutua,

Como Áquilo outonal pela campina
Montões joga de folhas e de espinhos:
Noto, Euro, Bóreas, Zéfiro contendem;

244-251 Ora um, ora outro, apossam-se da presa.
Ino Cadméia, já falante moça
De torneado pés, que entre as marinhas
Deusas é Leucotéia, amiserou-se
Do seu penar; do fundo na figura
De um mergulho saindo e na jangada
A revoar pousando: «Infeliz, disse,
Porque o Ennosigeu te aflige e vexa?

252-256 Ruja, que não sucumbes. Sê cordato,
As vestes e o madeiro entrega ás vagas;
Lança-te a nado á ilha, onde um refúgio
Se te destina; toma, e aos peitos esta
Cinge, para salvar-te, imortal banda.

257-263 Ao negro ponto, ás praias mal que atinjas,
Virando as costas, para trás a arrojes».
Dada a banda, as maretas remoinhando
Nas entranhas a escondem. Cauto Ulysses
Geme e hesita em seu ânimo divino:
«De um nume que ilusão! Desobedeço,
Pois a terra indicada é mui remota.

264-267 Antes sofrer com paciencia, enquanto
A barca se sustém; nadar pretendo
Assim que a desconjunte a marulhada:
Outra nenhuma salvação me resta».

268-273 Grosso escarcéo Neptuno eis sublevando,
Qual dissipa em tufão de palha acervos,
Traves destroça e tábuas furibundo:
Num dos pedaços leve o herói cavalga,
Despe-se, a banda cinge, prono estira
Os braços vigorosos, ardente nada.

274-279 A cabeça o tirano azul meneia,
Consigo diz: «Batido pelas ondas,
Padece agora, até que aos homens chegues
De Jove alunos; desta feita espero
Escarmentar-te». E ao ínclito palacio
De Egas move os cavalos crinipulcros.

280-284 Palas não se descuida: aos outros ventos
Obstrui as vias, e os sopita e calma;
Deixa o Bóreas soprar e os mares quebra,
A fim que a salvo se introduza Ulysses
Entre os Feaces do vogar amigos.

285-289 Duas noites flutívago e dous dias
A cada instante a morte imaginava;
Mas na aurora terceira, quedo o ruído,

Sereno o ar, de cima de uma vaga
Olhos aguça e a ilha vê mais perto.

290-293 Como se alegra o filho, cujo enfermo
Pai dileto, por graças dos Supremos,
Sara de uma longuissima doença,
De que um gênio odioso o atormentava;

294-298 Tal folga elle da terra e da floresta.
Nos pés se estriba e insiste; mas, a alcance
De um grito, ouve o murmúrio dos rochedos,
E a mareta a roncar na árida costa
E de alva aspersa escuma a cobrir tudo.

299-307 Busca em torno angra, porto ou surgidouro,
Acha recifes e ásperos cachopos.
Dos joelhos frouxo e de alma quase morta,
Geme e em seu grande coração discorre:
«Ah! terra deu-me Jove inesperada,
Brenhas de água venci, mas onde aborde
Não me aparece; agudas pedras vejo
E a fremir escarcéos, e lisa penha
Escarpada e a raiz na profundeza.

308-310 Não posso os pés firmar para evadir-me:
Por mais que eu lide, á resvalente roca
Talvez do fluxo o ímpeto me esbarre;

311-314 Se além nado a encontrar ou seio ou passo,
Temo que entre gemidos a ressaca
Me empuxe e empegue, e infenso deus me lance
Algum dos monstros que Anfitrite cria;

315-325 Sei quanto me é contrário o grã Neptuno».
Inda pensava, e á crespa riba um feio
Esto o rebate; e a cútis lacerava
E fraturava os ossos por Minerva
Se não fosse inspirado: a penha aferra
De ambas as mãos, e aguarda em ais que o rolo
O deixe ao recuar, mas o refluxo
Ao largo o arrasta e longe; e qual pólipo,
Que destacam da cama, traz pedrinhas
Apegadas aos pés, retém o escolho
Das fortes mãos tenazes a epiderme.

326-328 Da marejada opresso, ah! perecera
Contra o fatal querer, se a gázea Palas
A prudencia do herói não reforçasse.

329-331 Do fundo acima vem, transnada e fende
Marulhos que bramindo a costa orvalham,
Uma abra demandando, enseada ou praia;

332-335 A foz emboca enfim de um rio ameno,
Tuto e limpo de pedras e abrigado;
Reconhecida a veia, orou devoto:
«Quem sejas, rio, atende as preces minhas;

336-338 Do furor de Neturno a ti recorro.
Um peregrino é sacro aos mesmos deuses:
Eu, peregrino errante, há muito sofro;

339-345 Suplico, ó rei, de mim te compadeças.»
Tranqüilo a correnteza o rio amaina,
Recebe-o em sua areia. Ele os nervudos
Braços contrai e pernas; combalido,
Inchado o corpo, alija amargas gotas
Pelos beiços e ventas; anelante,
Sem voz e extenuado, o corpo estende.

346-350 Resfolga e areja, anima-se, descinge
E entrega a banda ao rio, que a transporta;
Ino dela se apossa. Em apartado,
Num juncal se reclina, e o chão beijando,
Fala á sua alma grande: «Ai! que me resta?

351-356 Se ao relento pernoito ás margens turvas,
O rocio matutino e as graves auras
Me abaterão de todo: em selva opaca,
A consentir-me estar cansaço e frio,
Dormirei sossegado; mas receio
Ser de feras escárnio e mantimento.»

357-365 Reflete, e envia-se á floresta umbrosa,
Em monte ao pé do rio. Uma figueira
E um zambujo, a medrar na mesma touça,
Ali de modo achavam-se enredados,

Que nem úmidos sopros, sóis violentos,
Nem chuveiros a copa transpassavam:
Debaixo acama Ulysses tantas folhas,
Quantas para a abrigar dous ou três homens
Em rigoroso inverno bastariam;

366-369 Ledo se deita e chimpa-se no meio.
Qual, no extremo de um campo sem vizinhos,
Conservando semente para o fogo,
Mete alguém seu tição na escura cinza;

370-372 O paciente herói se esconde nelas.
Palas, porque o descanse das fadigas,
Lhe derrama nas pálpebras o sono.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO VI

✦

1-3 Enquanto lasso e grave Ulysses dorme,
Corre Minerva ao povo dos Feaces,
Que antes moravam na espaçosa Hipéria.

4-7 De arrogantes Cyclopes infestada.
Á Esquéria os trouxe o divo Nausítoo,
De homens cultos remota; ali fez muros,
Casas e templos, dividiu seus campos.

8-10 Desce a Dite, e por numes instruído
O substitui Alcino: aos paços deste
Palas de Ulysses foi dispor a entrada.

11-16 Na câmara dedálea de Nausica,
Na beleza e no porte sobre-humana,
Regia virgem, como aura introduziu-se,
Bem que, êmulas das Graças, duas servas
Lá de uma e outra banda repousassem
Ás reluzentes e cerradas portas.

17-20 A eqüeva amiga da princesa, filha
Do marítimo Dimas afamado,
Ela imitando, á cabeceira clama:
«Lenta a mãe tua te pariu, Nausica?

21-26 Descuidas-te da roupa, e as núpcias instam;
Para ti mesma e a comitiva toda,
Hás mister os vestidos mais formosos:
Ganhas assim renome, dás contento
Aos genitores teus. N'alva, a caminho,
O mais depressa lavaremos juntas;

27-31 Pois longo tempo não serás donzela:
Pretendem-te os melhores dos Feaces,
Da mesma estirpe tua. Ao rei mus pede,
Carroça que amanhã transporte os cintos,
Peplos e mantos: ir a pé mau fora;

32-37 Distam muito os lavacros da cidade.»
Advertida a princesa, a déa ascende
Á beata mansão, que deleitosa
Nunca ventos açoutam, regam chuvas,
Ou neve asperge; onde ar sereno e limpo,
Onde vivo esplendor eterno brilha.

38-43 A Aurora apoltronada esperta a jovem,
Que, atravessando as casas, vai comota
Ao pai contar o sonho e á mãe augusta:
Ela, ao fogão, fiava lã purpúrea
Entre as servas; tardio, elle á soleira,
Para o grande conselho ia saindo.

44-48 A filha o atalha: «Genitor amado,
Mandas-me aparelhar carroça leve,
Onde carregue á fonte as pulcras vestes
Que cujas guardo? Em conferencias cumpre
Estares com asseio ante os senhores;

49-51 De cinco filhos teus, são dous casados,
Mas lépidos os três querem solteiros
De lavado ir á dança: eu tudo avio».

52-55 Cala as núpcias ao pai, que assaz percebe:
«Nada, filha, te nego; ágil carroça
Terás de taipas cinta». Ao mando, os pajens
Tiram-na fora e os mus, que ao jugo prendem.

56-58 Ela do plaustro ao leito a roupa desce;
Vários manjares traz a mãe num cesto,
Com sobremessa e um odre bom de vinho;

59-62 Á filha, já montada, uma áurea entrega
Redoma de óleo, que as perfume. A jovem
Brida flagela os mus, que estrepitosos
A carga e o flóreo bando arrebatavam.

63-71 Junto ao rio, onde há poças de água pura
Que a sordidez expurga, os brutos soltam
Nas margens a pascer melosa grama
Tiram a roupa, acalcam-na á porfia
Dentro das covas, torcem-na, enxaguada
A estendem pela praia, onde os seixinhos

Tinha alvejado o mar. Enquanto a enxugam
Ao Sol fulgente, banham-se elas mesmas,
E de óleo ungidas á ribeira jantam.

72-74 Fartas já de comer, as toucas despem
E á pela jogam; doce cantilena
Entoa a bracicândida Nausica.

75-78 Se, no excelso Taígete cu no Erímanto,
Javalis a caçar e gamos leves,
Das de Jove escoltada agrestes nymphas,
Se diverte a frecheira irmã de Febo;

79-81 Com prazer de Latona, alta cabeça,
Entre as belas belissima se estrema:
Tal as outras supera a intacta virgem.

82-85 Mas, jungida a parelha para a volta,
A roupa elas dobravam, quando Palas
Traça a maneira por que veja Ulysses
A que aos Feaces conduzi-lo deve.

86-89 Eis a princesa a uma atira a pela,
Que errada cai no pego; as moças gritam,
E Ulysses, despertando, em si discursa:
«Ai de mim! que mortaes aqui se alvergam?

90-95 Bárbaros são, injustos e ferozes,
Ou tementes aos deuses e hospedeiros?
Senti femínea voz, talvez de nymphas

Que habitem nestes coles, nestas fontes,
Nestes ervosos lagos. Inquiramos
Se homens são porventura e conversaveis».

96-100 Com mãos inchadas quebra um denso ramo
Que os genitais encubra, e da espessura
Sai qual montês leão, que, em si fiado,
Arrosta o vento e a chuva, e de olho em brasa
Cães e ovelhas comete e agrestes corças;

101-106 Mesmo a curral seguro o ventre o impele:
Tal, em nudez forçada, á companhia
Pulcrícoma o varão se apresentava
Horrível da salsugem, dele fogem
Por entre as ribas: só de Alcino a jovem,
Por Minerva animada, o encara afouta.

107-112 Reflete o sábio se lhe abrace as plantas,
Ou rogue-lhe de longe que um vestido
Preste e a cidade ensine: e, receoso
De lhe ofender o pejo, este segundo
Meio prefere e brandamente implora:
«Deusa ou mulher, suplico-te, ó rainha.

113-117 Se és íncola do Olympo, representas
Em talhe e porte esbeíto a grã Diana,
Prole de Jove sumo; se és terrestre,
Oh! três vezes teus pais e irmãos felizes,
Que alegras nas coréias graciosas!

118-121 De todos felicissimo o que á cheia
Casa te guie bem dotada e rica!
Nunca de sexo algum meus olhos viram
Tão formoso mortal: admiro e pasmo.

122-128 Nesta rota sinistra, eu fui-me a Delos
Com boa gente, e ao pé crescia da ara
Apolínea um renovo de plameria,
Cujo aspecto assombrou-me; eu não pensava
Que maravilha tal brotasse a terra:
Assim, mulher, me espantas, nem me atrevo
Nesta grave miséria, os pés tocar-te.

129-131 Pós dias vinte que da ilha Ogígia
Flutuava em borrascas, enfim ontem
Um deus cá me aportou, para outros males;

132-135 Inda os Céos não cansaram de afligir-me.
De mim tem dó, rainha, a ti primeira
Na desgraça recorro; uma alma viva
Eu não conheço: aponta-me a cidade;

136-140 Se o tens acaso, um roto ou velho pano
Dá que me esconda as carnes. Justos numes
Te concedam, senhora, o que desejas,
Marido e paz doméstica e família:
Do acordo conjugal nasce a ventura;

141-146 Tudo medra, os consortes são ditosos;
Causa prazer aos bons e aos maus inveja».
E a cândida Nausica: «Hospede, ignóbil
Nem insano te julgo. A seu falante
Aquinhoa os mortaes o Olímpio Jove:
Se te coube o infortúnio, a fronte acurva.

147-150 Já que abordaste aqui, terás vestidos
E o que pede um mesquinho suplicante.
Vou guiar-te á cidade; habito nela
E em seu distrito o povo dos Feaces.

151-154 Filha me honro de Alcino generoso,
Que tem do império o cetro soberano».
Vira-se á comitiva: «Olá! criadas,
Fugis deste varão, como inimigo?

155-157 Ninguém nos hostiliza; aqui num cabo
Do undoso campo, sem comércio externo,
São dos deuses validos os Feaces.

158-162 Um triste peregrino, o envia o Padre,
Aos pobres compassivo; a contental-o
Tênue dom basta. Ao nosso, ó companheiras,
Dai bebida e comer; do rio em parte
Ide-o banhar dos ventos abrigada.»

163-166 Param; mútuo exortando-se, o conduzem
Ao prescrito lugar, e apõem-lhe e entregam
Manto, as mais vestes, a redoma de ouro,

E a meter-se o convidam na corrente.

167-173 Mas o divino Ulysses: «Apartai-vos,
Quero mesmo limpar-me da salsugem,
E o que há muito não faço, ungir-me de óleo:
Temo lavar-me todo nu, de moças
Ofendendo o pudor.» — Elas se afastam
E o contam á contam á senhora. Imundas costas,
Cabeça e largos ombros, elle esfrega;

174-179 Veste o que a virgem dera, enxuto e ungido.
Maior o torna e mais robusto Palas,
Solta-lhe a coma ondada e semelhante
Á jacintina flor; qual fabro exímio,
Que ela mesma adestrara e o coxo mestre,
Graça lhe imprime na pessoa a déa.

180-184 Marcha, e á praia sentado, em gentileza
Resplandecia; ás aneladas servas
Diz absorta a senhora: «Albinitentes
Companheiras, ouvi-me: sem mistério
Não veio o herói; vulgar primeiro o cria;

185-187 E aos numes o comparo. Oh! se eu tivesse
Tal marido, e na Esquéria nos ficasse!
Vós do que houver servi-o.» Assim fizeram.

188-192 Por tão longo jejum, sôfrego Ulysses
Come e bebe; e Nausica bracinívea
Na carroça depõe dobrada a roupa,

Os ungüíssonos ata, monta, amoesta
O alto varão: «Sus, hospedes, á cidade;

193-197 Ao paterno palacio te encaminho,
Onde os magnatas acharás Feaces.
Razoavel te suponho, isto executes:
Por agros e plantios, eu diante,
Com minhas servas anda após o carro;

198-205 Mas retém-te ás muralhas da cidade,
Que dous portos possui de estreita boca
Lá vara cada um na sua estância
O açoutado baixel. Medeia aos portos
Largo foro, com lajes das pedreiras
Dos contornos calçado, e nele o templo
Alteia de Neptuno. Ali conservam
Mastros, cabos, maçame, e remos talham;

206-208 Que os Feaces não curam de arco e aljava,
Sim de antenas e velas, que bizarros
Pelo espumoso pelago os naveguem.

209-211 O pé digo reprimas; que, insolente
Como é do bairro a plebe, a desluzir-me
Algum pode morder-me: — «Olhai Nausica;

212-214 Segue-a gentil estranho apessoado;
Será marido? Perto nenhum mora;
De um navio errabundo o ajuntaria?

215-218 Ou deus será do Olympo que, a seus rogos
Baixe e lhe assista sempre? É bom que fora
Fosse-o tomar; que os muitos que a desejam
Da Feácia nobreza, ela os despreza.»

219-224 Desta afronta e censura hei de correr-me;
E em caso igual censurarei aquela
Que, a despeito dos pais, antes das núpcias,
Com homens se mostrasse. Hospede, á risca
Preenche o meu conselho, a fim que obtenhas
Do rei gente e socorro e pronta volta.

225-234 No caminho, alameda encontraremos,
Luco Paládio, e fonte e em roda prados,
Onde meu pai tem quinta e flóreos hortos,
E dali á cidade em grito alcança:
Neste lugar espera, e quando penses
Que é tempo já de estarmos recolhidas,
Entra no muro, indaga onde o palacio
Do magnânimo Alcino; outra morada
Os Feaces não têm que a rivalize,
E um menino qualquer pode ensinar-ta.

235-239 Do atrio penetres velozmente á sala,
E busques minha mãe: sentada ao lume
Do aceso lar, é maravilha vê-la
E detrás dela escravas; encostada
Ao pilar, volve um fuso purpurino.

240-243 Próximo está meu pai qual deus, no sólio
Almo vinho gostando: o rei pretiras,
E os joelhos abraces da consorte,
Para que da partida a luz te raie;

244-247 Por distante que habites, se a comoves,
Ver conta a celsa casa e a doce patria.»
Ei-la verbera os mus, que o rio deixam
Á desfilada, airoso o passo alternam;

248-252 Mas de jeito regia o açoute e as rédeas,
Para os a pé de vista a não perderem.
Cai o sol; ao delubro de Minerva
Demorando-se Ulysses, a depreca:
«Do aluno de Amaltéia, ouve-me, ó filha!

253-255 Se tu não me atendeste quando jogo
Fui do ínclito Neptuno, atende-me ora,
Dá que os Feaces mísero me amparem.»

256-258 Palas o escuta, sem que lhe apareça,
Com temor de seu tio, que iracundo
Até Ithaca mesma há de vexal-o.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO VII

✦

1-4 Ora o sofrido herói; marcha a carroça,
Pára Nausica ao pórtico soberbo:
Os irmãos seus deiformes, que a rodeiam,
Os mus disjungem, dentro a carga levam.

5-11 Ela á câmara sobe: o fogo acende
E a ceia lhe concerta Eurimedusa,
Do Epiro transportada em naus remeiras,
Pelo povo escolhida em recompensa
Para o potente Alcino, dos Feaces
Como um deus adorado; a qual na regia
Nutriz foi da donzela, e é camareira.

12-19 Ergue-se Ulysses, e a propicia déa
O embuça em névoa grossa, que insultal-o
E ofender ninguém possa, nem detê-lo
Ou quem seja inquirir; mas, da risonha
Cidade ao começar, vem Palas como
Rapariga de cântaro á cabeça,
E o Laércio a interroga: «Filha, queres
Conduzir-me de Alcino aos reais paços?

20-22 Estrangeiro e infeliz, de longe arribo;
Nem do lugar um morador conheço.»
«Sim, respeitavel hospede, responde;

23-25 Meu bom pai fica perto. Abro o caminho;
Tu cala-te, que a turba hostil e acerba
Não sofre nem festeja os forasteiros.

26-28 Tal gente, ousada nas talhantes quilhas,
Os mares trana, pois lhas deu Satúrnio
Velozes qual a pluma e o pensamento.»

29-37 Ela avança, elle a segue. Á chusma oculto
Marítima perpassa, que Minerva
Lhe difundia divinal caligem:
Os portos vai mirando e as alterosas
Naus e o foro e as muralhas estupendas
Com valos guarnecidas. Mas, vizinhos
Ao paço, adverte a guia olhicerúlea:
«Dentro, hospede e senhor, de Jove alunos
Á mesa encontrarás. Anda e não temas;

38-41 O audaz e franco, donde quer que chegue,
Vence embaraços. A rainha busques,
A quem de Areta cabe o grato nome,
E é da real prosapia do marido.

42-47 Eurimédon ferissimos gigantes
Altivo dominava, e o duro povo
Com elle pereceu; de Peribéia,
Menor filha e a mais guapa, houve Neptuno
O bravo Nausítoo, aqui reinante,
O qual foi pai de Rexenor e Alcino;

48-50 A Rexenor matando o Arcitenente,
Ele deixou, casado era de fresco,
Não masculina prole, única Areta;

51-53 Com Areta esposou-se o tio Alcino.
Mais honrada não há matrona alguma
Dos caros filhos, do consorte mesmo;

54-56 Quando passeia, divindade a julgam
E de seus lábios as palavras colhem;
Boa e inspirada, os cidadãos congraça.

57-68 Rever esperes, se te for benigna,
Os amigos e a patria e a celsa casa.»
Pelo ponto infrugifero, eis Minerva
Da Esquéria amena parte, e se dirige
A Maratona e Atenas de amplas ruas,
De Erecteu sobe o alcáçar. Ao de Alcino,
Sem que o límen transponha, tem-se Ulysses
A cogitar. Magnífico palacio
Como o Sol fulge e a Lua: éreas paredes
Firmam-se em torno, da soleira adentro,
Com seus frisos de esmalte, áureas as portas,
Argênteos os portaes ao brônzeo ingresso,

69-73 Argênteas vergas, a cornija de ouro;
De ouro e de prata uns cães, de lado a lado,
Com alma e coração, Vulcânio invento,

São de Alcino os custódios vigilantes,
Imortaes e á velhice não sujeitos;

74-77 Para o interior há tronos desde a entrada,
Com finos véos de mãos femíneas obra,
Onde em redor assentam-se os magnatas
A comer e beber, durante o ano;

78-80 Com primor fabricados, junto ás aras
Mancebo de ouro estão, de acesos fachos
A alumiar de noite os conviventes.

81-84 Servem cinqüenta moças: quais, em pedra
Flavo trigo a moer; quais, aos teares;
Quais, a virar num rodopio os fusos,
Como do álamo as folhas buliçosas.

85-88 Untado e bem tecido o linho estila:
Tanto os Feaces navegando excelem,
Quanto as mulheres têm, mercê de Palas,
Para a teia e o lavor engenho e arte.

89-91 Não distante, há vergel de quatro jeiras,
Onde florentes árvores viçosas,
De inverno e de verão, perene brotam;

92-94 Zéfiro meigo lhes sazona os frutos,
Um pula, outro arregoa, outro envelhece.
Nova sucede á pêra já madura;

95-97 Á escachada romã sucede nova;
Esta oliva é de vez, rebenta aquela;
Junto á maçã vermelha a verde cresce;

98-102 Figo após figo, mela, uva após uva.
Medra abundante vinha: em área cachos
Estão secando ao Sol, quais se vindimam,
Quais pisam-se em lagar; doces roxeiam,
Ou no desflorescer acerbos travam.

103-105 O arruado pomar fenece em horta,
De verduras mimosa em toda quadra.
Pelo inteiro jardim corre uma fonte;

106-108 Jorra ao pátio a maior ante o palacio,
Donde bebe a cidade. Eis quanto os numes
Ao nobre Alcino em casa prodigaram.

109-112 Ulysses mira e pasma, e na caligem
Paládia envolta, a limiar transpondo,
Acha-os libando a Hermes negocioso,
Brinde final dos que do leito curam;

113-120 E mal, vizinho ao rei, da augusta esposa
Ás plantas cai, a nuvem se dissipa.
Todos o encaram mudos, e elle exclama:
«Filha de Rexenor, divina Areta,
Mísero eu te suplico e a teu marido

E aos mais senhores: oxalá que extensa
Vida obtenhais e transmitir á prole
Bens e fortunas que vos der o povo!

121-123 Breve porém mandai-me á patria minha;
Fora dos meus padeço há largos anos.»
Nisto, ao fogão sentou-se no cinzeiro.

124-130 O silêncio reinava, até rompê-lo
Equeneu venerando, o mais idoso
Dos Feaces heróis, mais eloqüente,
Mais douto no passado, e orou sisudo:
«O hospede, Alcino, ali jazer na cinza
É pouco honesto; o aceno os mais te aguardam
Em sede claviargêntea, eia, o coloques;

131-133 Vinho manda infundir, para ao Fulmíneo,
Que assiste a honrados hospedes, libarmos;
Já, ministrei-lhe ceia, a despenseira.»

134-136 E o rei pega do sábio, em trono o assenta
Resplendido, que próximo ocupava
O forte e amado filho seu Laodamas.

137-140 Serva em bacia argêntea ás mãos verte água
De áureo gomil, desdobra e espana a mesa;
Pão traz modesta ecônoma e iguarias
Novas, que ás encetadas acrescenta.

141-144 Come Ulysses e bebe, e o rei com força:
«Mistura, tu Pontono, e da cratera
O vinho distribui, para ao Fulmíneo,
Que assiste a honrados hospedes, libarmos.»

145-148 O arauto o brando vinho que mistura.
Em copos vaza e o distribui aos chefes.
Depois Alcino: «Egrégios conselheiros,
Ide saciados repousar, vos digo.

149-151 Os antigos do povo amanhã venham;
Em festejo hospital ofereçamos
Completo sacrificio ás divindades;

152-159 Em seguida curemos de que alegre
Ele, por mais remota, á patria aborde,
Sem moléstia nem danos; acautelemos
Qualquer mal no caminho. Já na terra,
Sofra as penas que as Parcas lhe fiaram
Desde o materno ventre. E a ser do Olympo
Habitador, mistério aqui se encobre:
Deuses muito há que a nós se manifestam;

160-164 Conosco, nas solenes hecatombes,
Demoram-se ao banquete; e se um Feace
Os depara viandante, não se escondem,
Pois neles entrocamos, como as tribos
De Cyclopes cruéis, gigantes rudes.»

165-170 «Alcino, o herói tornou, perde essa idéa:
Aos celícolas tu não me confrontes
Em índole e presença; humano e frágil,
Ao mais triste mortal sou comparavel,
Nem te posso explanar quanto infortúnio
Tem sobre mim os deuses carregado.

171-174 Mas, da mágoa apesar, deixa que eu ceie;
O estômago importuno se aguilhoa,
No meio da aflição me pica e lembra
O comer e o beber, dá trégua ás penas.

175-177 N'alva expedi-me: ao ver, pós tantas lidas,
Minha terra e família e doces lares,
Acabe-se esta luz ali comigo.»

178-180 Aplaudem-no os Feaces, confiando
Que o disserto orador o intento logre,
E trás farto libar foram-se ao leito.

181-185 O herói fica-se e Areta e o rei divino,
E as servas a baixela entanto arrumam.
Logo Areta, que as obras reconhece
Dela e da gente sua: «A interrogar-te
Primeira, hospede, sou. Quem és e donde?

186-189 Como houveste essa túnica e esse manto?
Não dizes tu que náufrago abordaste?»
«Narrar-te já, responde, quantos males,
Senhora, o Céo vibrou-me, é mui difícil;

190-197 Mas ao que me perguntas satisfaço.
De humanos e mortaes mora apartada,
Na Ogígia ilha do alto mar, Calypso,
De Atlante gérmen, de encrespada coma,
Ardilosa e tremenda; ali mau gênio
Lançou-me só, desfeito havendo Jove
A raio a embarcação no escuro abismo,
Onde os meus nautas soçobraram todos.

198-202 Por nove dias, aferrado á quilha,
De vaga em vaga, ao décimo de noite
A praia toco. A nympha carinhosa
Me tratou, me nutriu, velhice e morte
Quis tolher-me, e abalar-me nunca pôde.

203-208 Firme reguei de choro as dadas roupas
Incorruptíveis; mas, de Jove ao mando
Ou volúvel, no curso do ano oitavo
A partir me exortou numa jangada,
Pão forneceu-me e vinho e odoras vestes,
Favônias a invocar-me auras suaves.

209-214 Aos oito sóis de undívaga derrota,
Vossa alta umbrosa terra apareceu-me,
E no peito exultei. Mas ai! Neptuno,
Insensível ao pranto, em furor sempre,
Com vastas brenhas de surdir me impede,
E a barca um vagalhão me desconjunta.

215-219 As ondas meço a braço, té que á ilha
Sanhudas nuns penedos me remessam
Inacessíveis. Novamente nado,
A foz emboco enfim de um rio ameno,
Tuto e limpo de escolhos e abrigado;

220-223 Em salvo, ânimo cobro. A tarde assoma,
Deixo o rio Dial; em selva opaca,
Inda que atribulado, acamo folhas,
E um deus noite e manhã me embebe em sono.

224-226 Ao declinar do Sol, acordo e avisto
A filha tua ás imortaes parelha,
N'alva praia, entre as fâmulas brincando;

227-230 Suplico, admiro o tento que, ó rainha,
Esperar não puderas dos seus anos
De imprudencia e loucura: fez banhar-me,
De vestidos proveu-me e de alimento.

231-235 Nesta angústia, senhora, eis a verdade.»
«Hospede, acode Alcino, a filha minha
Ao decoro faltou, que ao nosso alvergue
De antemão suplicada, lhe cumpria
Na comitiva sua conduzir-te.»

236-238 O manhoso atalhou: «Tu não censures
A inocente princesa; ela mandou-me
Acompanhar as servas, e eu neguei-me.

239-245 Temi quiçá, que ao vê-lo te irritasses:
Á suspeita é propensa a espécie humana.»
«Temerário não sou, replica Alcino,
Ou pronto em me irritar; o honesto e justo,
Hospede, em mim domina. Oh! queira o Padre,
Minerva e Apolo, tal qual és, de acordo
Com meu sentir, que genro meu te fiques!

246-253 Dôo-te casa e bens. Mas por violencia
Ninguém te reterá: condena-o Jove.
Dorme em sossego, disporei seguro
Teu regresso amanhã: durante as calmas
Os nautas remarão, se além de Eubéia
Mesma o desejes, ilha a mais remota,
Segundo os que de Télus navegaram
Ao filho Ticio o flavo Radamanto;

254-256 Porém num dia aqui se recolheram.
Conhecerás que chusma e naus possuo
Para á voga arrancada o mar fenderem.»

257-259 Folga e depreca Ulysses: «Padre excelso!
Cumpra Alcino a promessa; a glória sua
Encha a terra fecunda, e eu veja a minha.»

260-263 Inda assim praticavam, quando Areta
Albinitente ao pórtico uma cama
Estender manda, com purpúreas colchas,
Com tapetes, e espessos cobertores;

264-267 Vão de facho na mão fazê-la as servas,
E o paciente herói depois avisam:
«
Hospede, vem dormir, que é pronta a cama.»

268-271 Ulysses com prazer no recortado
Catre ao sonoro pórtico se estira.
Foi dentro Alcino se gozar do sono,
Com sua esposa o leito compartindo.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO VIII

✦

1-4 Do éter assoma a dedirrósea filha;
Ergue-se o rei, presenta o egrégio Ulysses
Ante as naus ao congresso convocado,
E a par assentam-se em polidas pedras.

5-7 Cuidadosa do urbífrago Laércio,
Palas, de Alcino o arauto semelhando
Na cidade apregoa: «Ao foro, ao foro;

8-10 Um de vulto imortal ide ouvir, chefes,
Que hospede Alcino recolheu das vagas.»
Incitados, a praça e os bancos enchem.

11-15 Mirando aquele em cuja fronte e espáduas
Graça divina despejou Minerva;
Mais guapo o fez e esbelto e majestoso,
Para que, a todos formidando e grato,
Nos certames de si desse alta prova.

16-20 Conciona grave na assembléia Alcino:
«O que hei no peito, príncipes, declaro.
Veio-me á casa este hospede errabundo,
Se do Oriente ignoro ou do Ocidente,
Mas passagem me pede e que a fixemos.

21-24 A ida se lhe apresse; um forasteiro
Nunca em meu lar se lastimou retido:
Novo negro baixel ao mar divino,
Cinqüenta e dous receba exímios nautas.

25-29 Ligados presto os remos aos toletes,
Eia, a lauto festejo compareçam.
No me falheis, cetrados: convidai-me
Demôdoco imortal, que em estro aceso
Por Jove, entoa cânticos melífluos.»

30-36 Ei-lo, avança; os cetrígeros o escoltam,
O arauto corre ao músico sublime.
Cinqüenta e dous se elegem, que submissos
Vão-se á praia e o navio deitam n'água,
Alçam mastro, içam velas, prendem remos
Com atilhos de coiro, e tudo prestes,
Abrindo o pano, o lenho põem de largo;

37-39 Passam depois ao régio nobre alcáçar,
Salões, atrios, vestíbulos se atulham
De mancebos, de velhos, turba imensa.

40-43 Alcino doze ovelhas e oito porcos
De alvos dentes immola e dous refeitos
E flexipedes bois, que os mais esfolam,
Deleitoso banquete aparelhando.

44-46 Conduz Pontono o vate aceito á Musa,
Que o cegou, mas lhe deu canto suave
E do bem e do mal o entendimento;

47-50 Num trono o põe de prata cravejado,
Numa coluna o encosta, e lhe pendura
Sobre a cabeça em prego a doce lira
E de a tomar indica-lhe a maneira;

51-53 Pousa-lhe um canistrel em mesa ornada,
Com cheia copa que á vontade empine.
Atiram-se aos manjares os convivas.

54-56 Expulsa a fome e a sede, a Musa instiga
O poeta a cantar guerreiro canto,
Cuja fama ás estrelas se exaltava;

57-63 A rixa era de Ulysses e de Aquiles,
Com ditos agros num festim sagrado;
E o rei dos reis folgava, porque entrando,
No estrear Jove a lide Grega e Teucra,
Do Pítio Apolo no marmóreo templo,
O oráculo a vitória prometeu-lhe,
Dês que os melhores Dânaos contendessem.

64-67 Prossegue o vate, a Ulysses á cabeça
Com força deita o purpurino manto,
Para encobrir nas morenadas faces
As lágrimas que a pares borbulavam.

68-73 No intervalo da música, as enxuga
E desce o manto, liba ás divindades
Na bicôncava taça; quando, a rogos
Dos que a toada e a letra enamorava,
O bom cego as repete, o herói suspira
E, tornando a embuçar-se, esconde o choro.

74-78 Junto, o percebe o rei: «Feaces, basta.
Nós, de iguarias cheios e de acorde,
Glória e adorno da mesa, ao foro andemos:
Narre o estrangeiro aos seus quanto habeis somos
Em luta e pugilato, em salto e curso.»

79-82 Marcha, e os grandes com ele; ao prego a lira
Suspende o arauto, e á cola guia o cego
Dos que iam divertir-se nos certames,
De infinita caterva acompanhados.

83-92 Jovens de pulso, Anquíalo, Acronio,
Nautes, Elatreu, Ocíalo, se ergueram,
Pronteu, Proreu, Toon, Prines, Eretemes,
Anabesinco, Anfíalo progênie
De Polineu Tectômides; nem faltam
O igual de Marte Euríalo, o formoso
E esbelto Naubólides mais que todos,
Fora o guapo Laodamas; este alçou-se
Também com seus irmãos, de Alcino ramos,
Hálio gentil e Clitoneu galhardo.

93-97 Começam pelo curso, e da barreira
Entre nuvens de pó rápidos voam:
Quanto um pousio arando excedem mulas
A bois tardonhos, Clitoneu bizarro
Pretere os outros e regressa ao povo.

98-104 Anfíalo em saltar, no disco Elatreu,
Vence Euríalo os mais na acerba luta,
Na punhada Laodamas, que no meio
Do regozijo brada: «Amigos, vinde,
Perguntemos se o hospede é nos jogos
Exercitado: o corpo tem fornido,
Pernas, coxas, pescoço, espáduas, punhos;

105-107 Inda é verde, sofresse embora há pouco
O trabalho do mar, que tanto custa
E do varão mais rijo as forças quebra.»

108-111 Euríalo aprovou: «Pois bem, Laodamas,
Vai tu mesmo incital-o.» Eis ante Ulysses
Tem-se o filho de Alcino: «Hospede padre,
Entra, se os aprendeste, em nossos ludos;

112-114 Quadram-te á maravilha: é do homem timbre
De pés e mãos valer-se denodado.
Bane a tristeza, partirás em breve;

115-118 Em nado é teu baixel e os vogas prontos.»
Mas o astuto: «Laodamas, tu provocas
A que zombem de mim? Não penso em ludos,

Penso na dores que passei tamanhas;

119-122 A volta mendigando, ao rei depreco
E ao popular congresso.» Em face o ataca
Súbito Euríalo: «Hospede, não cuido
Que nos certames dos varões te exerças;

123-126 Menos atleta válido pareces
Que de marujos traficante mestre,
A especular na carga e mercancia
Da remeira galé, de roubos arca.»

127-134 Torvo Ulysses o mede: «E tu pareces
Doudo varrido a proferir dislates.
Nem tudo Jove dá; beleza nega,
Ou loqüela, ou juizo: um não formoso
Com suave eloqüencia orna o semblante,
E olhado com prazer, modesto e firme,
No parlamento se insinua e reina,
E na rua e na praça um deus o aclamam;

135-137 Outro, gentil como íncolas celestes,
Insulso é no exprimir-se. Tu, mancebo,
Nobre és de aspecto, mas no tino falhas;

138-143 Com teu parlar minha alma exacerbaste.
Não me creias ignaro dos certames;
Da idade no vigor fui dos primeiros:

Hoje o pesar me oprime, e o que hei passado
Na guerra e em salsas vagas; mas embora,
Meu coração mordeste, os jogos tento.»

144-154 Aqui, de manto mesmo, um grosso aferra
Disco muito maior que os dos Feaces
O peso a revoltões zunindo expede:
Bem que pujante a chusma a remo e vela,
Se agacha ao tiro, e sobrevoa a pedra
Salvando as marcas todas. — Palas uma
Logo fixando, em vulto humano fala:
«Pode, hospede, apalpando qualquer cego
Teu sinal discernir, que é nímio avante
Sem confusão dos mais; nenhum Feace
Tirar-te-á do lanço, eu to aseguro.»

155-157 O herói folga de tal benignidade,
E brando ajunta: «Á liça agora, moços;
De novo jogarei, talvez mais longe.

158-161 Vós me irritastes, a ninguém recuso;
Ao cesto, á luta, ao curso, desafio
Todos, menos Laodamas, que hospedou-me:
Pelejar com o amigo, é de um vil néscio;

162-165 Quem quer que o tente num país estranho,
O jus perde ao respeito e a beneficios.
Nenhum temo ou desprezo; ás claras venha
O que me julgue imbele experimentar-me.

166-169 No arco mormente primo; sei na turba
De hostis frecheiros num dos seus a farpa
Á vontade empregar: nos campos Tróicos
Só me vencia o archeiro Filoctetes;

170-176 Entre os mortaes que o pão da terra, comem,
Gabo-me e prezo de lhe ser segundo.
Com prístinos varões não me comparo,
Com Hércules e Êurito Ecaliense,
Que na sua arte aos numes se atreviam:
O grande Êurito foi de curta vida,
ímpio desafiando o iroso Apolo.

177-181 Meu dardo alcança como de outro a seta.
Só receio os Feaces na carreira,
Das ondas nimiamente quebrantado:
Nem sempre era o navio bem provido,
E frouxos tenho os trabalhados membros.»

182-185 Ao silêncio geral sucede Alcino:
«Tens hospede, razão de te agastares
Contra esse audaz, e a peito o provar tomas
De constante valor munido seres.

186-194 Que homem sisudo nunca mais te argua.
Ouve-me, outra impressão de nós conserves,
Para, ao festim com tua esposa e filhos,
Contares aos heróis quais prendas Jove
Desde avós nos transmite: em luta e cesto

Não somos extremados, sim ligeiros
E na marinha exímios; o banquete
Nos praz, coréia e música, a mudança
De vestidos, bom leito e quentes banhos.

195-197 Bailai vós, peritissimos Feaces;
O hospede narre aos seus quanto excelemos
Em navegar, em pés, em dança, em canto.

198-202 Corra alguém, e a Demôdoco da regia
Depressa traga a cítara sonora.»
Pontono corre. Os públicios do circo
Nove eleitos juizes, levantados,
O lugar aplanando, o espaço alargam.

203-207 O arauto volta; a cítara o poeta
Recebe, a quem na arena adolescentes
Cercam destros e airosos, em cadencia
Pulsando o chão divino: absorto Ulysses
O enredo, o passo, a rapidez contempla.

208-211 Demôdoco depois dedilha e canta
Como furtiva a coroada Vênus
Uniu-se a Marte, que o Vulcânio toro
Maculou com mil dons peitando a esposa.

212-215 Pelo Sol advertido, o grão ferreiro
Parte, vingança a meditar profundo;
No cepo encava a incude, laços forja
Que desdar-se não podem nem romper-se.

216-220 Mal os conclui, á câmara caminha
Do seu leito amoroso; uns aos pés liga,
Outros ao sobrecéo, com tanta insídia,
Que de aranha sutil quais teias eram,
Mas a qualquer celícola invisíveis.

221-224 Armada a fraude, simulou viagem
De Lemos á carissima cidade.
Marte, cujos frisões têm freios de ouro,
Não obcecado, o fabro viu partindo;

225-227 Veio-lhe presto á casa, cobiçoso
De gozar Vênus bela: esta pousava
De visitar o genitor Satúrnio;

228-230 Pega-lhe o amante na mimosa destra:
«Vazia a cama está; Vulcano é fora,
Aos Síntios foi-se de linguagem bronca.»

231-235 Ei-los ao leito jubilando ascendem,
E nas malhas do artista se emaranham;
Nem desatar-se nem mover-se podem,
Sem ter efúgio algum. Torna Vulcano,
Antes que a Lemos chegue; o Sol o avisa.

236-239 Ao seu pórtico pára angustiado,
Urro esforça raivoso, que no Olympo
Retumba horrendo: «Ó Padre, ó vós deidades,
Vinde rir e indignar-vos desta infâmia.

240-243 Por coxo a Dial Vênus me desonra,
Amando ao sevo Marte, que é perfeito:
Se esta iesão me afeia, é toda a culpa
De meus pais, que gerar-me não deviam.

244-246 Vêde-os, oh! triste aspecto como dormem
No meu leito enleados; mas duvido
Que em seu ardor jazer assim desejem.

247-249 Meu laço os reterá, té que haja o dote
E os dons feitos ao pai, que deu-me a filha
De formosura exemplo e de inconstância.»

250-252 No éreo paço Vulcânio já Neptuno,
Mais o frecheiro Febo e o deus do ganho,
As deusas de pudor não comparecem;

253-256 Do pórtico os demais, ás gargalhadas,
O dolo observam do prudente mestre,
Olham-se e clamam: «Da virtude o vicio,
Do inferno o lesto e forte é suplantado;

257-264 O manco aos mais veloz prendeu com arte,
Pague o adúlterio a multa.» Apolo ao núncio
De bens dador voltou-se: «Quererias,
Filho de Jove, assim dormir nos braços
Da áurea Ciprina?» Respondeu Mercurio:
«Oxalá, Febo Apolo, ao pé de Vênus
Vós me vísseis dormir, e as próprias deusas,
No tresdôbro dos fios envolvido.»

265-268 Renovou-se a risada; mas Neptuno
Sério ao mestre pediu que solte a Marte:
«Solta-o; prometo que a teu grado e á risca
Hajas a multa aos imortaes devida.»

269-273 «Rei, contesta o aleijado, não mo ordenes;
A caução para o fraco é fraca sempre:
Como eu te obrigaria, se elle escapo
Se recusasse?» Então Neptuno: «Marte
Se renuir, pagar-te-ei, Vulcano.»

274-276 Rende-se o ínclito coxo: «Não me é dado
Negar-to.» E os laços desliou de um toque.
Os réos fugiram: para a Trácia, Marte;

277-280 Para Pafos Ciprina, a mãe dos risos,
Que ali tem bosque e recendentes aras.
Banhada em óleo divinal ungida,
As Graças do mais fino a paramentam.

281-286 Ulysses da harmonia se recreia,
E a gente em roda. Alcino bailar manda
Laodamas e Hálios sós, que a palma levam:
Um, curvo atrás, ás nuvens roxa pela,
Que fez Pólibo, alteia, e outro, a pulo,
Antes que aos pés lhe caia, a encontra e joga;

287-290 A alma terra ao depois, tripudiando,
Alternos batem, com geral aplauso.
O estrépito sossega, e Ulysses fala:

«Bem gabaste na dança os teus Feaces;

291-296 Estou, potente rei, maravilhado.»
Alegre Alcino: «Príncipes, decerto
É sábio e dons merece. Há cabos doze,
E eu treze: cada qual brinde-lhe um manto
Rico e túnica nova e áureo talento,
E junto obtenha tudo e á ceia folgue;

297-301 A injuria apague Eurílalo e o congrace
Com palavras e dádivas» — De grado
Seu próprio arauto unânimes despacham,
E Eurílalo obedece: «De vontade
Quero aplacal-o, ó maioral dos povos;

302-305 Haja esta brônzea espada com bainha
De recente marfim e argênteos punhos,
Digna dele.» E ao passá-la: «Ó veneravel,
Espalhe o vento irrefletidas vozes.

306-308 Longo há fora dos teus, hospede, os numes
Restituam-te á patria e á mulher cara.»
«Salve, Ulysses responde, e sê ditoso.

309-311 Nunca, jovem amigo, a falta sintas
Do presente que afavel me concedes.»
Aceita e cinge a espada claviargêntea.

312-315 O Sol transmonta, e as dádivas afluem
Que ao real paço arautos conduziam;
De Alcino os filhos as recebem logo

E á mãe vão reverentes presentá-las;

316-322 O pai á casa os principais convida,
Senta-os em tronos, volve-se á rainha:
«Traze, mulher, tua arca a mais luzente,
Boa túnica e um manto; ao lume aqueçam
Caldeira para banho. Ele gozoso
Os dons remire dos heróis Feaces,
Divirta-se ao banquete e os hinos logre.

323-326 Dou-lhe em memória uma áurea fina taça,
Por onde libe á Jove e á corte sua.»
Ela ordena; uma trípode as escravas
Põem ao fogo e por baixo lenha acendem;

327-333 A água, lambendo a labareda o bojo,
Ferve em caixões... N'arca louçã, que trouxe,
Dos Feaces a roupa e o ouro mete,
Mais a túnica e o manto: «A tampa, adverte,
Hospede, esguarda; em nó seguro a feches,
Para ninguém lesar-te na viagem,
Quando em ferrado sono a bordo pegues.»

334-337 Na tampa o cauto herói passa um nó firme,
Invenção da engenhosa augusta Circe.
Da caseira a banhar-se convidado,
Entra a prazer em tina de água morna;

338-340 Pois tamanha delicia não gozava,
Dês que a ilha deixara de Calypso,
Onde elle como um nume era tratado.

341-346 Lavam-no, ungido vestem-lhe as escravas
Túnica e manto, e sai para entre os cabos
Vinhos saborear. Então Nausica,
Beleza divinal, chega á soleira
Da magnífica sala; atenta Ulysses,
Admira-o, diz veloz: «Hospede, salve;

347-349 Lá mesmo em teu país de mim te lembres,
De mim primeira em te guardar a vida.»
Respondeu-lhe: «De Alcino ínclita filha.

350-353 Assim de Juno o altíssono consorte
A luz ver da partida me conceda,
Como hei de lá qual déa honrar-te sempre,
A ti que me salvaste, ó nobre virgem.»

354-357 E junto ao rei sentou-se, quando as peças
Partiam já e o vinho misturavam.
Com o amavel cantor o arauto vindo,
No meio o encosta á sólita coluna.

358-360 A porção mais sucosa rasga Ulysses
Do pingue dorso de albidente porco:
«Toma, a Demôdoco isto leva, arauto;

361-363 Quero na minha dor mostrar que o prezo.
Os poetas venera e afaga a terra,
Caros á Musa, que os doutrina e inflama.»

364-367 Jubilando o cantor a offerta aceita,
E começa o banquete aparatoso.
E a Demôdoco Ulysses, finda a ceia:
«Eu te respeito sobre os homens todos;

368-376 A Dial Musa ou Febo é quem te inspira.
Cantaste os casos e aflições dos Dânaos,
Como se própria testemunha fosses,
Ou de uma o ouvisses. Canta-me o cavalo
Que da madeira Epeu fez com Minerva,
Do Laércio ardiloso introduzido,
Prenhe de heróis que Pérgamo assolaram:
Exato sejas, e aos mortaes proclamo
Que um deus influi e te modula os hinos.»

377-381 Ei-lo, em furia sonora; entoa o como.
As tendas abrasando, uns Gregos vogam,
E outros, sujeitos ao facundo Ulysses,
Ficam no amplo cavalo, que puxaram
Da fortaleza a dentro os mesmos Teucros.

382-386 Estes confusos em redor concebem
Três projetos, brocar a bronze o lenho,
Ou do castelo abaixo despenhal-o,

Ou santo voto oferecê-lo aos numes:
O ultimo ymphausto parecer adotam;

387-390 Fado era que a ruína em lígneo bojo
A escolha dos Aqueus levasse a Tróia.
Canta o como, vazio o cavo engano,
Ílio os esparsos Dânaos depredaram;

391-395 Como, enquanto a cidade vai acesa,
Outro Mavorte, o Ítaco, á Deifobéia
Estância foi com Menelau divino,
E ali, travada aspérrima contenda,
Coroou-lhe a vitória a Protetora.

396-407 Ao cântico do vate, as maçãs rega
Debulhando-se em lágrimas Ulysses:
Qual em braços o esposo a mulher chora
Que o viu cair em vascas moribundo
Ante a muralha, os cidadãos e os filhos
Ao sevo dia subtrair tentando,
E em ais e em gritos sobre o seu cadaver,
Dos soldados, que o tergo lhe escalavram,
Na amargura e na dor é constrangida
A cruel cativeiro; tal carpia
O Laércio infeliz. Sómente Alcino,
Sentado ao pé, seu suspirar percebe:

408-411 «Cale o poeta, ó chefes, o instrumento,
Pois nem todos se alegram do seu canto:
Findo o repasto, á musica atendendo,
Mesto sempre nosso hospede soluça;

412-419 Poupar seu luto cumpre e distrai-lo
Por elle é que esta festa preparamos,
Com generosos dons, segura escolta:
É vero irmão para as sensíveis almas
Um súplice estrangeiro. Agora, amigo,
Toda a franqueza: como dos vizinhos
Eras chamado? o bom e o mau têm nome
Que seus pais á nascença lhe impuseram.

420-426 Qual é tua terra e gente me declares.
A fim que a nau medite na viagem:
De mestre e leme as nossas não precisam,
Pensam, calculam, como a raça humana,
Quaisquer povoações e campos sabem,
Por entre o nevoeiro as vagas tranam,
Sem temor de soçôbro ou de avaria.

427-431 Previu porém meu pai que, da passagem
E do socorro aos náufragos Neptuno
Azedo, um nosso galeão de volta
Sumiria no pelago, á cidade
Um monte empinadissimo afrontando.

432-436 Se há de ou não preencher-se o vaticínio
Pertence ao deus. Mas sem refôlho narra
Que praias tens corrido, que paragens
E regiões trilhado; quais das tribos
Agrestes eram, bárbaras e injustas;

437-439 Quais, tementes á Jove e hospitaleiras.
Porque em segredo gemes, as desgraças
Dos Gregos e dos Teucros escutando?

440-442 O Céo quis sucumbissem tais guerreiros,
Para matéria a pósteros poemas.
Junto a Ilion morreu-te algum parente?

443-446 Morreu-te um genro, um sogro, os mais diletos
Após os consangüíneos? ou pranteias
Um camarada? o socio íntimo e sério
Não é menos que irmão no amor e estima.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO IX

✦

1-3 Toma Ulysses a mão: — Potente Alcino,
De povos sumo rei, nada há mais grato
Que do cantor a divinal poesia;

4-8 Nada mais deleitavel que esta gente
Lhe estar ouvindo a voz melodiosa
Á tua mesa, de regalos plena,
E o vinho haurir que da cratera vaza
Nos copos o escanção: minha alma o escuta.

9-12 Mandas-me renovar a dor e o pranto:
Que princípio, que meio, que remate
A narração terá de imensos males
A mim fadados? Por meu nome enceto.

13-16 Escapo aqui da morte, hospede vosso
Perpétuo seja, inda que longe moro:
Sou Ulysses Laércio, encomiado
Por meus ardis, com fama até nos astros.

17-23 Ithaca habito ocídua, e lá tremula
Nerito a verde coma; circunstantes
Ilhas há povoadas, como Same
E Dulíquio e Zacinto nemorosa,

Orientais e ao sul; Ithaca humilde
Última as trevas olha, áspera e tosca,
Porém não posso ver nada mais doce.

24-29 Na gruta sua a ótima Calypso,
Em casa teve-me a dolosa Eéia,
Sem nunca afagos seus me demoverem,
Pois ledo homem não vive e satisfeito
Fora da patria amiga e dos parentes,
Bem que noutro país nade em riquezas.

30-34 Ora de Ílio a tornada lagrimosa
Referirei, disposição de Jove.
Á Ísmara o vento impele-me e aos Cícones
Saqueio e os mato; com partilha justa
As mulheres e a presa dividimos.

35-37 Presto os insto a largar; mas insensatos
Na praia indóceis a beber se ficam,
Ovelhas abatendo e negros touros.

38-41 Os fugitivos por socorro bramam,
E n'alva em cópia do interior concorrem
Bons peões e adestrados cavaleiros,
Como as folhas vernais e as flores brotam.

42-44 Jove de mil desgraças nos oprime:
Eles ás nossas naus o ataque apertam,
Fervem de parte a parte os êneos tiros;

45-49 Toda a manhã enquanto a luz crescia,
Do número apesar, os contivemos;
Ao Sol cadente, quando os bois descangam,
Em fuga nós, poupando a Parca os outros,
Armando seis de cada nau perdemos.

50-52 Salvos, contudo mestos velejamos,
Vezes três a invocar primeiro os socios
Ai! nas Cicônias margens trucidados.

53-60 O Nimbifero o Bóreas assolou-nos;
Tolda bulcão tristonho o mar e a terra,
A noite rui do céo; de esguelha o vento
As velas farpa, e súbito arreadas,
Varei com susto. Lá cansaço e mágoa
Nos ralou; mas, á terça ruiva aurora,
Mastros eretos, brancos linho içado,
Navego ao tom da brisa e dos pilotos.

61-66 O natal chão tocava, quando Bóreas
E do Maléia as correntes me empuxaram
Muito além de Cítera. Dias nove
Pelo piscoso ponto flutuando,
No dezeno aos Lotófagos arribo,
Que apascenta uma planta e flor cheirosa.

67-72 Jantamos, feita aguada; envio arauto
Com mais dous a inquirir de pão que gente
Lá se nutria. Aos três em nada ofendem,

Mas lhes offertam loto; o mel provando,
Os nossos o recado e a patria esquecem,
Querem permanecer para o gostarem.

73-76 Constrangidos e em lágrimas os trago
E amarro aos bancos; apressado os outros
Socios recolho, a fim que do regresso
A doçura falaz os não deslembre.

77-83 Em fila, a salsa espuma a remos ferem,
E dali pesarosos nos partimos.
Abordo a ymphanda plaga do Cyclopes,
Que, á fiúza dos deuses, nem semeiam,
Lavram nem plantam; sem cultivo e relha,
Cresce o trigo e a cevada, os bagos de uvas
Lhes engrossa o imbrifero Satúrnio.

84-91 De conselho e assembléia e lei privados,
Cada varão, de montes em cavernas,
Rege absoluto filhos e mulheres,
Vizinhos olvidando. Ilha daquela
Tanto ou quanto remota, umbrosa estende-se,
Altriz de agrestes cabras: nunca a pisa
Humano pé, camponio, zagalejo,
Ou caçador ao serro e á fraga atreito;

92-96 Berrantes fatos inarada pasce.
Nem construtores de vermelhos beques
Nem galés tem que os mares atravessem,

Que em longínquas cidades mercadejem,
Donde a ilha deserta haja colonos.

97-99 Tudo em sua estação produziria:
Junto á costa oferece regadios
E moles prados; ao vinhedo é própria;

100-103 É fofo o solo e para messes pingue.
De âncoras e de amarras prescindindo,
Permanecer no porto os nautas podem,
Até que as auras prósperas aspirem;

104-106 De uma gruta, no topo, fresca fonte
Límpida mana, de álemos sombrosa.
Lá jogou-nos a vaga, e um deus foi guia;

107-111 Nada na cega noite se enxergava:
Na terra as naus, em densa escuridade
Esmorecida a Lua, a terra oculta,
Nem rolar a mareta ás praias vimos,
Antes que as proas abicassem nelas.

112-115 Colhido o pano salta-se, e na areia,
Da madrugada á espera, adormecemos.
Do ar mal fulge a dedirrósea prole,
Toda a ilha admirados perlustramos.

116-118 Nymphas do aluno de Amaltéia agitam
Para nosso jantar monteses cabras.
Das naus trouxemos arcos e azagaias;

119-121 Tripartidos, de caça o deus fartou-nos;
Cabeças nove cada nau das doze,
Uma de mais sómente obteve a minha.

122-126 Ao sol posto a comer, nos regalamos
De roxo vinho; em ânforas a bordo,
Roubo, do sacro burgo dos Cícones,
Inda restava. Nos Ciclópeos cumes
Fumo avistou-se, ouviram-se balidos.

127-130 Anoitece e dormimos; na alvorada
Convoco a gente: «Cá vos deixo, amigos;
Eu mesmo explorarei se aqueles homens
São ferozes e injustos e intrataveis.

131-134 Ou tementes aos deuses e hospedeiros.»
Ocupo o meu navio; os da companha,
Desatando os calabres, abancados
A branca espuma a remos açoutavam.

135-140 Na próxima paragem, numa extrema,
Junto ao mar descobriu-se alta espelunca,
De loureiros opaca, onde albergava
Cabrum gado e ovelhum, do pátio em roda
A pique rochas, com alvares pinhos
E carvalhos de topes verdejantes.

141-143 Seus rebanhos ali desconversavel
Gigante pastorava, em separado,
Só consigo maldades ruminando;

144-146 Monstro não comparavel aos humanos
De pão nutridos, mas do monte ao cume
Que selvoso dos outros se destaca.

147-150 Á nau ponho de guarda os camaradas;
Escolho doze, um odre lhes confio
Do vinho de Máron de Evanteu nado,
Em Ísmara Apolíneo sacerdote;

151-155 O qual poupamos e mulher e filhos,
Na sagrada floresta, com respeito;
E áureas talentos sete, urnas de prata,
Mais uma dúzia de ânforas doou-me
De almo licor nectáreo incorruptível.

156-160 Desse vinho melífluo, em casa ignoto,
Menos á esposa e á despenseira, um vaso
Com vinte se mesclava de água pura,
E tal cheiro divino recendia,
Que dele alguém abster-se era um tormento.

161-163 Encho um odre, uns alforjes abasteço,
Audaz me deito a visitar o iníquo
De alma ferrenha e desmedida força.

164-168 Então fora pastava o nédio gado,
E no interno o antro seu nos foi pasmoso:
Nos cinchos pesam queijos; de cabritos
E anhos currais se atulham, segregados
Os meãos e os tenrinhos e os maiores;

169-176 Mungido fresco em tarros e alguidares,
Nada no soro o coalho. Os meus imploram
Que, tomados os queijos e atraídos
Cabritos e ambos, de embarcar tratemos:
Fora certo o melhor, mas eu quis vê-lo
E dons ter hospitais; futura aos socios
Vista ingrata. Imolando, aceso o fogo,
Do lacticínio come-se, e aguardamos.

177-179 Ei-lo, de lenha para a ceia, á porta
A grossa atira estrepitosa carga;
Tremendo no interior nos ocultamos.

180-182 Á espelunca recolhe as gordas fêmeas
Para, ordenhar, de fora tendo os machos
No amplo recinto, bodes e carneiros;

183-185 Depois a entrada fecha, levantando
Rocha tal, que mover nem poderiam
Vinte dous carroções de quatro rodas.

186-188 Sentado, ovelhas e balantes cabras
Em ordem munge, e ás mães submete as crias:
Porções do leite coalha e aperta em fôrmas;

189-191 Guarda metade, que ceando beba.
Tudo aviado e em cobro, atiça o lume,
E dá conosco e diz: «Quem sois vós outros?

192-194 Navegais por negocio, ou ruins piratas
Os mares infestais, expondo as vidas
Para infortúnio e dano de estrangeiros?»

195-199 Frios, do rouco som, do monstro mesmo
Trememos todos; mas falar me atrevo:
«Dos Gregos somos que, da patria em busca,
Desde Ílios furacões nos remessaram
A estranhas plagas, por querer de Jove;

200-202 No exército servimos de Agamemnon,
Cuja glória a qualquer mundana eclipsa,
Pois destruiu tal povo e tal cidade.

203-206 A teus pés agasalho deprecamos.
Ou brindes hospitais. Receia os deuses,
Senhor; Júpiter vinga os suplicantes,
E a bons e honrados hospedes protege.»

207-210 Turvo me respondeu: «Louco! tão longe
Vens o temor dos deuses ensinar-me?
Os Cyclopes, que os deuses mais prestantes,
Esse aluno da cabra desdenhamos.

211-213 Se não por mim, de Júpiter por medo
Pensas que te perdoe e os companheiros?
Onde ancoraste a nau? distante ou perto?

214-217 Declara-o já.» — Manhoso ao laço fujo:
«Desfez-ma o Ennosigeu, na ponta e escolhos
Dos fins da vossa terra; aqui, dos ventos

Rojado, a custo me salvei com estes.»

218-220 Ei-lo, sevo e em silêncio, a dous agarra,
No chão como uns cãezinhos os machuca,
E o cérebro no chão corre espargido;

221-224 Os membros rasga, e lhes devora tudo,
Fibra, entranha, osso mole ou meduloso,
Qual faminto leão: chorando as palmas,
Em desespero e grita, a Jove alçamos.

225-233 Pleno de humanas carnes o amplo ventre,
Leite bebe o Cyclope a grandes sorvos,
E entre as ovelhas na caverna estira-se:
Animoso de espada ia feri-lo,
Onde o fígado junta-se ao diafragma,
Quando á idéa me vem que, nímio débeis
Para o empacho movermos da saída,
Morreríamos todos morte acerba:
A aurora pois gementes esperamos.

234-239 Ao raiar da manhã, suscita o fogo,
Ordenha e a cada mãe submete as crias.
O serviço afervora, e para o almoço
Mais dous empolga e traga; a pedra erguendo
Fácil, como na aljava a tampa ajusta,
A repõe, já de fora com seu gado;

240-247 E, indo-se ao monte, ouvíamos seus urros.
Vingança cogitada, invoco a Palas;
Trás longo meditar, melhor conselho
Este me pareceu: de um tronco pego
Oleagíneo e verde, grosso e longo,
No antro a secar jazendo para clava,
Que o mastro parecia de um mercante
Flutívago baixel de vinte remos;

248-251 Corto-lhe uma braçada, os socios mando
O pedaço alisar, depois o aguço
E o tosto a fogo ardente, no monturo
Pela caverna acumulado o escondo.

252-254 Sorteiam-se os que atrevam-se comigo
No olho o pau enterrar-lhe pontiagudo,
Enquanto sopitado em sono esteja;

255-257 A sorte elege quatro, e eu faço o quinto.
Chega á tarde o pastor, e sem no pátio
Conter os machos, encurrala o gado.

258-260 Ou por divino influxo ou por suspeita;
A boca do antro fecha, em ordem munge
Sentado as fêmeas e submete as crias.

261-264 Presto acaba o serviço, e para ceia
Inda esquarteja dous; eu perto exclamo,
Taça a lhe oferecer de roxo vinho:
«De carne humana estás, Cyclope, farto;

265-267 Ora da nossa nau prova a bebida.
Mais terias, se á casa me enviasses
Por compaixão: que furia intoleravel!

268-271 Como, de tanta crueldade á vista,
Pode qualquer humano visitar-te?»
Recebe a taça, com delicia a empina,
E pede mais: «Dá-me de novo, dá-me;

272-274 O nome teu me digas, para haveres
Dom que te aprazirá. Nossa alma terra
Vinho de uvas produz que orvalha Jove;

275-279 Mas este, ambrosia é doce e néctar puro.»
Renovo a taça ardente, que três vezes
Néscio esgotou. Sentindo-o já toldado,
Brando ajunto: «Cyclope, não me faltes
Á promessa. Meu nome tu perguntas?

280-283 Eu me chamo Ninguém, Ninguém me chamam
Vizinhos e parentes.» O ímpio e fero
Balbuciou: «Ninguém, depois dos outros
Último hei de comer-te; eis meu presente.»

284-287 E ressupino cai e, a cerviz grossa
Dobrando, ao sono domador se rende;
A impar na embriaguez, ressona e arrota,
Vomita o vinho e carne humana em postas.

288-291 Na cinza o lenho aqueço, animo os socios
A não me abandonarem no perigo;
O oleagíneo troço, inda que verde,
Em brasa tiro, e um deus nos acorçoa;

292-297 No olho ficam-lhe os meus o pau candente,
Eu de cima o revolvo: qual se broca
Naval madeira, que sustém com loros
Do mestre oficiais de uma e outra banda
E o trado gira sempre; assim viramos
No olho o tição. Cálido sangue espirra;

298-300 O vapor da pupila afogueada
As pálpebras queimava e a sobrancelha;
Do imo as raízes crepitar sentimos.

301-304 Quando enxó n'água fria ou grã secure
Imergindo o forjeiro a temperal-o
Caldeia o ferro, estrídulo este chia:
Da trave em roda o olho assim chiava.

305-310 O urro tremendo ecoa nos penedos;
Assustados fugimos; ele, o tronco
Todo em sangue arrancado, o lança fora
Na veemencia da dor, bramando horrível
Pelos Cyclopes, que em vizinhas grutas
Sobre ventosos cumes habitavam.

311-314 Aos gritos acudindo, eles á entrada
O que o aflige indagam: «Polifemo,
Porque a noite balsâmica perturbas
E nos rompes o sono com tais vozes?

315-321 Acaso ovelha ou cabra te roubaram,
Ou por dolo ou por força alguém matou-te?»
«Amigo, do antro Polifemo disse,
O ousado que por dolo, não por força,
Matou-me, foi Ninguém.» — Replicam logo:
«Se ninguém te ofendeu, se estás sozinho,
Morbos que vem de Jove não se evitam;

322-324 Pede que te alivie ao pai Neptuno.»
Com isto vão-se andando, e eu rio n'alma
De que meu nome e alvitre os enganasse.

325-328 Gemebundo o Cyclope e dolorido,
Trêmulo apalpa, e removendo a pedra,
Senta-se á boca do antro, as mãos estende
A apanhar quem saísse entre as ovelhas.

329-336 Ele cria-me estulto; eu cogitava
Com que ardil me livrasse e os meus da morte
Horrorosa e iminente, e o plano formo:
Três a três ligo tácito uns carneiros
De lã violáceas, grandes e alentados,

Com retorcido vime, em cujos feixes
Dormia o monstro; no do meio ajeito
Um socio, que os dous outros conduzissem;

337-339 Do maior da manada abraço o tergo,
E ao ventre submetendo-me veloso,
Firme ao tosão me implico e me penduro.

340-345 Carpindo á espera da manhã velamos.
No arrebol urge o dono ao pasto os machos,
Dentro a balar as fêmeas de ubres tesos,
E em dores, á passagem, do que pára
O dorso afaga, néscio de que os socios
Iam ligados aos lanudos peitos.

346-352 Último andava o meu, tardio ao peso
De mim, que em baixo astuto maquinava;
A anca lhe amima terno: «O derradeiro
Hoje és tu, preguiçoso? A largo passo
Ias dantes em frente, a pascer flores
E a banhar-te no límpido riacho,
E de tarde ao redil vinhas primeiro.

353-355 Do olho do senhor partes saudoso,
Que, de vinho domando-me a cabeça,
Cru mortal e os maus socios me vazaram?

356-360 Escapo inda o não julgo: tu sentisses
Comigo e articulasses, que dirias
Onde se oculta; e, esparsos os miolos

Por toda a cova, ao mal, que me há causado
O vil Ninguém, teria um refrigério.»

361-363 Solto o martinho então, se pôs de fora.
Distante um pouco da caverna e pátio,
O meu largo e desprendo os mais carneiros;

364-369 Salvos do monstro, á pressa o desviado
Gordo rebanho para a nau guiamos,
Onde em pranto ansiosos companheiros
Nos receberam. Por acenos vedo
Esse lamento, e mando que o lanoso
Gado se embarque e o saldo mar cortemos.

370-375 Dito e feito, e verberam já remeiros
O encarnecido ponto, quando ao longe,
Mas a alcance de gritos, o invectivo:
«Não devoraste, Polifemo, os socios
De um homem sem valor; cruel e iníquo,
De hospedes em teus lares te sustentas;

376-380 Júpiter castigou-te e os mais celestes.»
Raivoso, ei-lo de um monte o cimo quebra,
Joga a rocha, que ao pé da popa tomba:
Ao choque a nau se inunda, e refluindo
Sobre a terra a mareta nos empuxa.

381-383 De um longuissimo croque armado, o casco
Da praia arredo, e por sinais ordeno
Que, o trespasso esquivando, a voga piquem.

384-392 Sulcado espaço igual, falo ao Cyclope;
Em redor brandamente me retinham:
«
Incitar queres, mísero, o selvagem,
Que a nau com novo tiro atraia á borda,
Onde acabar cuidávamos? Se tuges,
Ao perceber-te a voz, com força bruta
Penedo vibrará, que nos esmague
E este frágil madeiro desconjunte.»

393-396 Preces vãs! generoso e inabalavel
Em cólera bradei: «Se o perguntarem,
O olho dirás, vazou-te o arrasa-muros
Ítaco Ulysses, de Laertes nado.»

397-399 Trovejou Polifemo: «Encheu-se o agouro
Ah! de Telemo Eurímides, profeta.
Que envelheceu famoso entre os Cyclopes!

400-402 Apagar-se-me a vista ás mãos de Ulysses
Vaticinou-me: um forte e ingente e belo
Varão sempre cuidei que Ulysses fosse;

403-405 Mas, falso embriagando-me, a pupila
Furou-me um pífio imbele e pequenino!
Hospede, eis os presentes, vem tomal-os;

406-408 Meu genitor confessa-se Neptuno,
Rogo-lhe que a viagem te encaminhe.
Seja vontade sua, há de sarar-me;

409-418 De outro deus nem mortal socorro espero.»
«Pudesse eu, repliquei-lhe, de alma e vida
Privar-te e remeter-te ao reino imano,
Como nem mesmo o genitor Neptuno
O olho te sarará.» Súplices palmas
Ele á sidérea abóbada levanta:
«Ó rei Neptuno de cerúlea coma,
Se teu sou na verdade, ó pai, te imploro
Que seu país não veja o arrasa-muros
Ítaco Ulysses, de Laertes nado;

419-421 Ou, se é fatal que á patria amiga torne,
Só de toda a campanha, em vaso alheio,
Tardio aporte, e em casa encontre penas.»

422-425 Seu rogo ouvido foi. Lasca outro pico
Muito maior, que expede volteando
Com sumo esforço: desta vez o leme
Quase alcança, e nos molha a erguida brenha;

426-435 Mas surde a proa azul, e a ilha toca
Onde as naus de coberta e os socios eram,
Sempre a chorar por nós. Varado o casco,
Saltamos, e conosco a ovelhum presa,
Que divido irmãmente: a aqueles bravos
Dão-me a parte o carneiro em que livrei-me,
Eu na praia ao nimbifero Satúrnio

Queimo-lhe as coxas; mas o deus supremo
Enjeita o sacrífio, e delibera
A frota consumir-me e os camaradas.

436-439 Até Sol posto, á mesa nos fartamos
De carne e doce vinho, e escura a noite,
Na areia adormecemos. Vindo a rósea
Aurora matutina, a gente embarco;

440-443 Desamarrados, alva espuma torcem
Dos remos ao compasso os marinheiros.
Dali, da morte isentos; mas tristonhos
Pelos míseros socios navegamos.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO X

✦

1-12 Do Hipótades Eolo, aceito ao numes,
A ilha abordamos, a nadante Eólia,
De éreo muro infrangível circundada
Sobre liso penedo. Ele os seis pares
Consorciou de filhos, para todos
Junto ao bom pai e á casta mãe comerem
Á mesma vária mesa: ao dia, a casa
Harmônica recende; á noite, aos braços
Das consortes pudicas se repousam,
Em tapetes e leitos recortados
Nessa bela vivenda um mês inteiro
Amigavel tratou-me, a indagar sempre

13-22 De Ilion, da frota Argiva e da tornada;
Eu recontava tudo. Enfim licença
Rogo-lhe de sair, ao que elle acede
E dispõe a partida: os rijos ventos
Feche em pele de um touro de nove anos,
Porque a seu grado, permissão de Jove,
Os subleva ou contêm; por um calabre
Argênteo os cerra no porão, temendo
Um hálito qualquer; único solto,
Nos vai soprando Zéfiro propicio.

23-28 Tais precauções frustou-nos a loucura.
Navego assíduo; na dezena tarde,
Ithaca e os lumes seus me apareciam:
Rendo-me ao sono ali, cansado e lasso,
Pois nunca o leme a outrem confiara,
Para em terra o mais cedo nos acharmos.

29-32 Do generoso Hipótades riquezas
Crendo que eu recebera, os da equipagem
Discorriam destarte: «Oh! quanto Ulysses
Por onde quer que aborde é festejado!

33-35 Onusto vem de Ilíacos tesouros,
E nós, tendo corrido iguais tormentas,
Vamos ao patrio lar de mãos vazias.

36-40 Brindes lhe fez agora o amigo Eolo;
Veja-se que ouro e argento esse odre guarda.»
Vencendo o mau conselho, o desataram:
Os ventos a ruir, de Ithaca os deitam,
A empegal-os em lágrimas desfeitos.

41-43 Acordo; ao mar calculo se me atire,
Ou sofra a nova dor: sofri, jazendo
No fundo oculto; os outros, suspiravam.

44-49 Procela atrás á Eólia nos remessa:
Feita aguada na praia e um jantar breve,
Como o arauto e um guerreiro me endereço

De Eolo aos paços, que ao festim seus filhos
E a mulher tinha; sento-me á soleira,
E eles pasmados: «Foi-te um nume infenso?

50-53 Tornaste, Ulysses? Tudo acautelamos,
Para a salvo aos penates reverteres.»
Triste respondo: «Socios temerários
E fatal sono, amigo, me perderam;

54-59 Auxilio, que o podeis.» Com brandas vozes
Quis demovê-los, mas seu pai retorque:
«Fora, não devo proteger um homem
Ingrato ao Céo; foge daqui, malvado,
És ódio aos imortaes.» E agro e severo,
Da Eólia nos despede a soluçarmos.

60-69 A vogar, fatigada já do remo,
Do erro se argúi a gente esmorecida.
Gastas seis, na setena singradura
Arribou-se de Lamos á eminente
Lestrigônia Telépila, onde o gado
Recolhendo o pastor, pelo outro chama,
Que obediente sai; onde o salário
O insone dobraria, apascentando
Já manadas, já greis de branco velo:
Tanto ali se aproxima a noite e o dia.

70-73 Do porto em roda a pique há celsas pedras,
E a barra estreitam cabos dous bojantes:
As naus dentro se amarram conchegadas,
Que o mar dorme tranqüilo e não se altera.

74-79 A minha só de fora atei por cabos
A um rochedo apartado, e ao cimo trepo
A especular se em torno divisava
De homens ou bois trabalho; só rompia
Do solo um fumo. Escolho dous, que saibam,
Com o arauto, a quem lá sustente Ceres;

80-84 Trilham por onde carreava lenha
Dos montes á cidade, e perto a filha
Do Lestrigão Antífates encontram,
Guapa donzela, que de Artácia á fonte
Clara descera, donde o povo bebe;

85-95 Quem no país mandava lhe perguntam,
E o paterno palacio indica a jovem.
Entram; com susto a esposa, igual de um morro,
De Antífates avistam; que, chamado,
Presto chega da praça, atroz empolga
Um para a crua ceia; os dous conseguem
Refugiar-se á frota. Ao grito régio,
Da cidade, homens não, gigantes fervem,
E a penedos, que arrancam, nos lapidam,
O estrépito a soar de moribundos
E naus quebradas; para o triste pasto.

96-98 Qual peixe os Lestrigões a gente enfiam.
Enquanto esses no porto assim perecem,
Do meu navio a gládio amarras talho;

99-101 A esquivar a desgraça insto a companha,
Que açodada e medrosa os remos força:
O meu baixel evita os sáxeos tiros;

102-104 Os mais daquela chuva ali soçobram.
Da morte isentos, por amigos tantos
O negro mar tristissimos cortamos.

105-108 Na ilha aporto Eéia, da terrível
Música Circe de madeixas de ouro,
Irmã de Etas prudente, nados ambos
Do claro Sol e da Oceânia Persa.

109-111 A largo surgidouro um deus nos guia;
Lá, de cansaço e de ânsias corroídos,
Longamente e em silêncio repousamos.

112-114 Da aurora crinisparsa á luz terceira,
A espada e lança tomo, um alto subo
Donde ouça vozes ou culturas veja;

115-120 Paro no áspero tope, enxergo um fumo
Que dentre um carvalhal saía em cerco
Do palacio de Circe. N'alma volvo
Se após o fumo avance; mas prefiro
Ir a bordo, e á maruja dado o almoço,
Enviar adiante exploradores.

121-126 Da nau já perto, condoído um nume
Da minha soledade, ofereceu-me
Galheiro cervo, que do pasto ao rio
Vinha beber, da calma estimulado:
A bronze o atravessei pelo espinhaço,
E o bruto cai berrando e a vida exala;

127-129 Pulo, saco-lhe o hastil, por terra o deixo,
Vimes despego e silvas, e torcendo-os
Corda formo de braça, os pés lhe amarro;

130-132 Firme n'hasta, ao cachaço o levo preso,
Porque de uma só mão, sobre uma espádua,
Suster carga tamanha era impossível.

133-135 Ante os socios o arrojo, e em modo afavel
Os conforto um por um: «A Dite, amigos,
Só baixaremos do fatal instante;

136-139 Comei, bebei, de fome não morramos.»
Dóceis levantam-se, e na praia admiram
O enorme cervo, e os olhos tendo fartos,
As mãos lavadas, o festim preparam.

140-142 Veação gorda e vinho, até ser tarde,
Nos regalaram; sobre a noite escura
Na marítima areia adormecemos.

143-147 No amanhecer, convoco e falo a todos:
«Por mais graves que sejam nossas penas,
Atendei-me, consocios. Ignoramos

Se a terra é donde o Sol mergulha em trevas,
Ou do fúlgido eôo em que elle nasce;

148-151 Quero vos consultar, eu nada afirmo.
Do cume de um penhasco, vi que a cinge
Mar infinito, humilde ilha pequena,
Que dentre basto carvalhal fumega.»

152-154 Estala o coração, lágrimas chovem;
Das cruezas de Antífates se lembram,
E do fero antropófago Cyclope.

155-160 Chorar que vale? Em corpos dous os nossos,
Mando eu um, outro Euríloco deiforme:
Sacudidas as sortes no elmo aêneo,
Sai a do bravo Euríloco; este parte
Com vinte dous gementes companheiros,
Que apartam-se de nós também gementes.

161-167 Num vale acham marmóreo insigne paço,
Que cercam lobos e leões, de Circe
Com peçonha amansados: contra a gente
Não remeteram de unhas lacerantes,
Sim alongando a cauda os afagaram,
Como festejam cães o meigo dono
Que lhes traz do banquete algum bocado;

168-175 Mas, a tal vista, ao pórtico medrosos
Retiveram-se os Gregos. Dentro ouviam
Cantar suave a crinipulcra Circe,

Teia a correr brilhante, que só deusas
Lavram tão fina e bela. Eis diz Polites,
Chefe que eu mais prezava: «No alto, amigos,
Mulher ou deusa tece; o pavimento
Ressoa todo ao cântico: falemos.»

176-178 Gritam; Circe aparece, e abrindo as portas
Resplendentes, convida esses incautos;
Só, receoso, Euríloco repugna.

179-185 Senta-os a deusa em tronos e camilhas;
Escândea e queijo com Paneio vinho
Mistura e fresco mel, poção lhe ajunta
Que deslembra da patria. Mal a engolem,
Toca-os de vara, na pocilga os fecha,
Porcos sendo no som, no vulto e cerdas,
A inteligencia embora conservassem.

186-188 Tristes grunhindo, a maga lhes atira
Glande, azinha e cornisolo, sustento
Próprio desses rasteiros foçadores.

189-192 Veio Euríloco á pressa annunciar-nos
O caso ymphando, que articula apenas
Pela força da dor, pois lhe excitava
Luto no coração, água nos olhos;

193-195 E, instado, o exicio narra: «Ao teu preceito,
Fomos, Laércio, num convale achamos
Em vistoso lugar marmóreo paço.

196-198 Mulher ou deusa que a tecer cantava,
Abre, ao nosso gritar, fulgentes portas:
Este convite, eu só de fora, temo;

199-206 De esperar canso, os mais despareceram.»
De tachonado bronze a tiracolo
E o arco aos ombros, pela mesma senda
Mando que me encaminhe; elle os joelhos
Chorando me abraçou: «Divino aluno,
A ir não me constranjas. Tu não voltas,
Sei que os nossos perderam-se; os restantes
Esquivemos, fugindo, o negro fado.»

207-212 «Bebe e come, retruco, em ocio a bordo;
Por mim clama o dever.» E a trilha enceto.
Já, pelo sacro bosque, avisto o alcáçar
Da venéfica Circe, quando o nume
Do caduceu me encontra, afigurado
Num gentil gracioso adolescente;

213-215 Ele trava-me a destra: «Ignotos serros,
Mísero, andas sozinho? os teus, quais porcos,
Os tem Circe em fortissimo escondrijo.

216-222 Vens tu livral-os? sorte igual te espera.
Antídoto haverás, que te preserve
Da encantadora. Seus ardis aprende:
Num misto lançará sutil veneno,

Em meu remédio fia-te; ao sentires
De vara o toque, puxa dante o fêmur,
Como para feri-la, a espada aguda;

223-225 Quase a medo, ao seu toro há de invitar-te.
Amores não recuses de uma deusa,
Que te socorra e desencante os socios;

226-228 Mas dela exige o grande juramento,
A fim que outras ofensas não te apreste,
Nem do valor te dispa e te efemine.»

229-231 Da terra aqui Mercurio extraiu planta,
E ma explicou: raiz escura tinha
E láctea a flor; os deuses moli a chamam;

232-234 É-lhes fácil cavá-la, aos homens custa.
Foi-se da ilha espessa ao grande Olympo;
Nisto e pensoso dirigi-me a Circe.

235-237 Eu da entrançada Eéia ás portas grito,
Que abre logo os resplêndidos batentes,
E a seu convite, contristado, a sigo.

238-242 Aos pés lindo escabelo, num dedáleo
Trono me colocou de argênteos cravos.
Misturada a bebida em áurea taça,
Provei; não me fez mal; da vara ao toque,
Disse: «Vai-te á pocilga, aos mais te agrega.»

243-245 Como para matá-la, o gládio saco;
Brada, furta-se ao bote, a meus pés freme:
«Quem és? de que nação? de que família?

246-251 Pasmo de que resistas; este encanto,
Nunca o susteve alguém por cujos dentes
Se infiltrasse o veneno: alma inconcussa
Tens no peito. És por certo o sábio Ulysses,
Que o de áureo caduceu me afirmou sempre
De Ílio cá surgiria em nau veleira.

252-258 Embainha essa espada; em nosso toro,
Em mútua confiança, o amor gozemos.»
Repliquei-lhe: «A contigo humanizar-me
Tu, Circe, me alicias, tu que em porcos
Meus socios transformaste, e aqui dolosa
Me instigas ao teu leito, a fim que, inerme
E despido me enerves e efemines?

259-266 Solene jura, ó deusa, que em meu dano
Mais nada empreenderás.» — Jurou-me, eu subo
Ao tálamo loução. Criadas quatro
Fiéis com diligencia ali serviam,
Nymphas de bosque ou fonte ou santo rio:
Uma forra de púrpura as cadeiras,
Pondo alvo linho em baixo; outra bufetes
Argênteos cobre de áureos açafates;

267-278 Outra em cratera argêntea o vinho infunde,
Que em áureos copos distribui melífluo;
A quarta ferve em trípode ênea e grande
Água sonora, que tempera e em ampla
Tina me esparge por cabeça e ombros
Tépido grato banho, até que os membros
Me refaz do cansaço. Fresco e ungido,
Em manto airoso e túnica, de prata
Num trono cravejado e precioso,
De artefato escabelo, a mesma entorna
Lympha ás mãos de elegante jarro de ouro
Numa argêntea bacia, e me desdobra

279-282 Limpa mesa; que amavel despenseira
De pães enche e abundantes iguarias,
Instando-me a comer; eu com fastio
Abanquei-me a cismar e a prever males.

283-285 Próxima Circe, a minha dor percebe:
«De ânsias ralado, Ulysses, emudeces?
Nem tocas na bebida e nos manjares!

286-289 Certo algum dolo temes, não refletes
Que jurei pela Estige.» — Eu logo: «Circe,
Que homem justo beber ou comer pode,
Antes que valha aos míseros amigos?

290-299 Se a teu festim me queres satisfeito,
Soltos eu veja os prediletos socios.»
Ela, pegando a vara, sai de casa
E abre o chiqueiro; tira-os parecidos
A varrões de nove anos, em fileira
Um por um vai com bálsamo esfregando,
Cair fazendo o pêlo que o veneno
Exicial criara, e mais os torna
Jovens e esbeltos. A chorar de gosto,
Beijam-me a destra, o pranto ressoava.

300-302 Doeu-se a déa: «Ulysses engenhoso
Em seco o vaso, nas vizinhas grutas
Guarda o que tens, riquezas e aparelhos;

303-314 Venham contigo os prediletos socios.»
Persuadiu-me; encontro os meus na pra
A nutrir-se de choro e de suspiros:
Quais agrários
bezerros, quando as vacas
Ao curral vêm de relva saciadas,
Sem que os vedem redis, mugindo pulam
Das mães em derredor; assim me cercam
Lagrimando os consocios; cuidam quase
Ithaca ver em mim rude, mas terra
Onde foram gerados e nascidos,
E dizem-me a gemer: «De Jove aluno,

315-319 De rever-te folgamos, qual se aos campos
Volvêssemos da patria. Ora nos conta
O infortúnio dos nossos.» — Eu me apresso
A animal-os: «Varemos o navio,
O que elle encerra em grutas recolhamos;

320-326 Vinde comigo todos, que os amigos
No palacio de Circe á farta vivem.»
Prontos obedeciam, mas bradando
Euríloco os deteve: «Ah! desgraçados,
Onde imos? á mansão da maga Circe,
Que em porcos, lobos ou leões, vos mude,
E a rodar seu palacio vos constranja?

327-334 Tereis outra caverna do Cyclope,
Matadouro dos socios por audácia
Do insano Ulysses». Cala, e eu saco a espada,
Pretendendo a cabeça decepar-lhe,
Bem que parente fosse; mas os nossos
Com doçura o impediram: «Se o permittes,
Ele cá permaneça e a nau vigie,
E da deusa á morada nos conduzas.»

335-339 Saímos pois da praia, e da ameaça
Medroso o mesmo Euríloco nos segue.
Circe os outros cuidosa em casa banha
Perfuma e paramenta: em lauto bodo
Os achamos de túnicas e mantos.

340-345 Mestos a prantear se comunicam,
E o paço retumbava; a veneranda
Circe atalhou: «Não mais, divino Ulysses,
Vos exciteis ao luto. Eu sei dos transes
Padecidos por vós no mar piscoso,
De hostilidades mil que em terra houveste.

346-350 Comei, bebei, refocilai; no peito
Renasça o ardor que tínheis ao deixardes
Ithaca alpestre: agora ah! desabridos
Por tão penoso errar, por tantas mágoas,
Ao júbilo e prazer sois insensíveis!»

351-356 Comoveu-nos, e em mimos lá ficamos
Um ano inteiro. As estações decorrem
E longuissimos dias, e em segredo
Os meus advertem-me: «Infeliz, deslembras
O chão natal? O fado reservou-te
Á patria e aos lares teus.» Meu brio esperta.

357-361 Enquanto o Sol não cai, bom vinho e carnes
Desfrutamos; á noite, por obscuras
Salas dormindo os mais, subo ao divino
Tálamo refulgente e me ajoelho:
«Cumpre, Circe, a promessa, a patria anelo;

362-371 Por mim to rogo, pelos ais de tantos
Que em tua ausencia o coração me partem.»
A augustissima nympha respondeu-me:

«Divo astuto Laércio, constranger-vos
Não quero; mas convém baixeis primeiro
De Prosérpina e Dite á feia estância,
O vate a consultar cego Tirésias,
Único morto a quem a inferna Juno
O saber e o pensar tem conservado,
Não sendo os outros mais que aéreas sombras.»

372-375 De alma rasgada, a Circe a cama inundo,
Enjeito a vida, o claro Sol odeio;
Mas, de chorar e revolver-me lasso:
«Quem há-de, perguntei, pilotear-me?

376-378 No Orco nenhum desembarcou té hoje.»
«Isso, replica, não te dê cuidado:
Arma, Ulysses, o mastro, expande as velas;

379-390 Senta-te, e a Bóreas encomenda o rumo.
Quando, por entre o pego, á mole praia
E ao luco de Prosérpina chegares,
De salgueiros estéreis e altos choupos,
Surjas lá no Oceano vorticoso,
E á casa opaca de Plutão caminhes,
Onde o Cocito, que do Estige mana,
Com o ígneo Flegetonte, separando
Celsa penha os ruidosos confluentes,
Mete-se no Aqueronte. Ali, te aviso,
Em cova cubital por toda parte,
Libações vaza herói, de mulso e leite

391-400 Ás mãos ambas, depois de mero vinho,
Terceira de água, e branco farro mescles.
Implora os oucos manes e promete,
Em Ithaca immolada a melhor toura,
De dons a pira encher, e ao mesmo vate
Sacrificar sem mancha atro carneiro,
Flor dos rebanhos vossos. Dos finados
Assim que ás gentes ínclitas orares,
Pretas reses degola, macho e fêmea,
Do Érebo em face, e averso atenta o rio;

401-403 Hão-de presto acudir enxames de almas.
Queimar as hóstias esfoladas manda:
Vota a Plutão pujante e á seva esposa.

404-408 De espada em punho, junto á cova, impede
Que, antes de questionares a Tirésias,
Provem do sangue os manes: pronto o vate
Virá mostrar, ó capitão de povos,
Como sulques o ponto e á patria voltes.»

409-412 A Aurora em cróceo trono radiava:
Circe de capa e túnica vestiu-me;
Vestiu-se de alva estola fina e bela,
Cinto áureo atou, pôs á cabeça coifa.

413-415 Pelos salões desperto os camaradas,
Brando os careio: «Ao sono, sus, furtai-vos;
A partir me suade a mesma Circe.»

416-423 Afervoram-se alegres; mas não pude
Salvar a todos: Elpenor imbele,
Estólido e o mais moço, da vinhaça
Para se refrescar, dormiu sozinho
De cima no terraço, e ao movimento
E estrépito acordando, entontecido
Não desce a escada longa, mas do teto
Rui, fratura o pescoço, ao Orco afunda.

424-427 Falo aos demais: «Talvez cuideis que á patria
Vamos, amigos; prescreveu-me a nympha
Que, a Prosérpina e Dite visitando,
O Tebano Tirésias consultemos.»

428-433 Consternam-se a tal nova e se arrepelam.
A dor que importa? Á praia aproximados,
Chorando mestos, em pessoa Circe,
Rápida e invisa, á nau já tinha presos
Carneiro e preta ovelha: quem, se um nume
Quer subtrair-se, rastejal-o pode?

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XI

✦

1-3 Deitado ao mar divino o fresco lenho,
Dentro as hóstias, o mastro e o pano armados,
Em tristissimas lágrimas partimos.

4-9 Bom socio, enfuna e sopra o vento em popa,
Que invoca a deusa de anelado crino.
Tudo a ponto, abancamo-nos entregues
Ás auras e ao piloto; sempre á vela,
Sobre a tarde, os caminhos se obumbravam,
E aos fins chegamos do profundo Oceano.

10-14 Lá dos Cimérios de caligem feia
Cidade jaz, do Sol ao olho oculta,
Quer ao pólo estelifero se eleve,
Quer descambe na terra: intensa noite
Aos mesquinhos mortaes perpétua reina.

15-18 Da nau varada os animais tirando,
O Oceano abeiramos até onde
Nos indicara Circe. Perimedes,
Mais Eurílоco, as vítimas sustinha;

19-22 De espada a cova cubital escavo;
De mulso e leite libações vazamos
Ás mãos ambas, depois de mero vinho,
Terceiras de água, e branco farro mesclo.

23-34 Imploro aos oucos manes e prometo,
Em Ithaca immolada a melhor toura,
De dons a pira encher, e ao só Tirésias
Preto carneiro consagrar sem mancha,
Flor dos nossos rebanhos. Evocados
Os defuntos, as vítimas degolo,
Flui na cova o cruor: do Érebo as almas
Congregavam-se em turmas, noivas, moços,
Melancólicos velhos, virgenzinhas
Do luto prematuro angustiadas,
Muitos guerreiros em sangrentas armas
De êneas lanças passados; ante a cova,

35-37 Num confuso rumor, se atropelavam.
Pálido e em susto, exorto a que esfoladas
Queimem-se as reses pelo bronze troncas;

38-40 Voto a Plutão pujante e á seva esposa.
De espada arredo os mortos, que não bebam
Sem que eu tenha o adivinho interrogado.

41-43 Veio primeiro de Elpenor a sombra.
Que nos paços de Circe, pela urgencia,
Não chorado e insepulto abandonamos.

44-46 Lagrimo, ao vê-lo, comovido clamo:
«Como, Elpenor, mais presto ao reino escuro,
Que eu no alado navio, a pé chegaste?»

47-50 Ele em suspiros: «Sábio e grã Laércio,
Um nocivo demonio embebedou-me:
Do terraço de Circe, entontecido,
Pela escada não dei, caí do teto;

51-57 Fraturou-se-me o colo, eis-me no inferno.
Sei que do Orco irás inda á ilha Eéia:
Por teus caros ausentes, pela esposa,
Pelo pai que de ti cuidou na infância,
Por Telemacho exoro, único filho
Que tens no doce lar, de mim te lembres:
Teme os numes, enterra-me e pranteia;

58-61 Comigo, tais quais são, me queima as armas,
N'alva praia o sepulcro, por memória
De um miseravel, planta em cima o remo
Que entre os meus camaradas me servia.»

62-72 «Tudo, infeliz, bradei, será cumprido.»
E alternamos quietos mil tristezas,
De espada eu sobre a cova, e o simulacro
A derramar queixumes. Ao da madre
Minha, filha de Antolico, Anticléia,
Que ao ir-me a Tróia a luz inda gozava,
Vedo, a gemer com dor, que loque o sangue
Primeiro que Tirésias. De áureo cetro,
A alma aparece do Tebano cego,
Reconheceu-me: «Ao claro Sol fugindo,
Ai! vens a estância visitar funesta?

73-77 Pois da cova te arreda e o gume esconde,
Para que eu beba o sangue e profetize.»
Dês que embainho a espada claviargêntea,
Bebe o vate ymphalível e começa:
«O mel da volta, nobre Ulysses, buscas?

78-84 Neptuno irado, a quem cegaste o filho
To embarga. A seu pesar, tens de alcançal-o,
A seres comedido e os companheiros,
Do atro pego arribados á Trinácria,
Onde achareis pastando bois e ovelhas
Do Sol, que tudo vê, que exouve tudo:
Ileso o gado, a custo ireis á patria;

85-87 Ofendido, ao navio agouro a perda,
E a te salvares, tornarás tardeiro,
Só dos consocios teus, em vaso estranho.

88-90 Depararás no interno uns prepotentes,
Que estragam-te a fazenda, e requestando
A diva esposa tua, a presenteiam;

91-96 Mas, por tamanha audácia, a bronze agudo
Ás claras ou por dolo hás de puni-los.
Depois toma ágil remo, a povos anda
Que o mar ignoram, nem com sal temperam,
Que amuradas puníceas não conhecem,
Nem remos, asas de baixéis velozes.

97-100 Guarda o sinal: assim que um viandante
Pá creia o remo ser que ao ombro tenhas,
Finca-o no chão; carneiro e touro imoles,
Varrão que inça a pocilga, ao rei Neptuno;

101-104 Em Ithaca, aos celícolas por ordem
Hecatombes completas sacrifiques
Ali do mar vir-te-á mais lenta a morte,
Feliz velho, entre gentes venturosas.

105-107 Preenchidos serão meus vaticinios.»
«Tirésias, prossegui,
tal é meu fado.

108-110 Lá, do sangue remota, olhar seu filho
Nem ousa tácita a materna imagem:
Como há de perceber-me, ó rei, me ensina.»

111-114 E ele: «É simples: sincero, a quem permittas
Provar do sangue, falará; contidos,
Os mais recuarão». Nisto, o profeta
Pela estância Plutônia esvaeceu-se.

115-117 Aguardei minha mãe, que o negro sangue
Beber veio, e bradou-me lamentosa:
«Que! filho meu, chegaste á escura treva!

118-120 É difícil aos vivos, entre enormes
E válidas correntes; nau compacta
Há mister o Oceano invadeavel.

121-124 De Ílio, há muito errabundo, os socios trazes?
Ithaca inda não viste, a esposa tua?»
«Ah! minha mãe, respondo, urgiu-me a sorte
A vir ao Orco interrogar Tirésias.

125-129 Não fui á nossa terra, ou mesmo á Grécia;
Desde essa expedição, vagueio aflito.
Conta-me, adormeceste em sono eterno
Por doença aturada, ou pelas doces
Farpas da sagitífera Diana?

130-134 Conta-me de meu pai; se o caro herdeiro
Dos meus haveres goza, ou tem-nos outrem,
E cuidam que não volto. A esposa minha
Mora com nosso filho, os bens zelando,
Ou já foi por um grande conduzida?»

135-137 E a veneranda mãe: «Constante em casa,
Dia e noite suspira atribulada.
Ninguém dos teus domínios apossou-se;

138-143 Lavra-os Telemacho, e a festins o atraem
Próprios de quem justiça aos povos rende.
Só teu pai, da cidade sempre fora,
Sem macios colchões, tapetes, mantas,
Como os escravos, deita-se de inverno
Ao pé da cinza, veste humildes roupas;

144-151 De outono e de verão, na fértil vinha,
Em cama dorme de caídas folhas;
Por ti chora, e é dos anos molestado,
Em contínua tristeza. Tal finei-me,
Não da frecheira deusa a tiros brandos,
Não de mal que definha e roi a vida,
Mas de dor, meu bom filho; a tua ausencia
E as lembranças de ti me sepultaram.»

152-154 Três vezes ao materno simulacro
Fui me abraçar, três vezes dissipou-se
Igual ao vento leve ao sono alado.

155-162 Mágoa pungiu-me acerba: «A meus desejos
Te esquivas, minha mãe? ao colo os braços,
Ambos nos deleitássemos de pranto
Pela casa Plutônia! És vácuo espectro,
Pela augusta Prosérpina enviado
Para agravar meus ais? — «Não, contestou-me,
Filho amado, oh! misérrimo dos homens,
Não te engana a de Júpiter progênie;

163-165 É nossa condição depois da morte:
Os nervos carnes e ossos não mais ligam,
A fogueira os consome irresistível;

166-169 Tanto que a vida os órgãos desampara,
A alma como visão remonta e voa.
Quanto antes volve á luz, e tudo aprendas

Para á casta Penélope o narrares.»

170-175 Durante a nossa prática, incitadas
Pela ínclita Prosérpina, se apinham
De heróis muitas ou filhas ou mulheres:
A fim de uma por uma interrogá-las,
Sacar prefiro o gume dante o fêmur,
Para juntas o sangue não beberem;

176-180 Todas á espera, a cada qual pergunto,
E ia-me de seus casos informando.
Tiro primeira vi, que se aclamava
Do temerário Salmoneu vergôntea,
E de Creteu Eólides consorte.

181-187 Amorosa do fresco Enipeu divo,
Da pulcra veia á borda se entretinha:
Disfarçado no rio verticoso,
Á foz se encosta o Ennosigeu, cambiante
Curvo aqueu monte empina, que em seu grêmio
Sorve a mortal e o nume; o cinto á virgem
Ele desata, em êxtase embebida.

188-190 Cumulado o prazer, da mão lhe trava:
«Alegra-te, mulher, no giro do ano
Lindos gêmeos terás, que terna cries;

191-193 Ósculo de imortaes sempre é fecundo.
Anda, cala contigo, eu sou Neptuno.»
E se afundou no flutuante pego.

194-199 Tiro houve a Pélias e Neleu, de Jove
Régios ministros, na arenosa pilos
Neleu, Pélias na fértil em manadas
Ampla Iaolcos. A Creteu marido
Pariu também a guapa soberana
O éqüite Amitáon e Éson e Feres.

200-204 Antíope de Asopo eu vi: nos braços
Concebeu do Satúrnio Anfion e Zeto,
Que alcançaram Tebas a de sete portas
E a muniram de torres, pois sem elas,
Bem que heróis, habitá-la não podiam.

205-208 Alcmena Anfitriônia eu vi, que, ilusa
Unindo-se ao Tonante, Hércules teve
De ânimo de leão; depois, Megara,
Do semideus mulher, de Créon prole.

209-214 Epicasta eu vi bela, em cujo toro,
Fatal engano! entrou seu filho Édipo,
Ignaro parricida. O fato horrível
Tendo o Céo revelado, ele, por dura
Sentença divinal curtindo penas,
Os Cadmeus regeu na amena Tebas;

215-218 Ela em agro pesar, suspenso um laço
De Celsa trave, do Orco ás portas baixa,
Ao cúmplice legando quantas furias
Sabe evocar do inferno a dor materna.

219-222 A de Anfíon Iásides mais jovem,
Clóris vi, que Neleu com pingue dote
Esposou por formosa, herói que em Pilos
E na Miniéia Orcômeno imperava;

223-225 Do qual teve os gentis Nestor e Crômio,
Periclímeno ilustre, e aquela Pero
De todos maravilha ambicionada.

226-228 Por Neleu prometida a quem furtasse
De Íficlo as negras vacas largifrontes,
Só tentou vate exímio essa árdua empresa;

229-233 Mas, por destino austero, o agrilhoaram
Em Fílace os boeiros. Já corridos
Meses e dias e estações de um ano,
Tendo agouros solvido ao rei potente,
Libertou-se, de Jove por vontade.

234-236 A Leda eu vi, que a Tíndaro excelentes
Filhos pariu, Castor na picaria,
No pugilato Pólux: vivos ambos.

237-245 No térreo bojo, alternam vida e morte;
Por turno o Padre sumo os diviniza.
Vi de Aloeu a cônjuge Ifimedia,
Fera de concebido haver dous filhos
De Neptuno, Efialtes e Otogemeos,
Da alma terra pulquérrimos gigantes,

Após Órion, se bem de alento breve:
Aos nove anos, já tinham de cintura
Cúbitos nove, com tresdôbro de alto.

246-252 Movendo ao mesmo Céo guerra estrondosa,
Para a escalada, sobre o Olympo o Ossa
Tentaram pôr e sobre o Ossa o Pélion:
Talvez na puberdade o acabariam,
Se o de Latona e Jove os não matasse
Antes que o buço as faces lhes pungisse:
Ou flórea barba sombreasse os mentos.

253-255 Prócris e Fedra vi, de Mimos sábio
Ariadna filha, que Teseu de Creta
Para Atenas levava culta e fértil;

256-259 Mas de caminho lha embargou Diana,
De Baco a instâncias, na circúnflua Dia
Mera e Climene, Erifile odiosa,
Que traiu seu marido á força de ouro.

260-263 Mas, se nomeio quantas vi mulheres
Ou gênitas de heróis, ir-se-ia a noite,
Que, entre os socios a bordo ou neste paço,
Já me empenha balsâmica ao repouso.

264-266 A volta minha incumbe a vós e aos deuses.» —
Na eloqüencia enlevados os convivas,
Silêncio guardam pela sala umbrosa.

267-272 A alva Areta o quebranta: «Em forma e talhe
Que vos parece tal varão, Feaces,
E em mente sã? Bem que hospede meu seja,
Da honra participais: daqui não parta,
Sem dons lhe prodigardes na indigencia,
Pois tendes muito por mercê divina.»

273-281 Equeneu ponderou, maior na idade:
«Obedecei-lhe, amigos, não sem tento
Exprimiu-se a rainha; o exemplo e as ordens
Manem de Alcino.» E Alcino: «Enquanto reja
A marítima gente, igual aviso
O meu será. Comprime a impaciencia,
Té que, hospede, amanheça e os dons colhamos
Da tua volta os nossos curam todos,
E eu mais, cujo poder no povo estriba.»

282-286 Logo o astuto: «Em preparos da viagem
Com magníficos dons, ó rei possante,
Se um ano me entretens, um ano fico:
De mãos cheias á patria ir me aproveita,
Para ser venerado e mais querido.»

287-292 O rei continuou: «Prudente Ulysses,
Quem atentar em ti, não pode crer-te
Impostor, quais a terra esparsos nutre
A decantar mentiras sem contraste:
Sisudo e simples, como um vate narras
A história dos Aqueus e os lances próprios.

293-296 Viste algum bravo socio em Tróia extinto?
Cedo é para dormir, a noite é longa:
Se a tua dor consente o prosseguires,
A alvorada me encontre a ouvir teus casos.»

297-307 Ulysses prosseguiu: «Preclaro amigo,
Horas há de falar e horas de sono;
Mas, se o levas em gosto, não recuso
Dos meus contar-te os lutos e infortúnios,
E dos que, livres da cruenta guerra,
Na patria sucumbiram pela infâmia
De uma falsa mulher. — Disperso tendo
Prosérpina os femíneos simulacros,
O de Agamemnon surge, e os dos que Egistho
Com elle assassinou. Bebido o sangue,
Braços me estende, em lágrimas a pares;

308-311 O alento lhe falece, que era dantes
Em seus membros flexíveis, e eu carpindo
Lhe brado condoído: «Ó glorioso
Rei dos reis, como houveste o fatal golpe?

312-315 Domou-te o azul tirano em tempestade?
Ou mãos hostis em terra, ao dcpredares
Armentio e rebanho? ou defendo
O patrio muro e a honra das famílias?»

316-321 «Divo e sábio Laércio, respondeu-me,
Não me domou Neptuno em tempestade,
Nem mãos hostis em terra: Egistho á casa,
Com minha atroz consorte conluiado,
Atraiu-me, e no meio de um banquete,
Como a rês no presepe, derribou-me;

322-324 E estes socios comigo estrangularam,
Quais porcos de um ricaço destinados
A função por escote ou bródio ou núpcias.

325-330 Estiveste em conflitos e carnagens,
Mas por tão feio horror nunca choraste:
Cratera e mesas e comer e sangue
Mistos rolam; no chão pungentes gritos
Soam-me de Cassandra Priaméia,
Que ante mim trucidava Clitemnestra;

331-334 Soergo-me, e inda busco moribundo
Pegar do alfange; aparta-se a impudente,
Nem quis, no instante que eu baixava a Dite
Cerrar-me os olhos e compor-me os lábios.

335-339 Nada há mais sevo que a mulher indigna
Capaz de conceber tamanhos crimes.
A que esposei donzela assim tratou-me:
Crua morte me urdiu, quando eu pensava
Prazer vir dar a fâmulos e a filhos.

340-344 Torpemente manchou-se, e tanta infâmia
Tem as mais virtuosas deslustrado.»
«Hui! de Atreu contra a raça, exclamo, é fado
Que a Jove irritem feminis conselhos:
De tantos funerais foi causa Helena;

345-347 Traições tramou-te ausente Clitemnestra.»
E ele: «Austero á mulher nunca fraquejes;
Reveles o preciso, o mais lhe encubras.

348-351 Não virá de Penélope desastre,
Sábia filha de Icário intemerata;
Inda noiva a deixamos, ao partirmos,
Com seu filho de mama, hoje homem feito;

352-360 Ditoso hás de abraçal-o, há de elle ver-te:
No meu vedou-me saciar os olhos
Clitemnestra cruel. Mas, n'alma o graves,
Não fiar de mulheres; cauto e oculto
Aborda á patria, conta-me, entretanto,
Se no seio de Orcômeno ou de Pilos,
Ou junto a Menelau na vasta Esparta,
De meu filho soubeste; pois da terra
A Dite inda não veio o divo Orestes.»

361-365 «Para que hei de enganar-te? respondi-lhe
Se é vivo ignoro.» E enquanto lagrimamos,
Aparecem-me Aquiles e Pátroclo,

Mais Antíloco e Ajax, que ao só Pelides
Entre os Gregos cedia em gentileza.

366-368 O Eácida ligeiro, ao conhecer-me,
Gritou: «Sábio Laércio generoso,
Que te falta, infeliz, para empreenderes?

369-374 Vires ao reino escuro, só de aéreos
Incorpóreos fantasmas habitado!»
«Valente dos valentes, vim, lhe torno,
Perguntar a Tirésias como á patria
Fragosa aportarei. Mesquinho e errante,
Nela não estive, nem sequer na Acaia.

375-378 Tu, feliz no passado e no futuro,
Eras em vida qual um deus aceito,
E ora as almas dominas; do trespasso
Não deves pois te lamentar, Aquiles.»

379-383 «Ínclito Ulysses, retorquiu, da morte
Não me consoles; pago anteporia
Servir escassa rústica choupana
A defuntos reger. Dize, meu filho
Na frente sempre ou no tropel combate?

384-386 Que é de Peleu brioso? inda o veneram,
Ou na Hélade e Pítia hoje o desdenham,
Por que a velhice pés e mãos lhe tolhe?

387-391 Ao sol não mais respiro, como em Tróia,
Batalhões derrotando em pró dos Gregos:
Se eu tocasse um momento o patrio alvergue,
A intrepidez e audácia embotaria
Dos que o privem das honras e homenagens.»

392-397 «Nada, lhe digo, de Peleu me consta;
Mas de Neotólemo aqui te informo:
De Ciro transportei-o em nau bojuda
Aos grevados Aqueus. Sempre em consultas
Primeiro, sem desvio discursando,
A mim próprio e a Nestor se equiparava;

398-400 Sempre avante, na turba não se tinha,
Na refega a ninguém rendia a palma,
Sem conto propinando o acerbo trago.

401-405 Uma façanha apontarei sómente:
A Euripilo Teléfides com muitos
A bronze derribou, dos Ceteus cabo,
Que, por dons feminis, passara a Tróia,
E após Mênon divino era o mais belo.

406-409 O cavalo de Epeu quando montamos,
Abrir, fechar as cálidas insídias,
Ficou tudo a meu cargo: os reis e os chefes
Estremecendo o pranto sufocavam;

410-412 Pálido nunca o vi nas gentis faces,
Nunca uma lágrima enxugando. Oh! como
Do cavalo sair me suplicava!

413-418 Como apunhava a espada e a lança aênea,
Aos contrários minaz! Depois de rasas
As muralhas Priâmeas, embarcou-se
Com rica presa, ileso de êneos golpes
Ou de longe ou de perto, a comum furia
De Marte sem provar na atroz contenda.»

419-421 A alma do Velocipede, orgulhosa
Das noticias do filho, corta alegre
Em marcha triunfante o verde prado.

422-426 Outras males seus também me expunham;
Mas a de Ajax, de parte, irosa estava
Pelas armas de Aquiles, que a mãe Tétis
Ante as naus presentara, e por sentença
Me adjudicaram Teucros e Minerva.

427-429 Ah! nunca me coubera essa vitória,
Que o herói tumulou dos Gregos todos
O mais formoso e bravo, exceto Aquiles!

430-432 Meigo lhe imploro: «Exímio Telamonio,
Nem morto esqueces a fatal porfia,
Celeste punição da gente Argiva!

433-438 Da patria ó fortaleza, o luto nosso
Não foi maior quando morreu Pelides.
A culpa é só de Júpiter, que os Dânaos
Abomina e te impôs tão dura sorte
Chega-te, ouve-me, ó rei, teu ódio aplaca,
No ânimo generoso me perdoa.»

439-442 Não deu palavra, e tácito ia andando
No Érebo a esconder-se. Inda que torvo,
Me falara por fim; mas outras sombras
Examinar o peito me pedia.

443-454 Minos, gérmen Dial, tendo áureo cetro,
Sentado o avisto a conhecer dos mortos,
Que, esparsos no Orco, se erguem por seu turno,
Dizem do seu direito. Órion avisto,
Por várzeas de gamões a acossar feras
Que vivente abatera em montes ermos,
De érea clava na mão. — Eis Ticio, aluno
Da gloriosa Terra, que estendia-se
Por jeiras nove, e abutres, sem podê-los
Despregar, ás entranhas aferrados,
Lhe estão roendo o fígado, em castigo
Da tentada violencia á do Tonante

455-458 Casta esposa Latona, indo ela a Pito
Pelas do Panopeu ridentes margens.
Vi Tântalo também, num lago imenso
Que o mento lhe banhava, ardendo em sede.

459-461 Pois, a apagá-la se perdia o velho,
A água absorta escoando-se, um demonio
Aos pés seco atro lodo lhe mostrava.

462-464 Sobre a cabeça corpulentos galhos
Suspendiam-se frutas sazonadas,
Figos doces, romãs, pêras e olivas;

465-472 Mas, se o velho faminto ia colhê-las,
O vento as levantava ás densas nuvens.
Vi Sísifo, anelante e afadigado,
Em pés e mãos firmar-se, pedra ingente
Para um monte empurrando, e lá do cume
Galgado por Crateis, rolar de novo
O pertinaz penedo; ei-lo persiste,
Suor escorre e a testa se empoeira.

473-477 Hércules se me antolha, em simulacro,
Pois no céo liba o néctar, caro esposo
De Hebe de lindos pés, de Jove e Juno
De áureas sandálias filha: em guinchos de aves,
Cercam-no, espalham-se, a fugir os mortos;

478-489 Cor da noite, elle ajusta a frecha ao nervo,
Na ação de disparar, tétrico olhando.
Ao peito áureo talim cinge estupendo,
Onde leões, javardos e ursos, tinha
Com primor esculpidos, e recontros
E batalhas e estragos e homicídios:

Mestre algum peça igual fabricou nunca,
Nem há de fabricar. O herói sem custo
Reconhece-me e fala comovido:
«Nobre e sábio Laércio, ai! tens a sorte
Misérrima que tive, quando aos raios
Eu respirei do Sol. Nasci de Jove,

490-492 Mas fui de angústias mil atormentado,
Sujeito a homem de valor somenos,
Que me impunha asperissimos trabalhos!

493-495 Cargo o pior, mandou-me o cão trifauce
Cá prender; eu do inferno o tirei fora,
Por Mercurio ajudado e por Minerva.»

496-499 Disse e foi-se ao profundo; eu quedo espero
Por mais outros varões dos priscos tempos:
Gostoso a muitos vira, e contemplara
Pirítoo e Teseu, divina prole;

500-503 Mas com harto ruído infinda chusma
Ávida concorrendo, enfim de medo
Que do imo a soberana me enviasse
A Gorgônia horrendissima cabeça.

504-507 Rápido embarco a gente e safo os cabos;
Nas tostes a maruja, a correnteza
Pelo Oceano rio nos levava,
Ao som da voga e favoravel brisa.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XII

✦

1-4 Do rio Oceano ao pelago saímos,
Donde o Sol nasce e os coros são da Aurora,
E na praia da Eéia, a nau varando,
Á espera que alvoreça, adormecemos.

5-8 Da manhã mal assoma a rósea filha,
De Elpenor o cadaver buscar mando:
Num teso litoral cortam-se troncos,
Em pranto o corpo e as armas lhe queimamos;

9-16 Túmulo erguido e uma coluna em cima,
No alto sepulcro se lhe fixa o remo.
Durante os funerais, Circe, que do Orco
Nos sabia de volta, apressurou-se
Com servas, que trouxeram pães e carnes
E roxo ardente vinho: «Ó tristes, clama,
Tendes, vivos calando ao fundo abismo,
Dupla morte, e os mais homens têm só uma.

17-19 Comei, bebei de dia, e na arraiada
Navegai; vossa rota, e em mar e em terra
Como eviteis o dano, hei de ensinar-vos.»

20-31 Persuadiu nosso peito. Em pingue bodo
Libanos; e, ao crepúsculo da tarde,
Sobre amarras dormindo a marinhagem,

Circe me toma a destra, a par se encosta,
Pergunta-me de parte; eu por miúdo
A satisfaço, e ela assim discorre:
«
Pois bem; atende agora, e um deus na mente
Meu conselho te imprima. Hás de as sereias
Primeiro deparar, cuja harmonia
Adormenta e fascina os que as escutam:
Quem se apropinqua estulto, esposa e filhos

32-35 Não regozijará nos doces lares;
Que a vocal melodia o atrai ás veigas,
Onde em cúmulo assentam-se de humanos
Ossos e podres carnes. Surde avante;

36-41 As orelhas aos teus com cera tapes,
Eusurdeçam de todo. Ouvi-las podes
Contanto que do mastro ao longo estejas
De pés e mãos atado; e se, absorvido
No prazer, ordenares que te soltem,
Liguem-te com mais força os companheiros.

42-47 «Dali passado, a via não te aponto
Que te cumpre seguir; tu mesmo a escolhas.
Há dous penedos, que os Supremos chamam
Errantes onde fremem de Anfitrite
Ondas azuis, por onde nem transvoam
Fracas pombas, que a Jove ambrosia levam;

48-54 Precipita-se alguma, e o Padre logo
Produz outra e seu número completa.
Ai da próxima nau! maruja e lenho
Devoram chamas, furacões destroçam:
Á de Argos só fadado foi transpô-los,
De Etas vogando; e ali talvez jazera,
Se não fora Jasão tão caro a Juno.

55-58 «De um fere os céos o tope, calvo e a pique
De inverno ou de verão sempre enublado;
Vinte pés tenha e mãos, ninguém trepal-o
Ou deslizar por seu declive pode.

59-70 Antro abre em meio para as trevas do Orco;
Lá forçar cumpre a voga, ó nobre Ulysses.
Dos bancos, por mancebo vigoroso,
Vibrada seta ao fundo não vingara,
Onde a ladrar se aloja o monstro Cila,
Como tenrinhos cães, horrenda aos olhos
Dos próprios deuses: pernas doze informes,
Seis tem longos pescoços, nas seis bocas
Dentuça tríplice,
os colmilhos cheios
De negra morte; no antro semi-oculta,
Fora do báratro as cabeças lança,

71-74 Para cações pescar, delfins, baleias,
Que a sonora Anfitrite em barda cria.
Baixel de além surgir não mais se gaba,

Sem que um varão cada garganta engula.

75-81 O outro, fronteiro e ao pé, se eleva menos,
De frecha o atingirias. Tem florente
Copada baforeira, e as turvas águas
Em baixo ao dia vezes três Caríbdis
Sorve e revessa três; mas, quando as sorve,
Se ao vórtice terrível te acercasses,
Nem por Neptuno tu serias salvo.

82-87 Cose-te a Cila pois, amiúda o remo;
Seis é melhor perder que os socios todos.»
E eu: «Livre, ó deusa, da voraz Caríbdis,
Como de Cila poderei vingar-me,
Da ofensora dos meus?» — Tornou-me Circe:
«Guerras sonhas, demente, e contra numes?

88-90 Imortal, seva, tetra, inexpugnavel,
O remédio é fugir da imana Cila:
Se tardas, junto á rocha armando o braço.

91-95 Temo que novamente as seis cabeças
Mais outros seis remeiros te arrebatem.
Veloz navegues, e a Cratéis implores,
Que essa pariu flagelo dos humanos,
Para do assalto posterior contê-la.

96-105 Vai rumo de Trinácria, onde o Sol gordos
Há sete armentos e rebanhos sete,
Cada manada com cinqüenta reses,

Que nunca se propagam, nunca morrem:
A Faetusa e Lampécia de áureas tranças,
Do Hyperionio e de Neera filhas,
A mãe deusa educou-as, e em Trinácria
As destacou por guarda a pretas vacas
E ovelhas de seu pai. Se intactas forem,
Dificilmente abordareis á patria;

106-108 Senão, te agouro aos teus e á nau ruína,
Ou tarde e só te salvarás aflito.»
Circe retira-se ao luzir da aurora;

109-111 Embarco e mando suspender amarras;
A gente, pelas tostes ordenada,
A compasso verbera a salsa espuma;

112-122 Bom socio, enfuna e sopra o vento em popa
Que invoca a nympha de anelado crino;
Tudo a ponto, embarcamo-nos entregues
Ás auras e ao piloto; eu mesto falo:
«Não sómente um nem dous, amigos, saibam
O que a deusa das deusas me predisse,
Para informados ou morrermos todos
Ou da Parca fugirmos. Das Sereias
Evitar nos ordena o flóreo prado
E a voz divina; a mim concede ouví-las,
Mas ao longo do mastro em rijas cordas.

123-126 E se pedir me desateis, vós outros
De pés e mãos ligai-me com mais força.»
Mal acabava, á ilha das Sereias
Avizinha-se a nau com vento fresco.

127-129 Súbito acalma, e um deus serena as ondas;
Já ferrado no bojo o pano arreiam,
Do liso abeto ao golpe alveja a espuma.

130-134 De cera um disco a bronze em porções corto,
Forte as machuco e as amoleço ao lume
Do Hyperionio Sol, de homem por homem
Os ouvidos entupo; ao mastro em cordas
Atam-me pés e mãos, e aos remos tornam.

135-142 Eis, a alcance de um grito, elas, que atentam
O impelido baixel, canoro entoam:
«Tem-te, honra dos Aqueus, famoso Ulysses,
Nenhum passa daqui, sem que das bocas
Nos ouça a melodia, e com deleite
E instruído se vai. Consta-nos quanto
O Céo vos molestou na larga Tróia,
Quanto se faz nos consta n'alma terra.»

143-146 Destarte consonavam: da harmonia
Encantado, acenei que me soltassem;
Mas curvam-se remando, e com mais cordas
Perimedes e Euríloco me arrocham.

147-150 Nem já toava ao longe a cantilena,
Quando os consocios, desuntada a cera,
Desamarram-me enfim. Remota a ilha,
Vejo em fumo e escarcéos, um ruído escuto;

151-154 Ao marinho rumor, de susto as vogas
Largaram de repente, a nau parou.
De banco em banco, afavel os conforto:
«Provado, amigos, temos outros males;

155-157 Este não é maior que o da caverna
Do violento Cyclope; recordai-vos
Que o venceu meu denodo, engenho e tino;

158-163 Ânimo! obediencia; altas maretas
Curvados açoutai. Permita Jove
Que do passe escapemos! Tu, piloto,
Pois meneias o leme, não te olvides:
Fora daquele fervedouro e fumo
Orça, o escolho fronteiro não te assalte;

164-173 Se discrepas incauto, a morte é certa.»
Rendem-se ás minhas ordens. Só de Cila
Não menciono o perigo inelutavel,
Temendo que eles, de remar cessando,
Se agachassem no fundo. Eu mesmo esqueço
De Circe avisos; arnesado, empunho
Piques dous, e ao bailéo da proa corro

Para enxergar primeiro o pétreo monstro
Pernicioso aos meus: não pude, os olhos
Se bem cansasse em torno da atra rocha.

174-178 Pelo estreito gementes navegamos:
Cila é daqui; dalém, Caríbdis seva
Os salsos goles chupa: ao vomital-os,
Ferve a chiar como a caldeira ao fogo,
Sobe o rocio e borrifa os cimos ambos;

179-185 Ao sorvê-los, parece remexer-se,
Toa horrorosa a penha, e em baixo a terra
Mostra areia cerúlea. Amarelecem
E, estando nela o exicio afigurado,
Cila é que me arrebata uns seis guerreiros
De esforço e brio: olhando para os bancos,
Pernas lhes vejo e braços pelos ares;

186-192 Na agonia final por mim bramavam.
Qual de alto o pescador, por um caniço
Lançando em chifres
de selvagem touro
Isca e dolo a peixinhos, para cima
Palpitantes os puxa; tais levanta
Cila os meus, que devora á boca do antro.

193-195 As mãos rugindo os míseros me estendem!
Mares vaguei, sofri cruéis tormentos;
Nunca um tal espetáculo assombrou-me.

196-198 Atrás Cila e Caríbdis, avistamos
Ilha onde os nédios bois de larga fronte
E os rebanhos do Sol pastam sublime;

199-202 O mugir e o balar de bordo sinto:
Lembram-me anúncios do Tebano cego:
Lembra-me Circe, que vedou-me a entrada
Na ilha do Sol, delicias dos humanos;

203-206 Atribulado amoesto: «Ouvi-me, socios.
Com paciencia agouros de Tirésias
E os de Circe, que á ilha me proíbem
Do Sol portar, a todos nós funesta;

207-214 Dela o fusco navio impeli fora.»
Este anúncio os confrange, e molestou-me
Euríloco tenaz: «Ímprobo Ulysses,
Tu não cansas, teus membros são de ferro,
Pois de fadiga e sono a gente opressa
Na ilha vedas saltar onde aprestemos
Boa ceia, e á matroca temerário
Em trevas pelo ponto errar nos mandas.

215-217 Em procela, e noturna, onde abrigar-nos,
Se Noto ou Zéfiro em tufão rebenta,
Os mais duros ás naus, mau grado aos numes?

218-223 Ceda-se á escuridão; toca a cearmos,
E o pelago amanhã sulque-se embora.»
Do consenso geral tirei que a perda

Nos traçava um demonio: «Eis-me vencido,
Clamo, Eurílоco! Ao menos jurai todos,
Em rês alguma não bulir nefandos;

224-229 O que Circe nos deu comei tranqüilos.»
Juraram-me formais, e em porto ancoro
Ante uma fonte amena. Ao desembarque,
Curam da ceia; já repletos, lembram
Os que Cila voraz nos engolira,
Até que ao pranto lhes sucede o sono.

230-235 Da noite por um terço indo-se os astros
Grã borrasca o Nimbifero carrega,
Pego e terra embruscando, e rui do pólo
Denso negrume; e assim que a matutina
Aurora aponta, em gruta a nau pusemos,
De nymphas gentilissimas assento.

236-238 Oro em conselho: «Mantimentos sobram;
Será fatal comermos bois e ovelhas
Do acre Sol, que vê tudo e tudo exouve.»

239-250 Seu brio suadi. Sós Euro e Noto
Sopraram de contino um mês inteiro:
Pão tendo e vinho, abstinham-se das reses,
Cuidadosos das vidas; gastam mesmo
As vitualhas, pela fome urgidos
Que o ventre nos roía, á caça andamos
De aves e peixes, do que anzóis pilhavam,

Dardos, seta ou rojão. Pela ilha fui-me
Os deuses a rogar, se algum maneira
De sair me indicasse: as mãos lavando
Num abrigado, imploro á etérea corte,
Que me infundiu nas pálpebras o sono.

251-253 O mal, no entanto, Eurílocо sugere:
«Desgraçados, a morte é sempre feia,
Mas a pior é perecer de fome.

254-256 Os bois do Sol carnudo imolemos
Aos imortaes, e ao claro deus sublime
Na patria precioso orne-se um templo;

257-260 E se irritado, os outros consentindo,
For seu gosto afogar-nos, antes quero
Beber de um trago a morte em salsas ondas
Que ir em deserta ilha definhando.»

261-267 Aplaudem-no; e, prendendo os mais vistosos,
De larga fronte e retorcidos cornos,
Que ante a rostrada fusca nau pasciam,
Das vítimas em torno aos deuses votam
Uns grelos de carvalho alticomado,
Por faltar branco farro. Preces findas,
Matam, esfolam, separando as coxas;

268-272 Das quais por cima, em duplo zerbo envoltas,
Põem miúdas porções
do corpo inteiro,

E por não terem vinho para o fogo,
Água libando os intestinos assam.

273-276 Ao fixarem no espeto as gordas postas,
Sacudo o brando sono, e alvorotado
Á praia me encaminho. Já não longe
Das carnes sinto o recendente cheiro;

277-279 Aos Céos triste bradei: «Júpiter padre,
Numes, em divo sono me ensopastes,
Para um tal sacrilégio perpetrarem!»

280-283 Ao Sol voa Lampécia amplo-velada
O crime a delatar, e o Sol furente
Bramiu: «Jove, ó beatos sempiternos,
Puni-me do Laércio os companheiros;

284-292 Ah! mataram-me os bois, meu gosto e enlevo,
Quando eu subia ao céo, descia á terra:
Se vós não me vingais, vou-me a Sumano
A alumiar as sombras.» — E o Tonante:
«Ó Sol, aos deuses de luzir não cesses
E aos terrestres mortaes: a raio ardente
Hei de o baixel ferir e incendial-o
No seio do atro mar.» — Isto Calypso
Me declarou, que o soube de Mercurio.

293-297 Chegando á praia, increpo homem por homem;
Nenhum remédio havia ás mortas reses.
Manifestou-se a cólera suprema:

Peles serpeiam; carne assada ou crua
No espeto muge, a voz bovina soa.

298-301 Seis dias, não obstante, se nutriram
Do melhor da manada; e, o borrascoso
Vento acalmando ao sétimo, embarcamos,
E ereto o mastro, as velas desferimos.

302-304 Some-se a ilha, o pólo e o mar só vemos
Eis cerúleo bulcão sobre o navio,
Retém-no um pouco, enegrecendo as ondas;

305-308 Mas em rajada Zéfiro estridente
Rompe os ovéns do mastro, que á ré tomba
Atirando o maçame na sentina,
E á popa o crânio do piloto racha;

309-312 Da tolda qual mergulhador caindo,
A alma gentil os ossos lhe abandona.
Jove troveja; o raio a nau revira
E enche de enxofre, deita a gente fora;

313-317 Como alcatrazes de redor flutuam,
Da volta os priva um deus. Ando e regiro,
Té que descose a vaga as amuradas
E joga o inerme lenho; pela base
Fende o mastro, e o sustenta uma correia;

318-321 Com esta ao casco o ligo e em tal jangada
Leva-me o vento. Zéfiro sossega;
Mas Noto áspero angústias me acrescenta,

Ir outra vez receio ao freto imano.

322-333 Vago a noite; mas n'alva o escolho enxergo
De Cila e de Caríbdis, que medonha
Absorvia as maretas: eu, na altura
Da baforeira, á guisa de morcego
Me implico; os pés nem sento nem remonto,
Longe estando as raízes e a ramada
Que sombreia a voragem. Lá me agarro,
Té que, á hora em que o foro e os litigantes
Larga o juiz para cear, Caríbdis,
A meus desejos lenta, o mastro e o buco
Vomita: eu me despego, e na jangada
Baqueio estrepitoso, a braços remo.

334-341 O pai de homens e deuses, por salvar-me,
Tolheu que Cila então me lobrigasse.
Nove dias labuto, e o Céo me aporta
Já na décima noite á ilha Ogígia,
Onde acolheu-me e acarinhou Calypso,
Deusa de humana voz. Que resta? Em casa
Ontem me ouviste e a casta soberana:
Repetir o narrado é fastidioso.»

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XIII

✦

1-4 Calam-se todos, em deleite absortos,
Pela ampla sala opaca. E Alcino: «Ulysses,
Pois que vieste a meu palacio aêneo,
Teus males findos creio e teus errores.

5-9 Vós que a branda harmonia e o vinho de honra
Gozais em meus festins, ás ricas vestes
E ouro acendrado n'arca sua inclusos,
Dádivas dos senhores, por cabeça
Grandes bacia e tripode ajuntai-me;

10-12 Já que sós não bastamos, brinde o povo
Conosco á larga este hospede bizarro».
Aprovou-se, e a dormir se retiraram.

13-16 No arrebol da manhã de róseos dedos,
Levando o forte bronze, á nau concorrem;
Vindo Alcino em pessoa, nas bancadas,
Para a folgo remarem, dispõe tudo.

17-20 Ao paço tornam, do banquete cuidam:
O rei mata ao nimboso onipotente
E as táureas coxas torra; á mesa alegres,
O canto logram do acatado vate.

21-29 Ulysses, para o Sol volto a miúde,
No ocaso o quer, o embarque appetecendo:
Como a sombria tarde e a ceia anela
Quem, já de joelhos frouxos, pelo alqueive
Regeu de negros bois no arado a junta
O dia todo; a luz tal vê murchada
Ulysses, que aos marítimos Feaces
E ao rei perora: «Ó maioral de povos,
Despedi-me e libai; vós outros, salve!

30-34 Cheio o meu voto, com presentes parto,
De que o Céo por mão vossa enriqueceu-me
Ache eu no lar a esposa irrepreensível
E incólumes os meus. Ficai-vos todos
Satisfeitos com filhos e consortes;

35-38 Para impedir o público infortúnio,
Toda virtude os numes vos concedam.»
Louvando o siso do hospede facundo
Que despedi-lo cumpre a eito votam;

39-41 Alcino o arauto afronta: «Na cratera
Mescles, Pontono, do licor ardente;
Em despedida a Júpiter brindemos.»

42-46 Mescla Pontono e distribui o vinho:
Libam do assento aos imortaes beatos;
Mas Ulysses divino em pé, depondo

A bicôncava taça em mãos de Areta,
Rápido exclama: «Ó grã rainha, vale!

47-49 Parto; mas sê ditosa com teus filhos,
Teu povo e o nobre Alcino, até que venham,
Humana condição, velhice e morte.»

50-54 Aqui, salva a soleira: avante o arauto
Condu-lo á praia; á voz de Areta, as servas
Uma a túnica bela e o manto puro,
Outra uma arca tapada, enfim terceira
O pão leva consigo e roxo vinho.

55-59 Ledos a carga e o mantimento arrumam,
Cama de branco linho e moles colchas
Alastram no convés, onde silente
O herói deitou-se; da furada pedra
Solto o calabre, em renque a espuma agitam.

60-64 Enleiam-se as pálpebras num sono
Doce e quieto, semelhante á morte.
Como, incitada pelo açoute, o espaço
Mede orgulhosa máscula quadriga,
Das vagas ao rumor desfecha a popa;

65-69 Em seu vôo segura, preterira
Ao gavião, levissima das aves.
O Ítaco rei, no tento igual aos deuses,
Molestado em procelas e batalhas,
Esquece tudo em plácido sossego.

70-75 Abordou-se ao luzir a estrela d'alva,
Núncia a melhor da rubicunda aurora.
Tem no agro de Ítaco o marinho Forco
Porto, que a prumo cabos dous estreitam
E de ventos estrídulos defendem,
Onde vaso alteroso escusa amarras.

76-78 Espalmada, no fundo, uma oliveira
Gruta ensombra, de Náiades sacrário:
Ânforas há lapídeas e crateras;

79-81 Sussurrantes abelhas melificam;
Bancos de pedra encerra; as nymphas tecem
Maravilhosos purpurinos panos;

82-85 Possui água perene; dupla a entrada,
Uma ao norte acessível aos humanos,
Outra ao sul para os deuses. Meio impelem
De voga o lenho os práticos Feaces;

86-91 Adormecido Ulysses desembarcam,
Nas mesmas colchas e lençóis envolto;
Á sombra da oliveira os dons colocam,
Á larga obtidos por mercê de Palas,
Fora da estrada, a fim que não lhos toque,
Antes que elle desperte um viandante.

92-96 Isto acabado, para a Esquéria voltam.
Das ameaças ao divino Ulysses
Lembrado, ao grande irmão sondou Neptuno:

«Como hão de honrar-me, Júpiter, os deuses,
Se homens de mim provindos me desonram?

97-99 Sem proibir de Ulysses o regresso,
Que tu juraste mesmo, inda eu cuidava,
Antes de recolher-se, escarmental-o;

100-103 Mas puseram-no em Ithaca os Feaces,
Meu reino atravessando, e o cumularam
De ouro e bronze e tecidos, quanto nunca
Salvo de Ílio trouxera e teve em sorte.»

104-106 Respondeu-lhe o Nimbifero: «Hui! Neptuno,
Desprezarem-te os numes! Árduo fora,
Que és mais velho e prestante e prepotente.

107-109 Se um mortal altanado não te adora,
Puni-lo a teu prazer te cabe sempre.»
De novo o Ennosigeu: «Fal-o-ei, se o queres;

110-113 De irar-te, anuviador, me abstenho e fujo:
Para que mais ninguém transportar ousem,
Destruída na volta a nau Feácia,
Á cidade oporei montanha ingente.»

114-117 E Júpiter: «Irmão, da praia quando
Olhar curiosa a turba a nau que abica,
Trocada em penha, a forma lhe conserves,
Futuro assombro, e essa montanha eleves.»

118-121 Busca Neptuno a Esquéria, e quedo aguarda
A flutívaga nau, que ás bordas voa;
A mão carrega-lhe e a converte em rocha,
As raízes lhe afunda e se retira.

122-124 E a marinheira gente, uns para os outros:
«Ai! quem prendeu no pego, á vista nossa,
A nau que ao porto alígera aproava?»

125-130 Assim discorrem; mas arenga Alcino:
«Deuses, verificou-se o triste agouro!
Vaticinou meu pai que, por valermos
Aos náufragos, Neptuno em ira ardendo
Pulcro baixel á volta abismaria,
De alto monte a cidade circundando.

131-135 Cumpriu-se tudo; agora, obedecei-me:
Ninguém mais deste porto conduzamos;
Sacrifiquemos touros doze eleitos,
A fim que piedoso o rei Neptuno
Desse monte a cidade nos preserve.»

136-138 Com medo eis logo as reses preparavam,
Da ara em torno deprecam Neptunina
Dos Feaces os príncipes e cabos.

139-150 Abre os olhos na patria o divo Ulysses.
Ausente há muito, a estranha, pois de névoa
Palas Dial o cinge, para ignoto
O aconselhar, nem ser da esposa e amigos

E dos mais cidadãos reconhecido,
Sem dos procos vingar-se; pareceu-lhe
Diverso tudo, o acomodado porto,
Os extensos caminhos, os penedos,
As verdejantes árvores; desperto,
Olha em cerco, de palmas fere as ancas,
E lamenta e se carpe: «Ah! nestas plagas
Gente bárbara mora injusta e fera,

151-156 Ou pia e hospitaleira? onde é que vago?
Onde esconder os meus tesouros posso?
Estivesse na Esquéria, e me asilara
Outro brioso rei, que boa escolta
Me daria ao trajeto. Ignoro o meio
De guardar estes bens, que não mos roubem.

157-161 Certo nem eram probos nem cientes
Os que a Ithaca amiga prometeram
Levar-me a salvo e aqui me depuseram:
Desagrava-me, ó Júpiter, que amparas
Os suplicantes e a traição condenas.

162-165 Mas compute-se tudo, examinemos
Se eles de qualquer dom me desfalcaram.»
Já trípodes, bacias e ouro conta,
Conta os belos tecidos: nada falta.

166-174 Por Ithaca elle chama, Ithaca chora
Pelas praias do mar circunsonante,
Quando no vulto lhe aparece Palas
De um jovem ovelheiro, delicado
Como os filhos dos reis: pelico airoso
Aos ombros traça; aos pés chapins luzentes,
Floreia um dardo. Ulysses a encontrá-la
Corre contente, rápido profere:
«Pois me ocorres primeiro, amigo, salve!

175-179 Guarda-me estas riquezas e a mim próprio.
Como a nume to imploro de joelhos;
Declara-me que terra e povo é este:
Por acaso ilha amena, ou de gleboso
Continente um bojante promontório?»

180-187 A Olhicerúlea: «És, hospede, insensato,
Ou de país remoto. Que perguntas?
É conhecido o nosso dos que habitam
Para o noturno ocaso e a roxa aurora:
Alpestre e avesso a poldros, pouco vasto,
Viceja em trigo e vinha, que fecunda
Orvalho ou chuva; grato a bois e a cabras,
Tem várias selvas e perenes águas.

188-191 De Ithaca o nome em Tróia alto ressoa,
Em regiões da Acaia mui distantes.»
Folga o divino herói de estar na patria,
Que do Egíaco a filha annunciava;

192-198 Discursa presto, com desvio e austúcia,
Ardis sempre no peito revolvendo:
«De Ithaca ouvi na transfretana Creta,
Larga e longínqua. Aos meus deixando parte,
Fugi com estes bens, lá tendo morto
O régio garfo Orsíloco ligeiro,
Que no curso vencia os bravos Cressos;

199-203 Pois quis privar-me dos despojos de Ílio,
Ganhos com tanta lida nas batalhas
E a tanto mar escapos, de ciúmes
Que eu, a outros mandando, ás ordens nunca
Do genitor Idomeneu servisse.

204-212 Tendo um socio, no campo numa espera,
Orsíloco atravesso ao pé da estrada:
Oculta a morte pela opaca noite,
Ninguém por ela deu. Porção da presa
A ganância fartou de nau Fenicia,
Que me largasse em Pilos ou na diva
Élide Epéia. O rijo oposto vento
Afastou-nos do rumo, e constrangidos,
Não por fraude, arribamos pelo escuro;

213-218 No posto aqui saltando, sem tratarmos
De preciso repasto, nos deitamos.
Lasso peguei no sono; eles, na areia

Depositadas as riquezas minhas,
A Sidônia se foram populosa:
Triste ah! fiquei na praia abandonado.»

219-224 A Glaucópide rindo a mão lhe afaga,
Disfarçada em mulher vistosa e guapa,
Ilustre no lavor: «Sagaz e astuto,
Só te excedera um deus! matreiro e fino,
Mesmo exerces na patria os falsilóquios,
Dolos e ardis, que desde o berço amaste.

225-228 Não uses tu comigo de rodeios:
Se aos mortaes no juizo te avantajas,
Eu me avantajo aos deuses. Desconheces
Tritônia, que te assiste em dúbios transes?

229-236 Eu te fiz agradavel aos Feaces;
Agora venho consultar contigo,
E o tesouro esconder que ao povo egrégio
Inspirei te doasse. Em teu palacio
Olha que inda é forçoso padeceres:
A varão nem mulher tu não descubras
O teu regresso; tácito suportes
A própria dor e injurias e insolencias.»

237-239 Prudente Ulysses: «Deusa, ao mais sabido
Conhecer-te é custoso em tantas formas.
Sei que nas Tróicas lides me escudavas;

240-246 Mas dês que, rasa a Príamo a cidade,
Um deus nos dispersou, nunca a nau minha
Te viu, Dial progênie, em meus trabalhos:
De alma chagada, errei de praia em praia,
Até que o Céo de mim compadeceu-se,
Depois que entre os Feaces opulentos
Me confortaste enfim, me foste guia.

247-249 Eu não me julgo em Ithaca risonha;
Vago, e me iludes: por teu pai suplico,
Declara-me se estou na patria amada.»

250-252 «És, volve a deusa, um poço de suspeitas!
Facundo e sábio, de altaneiro engenho,
De ti não me descuido no infortúnio.

253-257 Quem não ardera, após tamanha ausencia,
Por ver seus lares e mulher e filhos?
Mas nada ouvir te agrada, sem provares
A constância da esposa, que em retiro
Dia e noite lamenta e curte mágoas.

258-261 Seu temor nunca tive, sim previa
Que só dos teus voltasses. A Neptuno
Não quis opor-me, tio meu, que irou-se
Por cegares seu filho Polifemo.

262-266 Ithaca vou mostrar-te, não duvides:
De Forco é este o porto; jaz no fundo
O antro e a basta oliveira, estância amavel,

Das Náiades sacelo, onde lhes deves
Sacrificar perfeitas hecatombes;

267-275 Aquele monte é Nerito selvoso.»
Dissipa a deusa a névoa; alegre a terra
O Ítaco reconhece, o almo chão beija,
E exalça as palmas e depreca ás nymphas:
«Progênitas de Jove, eu não pensava
Rever-vos mais; contente vos saúdo,
Mil dons hei de, como antes, offertar-vos:
Assim de Jove a predadora prole
Me consinta viver, medrar meu filho!»

276-278 Palas então: «Sossega, ânimo cobra.
No antro guarda-se tudo, e resolvemos
O melhor.» Eis penetra os escondrijos;

279-281 O herói carreta o ouro e o cobre e as roupas;
E, estando a bom recado esses presentes,
Ela aos portaes arrima grossa pedra.

282-288 Á raiz ambos da oliveira santa,
No castigo dos procos meditavam,
E Palas começou: «Divo Laércio,
De carregar o modo consideres
A mão nos insolentes que um triênio
Há que em teu paço imperam, dadivosos
A casta mulher tua requestando.

289-291 Ela porém suspira-te e pranteia,
E um por um entretendo com promessas,
A todos esperança e embai a todos.»

292-294 «Céos! acode o Laércio, em meu palacio
O fado me aguardava de Agamemnon,
Se não me houvesses, déa, esclarecido!

295-297 Eia, a maneira tece de vingar-me;
Está comigo, minha audácia aumenta,
Qual a soberba Tróia ao suplantarmos.

298-303 Se me ajudas, augusta protetora,
Eu basto só contra varões trezentos.»
Presto a Glaucópide: «Eu serei contigo
No executar-se a empresa; o vasto solho
Conto que o sangue e cérebro enodoem
De cada um dos vis que os bens te comem.

304-309 Vou, para ignoto seres, enrugar-te
A lisa pele dos flexíveis membros,
Sumir-te a loura coma, em despiciendos
Andrajos envolver-te, e aos vivos olhos
O brilho embaciar, para que a todos,
Mesmo a filho e mulher, pareças torpe.

310-319 Tu, busca o teu porqueiro, amigo vero,
Que a Telemacho e á mãe fiel tem sido;
Entre os marrões o encontrarás, da penha
Do Corvo em torno e da Aretusa fonte,

Onde, cevados com macia glande
E água lodosa, gordurentos viçam:
Indaga dele o mais, enquanto a Esparta
Ando-me em formosuras afamada,
A teu filho chamar, que novas tuas
Foi recolher de Menelau na corte.»

320-323 «Por que, argúi o herói, pois tudo sabes,
Não lho disseste? queres que erradio
Pelo indômito pelago padeça,
E que outros a substância lhe consumam?»

324-327 Minerva retorquiu: «Não te inquietes;
Eu mesma o encaminhei; porque destarte
Bem reputado seja: ora em seguro
Se acha do Atrida na abundante casa.

328-331 Almejando matal-o antes que aborde,
Armam-lhe os procos numa nau ciladas;
Mas tenho que primeiro a terra oprima
Alguns dos que a substância lhe consomem.»

332-334 Aqui, de vara o toca: a pele toda
Se lhe encarquilha, escalva-se a cabeça,
Olhos murcha; um decrépito afigura.

335-338 Deita-lhe um mau gabão, túnica em tiras
Suja e tisnada, e espólio nu de corça;
Dá-lhe um bordão, com torsos loros preso
Roto a lugares desmarcado alforje.

339-340 Isto enchido, apartaram-se, e Minerva
Endereçou-se á grã Lacedemônia.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XIV

✦

1-4 O herói, por serros e áspera azinhaga,
Segue do porto, á selva, o divo busca
Leal pastor, que lhe afirmou Tritônia
Ser dos escravos dele o mais zeloso.

5-8 Achava-se ao portal, num sítio alegre
Onde, n'ausencia do amo, edificara,
Sem da senhora auxilio ou de Laertes,
Vistoso amplo curral de pedra ensossa;

9-16 De espinho sebe em roda, e cerca de achas
Do cerne de carvalho externa havia.
Na área em chiqueiros doze conchegados,
Em cada qual cinqüenta, se espojavam
Prenhes porcas; dormiam fora os machos,
Poucos, pois de contínuo aos pretendentes
O mais nédio cevado remetia:
Trezentos e sessenta eram por todos.

17-23 Ao pé jaziam quatro cães de fila,
Pelo porqueiro maioral mantidos.
Este a seus pés talhava umas sandálias
De táureo tinto coiro; três ajudas

As varas pastorar, mandara o quarto
Conduzir constrangido um bom capado,
Que na regia a gulosos recheasse.

24-28 Ladrando os brabos cães a Ulysses correm,
Que assenta-se manhoso e o bordão larga;
Mas vítima seria, se o porqueiro,
Cair deixando o coiro, á pressa e em gritos
Não viesse a pedradas enchotal-os.

29-37 E a elle se virou: «Meus cães, ó velho,
Quase, por meu labéo, que te espedaçam,
E os deuses de outras penas me acabrunham:
Choro a engordar os cerdos para estranhos,
E o meu divo senhor quiçá faminto
Vaga de povo em povo, se é que vive
E goza a luz do Sol. Comida e vinho
Terás naquela choça, e tu repleto,
Me refiras teus males e aventuras.»

38-42 Na choça introduzido, em ramas densas,
De agreste cabra com velosa pele,
Do porqueiro acamadas, pousa Ulysses,
E lho agradece: «Abençoado amigo,
Compensem-te os Supremos o agasalho.»

43-47 Tu respondeste, Eumeu: «Ninguém desprezo,
Qualquer acolherei de ti somenos;
Jove os mendigos e hospedes protege,

Aprova os tênues dons que a medo faço,
Pobre servo, a mancebo submetido!

48-53 O Céo de meu senhor veda o regresso,
Que tanto me queria, e, como é de uso
Para com bons escravos laboriosos,
A envelhecer aqui, me enriquecera
Com mulher e pecúlio, pois os deuses
Têm prosperado meu serviço. Ai dele!

54-56 Pereça toda a geração de Helena,
Dano e exicio de heróis! Para essa Tróia
Também foi meu senhor vingar o Atrida.»

57-60 E ataca mal o cinto, e dous farroupos
Trazendo, os mata e lhes chamusca pêlo,
Corta, espeta, e no espeto o assado quente
Oferece e apolvilha de farinha;

61-63 Vinho melífluo em copo de sobreiro
Mistura, á face do hospede se assenta:
«Anda, ora come do que aos servos cabe;

64-71 Os cevados aos procos se reservam,
Que do castigo olvidam-se impiedosos.
Néscios! os numes a violencia odeiam
E a virtude honram só. De alheias plagas
Invasores hostis, que em naus de espólios

Onustas partem pôr favor de Jove,
Temem-se do castigo; os procos, julgo,
Voz divina informou da triste morte.

Nenhum de núpcias trata ou de ir-se embora,
Todos em voraz ocio os bens estragam:
Uma nem duas vítimas lhes bastam;

Noites e dias, quantos Jove alterna,
Consomem carnes, ânforas esgotam.
Em Ithaca e no escuro continente,
Não há magnata que possua tanto,
Nem vinte juntos; a resenha escuta:
Pastam-lhe em terra firme doze armentos,
E há porcadas iguais, iguais rebanhos,
Vastos cabruns encerros, com pastores
De fora ou do país; nesta ilha mesma,
Guardam fiéis cabreiros onze fatos,
E eu rejo estas pocilgas. Nós forçados,
Pensão quotidiana, remetemos

A mais nédia cabeça a tais senhores.»
Tácito Ulysses come e ávido bebe,
Ideando a vingança; e, confortado,
A copa do porqueiro aceita plena,
Jubiloso e veloz: «Rico era e forte
Quem te comprou, qual, hospede, o apregoas?

93-96 Morto o crês pela causa de Agamemnon:
Talvez o conhecesse eu vagamundo;
Sabe a etérea mansão, quando o nomeies,
Se ocultar testemunho em mim depares.»

97-99 «Velho, constesta Eumeu, não mais se apoiam
Em peregrino algum a esposa e o filho:
Quanto são mentirosos os mendigos!

100-102 A senhora os socorre e asila e inquire;
Mas incrédula geme, qual viúva
Que lamenta o marido ao longe extinto.

103-107 Urdir hoje uma fábula pretendes,
Para de capa e túnica mudares?
As entranhas cães e aves lhe tragaram,
Ou, dos peixes roído, a vaga os ossos
Lançou-lhe á praia e os cobre densa areia.

108-116 Morreu, morreu, deixando em luto amigos,
Mormente a mim, que o não terei tão brando,
Nem que de pai e mãe voltasse á casa,
Onde a luz vi primeiro e me criaram:
Tão saudoso os não choro e a patria amada,
Como Ulysses me lembra. Até receio,
Pois tanto me estimava e destinguia,
N'ausencia nomeal-o, irmão n'ausencia
Mais velho o chamo, a suspirar por ele.»

117-120 E o divo herói: «Bem que emperrado o negues,
Não temerário to assevero e juro,
Ulysses vem; de alvíçaras me aprontas
Capa e túnica, inteira vestidura;

121-129 Mas, inda que indigente, o prêmio enjeito,
Antes que elle se mostre em seu palacio:
Como do inferno as portas, abomino
Falácias da pobreza. Atesto Jove,
De teu amo o lar puro a que me encosto
E a mesa hospitaleira, o anúncio é vero:
Neste ano e lua mesma, ou na vindoura,
Cá de retorno, punirá severo
Os ultrajes da esposa e de seu filho.»

130-133 Não ganharás alvíçaras, meu velho,
Ajunta Eumeu; não conto mais com ele.
Bebe tranqüilo; outras lembranças volve,
Que este assunto angustia-me e contrista.

134-143 Juramentos a parte, oh! se viesse,
Qual o anelo, Penélope e Laertes,
E o deiforme Telemacho. Esta agora
Única planta choro, que ao celeste
Bafo eu supunha igual de rei medrasse
Em garbo, esforço e mente; mas, iluso
Por imortal ou por humano, a Pilos

Do pai foi-se em procura, e á volta os procos
O incidiam cruéis, para que arranquem
Da ilha a estirpe do divino Arcésio.

144-149 Basta; se escape ou não, toca ao destino,
E o Satúrnio o proteja. Ora me explanes
Quem és, de que família,
de que terra,
Os infortúnios teus; que exímios nautas
E em que navio aqui te conduziram?

150-156 A Ithaca não creio a pé viesses.»
Começa Ulysses: «Narrarei sincero.
Se de espaço a lograr teu vinho e pasto,
Incumbido o serviço a outros sendo,
Fôssemos nesta choça, inda que um giro
Decorresse anual, não me era fácil
Expor as penas que infligiu-me a sorte.

157-162 «O Hilácides Castor, na extensa Creta.
Gerou-me numa pelice comprada,
E a par de seus legítimos criou-me
E honrava em seu palacio; é glória minha
De um pai vir dos Cretenses endeusado,
Por opulencia e muita clara prole.

163-165 No Orco o sumiu fatal necessidade:
Meus irmãos tudo em lotes partilharam,
Escassos bens e um teto me cederam.

166-170 Casei por meu valor com rica herdeira,
Pois fugaz, nunca fui nem vil e inerte:
Posto porém que as forças me falecem,
De tamanha miséria quebrantadas,
Pela palha avalia o que era a messe.

171-174 De Mavorte e Minerva obtive audácia:
Hostes rompi; se, infenso e belicoso
Da emboscada elegia os camaradas,
Nunca da morte o horror se me antolhava;

175-178 Sempre avante, os contrários punha em fuga,
De lança indo alcançando os mais ronceiros:
Tal em combates fui. Nunca me aprouve
Na família cuidar, cuidar nos filhos;

179-181 Sonhava em remos, naus, zargunchos, frechas,
Em petrechos de guerra sanguinosos:
Dos homens são diversos os prazeres;

182-187 Um deus nesse meu ânimo cevava.
Antes de irmos a Tróia, vezes nove
Regi corsários: da escolhida presa,
Aos matalotes sorteado o resto,
Locupletou-se a casa, e entre os Cretenses
Tive grande renome e autoridade.

188-195 Mas, decretando Jove aquela empresa
Tão matadoura, os povos me expediram
Adido a Idomeneu; sem resistirmos,

Que o público rumor nos obrigava,
Velejamos. Nove anos pelejou-se:
Ao décimo, assolada Ílio Priaméia,
Dispersa no regresso a frota Aquiva,
Ai! guardou-me o Satúrnio outros pesares!

196-201 «Um mês único estando em meus haveres
Com filhos e a mulher que esposei virgem,
A vogar para o Egito inclino a idéa,
E nove embarcações tripulo em breve,
Reses degolo e sagro; os divos socios
De solenes festins seis dias gozam.

202-205 De Creta largo ao sétimo, e do puro
Bóreas ao fresco alento, qual se fosse
Veia abaixo, aportamos sem perigo,
Aos pilotos e ao vento encomendados.

206-216 Á quinta singradura o Egito enxergo,
No rio surjo caudaloso e belo;
Exorto a se manter a bordo a gente,
E encalho as naus flutívagas, mandando
Á terra exploradores. Estes loucos,
A impulsos do apetite, agros depredam,
Matam, mulheres e crianças roubam:
Mas, ao rumor, de madrugada acorrem
Éqüites e peões erifulgentes
Que enchem toda a campina e o Fulminante
Medo incutindo aos meus, nenhum resiste;

217-222 Cercados, parte a bronze agudo acaba,
É reduzido o resto a cativeiro.
Mesmo o deus (mais valera que eu no Egito
Falecesse e os trabalhos atalhasse)
Isto inspirou-me: o elmo da cabeça,
Do ombro tiro o broquel, deponho a lança;

223-229 Do rei boto-me ao coche e as plantas beijo.
Com mágoa do meu pranto, elle consigo
Dirigiu-me a seu paço; e, bem que de hastas
O sanhoso tropel me acometia,
Contê-los
soube, atento ao Padre sumo,
Ás injurias dos hospedes avesso.

230-234 «Sete anos lá no Egito enriquei muito,
Pois muito me brindavam; mas, no oitavo,
Cadimo comilão, vezeiro e useiro,
Induziu-me á Fenicia patria sua,
E me reteve. As estações volveram;

235-237 Para ajudal-o na descarga, á Líbia
Fingido o avaro me arrastou, vender-me
Tencionando: embarco suspeitoso.

238-249 Creta avistamos com sereno Bóreas;
Mas, alagada a ilha, os céos e o ponto
Sós nos rodeiam; Júpiter cerúlea
Grossa nuvem desfecha, ofusca os mares,

Fuzila, toa; um raio a nau revira
E enxofra toda; a gente cai nas ondas,
Como alcatrazes de redor flutuam,
Da volta os priva um deus; que, em tanta afronta,
No mastro me salvou. Nele abracei-me
Dias nove, e á dezena escura noite,
Quase a morrer de frio e de fadiga,
Arrojou-me á Tesprócia um rolo d'água.

250-252 Do régio herói Fídon o amado filho,
Levantando-me, ao pai guiou-me afavel,
Que me proveu de túnica e vestidos.

253-263 «Lá foi que ao bom monarca ouvi de Ulysses,
Hospede seu; mostrou-me os dons em cópia,
De ouro, de bronze ou trabalhado ferro,
Para dez gerações talvez sobejos:
Em depósito achavam-se no erário,
Dês que ao Dodonio falador carvalho
Foi-se o Laércio demandar a Jove
Se, após tão largo tempo, aqui regresse
Oculta ou claramente. O rei jurou-me,
Com libações, que a nau já tinha prestes
E a companha que á patria o conduzissem.

264-267 «Fídon, sendo teu amo inda em consulta,
Num Tesprocio navio, que a Dulíquio
Frumentária partia, remeteu-me
Á real proteção do ilustre Acasto;

268-274 Mas, com malvado arbítrio, ao largo a gente,
Maquinando afundir-me em servil dia,
Despojam-me, e o que vês grosseiro trapo
Vestem-me e este gabão. Na tarde abordam,
Prendem-me á toste com torcida corda,
Saltam para cear na praia amena:
Fácil os mesmos deuses me desatam;

275-278 Á cabeça o capuz, do leme ao fio
N'água deslizo, a braços remo e nado;
Inadvertido escapo, terra tomo,
De flório carvalhal me estiro á copa.

279-282 A suspirar procuram-me, e cansados
Vogam de novo: o Céo, pois meu destino
Inda é viver, manteve-me escondido,
E a benfazejo teto encaminhou-me.»

283-285 E Eumeu: «Tal vaguear, tanto infortúnio,
Me abalou. Só de Ulysses nada creio:
Homem cordato, como assim mentiste?

286-289 Balda esperança! Em Tróia o Céo vedou-lhe
Morte egregia ou nos braços dos amigos:
Honrara ao filho o túmulo exalçado,
E as harpias inglório o têm roído!

290-300 Solitário entre os porcos, só me movo
Da prudente Penélope ao chamado,
Quando há qualquer noticia. Os que a ladeiam,

Ou chorem meu senhor ou se comprazam
De gastar-lhe a fazenda, me interrogam:
Nada investigo, dês que um vago Etólio,
Neste alvergue hospedado por homizio,
Jurou que o viu na regia, estando em Creta
As naus a reparar de uma tormenta:
Que no estio ou no outono aqui seria
Com imensa fortuna e os divos socios.

301-304 E tu, velho infeliz, que o deus me envia,
Não penses me agradar com tais embustes:
Não te honrarei nem te amarei por eles,
Sim porque temo a Jove e hei de ti mágoa.»

305-309 Ulysses replicou: «Nem juramentos
Vencem-te a pertinácia! Ante os Supremos,
Sacro ajuste se firme: a vir teu amo,
Segundo os meus desejos, me transportes,
Com manto novo e túnica, a Dulíquio;

310-313 Senão, de alto os ajudas me despenhem,
Para que outro mendigo não te engane.»
Logo o pastor: «Minha virtude e fama
Agora e no porvir se manchariam.

314-316 Como! a vida arrancar-te, neste asilo
Depois de te acolher! Ao grã Tonante
Nunca mais suplicar me atreveria.

317-321 Hora é de ceia, e os socios cá não tardam,
Para mais abundante a prepararmos.»
Chegam nisto os serventes, e as manadas
A pernoitar encerram nos chiqueiros,
Que ressoam de roncos e grunhidos.

322-326 Insta-os o maioral: «Trazei-me um porco
Ótimo, que, immolado ao peregrino,
Regale-nos também, já que albidentes
Animais com fadiga pastoramos
E outros sem trabalhar impune os comem.»

327-330 Eis racha a bronze a lenha, e ao lar presentam
Um quinquene cevado. Não se esquece
Dos imortaes; raspa da nuca o pêlo,
Queima em primicias, do amo a volta implora.

331-335 Um troço de carvalho não fendido
Na rês descarga; sangram-na, chamuscam,
Desentranham, dividem; na gordura
Eumeu porções do corpo todo envolve
E ao fogo os põe de farro apolvilhadas;

336-344 As postas a preceito assam de espeto;
E, do brasido á mesa vindo as carnes,
Alçado o justo Eumeu, conforme ao rito,
Forma sete quinhões: um vota ás nymphas
E ao que nasceu de Maia, e os mais reparte
A cada comensal; o dorso inteiro

Do albidente por honra a Ulysses coube,
Que em júbilo exclamou: «Dileto a Jove
Tanto fosses, Eumeu, quanto me és caro.

345-348 Tu que nesta miséria assim me tratas!»
«Do que há, disse o pastor, come a teu gosto
O deus, hospede egrégio, os bens outorga,
Ou tira a seu prazer, pois tudo pode.»

349-356 E as primicias offerta aos Sempiternos,
Liba, o copo ao turrífrago sentado
Junto ao quinhão transmite. Os pães Melausio
Distribui, que o pastor, ausente Ulysses,
Sem sabê-lo Penélope ou Laertes,
Do seu comprara aos Táfios. Satisfeitas
Sede e fome, levanta o escravo a mesa,
E os convivas contentes vão deitar-se.

357-365 Brusca a noite, chovia sempre Jove,
Mádido sempre o Zéfiro espirava;
Por tentar se o capote lhe conceda
Solícito o pastor, ou qualquer outro,
Um conto Ulysses tece: «Eumeu, vós todos,
Escutai-me a vanglória; pois com vinho
Doudeja o sábio, cantarola e dança,
Ri solto, parla o que era bom calasse:
Ora desato a lingua, e nada encubro.

366-369 Oh! saúde eu tivesse e o vigor d'antes,
Ao pormo-nos em Tróia de emboscada!
Ulysses comandava e o louro Atrida,
Sendo eu terceiro por escolha de ambos.

370-374 Ante o muro jazíamos armados,
Entre urzes e morraças pantanosas;
Bóreas esfria o tempo, geia e neva,
Encaramela o arnez; de escudo aos ombros,
Dormindo os mais embrulham-se em capotes;

375-378 O meu tinha esquecido, não cuidoso
De que gelasse, e de broquel e banda
Nítida vim sómente. Um terço a noite
Já decorria, os astros resvalavam;

379-382 O cotovelo do vizinho Ulysses,
Que prestes me sentiu, belisco e falo:
— Solerte herói, domado pelo inverno
Vai-se-me a vida: falta-me o capote;

383-389 Que a túnica bastava persuadiu-me
Algum demonio, e agora é sem remédio. —
«Ele, exímio no prélio e no conselho,
Com pronto aviso em baixa voz responde:
Cal-te não te ouça a escolta. — E ao braço e punho
Apoiando a cabeça: — Amigos, disse,
Visão divina o sono interrompeu-me;

390-393 Longe estamos da frota; alguém se apresse
A pedir a Agamemnon um reforço. —
Lesto levanta-se o Andremonio Toas,
Larga o purpúreo manto e á frota corre;

394-399 Seu manto enfio, e durmo até que fulge
A aurora em trono de ouro. Ah! se eu tivesse
Aquela idade e força, um dos pastores
Me daria um capote, em reverencia
Ao homem de valor; mas, roto e velho,
Pouco socorro espero e poucas honras.»

400-403 Acode Eumeu: «Foi guapa a tua história
Nem discorreste em vão, cordato amigo.
Não te faleça roupa, ou cousa alguma
Que há mister suplicante peregrino;

404-408 Mas teus andrajos de manhã retoma;
De muda nada temos, uma andaina
De roupa há cada qual. Em vindo o filho
De Ulysses, te dará túnica e manto,
E os meios de partir para onde queiras.»

409-412 Nisto, ao fogão lhe achega e alastra a cama,
Que de espólios cabruns e ovelhuns cobre;
Deita-lhe em cima o gabinardo espesso
Que em temporais tremendos envergava.

413-419 O herói se estira, muito perto os moços;
Porém não pôde Eumeu longe dos porcos
Pegar no sono, e, com prazer de Ulysses
De que houvesses tal zelo em sua ausencia,
Para sair cortante espada ombreia,
Veste albornoz ao vento impenetravel,
Mais uma pele de crescida cabra;

420-422 Contra os mastins e os malfazejos dardo
Rijo empunha, e dormir foi com seus porcos
Em caverna de Bóreas abrigada.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XV

✦

1-6 Foi-se a Lacedemônia a instar Minerva
A que volte o magnânimo Ulisseida.
Ele e o Nestório ao pórtico repousam
De Menelau: Pisístrato num meigo
Sono estava; desperto o companheiro,
N'alta noite em seu pai medita e pensa.

7-18 «Telemacho, a Glaucópide bradou-lhe,
Não mais vagues, soberbos tendo em casa
Que, entre si partilhando, os bens te gastem:
A viagem falharia. Ao bravo Atrida
Requer a despedida, para achares
A casta mãe, do pai e irmão rogada
A casar com Eurímaco, o mais largo
Nos presentes e dote. Ela é possível
Que te desfalque; a natureza ignoras
Do peito feminil? Ao novo esposo
Quer aumentar: o antigo não lhe importa,
E dos primeiros filhos se deslembra.

19-25 Anda, á cativa que melhor julgares
Tudo comete, enquanto uma consorte
Não te destine o Céo. Mas, n'alma o graves,
Os mais valentes procos te insidiam,

Da áspera Same e de Ithaca no estreito,
Na ânsia de assassinar-te: eu creio que antes
Há de engolir a terra esses vorazes.

26-30 Navega ao mar das ilhas e de noite;
Vento haverás galerno e um deus propicio.
Assim que abiques na Itacense plaga,
Manda á cidade a nau; tu só de pronto
Vai-te ao porqueiro Eumeu, que te ama tanto;

31-33 Lá pernoita, e a Penélope despacha-o,
Que te annuncie incólume de Pilos.»
Acaba, e voa para o vasto Olympo.

34-36 Telemacho, ao Nestório o pé calcando,
O acorda: «Sus, Pisístrato, a caminho,
Aparelhem-se ungüíssonos ginetes.»

37-43 Mas Pisístrato: «Embora apressurados,
Não convém que trotemos pelo escuro.
A manhã vai luzir; os dons aguarda
Que Menelau no coche te acumule,
E nos despeça com gentis maneiras:
De herói tal a amizade não se olvida,
E a nossa gratidão será perpétua.»

44-46 A aurora então raiou. Vem ter com eles
O marcial Atrida, que se erguia
Do toro da pulcrícoma Lacena.

47-50 O de Ulysses querido, ao pressenti-lo,
Alva túnica cinge, aos largos ombros
O manto enfia grande, e fora o encontra:
«Príncipe excelso, á patria me remetas;

51-55 Já já partir o coração me pede.»
Responde-lhe o guerreiro: «A teus desejos
Não me oponho, Telemacho; reprovo
Que, por nímia afeição ou nímio enfado,
Seja detido o hospede ou repulso;

56-60 Dá-se igual dano, e todo excesso é vicio:
Parta á vontade, amemo-lo presente.
Espera que no carro os dons te alegrem,
E um almoço abundante se te apreste:
Viajardes sem fome, é lucro e honra.

61-65 Toda a Hélade e Argolida, consintas,
Em coche meu perlustrarei contigo:
De cidade e cidade não sem fruto,
Sequer aênea trípode haveremos,
Ou caldeira, ou dous mus, ou taça de ouro.»

66-70 E o sisudo mancebo: «O divo aluno,
De povos maioral, quero-me em casa:
Lá não deixei quem zele os meus haveres
Procurando a meu pai, temo a ruína,
Ou ser de meus tesouros defraudado.»

71-74 O rei pois encomenda a Helena e ás servas
O almoço, e do melhor: do leito surge
Eteoneu Boetóides, que era perto,
E ao fogo, á voz do Atrida, as carnes assa.

75-78 Menelau desce á câmara odorosa,
Descem com elle a esposa e Megapentes:
Copo tira dos cofres duplifundo,
E de prata a cratera traz o filho;

79-82 Da arca, onde os peplos tinha variegados,
Lavor seu, a formosa das formosas
Tira o mais amplo e lindo, que debaixo
Entre os outros fulgia como estrela.

83-89 Sobem de novo, e Menelau perora:
«Cumpra o de Juno troador marido
O que anseias, amigo. Obra Vulcânia,
E a melhor que possuo, te ofereço,
Uma argêntea cratera de orlas de ouro:
Deu-me em brinde hospital, á volta minha,
Fédimo o rei Sidonio; eu dou-ta agora.»

90-94 Nisto, passou-lhe ás mãos primeiro o copo;
Mas a cratera, o forte Megapentes.
A rainha pegou do fino peplo:
«Toma, Helena o teceu; tal prenda, filho,
Orne-te a noiva á hora appetecida.

95-98 Entanto, a mãe to guarde em seu palacio;
De mim terno conserva esta lembrança.»
Ele contente o aceita; o herói Pisístrato,
Que admira os dons, num cesto os acomoda.

99-102 Á sala os endereça o flavo Atrida:
Em camilhas sentados, uma serva
Água em bacia argêntea ás mãos entorna
De áureo jarro, e desdobra e limpa a mesa;

103-105 Os pães a despenseira atenciosa
Traz da copa e iguarias reservadas;
Eteoneu trincha e distribui as carnes;

106-110 Ministra o vinho o ilustre Megapentes;
Logram-se do banquete os comensais.
Depois jungem Telemacho e o Nestório
O árdego tiro, ao vário coche montam,
E o vestíbulo deixam ressonante.

111-114 Menelau vai com eles, áurea taça
Tendo na destra, a fim que á despedida
Libem do almo licor, e ante a parelha
Venerando lhes fala: «Adeus, mancebos;

115-117 Recomendai-me ao ínclito Gerênio;
Doce pai me foi sempre, enquanto aos muros
De Ilion nós os Grajúgenas pugnamos.»

118-121 «Á risca, ó generoso, o teu recado,
O Ulisseida acudiu, referiremos.
Oh! se na volta, os ricos dons á vista,
Eu contasse a meu pai favores tantos!»

122-124 Súbito uma águia á destra sobrevoa,
Empolgando no pátio enorme ganso;
Mulheres e homens a gritar a seguem;

125-128 Apropinqua-se aos moços e á direita
Alteia o surto; em regozijo atentam,
Mas Pisístrato: «Observa, ó rei sublime,
Se é para ti, se para nós o agouro.»

129-131 Considerava o Atrida na resposta,
E o precede a mulher de peplo ornada:
«A solução do agouro o Céo me inspira.

132-136 A águia, ao baixar da brenha onde há seu ninho,
O ganso arrebatou nutrido em casa:
Tornando Ulysses de aflições e errores,
Ultrajes punirá; se é que não veio,
E, plantada a vingança, o fruto espera.»

137-141 Telemacho, do carro: «Oh! permittisse-o
De Juno o esposo! A ti, que se um deus fosses,
Deprecaria.» Nisto, açouta os brutos,
Que por entre a cidade ao campo correm,
Sem todo o dia desjungidos serem.

142-146 Cadente o Sol e escuros os caminhos,
Em Feres hospedados por Díocles,
Filho de Orsíloco, o do Alfeu renovo,
Pernoitam; mas, na aurora, o coche arreiam,
Do sonoro vestíbulo despedem.

147-150 Incitada a parelha e por si voa,
Até que a celsa Pilos descortinam.
Ao Nestório Telemacho virou-se:
«Como é que hás de a promessa preencher-me?

151-153 Hospedes nossos pais, idade a mesma,
Esta viagem nos liga: além do embarque
Não me leves, aqui me apeio, amigo;

154-158 Temo instâncias do velho afetuoso,
E urge a partida.» — O jovem pensa um pouco,
E á nau ligeiro trota; nela encerra
As dádivas do Atrida: «Amigo, disse,
Antes que eu entre em casa, embarcai todos.

159-163 O ânimo e fogo de meu pai conheço:
Há de vir em pessoa demorar-te,
Sem de vazio andares; já prevejo
Contra mim seu furor.» Os crinipulcros
Toca para a cidade e se recolhe.

164-169 «Aparelhai, Telemacho aos seus grita,
Eia, á derrota.» E enquanto aparelhavam,
Á popa ora a Minerva. Ao libar, chega

Por homicídio um de Argos exilado,
Geração de Melampo, que habitara
Em Pilos, mãe de ovelhas, celso alcáçar.

170-175 Desterrou-se Melampo, receoso
Do preclaro Neleu, que inteiro um ano
Reteve-lhe os tesouros, quando preso
No torreão de Fílaco estivera,
Penas curtindo, por amor de Pero,
Da atroz Erínis sugestão ruinosa.

176-178 Livre, trouxe de Fílace os mugintes
Bois a Pilos; do cru Neleu vingou-se,
Raptada a esposa para o irmão levando.

179-182 Passou-se ao povo de Argos pascigosa,
Onde era fado em muitos imperasse:
Lá casando, um palacio ergueu soberbo,
E houve os bravos Antífates e Mântio.

183-189 Antífates foi pai de Oicleu brioso;
Oicleu, de Anfiarau da gente amparo,
Do coração do Egíaco e de Apolo:
Da velhice, contudo, sem que á porta
Batesse, em Tebas sucumbiu traído,
Por enfeites, peitada a mulher sua,
Já de Alcméon e Anfíloco mãe sendo.

190-192 Gerou Mântio a Polifides e Clito:
Da amante Aurora Clito arrebatado,
Por formoso entre os numes se numera;

193-196 A Polifides, morto Anfiarau,
Fez Apolo um profeta, que eminente
Vaticinava a todos, na Hiperésia
Pelas iras paternas emigrado.

197-204 Profeta era também Teoclímeno,
Filho seu, que, a Telemacho avistando
Em preces e a libar, alvoroçado:
«Amigo, lhe clamou, já que te encontro
Num sacrificio, pelo deus que honoras,
Pela cabeça tua e a dos consocios,
Franco as minhas perguntas satisfaças:
Quem és? de que família? de que terra?»

205-208 Ei-lo sério e prudente: «Eu não te iludo
Ítaco, hospede, sou; meu pai, Ulysses:
Neste negro baixel, com estes, ando
A investigar da triste morte sua.»

209-212 «E eu, torna-lhe o adivinho, expatriei-me,
Tendo matado um cidadão potente:
Perseguem-me os irmãos, e a tribo inteira,
De alta influencia e poderio em Argos;

213-216 Vago a fugir da Parca. Tu me asila,
Eu to imploro.» — E Telemacho: «Por certo
Não te repulso; em meu baixel, amigo,
Igualmente que nós serás provido.»

217-224 Aqui, toma e ao convés lhe encosta a lança;
Consigo á popa o assenta. Á voz tonante,
Cabos safa a maruja, á faina atende:
Reto encaixam na base o grosso abeto
E o firmam nos ovéns, por tortos loros
Içada a vela expandem. Manda Palas
Brisa feliz, que pelas salsas ondas
Faça o navio despejar caminho.

225-228 Do Nubícogo ao sopro, o Sol no ocaso,
Perpassa Feres, Élide costeia,
De Epeus domínio; entre ilhas eriçadas
Voga dali, da morte ou vida incerto.

229-231 Na choça entanto o herói com seus pastores
Ceava, e após sondou se Eumeu queria
Inda mantê-lo: «Agora a vós me explico.

232-235 Tenciono de manhã de porta em porta,
Por não vos ser pesado, ir ás esmolas;
Fiel guia hei mister para a cidade,
A mendigar meu pão sou constrangido.

236-238 Vou dar noticias do divino Ulysses
Á modesta Penélope, e o sustento
Pedir aos soberbões, que o têm de sobra.

239-243 Servi-los-ei; pois, graças a Mercurio
Que honra e prospera as obras, to assevero,
Ninguém melhor o fogo arruma ou poupa,
Racha lenha, cozinha, assa, escanceia:
Primo no que o pequeno ao grande presta.»

244-247 E o porqueiro indignado: «Enloqueceste?
Projeto ymphausto! Se perder-te anseias,
Busca essa corja desdenhante e ingrata,
Cuja violencia o férreo céo penetra.

248-250 Não como tu, sim bem trajados moços,
Loução de ungida coma, lhes ministram
Vinho e manjares na profusa mesa.

251-253 Fica, a mim nem aos socios enfastias;
Venha Telemacho, e terás vestidos
E os meios de partir, como é teu gosto.»

254-256 Paciente o Laércio: «Ao rei dos numes,
Quanto me és caro, Eumeu, dileto sejas,
Pois de tamanho peso me alivias!

257-259 Nada há pior que errar sem domicilio:
Flagela ao triste o vitupério, a fome
O rói e abate, e o pungem mil desgostos.

260-263 Já que esperar Telemacho me ordenas,
Da mãe de Ulysses, de seu pai me informes,
Da velhice deixado ás negras portas:
Gozam do Sol, ou do Orco estão nas sombras?»

264-268 Franco Eumeu: «Vivo o pai, morte ao Supremo
Roga, dês que a mulher, do ausente filho
Agravando-lhe a mágoa, falecida
A velhice apressou-lhe: a um fim tremendo
Foi da materna dor precipitada!

269-273 Ah! fujam quantos amo a tal miséria.
Mau grado ás aflições, lhe era jocundo
Entreter-se comigo: a par criou-me
Da velada Ctímena, ultima filha,
E quase amor igual me demonstrava.

274-277 Na leda puberdade, em Same a casam
Com dote infindo, e aos seus currais preposto,
Bem vestido e calçado, meiga e boa
Envia-me Anticléia. Amarga perda!

278-285 Mas o Céo frutifica os meus granjeios;
Deles me nutro e valho a desditosos.
Oh! se ouvir da senhora inda eu pudesse
A amiga voz! O paço lhe invadiram
A insolencia e a desgraça: interrogá-la,

Ou já da própria mesa é-nos vedado
O comer e beber, ir para o campo
Com seus dons, o que a fâmulos consola.»

286-289 «Ah! da patria e parentes, clama Ulysses,
Roubaram-te em menino! Ingênuo expõe-nos:
És de vasta cidade sovertida,
Que teu pai habitasse e a casta mãe;

290-293 Ou junto a bois e ovelhas te furtaram,
E a teu senhor venderam-te piratas?»
E Eumeu: «Pois bebe e escuta, a noite é grande:
Apraz dormir, também deleita o conto;

294-296 Nímio sono aborrece, e não te quadra.
Se algum destes o quer, pode ir deitar-se,
E n'alva almoce e o gado heril pastore.

297-299 Nossas penas á mesa recordemos.
Quem longo há padecido e vagueado,
Acha prazer em memorar seus males.

300-303 «Demora Ciros (se hás noticia dela)
Ilha onde estão marcados os solsticios,
Além da Ortígia; embora pouco vasta,
Em greis abunda e armento, em grãos e vinho.

304-306 Lá fome nem doença invade os homens:
No grêmio da família acabam velhos,
Do Argentiarquivo e Febe asseteados.

307-310 Lá, nas duas cidades, o Ormênides
Ctésio meu divo pai reinava, quando
Chatins Fenicios dobres a abordaram,
Onusta a nau de industres bagatelas.

311-315 De casa esses velhacos seduziram
Feniça esbelta e linda, em obras destra:
Lavava, e um deles, junto á nau gozando-a,
A embriagou de amores e caricias,
Que á mulher mais honesta o juizo enturvam.

316-322 Rogado a moça, declarou quem era
E o paço meu paterno: — Ser blasono
Da erífera Sidônia, do opulento
Aribas filha; Táfios me roubaram
Ao vir do campo, a Ctésio me venderam,
Que lhes pagou por mim preço avultado. —
«O amante acrescentou: — Pois vem conosco;

323-330 Verás teus pais, que o nome têm de ricos,
Em seu alto palacio. — Isso eu faria,
Prosseguiu, se a meus pais restituir-me
Salva jurásseis todos. — Eles juram,
E a moça: — Nunca mais, em fonte ou rua,
Nenhum de vós me fale; que, se o velho
O suspeita, em prisões há de lançar-me
E urdir a morte vossa. Eia, segredo;

331-333 Completo o vosso escambo e a carga dentro,
Avisai-me com tempo: quanto pilhe,
Ouro trarei. Mor frete oh! se eu vos desse!

334-337 Nas casas do senhor penso um menino
Travesso e andejo; á nau guial-o posso:
Com elle alcançareis copioso lucro,
Se for mercado ao longe. — Disse e foi-se.

338-344 «Um ano inteiro a traficar despendem;
E, abarrotada a nau de veniagas,
De meu pai veio ao paço um núncio esperto
Com brilhante colar de electro e ouro
Que remirando minha mãe e as servas
De mão em mão passavam: justo o preço,
O sinal faz á escrava e se retira.

345-348 Ela trava de mim, sai fora; encontra
Nas mesas ao vestíbulo a baixela,
Que de meu pai servira aos convidados,
Para o conselho popular partidos;

349-352 No seio três esconde copos de ouro:
Com pueril descuido a vou seguindo.
Cedia o Sol á treva: ao porto fomos,
Onde o navio estava, pressurosos;

353-363 Embarcados, soprando amigo Jove,
Fendemos logo as úmidas campinas.
Seis dias e seis noites navegamos:

Subitamente, á sétima jornada,
Como gaivota, a péssima Feniça,
Aos golpes tomba da frecheira deusa
No bojo do navio, em pasto aos focas
E aos peixes foi dos cúmplices entregue,
Eu triste fico e só. Do mar e vento
Aqui trazido, me comprou Laertes:
Ithaca assim de então meus olhos viram:»

364-366 «Eumeu, responde o herói, tocou-me n'alma
A simples narração das mágoas tuas!
Mas Jove misturou-te os bens e os males;

367-370 Depois desse revés, entraste em casa
Benévola, onde a vida se te escoa
Sem fome e dissabor: de praia em praia
Errante chego, da pousada incerto!»

371-375 Finda a conversação, dormiram pouco;
Veio em breve luzindo a roxa aurora.
A vela os de Telemacho arriando,
O mastro abaixam, para o porto vogam,
Amaram, saltam. Já na areia almoçam;

376-381 E, saciada a fome e ardente sede,
Ergue o príncipe a voz: «Para a cidade
Remai; que eu vou-me aos campos e pastios,

Á tarde, assim que os vir, serei convosco,
E em prêmio desta rota, na alvorada
Almo havereis convívio e doce vinho.»

382-384 «E eu, reclamou Teoclímeno vate,
Onde irei filho? á casa de um magnata
Que em Ithaca domine, ou da mãe tua?»

385-392 Prudente o moço: «A nossa eu te indicara,
Em dons hospitaleiros abundante;
Mas pior te seria, pois me ausento,
Nem verás minha mãe, que em cima tece
E raramente mostra-se. Eu te inculco
O de Pólibo Eurímaco, adorado
Em Ithaca, o rival mais extremoso
Que de Ulysses o reino e o toro afeta.

393-397 O Olímpio etéreo o sabe, e se tais núpcias
Não tem de alumiar da morte o facho.»
Aqui, núncio de Apolo, um circo á destra
Voa e depena a unhas uma pomba,
E entre o navio e o chefe atira as plumas.

398-402 A Telemacho o vate, em separado,
A mão pega e lhe diz: «Sem nume á destra
Essa ave não voou; de fronte olhando,
O agouro conheci: mais que outra, sempre
Reinará neste povo a estirpe vossa.»

403-405 O príncipe gritou: «Se tal se cumpre,
Liberal provarás minha amizade;
Poderão proclamar-te venturoso.»

406-409 Vôlto ao filho de Clito: «És dos que a Pilos
Me seguiram, Pireu, quem mais distingo
Na obediencia: este hospede agasalha,
Acarinha e afeiçoa, até que eu venha.»

410-412 Responde-lhe Pireu: «Por mais que seja
Longa a demora tua, hei de afagal-o
E prevenir em tudo os seus desejos.»

413-416 Então Pireu se embarca, e a seu mandado
Soltam cabos e abancam-se nas tostes.
Pulcros talares calça, e de érea ponta
Lança arvora Telemacho robusta.

417-420 Para a cidade os socios navegavam,
Como ordenara o ínclito Ulisseida;
E elle ás pocilgas parte, que o zeloso
Fiel porqueiro a seu senhor mantinha.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XVI

✦

1-3 O herói de madrugada e Eumeu divino
Fogo acendem na choça e almoço aprestam,
Indo os serventes pastorar os porcos.

4-7 Sem latir, a Telemacho aventando,
O festejavam cães; sentindo Ulysses
As caudas a mover-se: «Eumeu, gritou-lhe,
Ou socio ou conhecido se aproxima;

8-11 Tropel me soa, e os ledos cães não ladram.»
Mal acabava, á porta o jovem pára;
E, pulando o porqueiro atabalhoado,
Caem-lhes os vasos e o licor transfuso;

12-15 A encontro, as mãos lhe beija e a testa e os olhos.
Qual pai, ao décimo ano, ameiga a prole
De longes terras vinda, a só que em velho
Teve e lhe suscitou mil pesadumes;

16-19 Tal o pastor seu amo acaricia,
Como um ressuscitado, e exclama e chora:
«Eis-te, meu doce lume! dês que a Pilos
Navegaste, rever-te não contava.

20-23 Entra, meu coração deleita, ó filho,
A nós restituído: raro o campo
Visitas e os pastores; na cidade,
Contino observas os funestos procos.»

24-28 «Velho irmão, diz Telemacho, obedeço;
Ver-te e ouvir-te aqui venho; tu me informes
Se inda está minha mãe no seu palacio,
Ou se casou: talvez aranhas torpes
Jazam de Ulysses no vazio leito.»

29-31 «Ela, o informa o pastor, no teu palacio
Constante sofre; a suspirar consome
A noite aflita e o lagrimoso dia.»

32-36 A lança então recebe, e o amo salva
A lapídea soleira. O assento Ulysses
Quer ceder, mas Telemacho o proíbe:
«Não te incomodes, hospede; um assento
Me ajeitarão.» Seu posto Ulysses toma;

37-41 Ele abanca-se em ramos que de peles
Eumeu forra. O pastor pães em cestinhos,
De assados põe de véspera escudelas,
Num canjirão mistura o doce vinho,
Do grã Laércio em frente se coloca;

42-44 Os comensais atiram-se ás viandas.
Fartos enfim, Telemacho interroga:
«Velho irmão, como este hospede aqui veio?

45-47 Que nautas o trouxeram? de que terra?
A Ithaca não creio a pé viesse.»
Assim falaste, Eumeu: «Digo a verdade.

48-50 Ser de Creta blasona, e haver corrido
Muitas cidades por divino influxo.
De nau Tesprócia escapo, aqui chegou-se.

51-53 Dispõe dele a prazer, eu to encomendo;
Súplice teu se ufane.» — «Amigo, o jovem
Lhe bradou precavido, que proferes?

54-59 Comigo ter um hospede! Não posso,
Tão moço, defendê-lo de uma afronta:
Minha mãe ora no ânimo cogita
Se, dedicada ao filho, a seu marido
E ao público respeite, ou se dos Gregos
Se una ao melhor que á larga a presenteia.

60-65 Já que nesta choupana o recolheste,
Capa e túnica, ancípite uma espada
E sandálias terá, terá passagem
Para onde se lhe antoje. Hei de mandar-lhe,
Se o cá deténs, a roupa e o mantimento,
Para não te comer e aos socios tudo.

66-69 É perigo na regia apresental-o;
Os soberbões cruéis o insultariam,
Agra dor para mim: do herói mais forte
Contra muitos e tais é baldo o empenho.»

70-74 O pai se entremeteu: «Se opinar devo,
O que, amigo, te ouvi rói-me as entranhas:
Sendo quem és, tiranos tais protervos
A teu olhos conspiram! Não resistes,
Ou por celeste voz te odeia o povo?

75-77 Acusas tu a irmãos, em cujo esforço
Nas maiores discórdias confiamos?
Por que a idade ao valor não corresponde!

78-81 Por que não sou seu filho, ou mesmo Ulysses,
Em quem inda se espera! Esta cabeça
Me cerceassem, do Laércio aos paços
Despejo tal se castigar não fosse.

82-85 Antes morrer, da vil caterva opresso
Nos lares meus, que vê-los sem decoro,
Violadas servas, hospedes vexados,
Sem fruto as produções e o vinho exausto.»

86-88 Respondeu-lhe Telemacho: «Em verdade,
Nem povo hostil, nem meus irmãos acuso,
Em quem mais nas discórdias confiamos.

89-92 Fez Jove solitária a nossa estirpe:
De Arcésio foi gerado o só Laertes;
Só foi deste meu pai; só fui de Ulysses,
Que não fruiu das filiais caricias.

93-100 Tem ora inçada a casa de inimigos:
De Ithaca bronca, de Zacinto umbrosa,
E de Same e Dulíquio, os optimates
Requestam minha mãe, seus bens consomem
Ela as núpcias odiosas nem rejeita,
Nem as conclui; entanto, os pretendentes
Hão de em breve de todo arruinar-me:
Jaz porém minha sorte aos pés dos numes.

101-103 Eumeu, sus, á rainha me annuncies
Incólume de Pilos: cá não tardes;
Nenhum te sinta que meu dano teça.»

104-111 «Percebo, diz Eumeu; terei cautela.
De uma via posso eu participal-o
A teu mesquinho avô? Com mágoa embora
Do ausente filho, aos servos presidindo,
Se nutria á vontade; mas, a Pilos
Dês que te foste, o vinho enteja e o pasto,
Esquece-lhe o trabalho, e geme e chora,
Tábida a cútis se lhe apega aos ossos.»

112-116 «Triste aflição! Telemacho pondera;
Mas deixal-o na dor convém por ora:
A nosso arbítrio se estivesse tudo,
Era aqui já meu pai. Tu anda e volta,
Para o avisar no campo não divagues;

117-119 Minha mãe que despache a despenseira,
E esta em segredo o comunique ao velho.»
As sandálias Eumeu calçado, parte.

120-122 A partida a Minerva não se esconde
Que tem-se á entrada, na gentil figura
De moça airosa e no lavor perita.

123-132 A Telemacho invisa (um nume a todos
Não se apresenta), Ulysses a descobre,
E os cães também, que sem ladrar fugiam
Pelo pátio a ganir. Das sobrancelhas
Ao sinal, entendido sai da choça
E extramuros o herói; fronteira Palas:
«Divo Laércio, diz, abre-te agora
Com teu filho; á cidade encaminhai-vos
O extermínio a tramar dos pretendentes:
Sem mora a combater serei convosco.»

133-136 Eis de áurea vara o toca; da alva capa
E da túnica dantes o reveste,
O engrandece e vigora o nédio rosto,
Morena a cor de novo, azula a barba.

137-141 Isto completo, retirou-se Palas.
Volve Ulysses; pasmado o filho caro
Vira os olhos, temendo que um deus fosse,
Veloz fala: «Diverso me apareces,
Tens, hospede, outras vestes e outra cútis;

142-145 Certo és um dos celícolas. Benigno
Tu nos perdoa, e gratos sacrificios
E áureos dons haverás.» Súbito Ulysses:
«Não sou deus, a imortaes não me equipares;

146-149 Sou teu pai, sou quem choras, quem suspiras,
Por quem padeces vitupérios tantos.»
Nisto a seu filho beija, e á terra a pares,
Não mais contidas, lágrimas borbulham.

150-155 Mas Telemacho incerto: «Eu não te creio;
Não és meu pai, és deus que assim me enganas
E aumentas minha dor. Um simples homem
Por si não se transforma em velho ou moço:
Tu, decrépito há pouco e mal trajado,
Um íncola do Olympo ora semelhas.»

156-159 Contesta o sábio herói: «Não te é decente
Filho, surpresa tal, nem outro Ulysses
Verás; sou eu, que, após tremendas provas,
Chego ao vigéssimo ano á patria amada.

160-163 A predadora Palas me converte
Num apôsto mancebo ou num pediente:
A prazer, aos celícolas é fácil
Tornar qualquer mortal formoso ou torpe.»

164-169 Aqui, sentou-se; o príncipe entre os braços
O estreita a soluçar: incita o amplexo
O desejo de lágrimas em ambos:

Seus gemidos estrugem, quanto os grasnos
De abutres e águias de recurvas unhas,
A quem pilhou pastor ninhada implume.

170-172 E o Sol cadente em prantos o deixara,
Se Telemacho ao pai não perguntasse:
«Que nautas cá, meu pai, te conduziram?

173-176 A Ithaca a pé de certo não vieste.»
O paciente Ulysses respondeu-lhe:
Transportaram-me os ínclitos Feaces,
Que usam fazê-lo aos mais que lá naufragam.

177-180 No ligeiro baixel dormindo sempre,
Fui deposto na praia, de ouro e cobre
E belas teias rico; dons que em antro
Por divino favor se arrecadaram.

181-185 Palas mandou-me aqui tratar contigo
Do estrago desses procos: quais e quantos
Numera-os tu; pois no ânimo valente
Pesarei se podemos debelal-os,
Ou se nos é mister auxilio estranho.»

186-189 Mas Telemacho: «Eu sei, pregoa a fama,
Quão prudente és, meu pai, guerreiro e forte;
Nímio porém me assombra o teu discurso:
Dous sós, tantos valentes combatermos!

190-195 Nem dez são, nem o dobro: enviou Dulíquio
Cinqüenta e dous galhardos, com seis pajens;
Oitenta e quatro, Same; tem Zacinto
Vinte Gregos de prol; Ithaca mesma,
Ótimos doze, com Médon arauto
E o cantor, mais dous habeis cozinheiros.

196-198 Temo, se a todos atacarmos dentro,
Que proves ao regresso amargos transes:
Olha se ativo auxiliar careias.»

199-201 Ulysses retorquiu-lhe: «Ouve-me; atenta
Se nos bastam Minerva e o pai Satúrnio,
Ou se outro ajudador nos é preciso.»

202-206 Logo o filho: «Esses podem lá das nuvens,
Mais que homens e outros numes, socorrer-nos.»
De novo Ulysses: «Longo tempo fora
Não serão da peleja, ao decidi-la
Em meu palacio o marcial denodo.

207-211 Vai n'alva reunir-te aos arrogantes;
Serei, na forma de um mendigo anoso,
Guiado por Eumeu. Sofre no peito
Que da nossa morada eles me enxotem,
Rojem-me a pontapés e golpes vibrem;

212-216 Com doçura os modera, a dor sopeia:
Nenhum te escutará, que os cerra o fado.
N'alma isto agora imprime: quando Palas

Mo influir, ao meu nuto as armas leves,
Que estão na sala, para o andar cimeiro;

217-219 E caso alguém o estranhe, assim te escuses:
— Quais as deixou meu pai, já não luziam,
Do vapor do fogão fui preservá-las;

220-222 E outro medo o Satúrnio suscitou-me:
Entre os copos, ferir-vos poderíeis,
Nosso convívio e os esponsais manchando;

223-227 Pois a força do ferro atrai o homem.
Reserva para nós só dous alfanjes,
Dous maneiros broquéis e lanças duas,
Para a divina empresa: hão de Minerva
E o providente Jove conturbal-os.

228-234 E se és meu sangue, filho, em ti sepultes
Este arcano; de Ulysses ninguém saiba.
Laertes, o pastor, qualquer dos servos,
Nem Penélope mesma. Só tentemos
O pensar das mulheres; qual dos nossos
Nos respeita e aprecia; de seus amos
Qual ingrato se esquece e te honra pouco.»

235-240 E o filho: «Ó pai, conhecerás, espero,
Que nem cobarde sou, nem leviano:
Mas julgo, e tu reflitas, que a nós ambos

É dúbio o lance. Ao passo que examines
Os servos um por um, de prédio em prédio,
Os tais sem dó nem pejo a casa esbanjam.

241-244 Das mulheres, concordo, é bom que indagues,
Das ruins que teus lares enxovalham:
Quanto aos homens, difere até que acene,
Se teu acenar, o egípero Satúrnio»

245-248 Entretanto, abordava a nau remeira
Que trouxera a Telemacho de Pilos;
Em seco e desarmada, os da equipagem
De Clito em casa os ricos dons puseram.

249-251 Á prudente rainha arauto expedem
A annunciar que o filho, já no campo,
Os mandava vogar para a cidade;

252-258 E a mãe suspenda os prantos e os temores:
O arauto e Eumeu se encontram no caminho.
Do rei divino ao pórtico chegados,
O arauto grita em público: «Senhora
Veio o caro Telemacho.» Em voz baixa
Expondo Eumeu do príncipe o recado,
Sai do recinto e a seus currais se torna.

259-264 Mestos os pretendentes, ante as portas
Sentam-se externas. De Pólibo o nado
Eurímaco encetou: «Cumpriu-se, amigos,

Plano audaz que julgávamos falhasse,
E regressou Telemacho: esquipemos
Outro lesto baixel que advirta os socios.»

265-268 E vôlto ao mar Anfínomo, um navio
Entrando a remos no profundo porto
Viu, já dobrado o pano, e a rir começa:
«É supérfluo um aviso, ei-los que arribam.

269-272 Ou lho disse algum deus, ou deram caça
E lhes fugiu Telemacho.» Eles presto
Vão-se á praia; a maruja, a nau varada,
A despia de enxárcias e aparelhos.

273-275 Ali junto um conselho, sem que ou moço
Ou velho se abancasse, Antino enceta:
«Os Céos a ponto, amigos, o salvaram!

276-283 De dia assíduas em ventosos cumes
Sentinelas havia; ao Sol ocaso.
Rumo do mar, á noite navegando,
Nunca em terra dormíamos, á espera
Que ao rosicler da aurora aparecesse
E insidiado vítima nos fosse:
Um nume o protegeu. Deliberemos:
Se viver, malogrado é nosso intento.

284-287 Ele é firme e discreto, e já não somos
Como dantes benquistos: crede, ao povo
Excitado arengando em parlamento,

A nossa trama explicará baldia;

288-293 E o povo em sanha, desta ação bramindo
Pode exilar-nos para estranha terra.
Ou no campo ou na estrada combinemos
Dar cabo dele: haveres e tesouros
Partilhando igualmente, á mãe cedemos,
E ao marido que eleja, este palacio.

294-298 Vivo se inda o quereis, e em plena posse
Dos bens paternos, é melhor cessarmos
De lhos comer; e cada qual, dotando-a,
A resqueste de casa: ela que espose
Quem mais a prende ou favoneie a sorte.»

299-307 Emudeceram; mas ergueu-se Anfínomo,
Do Axetíades Niso real prole,
Chefe dos procos de Dulíquio herbosa
E pingue em cereais, por bom e afavel
Mais á rainha grato, e orou sisudo:
«Amigos, eu me oponho. A régio garfo
Árduo é matar; os deuses consultemos:
Se o reto Jove o aprova, eu mesmo os golpes
Hei de vibrar afouto e compelir-vos;

308-310 Do contrário, nos cumpre aquietarmos.»
Prevalece este aviso, e levantados,
Vão-se ao palacio em tronos se recostam.

311-313 A sensata Penélope, instruída
Pelo arauto Médon do atroz conluio,
Presentar-se resolve aos afrontosos;

314-317 Entre mulheres, véo luzido ao rosto,
Majestosa ao limiar da ornada sala,
Increpa Antino: «Em vão, cruel, te aclamam
Dos coevos primeiro em siso e falas;

318-324 Néscio, ante Jove aos súplices atento,
Urdes ao meu Telemacho a ruína!
É ímpio de outrem cogitar a morte,
Esqueces que teu pai teve este asilo,
Fugindo á multidão, pós elle acesa
Porque aos Táfios ladrões se unira em dano
Dos aliados nossos os Tesprotes?

325-328 Rasgar-lhe o peito e os bens queria o povo
Destruir-lhe; o furor susteve Ulysses:
Desonras deste a casa, a esposa tentas,
Matas-lhe o filho, minha dor cumulas.

329-334 Cessa, Antino, e teus cúmplices que cessem.»
Eurímaco arengou: «De Icário, ó prole,
Bane d'alma o temor; nem há, nem houve,
Nem haverá quem mãos ponha em teu filho,
Enquanto eu vir o Sol. Digo e executo:
Nesse traidor ensoparia a lança.

335-337 O turrífrago Ulysses amiúde
Aos joelhos me serviu de vinho e carnes:
A Telemacho eu amo sobre todos.

338-340 Não receies que a morte lhe inflijamos:
A que vem do Supremo não se evita.»
Ele a conforta, e o crime ruminava.

341-343 Ela sobe, e na câmara estupenda
Geme o querido esposo, até que os lumes
A olhi-cerúlea em sono lhe abebera.

344-350 Vindo o pastor á tarde, para a ceia
Um bácoro feriu. Da vara ao toque,
Logo, ao Laércio avelhantou Minerva,
Em trapos o envolveu: se o conhecesse,
Poderia a Penélope ir contal-o,
E um nem outro conter-se. — «Eumeu divino,
Adiantou-se o mancebo, que há de novo?

351-356 Estão já dentro os arrogantes procos,
Ou de espera no estreito me insidiam?»
Respondeste, ó pastor: «Vagar não tive
De o saber; apressado as ruas corto,
Noticio e regresso. Mas um núncio
Topou-me, que teus socios expediram;

357-362 Ele é que a tua mãe falou primeiro.
Ouve agora o que vi: já fora estava
De Mercurio no monte, quando o porto

Navio entrou veloz, de gente cheio,
De éreos broquéis e bipontudas lanças:
Que eles eram suspeito, eu não to afirmo.»

363-367 Olhos volvendo ao pai, sorri-se o moço
E esquiva os do pastor. Já pronto o assado,
Logram-se do convívio, sem queixume
De porções desiguais. Depois, refeitos,
Na cama em sono doce adormeceram.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XVII

✦

Calça Telemacho, ao raiar da aurora,
Belas sandálias, forte lança adapta:
«Irmão, disse o pastor, corro açodado;

Sem que me veja minha mãe, duvido
Que ela suspenda o lagrimoso luto.
Nosso hospede infeliz, eu to prescrevo,
Guia á cidade; ali seu pão mendigue,
Nem faltará quem dê: com tantas penas,
É-me impossível sustentar a todos.

Não se agrave, é pior; praz-me a franqueza.»
E ele: «Nem quero me deter no campo;
Melhor, amigo, esmola-se nas ruas.

De útil ser aos currais não sou na idade,
Nem de curvar-me em tudo á voz de um chefe.
Anda; irei com teu servo, assim que ao fogo
Me aqueça e alteie o Sol: com tais vestidos,
Longa a via se diz, o orvalho temo.»

Do Laércio o querido veloz parte,
Semeando na mente o mal dos procos.
Chegado, a uma coluna encosta a lança

Entra o portal marmóreo: é visto logo
Da ama Euricléia, que em dedáleos tronos
As peles estendia, e vem chorando;

24-31 Beijam-lhe em torno as mais a testa e os ombros.
Sai, de Artêmide igual e da áurea Vênus,
Da câmara Penélope, a seu filho
Consigo estreita, o rosto e pulcros olhos
Terna lhe oscula, e suspirando geme:
«Eis-te, meu doce lume! não mais ver-te
Cria, dês que a saber do pai noticias,
Oculto e a meu pesar, te foste a Pilos.

32-34 Conta-me o que passaste.» — «Ó mãe, responde,
Livre eu do risco, o pranto não me excites.
Lava e de limpas vestes cinge o corpo;

35-40 Com tuas servas monta, aos numes vota,
Vingue-me Jove, inteiras hecatombes.
Á praça irei chamar um forasteiro
Que também embarcou-se, e adiante veio
Com meus divos consocios; no ausentar-me,
A Pireu confiei sua hospedagem.»

41-43 Vozes tais sem efeito não voaram:
A mãe lava-se e veste, aos numes vota,
Se o vingar Jove, inteiras hecatombes.

44-47 Atrás com dous alãos e em punho a lança
Graça divina a lhe infundir Minerva,
No garbo o admira o povo; em roda os procos,
Traição n'alma incubando, o lisonjeiam.

48-50 Ele se afasta, e ao pé de amigos velhos
De Ulysses vai sentar-se, de Haliterses,
E de Antifo e Mentor, que o interrogam.

51-56 O lanceiro Pireu pela cidade
O hospede guia ao foro, e a poucos passos
A Telemacho diz, que os topa e encara:
«De minha casa aqueles dons, amigo,
Manda buscar.» — Telemacho responde:
«O que será, Pireu, nós ignoramos.

57-59 Se matam-me em segredo e o meu partilham,
Goza esses dons, não eles; se triunfo,
Então ledo a mim ledo os restituas.»

60-69 Do hospede miserando aqui se apossa,
Condu-lo ao seu magnífico aposento;
E, em poltronas e escanos posto o fato,
Banham-se em lisas tinas; das criadas
Sendo ungidos e envoltos em felpudas
Moles capas e túnicas macias,
Recostam-se em camilhas. Qual das servas

Água lhes verte ás mãos, qual mesa limpa
Desdobra; a despenseira atenciosa
Traz com pão reservadas iguarias.

70-76 Senta-se a mãe junto ao pilar defronte,
Um volve tênue purpurino fuso.
Refeitos já, Penélope queixou-se:
«Ao toro, filho, subirei viúva,
Quem lágrimas ensopo desde a empresa
Letal, e antes que intrusos nô-lo empeçam,
De teu pai as noticias não me fias!»

77-81 E ele: «A verdade, minha mãe, te exponho.
A Pilos navegamos; recebeu-me
O maioral Gerênio, como a filho
De fresco vindo ao lar pós longos anos,
E houve-se amiga a sua ilustre prole.

82-84 De Ulysses nada ouviu; mas num seu carro
A Menelau me fui, com quem vi junta
Helena, a causa de fatais horrores.

85-88 De ir á divina Esparta o régio Atrida
Perguntou-me a razão: contei-lhe tudo.
Indignado o valente: «Hui! vis imbeles
De um guerreiro completo ao leito aspiram!

89-92 Se de mama os cervatos mete em pouso
De um leão cerva incauta, e ao vale ou bosque
Vai pascer, no covil os traga a fera:

É como os tragará na volta Ulysses.

93-97 Permiti que se mostre aos pretendentes,
Ó Jove, Palas, Febo, como em Lesbos,
Quando ao provocador Filomelides
Prostrou na luta, com prazer dos Gregos:
A boda em breve acerba lhes seria.

98-100 Dir-te-ei sem rebuço o que me imploras:
Descobriu-me o veraz marinho velho
Que em pranto o vira, e que o retém Calypso;

101-105 Que dessa ilha, sem baixel nem vogas,
Romper o dorso equóreo não podia. —
Assim de Menelau sendo informado,
Cá regressando, com favônias auras
Conduziram-me a Ithaca os Supremos.»

106-109 Comovida Penélope,
exclamou-lhe
Teoclímeno vate: «Ó veneranda
Mulher de Ulysses, muito ignora o filho;

110-115 A profecia escuta: a Jove atesto,
A mesa hospitaleira, a que me asila
Casa do forte herói, que já na patria,
Ou quedo ou serpeando, ora o castigo
Traça do mal. Telemacho os agouros
Que observei no baixel, presente os soube.»

116-118 A quem Penélope: «Oxalá se cumpram!
De mim terás penhores de amizade,
Que hão de, hospede, aclamar-te venturoso.»

119-121 Ao pórtico, entretanto, os pretendentes,
N'área onde a contumélia exercitavam,
A disco e a dardo se entretêm jogando.

122-124 Já do pastio as greis se recolhiam,
E admitido aos festins, Médon graceja:
«De jogos basta, ó jovens, ao banquete;

125-128 A seu tempo um jantar é bem cabido.»
Entram; pousando os mantos em poltronas,
Para o convívio immolam gordos porcos,
Ovelhas, cabras e armental novilha.

129-131 Ir do campo á cidade se dispunham
Ulysses e o pastor, que diz primeiro:
«Por guarda, hospede, aqui te aceitaria;

132-134 Mas, prescreve-o Telemacho, partamos,
Se é teu desejo: de um senhor me custam
Repreensões e ameaças. A caminho;

135-138 O dia aumenta, e esfriará de tarde.»
Presto Ulysses: «Recordo-me e compreendo
Vamos, tu me dirige; um bordão corta
Em que me apoie na escabrosa rota.»

139-144 E o remendado alforje por seus loros
Ás costas prende. O maioral porqueiro,
Fornecido o bordão, fiando a casa
Aos bons servos e aos cães, vai conduzindo
E sustendo seu rei, que parecia
Decrépito mendigo esfarrapado.

145-151 Já, por áspera via, á fonte chegam
De alvo cristal, de que a cidade bebe,
Construída por Ítaco, primeiro,
Nérito e Politor, bosque o circula
De uns aquáticos choupos; frio o arroio
Da penha rui; tem ara as nymphas no alto,
Em que todo o viandante sacrifica.

152-160 De Dólio o filho os encontrou, Melanto
Que ia, com dous zagais, levar aos procos
Do cabrum gado a flor. Minaz, ao vê-los,
Ao Laércio pungiu com seus doestos:
«Um mau leva outro mau; deus há que sempre
Une os iguais. Aonde, ó vil porqueiro,
Guias esse glutão, das mesas peste,
Que aos portaes gaste os ombros, não caldeiras,
Armas não, sim migalhas pedinchando?

161-163 Venha dos meus currais para vigia,
Expurgue o lixo, traga aos chibos folhas;
Beberá soro e criará panturra.

164-166 Mas, vadio chapado e mestre em vicios,
Trêmulo a escorregar por entre o povo,
Quer encher o bandulho insaciavel.

167-170 Se elle aos paços reais, eu to asseguro,
Do grande Ulysses for, de mãos nervosas
Á cabeça, voando-lhe escabelos,
Tem de a partir, moê-lo ou derreal-o.»

171-174 Na perna eis louco um pontapé lhe senta:
Firme Ulysses da trilha nem se arreda;
Cogita se a cajado o estire e acabe,
Ou se o erga e no chão lhe esmague a testa;

175-181 Mas coíbe-se e atura. Eumeu rebenta,
Alça as palmas a orar: «De Jove ó Náiades,
Se de anhos e cabritos coxas pingues
Ulysses te queimou, torne, eu vos rogo,
E um deus nô-lo encaminhe! A ti, cabreiro,
Dissipavam-se os fumos com que arruas,
A zagais incumbindo o pobre gado.»

182-184 E Melanto: «Hui! que rosna o cão matreiro?
Olha, que, em negra nau socado, ao longe
Não vão por mantimentos escambar-te.

185-187 Assim, de Apolo ás frechas ou dos procos
Hoje aos golpes, Telemacho sucumba,
Como é perdido para sempre Ulysses.»

188-193 Então ambos deixou, que lentos andam,
E em casa do senhor sem mora entrado,
Põe-se em face de Eurimaco, de todos
O seu maior amigo; os moços carne,
Pão lhe abastece a ecônoma. Os dous chegam,
Ouvem cantar ao som da lira Fêmio;

194-199 Toma Ulysses a destra e ao pastor fala:
«O palacio real este é suponho;
Entre os mais facilmente se distingue,
Por seus andares, atrios, muro e ameias,
E bífores portões inexpugnaveis:
Que se está num banquete o nidor mostra;

200-203 Mostra a lira, ás funções divino adorno.»
Tu respondeste, Eumeu: «Não lerdo, amigo,
Em tudo acertas. Consultemos: queres
Primeiro oferecer-te, eu cá ficando;

204-213 Ou ficar, entrando eu? Resolve, e presto;
Se fora alguém te vir, talvez te espanque
E te repulse.» — E o paciente Ulysses:
«Percebo o que ponderas. Vai, que é tempo
Suportar sei feridas e pancadas:
Afeito á guerra e ás ondas e a reveses,
Por estes passarei. Mas, não to escondo,
Conselheira do mal urge-me a fome,
A fome, que entre vagas furibundas,
Armadas leva contra alheias terras.»

214-218 Aqui, deitado um cão, de orelhas tesas
A cabeça levanta, Argos tem nome:
Hoje langue, e o nutria o próprio Ulysses,
Antes que se embarcasse. Costumava
Lebres caçar e corças e veados;

219-221 Ora de bois e mus no esterco o deixam,
Que ás portas se amontoa, enquanto os servos
Para estrume da lavra o não carregam.

222-224 Jazia ali de carrapatos cheio,
E meigo, assim que a seu senhor fareja,
As orelhas bulindo, agita o rabo;

225-228 Mas não pôde acercar-se. O bom Laércio
Uma lágrima enxuga ás escondidas,
E questiona o pastor: «Um cão tão belo
Pasmo que esteja, Eumeu, nesse monturo;

229-231 Talvez, com tanto garbo, ágil não fosse,
E á mesa por formoso é que o tratavam.»
«É do herói, dis Eumeu, roubado á patria!

232-235 Pasmaras sim, ligeiro e forte e guapo
Se fosse qual no tempo era de Ulysses:
O animal dele visto, ou rastejado,
Não lhe escapava em brenha ou fundo vale.

236-241 Morto meu amo, enfermo e débil Argos,
Negligentes mulheres nunca o pensam:
Do senhor quando a voz não soa, escravos

Furtam-se a obrigações. O Altitonante
Metade anula da virtude ao homem
Que a triste luz da servidão respira.»

242-244 Argos nesse momento, após vinte anos
Seu dono a contemplar, morreu de gosto.
Eumeu vai-se direito aos feros procos;

245-249 No atravessar, Telemacho lhe acena;
Ele, em circuito olhando, um banco puxa,
O do trinchante cozinheiro, e em face
Do príncipe repousa. O arauto á mesa
Traz-lhe pão do açafate e o seu conduto.

250-254 Curvo ao bastão se arrima e surde Ulysses,
Como um rafado esquálido mendigo;
Dentro ao fraxíneo limiar descansa
No umbral cuprésseo encosta-se, que destro
Esquadrara e polira um carpinteiro.

255-257 Sólido um pão Telemacho tomando,
E nas mãos quanta carne lhe cabia:
«Do hospede, Eumeu, lhe disse, o quinhão leves;

258-261 Ele esmole depois da sala em torno:
A vergonha a pedintes é nociva.»
Do hospede Eumeu de pronto se aproxima:
«Este quinhão Telemacho te manda;

262-270 Quer pelos circunstantes que mendigues:
A vergonha a pedintes é nociva.»
Sem demora o prudente: «O rei Satúrnio
A Telemacho adite, e lhe conceda
O que tem no desejo!» —Aceita Ulysses
A mãos ambas
os dons, que aos pés coloca
Sobre o indecente alforje; enquanto come,
Fêmio divino á cítara cantava.

271-275 Cessa a música, e os procos tumultuam.
Ao Laércio apropinqua-se Minerva,
A exortal-o a pedir aos pretendentes,
A conhecer qual duro ou justo fosse,
Bem que a nenhum exima do castigo.

276-278 A mão pela direita ia estendendo,
Como vero mendigo; os mais piedosos
Dão-lhe, quem era atônitos indagam.

279-281 Melanto os interrompe: «Ó da rainha
Dignos amantes, eu não sei quem seja,
Bem que visse o porqueiro a dirigi-lo.»

282-286 Minaz Antino contra Eumeu dispara:
«Aqui, pastor famoso, o endereçaste?
Os desmancha-prazeres já não bastam
Que esta cidade infestam? poucos julgas
E á mesa de teu amo esse outro queres?»

287-289 Tu retorquiste, Eumeu: «Bom és, Antino,
E não discorres bem. Que homem convida
Vindiço algum sem préstimo e sem arte?

290-292 Um médico, um profeta, um marceneiro,
Um deleitoso músico divino,
Estes granjeia e atrai a imensa terra;

293-297 Mas ninguém chama um comedor inútil.
Aos servos és de Ulysses o mais duro,
Mormente a mim: que importa? eu nada temo,
Enquanto aqui Penélope sisuda
E o divinal Telemacho viverem.»

298-300 Telemacho ajuntou: «Cala, és sobejo
Em responder. Com chascos sempre irrita,
Provocando a imital-o os companheiros.»

301-305 E então virou-se: «Antino, como o filho
Me governas, meu hospede enxotando:
Um nume o não permitta. A mal não tenho,
Amo á larga lhe dês; perde o receio
De minha mãe, dos servos desta casa.

306-312 Mas um tal pensamento nem te ocorre:
Comer sem repartir é teu cuidado.»
Replicou ele: «Altíloquo Telemacho,
Soberbo destemperas? Dessem-lhe outros

Como darei, que ao menos por três luas
Daqui se iria.» Então levanta e mostra
O escabelo que estava aos pés luzidos.

313-316 De carne e pães o alforge os mais lhe enchiam.
Ei-io á soleira a desfrutar se volta
As esmolas dos Gregos; junto pára
De Antino e clama: «Tem piedade, amigo;

317-319 Não te creio o pior, no aspecto régio
Vê-se que és maioral: dá mais que os outros,
E hei de louvar-te pela imensa terra.

320-323 Já ditoso habitei palacio altivo,
E acolhi peregrinos e indigentes;
Servos em cópia tive, e a pompa toda
Com que os mortaes se inculcam venturosos.

324-329 Quis Júpiter porém, para meu dano,
Que ao rio Egito eu fosse com piratas:
Mantenho a bordo a gente, e as naus em seco,
Despacho exploradores. Estes néscios,
A impulsos do apetite, agros talando,
Matam, mulheres e crianças preiam;

330-335 Mas, ao rumor, de madrugada acorrem
Éqüites e peões erifulgentes
A juncar a campina, e o Fluminante

Medo incutindo aos meus, nenhum resiste:
Cercados sendo, a bronze agudo expiram,
E é reduzido o resto a cativeiro.

336-338 Ao rei Dmétor Iáside fui dado,
Que transportou-me a Chipre onde imperava:
Dali vim cá, passando horríveis transes.»

339-341 Torvo Antino: «Que peste um deus nos trouxe!
Desta mesa te aparta, ao meio tem-te:
Olha outro Egito e Chipre não te amarguem.

342-344 Descarado mendigo, a sala corres,
E cada qual, nadando na abundância,
Do alheio ás cegas e sem dó largueia.»

345-349 E afastando-se Ulysses: «Hui! não quadra
Com teu desplante o siso: á tua porta
Mesmo sal a um pedinte recusaras,
Tu que do alheio na abundância nadas,
E um pedaço de pão sem dó me negas.»

350-352 De cólera abafado, o encara Antino:
«Já que insultos proferes, fico-te ora
Que não saias daqui sem vitupério.»

353-360 E despede o escabelo, que lhe apanha
Do ombro direito a ponta: firme rocha,
Do tiro zomba, tácito a cabeça
Meneia e urde vingar-se. Ao portal volve
Com seu provido alforje: «Amantes, clama,

Da grã rainha, est'alma vos descubro:
Mágoa e opróbio não é feridos sermos
Em defensa dos bens e bois e ovelhas;

361-364 Mas Antino feriu-me, porque a fome,
Causa de infindos males, me atormenta.
Se o pobre é caro aos numes e ás Erínies,
Antes do seu noivado a morte o sorva!»

365-369 E o filho de Eupiteu: «Come tranqüilo,
Ou mosca-te, importuno, antes que os servos
Por mão ou pé rojando-te, insolente,
Retalhem-te esse corpo.» — Os mais se indignam,
E um diz: «Por que esse mísero maltratas?

370-373 Nume será talvez: que em trajo os numes
De peregrinos as cidades vagam,
Mil formas revestindo e inspecionando
A dos homens justiça ou petulância.»

374-377 Ele surdo mofafa; mas seu golpe
A Telemacho no íntimo doía,
Que mudo, a ruminar, também meneia,
Sem verter uma lágrima, a cabeça.

378-383 Ouviu dentro Penélope o sucesso,
E imprecou: «Tal o fira o arqueiro Apolo!»
Mas a ecônoma Eurinoma: «Valessem

Pragas nossas, que um só do rubro eôo
Não reveria o coche.» E inda a senhora:
«Maus, ama, todos são, maquinam todos;

384-386 Porém Antino iguala a nera Parca.
Da penuria impelido, um miseravel
Pedia esmola: os príncipes lha davam;

387-393 Ele o escabelo á espádua arremessou-lhe.»
Ceava o herói; na câmara entre as servas
Desabafa Penélope, e chamado,
Ao bom pastor ordena: «Eumeu divino,
Aqui venha teu hospede informar-me,
Pois ter parece errado pelo mundo,
Se viu, se há novas do sofrido Ulysses.»

394-403 A quem Eumeu: «Deixassem-te, ó rainha,
Os Aquivos silentes escutal-o,
Para no imo folgares! De um navio
Em meu teto abrigou-se, e por três noites
E três dias narrou seus infortúnios,
Se todos memorar. Quando um poeta
Canta inspirado e cessa o doce canto,
Que o repita anelamos: tal na choça
Me aconteceu. Inculca-se de Ulysses,
Paterno amigo, da Minóia Creta;

404-406 Que veio cá ludíbrio da fortuna;
Que dos Tesprotes soube que opulento
Já teu marido á patria se encaminha.»

407-412 «Pois tudo me refira, insta a senhora.
Eles ao pórtico e na sala jogam;
Porque poupam seus víveres, a servos
Só nutrindo, e em banquetes nesta casa
Diariamente á grande nos consomem
Cabras e ovelhas, bois e ardente vinho.

413-415 Falta varão que ensine esses intrusos;
Ulysses nos ressurja, e incontinenti
Punirá com seu filho audácia tanta.»

416-419 Nisto, espirra Telemacho, estrondando
Em redor; a mãe solta uma risada:
«Vai pelo hospede, Eumeu. Sentiste agora
O espirro de meu filho ás vozes minhas?

420-422 É que ymphalível morte os cerca todos.
Se o teu mendigo, na memória o imprimas
Falar verdade, espere bons vestidos.»

423-425 Apressou-se o pastor: «Hospede padre,
Quer-te a mãe de Telemacho sisuda
Inquirir do marido, angustiada.

426-428 Sê franco, e a roupa ganharás precisa,
Capa e túnica: o pão, que mate a fome,
A quem quer pedirás de porta em porta.»

429-431 «Nua a verdade, Eumeu, responde Ulysses ,
Vou revelar á comedida Icária:
Dele sei tudo, e padecemos juntos.

432-437 Receio o ruim tropel dos pretendentes,
Cuja violencia o férreo céo penetra:
Um com cego furor, pouco há, vibrou-me
Golpe que me doeu; nenhum dos outros,
Nem Telemacho, obstou. Portanto, amoestes
A conter-se a rainha até Sol posto;

438-440 Ao depois, do marido me interrogue,
Sentada ao lar: primeiro eu supliquei-te;
Rotas as vestes, bem conheces, tenho.»

441-446 Volta o pastor, e ao limiar Penélope:
«Que é dele, Eumeu? que pensa? há de alguém medo,
Ou da casa vergonha? Ai do pedinte
Mui fácil em vexar-se!» — E Eumeu: «Rainha,
Falou como o fizera o de mais tino,
Os prepotentes príncipes receia;

447-451 Roga-te paciencia até Sol posto.
Conversardes a sós é preferível.»
Penélope acudiu: «Quem quer que seja,
Lerdo não é. Convenho tais perfídias
Nunca os maiores monstros intentaram.»

452-458 O divino pastor, isto acabado,
Aos demais se reúne, e a fronte inclina
Em voz baixa a Telemacho advertindo:
«Ó dileto a cuidar me vou dos porcos,
Dos teus bens e dos meus. Tem cobro em tudo,
E vigia-te e guarda: o mal projetam
Ímpios, a quem primeiro o Céo castigue!»

459-461 «Sim, pai, torna o mancebo acautelado.
Anda, merenda, a noite não te apanhe;
De manhã traze as reses do costume.

462-466 O mais fica a meu cargo e dos Supremos.»
Senta-se Eumeu de novo, e bebe e come,
Do recinto saindo, a casa deixa
Plena de comensais, que, ao vir a tarde,
A dançar e a cantar se divertiam.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XVIII

✦

1-6 De insano ventre em público mendigo,
Que a todos por glutão levava as lampas,
Alto e vistoso, se cobarde e fraco,
Ali surgiu: da mãe chamado Arnaios,
Iros a rapaziada o apelidava,
Por solícito e pronto recadista.

7-10 A Ulysses do seu pórtico expelindo,
Ultrajoso bradou: «Sai daqui, velho;
Senão, de um pé te arrasto: vês que em roda
Piscam-me os olhos? de o fazer me pejo;

11-13 Mas põe-te fora, ou te haverás comigo.»
Turvo Ulysses: «Ruim, nem te injurio,
Nem te invejo as fortunas e os proveitos.

14-19 No largo limiar cabemos ambos:
Que mesquinho ciúme! Um vagabundo,
Como eu, pareces: a riqueza aos numes
Toca a distribuir. Não me provoques
E encolerizes; velho embora, os peitos
E os beiços hei de em breve ensangüentar-te;

20-25 Estaria amanhã mais sossegado;
Pois do Laércio á casa não voltavas.»
É Iros em sanha: «Hui! ronca o parasito

Como velha fornalha! Se nos queixos
Lhe finco os punhos, rolarão seus dentes,
Qual se os de cerdo fossem rói-searas.

26-30 Os lombos cinge, combater nos vejam:
A arrostar um mancebo te abalanças?»
Ante os portões brilhantes a pendencia
Antino adverte, e galhofeiro grita:
«Oh! que novo prazer o Céo nos manda!

31-34 Iros e o forasteiro, amigos, tentam
Vir ás mãos: a brigar os aticemos.»
E todos, levantando-se ás risadas,
Aos dous pobres trapentos se avizinham.

35-41 Prossegue o de Eupiteu: «Valentes procos,
Há no fogão ventrículos de cabras,
De gordura e de sangue repassados
Para a ceia: o mais forte e vitorioso
Escolha um que lhe apraza; e de hoje avante
Seja em nossos festins, nem admitamos
Outro qualquer mendigo.» — O aplauso ecoa.

42-46 E o manhoso Laércio humilde fala:
«Velho e estragado, cumpre-me, senhores,
A um moço me arrojar; a expor-me a golpes
Força a insensata fome. Eia, jurai-me
Iros nunca ajudar com mão traidora;

Ser-me-ia dura a prova.» — Eles juraram,
Mas Telemacho enérgico se exprime:
«Se, hospede, o peito varonil te pede
Rechaçal-o, a nenhum dos Gregos temas;

Quem te ofender, se baterá com outros.
Agasalhei-te, e basta; não mo estranham
Os reis Antino e Eurímaco atinados.»

A aprovação retumba; e Ulysses panos
Aos pudendos ligando, pulcros braços,
Pernas, coxas desnua, peitos, ombros:
Dos povos ao pastor Minerva engrossa
Os rijos membros. Foi geral o espanto,
E entre si boquejavam: «Desta feita
Iros, não Iros já, cai no seu brete;

Que músculos ostenta o forasteiro!»
Iros turbou-se; os fâmulos o cingem,
Trazem-no a rojo, e as carnes lhe tremiam;

Antino lho exprobou: «Nunca nasceras;
Mal hajas, fanfarrão, que estás convulso
Por um velho alquebrado! Se és vencido,
Irás, te afirmo, em barco de Epirotas
Ao régio Aquetos, cru flagelo de homens,
Que orelhas e nariz te corte a bronze,
E arranque os genitais e a cães os deite.»

71-74 Iros mais estremece; ao meio o arrastam;
Armam-se os punhos logo. O divo Ulysses,
Calculando se exânime o prosterne
Ou só ferido, acha melhor poupal-o;

75-81 Teme excitar suspeita. No ombro destro
Iros deu; mas ao colo sob a orelha
Murro apanhou que os ossos lhe machuca:
Vomita rubro sangue, a mugir tomba,
Os dentes entrechoca, e esperneando
Bate e recalca a terra. Os feros procos,
Alçando as mãos, de riso rebentavam;

82-87 Mas lesto um pé lhe trava e o roja Ulysses
Do vestíbulo ao pátio, e fora o encosta;
Um pau lhe entrega e diz: «Com este agora
Porcos afasta e cães; vil, não te arrogues
Predomínio em pedintes e estrangeiros:
Olha que inda pior não te aconteça.»

88-92 E, preso ás costas com torcidos loros
O torpe alforge, ao liminar descansa.
A rirem de prazer, o lisonjeiam:
«Hospede, o Céo te faça o que mais queiras,
Pois todo o povo de um glutão livraste;

93-95 Será do rei do Epiro.» — Do presságio
O divo herói folgava. Antino um gordo
Ventrículo de cabra lhe apresenta;

96-99 Anfínomo lhe tira do açafate
Alvos dous pães, e de áurea taça o brinda:
«Salve! um dia opulencia, ó padre, alcances,
Já que tanta miséria hás padecido.»

100-103 «Anfínomo, o adverte o sábio Ulysses,
És fecundo, e a prudencia denuncias
De teu pai Niso, que de rico e humano
Campa em Dulíquio; atende-me e pondera.

104-108 De quanto cá respira e cá rasteja,
Nada é mais lastimavel do que o homem:
No seu vigor e próspera fortuna,
Com desgraça não conta, e se esta o assalta,
Não sabe suportá-la e acusa os deuses;

109-117 Pois têm versátil ânimo os terrestres,
Segundo altera Júpiter os dias.
No tempo em que eu passava por ditoso,
Muita injustiça obrei, nas próprias forças,
No genitor e meus irmãos, fiado,
Ímprobo ninguém seja; em paz gozemos
O que o Céo nos outorgue. Os procos vejo
Consumindo, abatendo, violentando
A mulher de um varão, que perto enxergo.

118-120 Levem-te á casa os deuses, não te encontre
Á hora da vingança: eu não presumo
Quem sem sangue se expurgue este palacio.»

121-126 Eis liba o doce vinho, e a taça rende
Ao maioral Anfínomo. Este a sala,
A cabeça tristonho sacudindo,
Pressago atravessava, e á Parca adicto,
Sentar-se foi, reposto por Minerva,
Que á lança de Telemacho o destina.

127-129 De Icário á filha a mesma Olhicerúlea
Mostrar-se inspira, a fim que excite os procos
E ante o filho e o marido mais se exalte.

130-133 Com leve riso: «Eurínoma, diz ela.
Desejo ir aos amantes odiosos,
E a meu filho avisar que o trato fuja
De homens com fel no peito e mel nos lábios.»

134-139 «Tens razão, filha, a econôma responde;
Repreende-o, nada omitas. Mas primeiro
Banha o corpo, unge as faces; não turvado
Apareça de lágrimas teu rosto:
Chorar contínuo dana. Vai, com barba
Ei-lo já, como aos numes suplicavas.»

140-145 «Ama, insiste a rainha, tu zelosa
De abluções e perfumes não me fales:
Os imortaes meu brilho embaciaram,
Dês que elle a Tróia andou. Por companheiras
Cá me envies Autônoe e Hipodâmia:
De ir só ter com varões tenho vergonha.»

146-149 A chamar as mulheres corre a velha.
Súbito Palas em suave sono
Os membros ensopou da Icária prole,
Que adormeceu no leito reclinada;

150-153 Limpou-lhe o vulto com divina ambrosia,
Para que mais a admirem, como Vênus
Engrinaldada se unta e purifica,
Das Graças quando parte ao coro amavel;

154-156 Fê-la mais alva que o marfim recente,
Mais nédia e esbelta. Retirou-se a deusa,
Das braciníveas servas ao ruído;

157-162 Ela acorda, e a falar se entrega e enxuga:
«Alliviou-me o sono os pesadumes.
Doce morte ah! mandasse a casta diva,
Para não mais gastar os anos tristes,
Saudosa do marido, que era aos Dânaos
Em qualquer das virtudes vivo espelho!»

163-169 Não só, das duas fâmulas no meio,
Gentil baixa da câmara estupenda;
Á portada soberba, o véo luzido
Proclina, e ao vê-la, de joelhos frouxos,
Em êxtases de amor, ficaram todos
Por seu leito almejando. Assim prorrompe:
«O juizo, meu Telemacho, perdeste.

170-173 Menino, eras cordato: hoje, que és púbere,
E quem quer, pelo talhe e galhardia,
De opulento senhor dir-te-á nascido,
Não tens mais sisudeza nem justiça.

174-177 Nesta casa cometem-se atentados,
A teu hospede insultam: que! permittes,
Sem temor da desonra e eterno opróbrio,
Que em nosso lar um peregrino vexem!»

178-181 «Minha mãe, torna o jovem, que te agastes
Não o estranho. Hoje n'alma o justo e injusto
Sei pesar; mas, há pouco na puericia,
Ter não posso prudencia consumada.

182-185 Falto de auxilio, empecem-me contrários,
Que uns dos outros a par forjam meu dano:
Só culpa eles não têm na briga de Iros
Com o estrangeiro, vencedor pujante.

186-191 Jove, Palas e Apolo, assim permittam
Que nesta sala ou no atrio os procos jazam,
As cabeças nutando esmorecidos,
Como, qual ébrio, ás portas jaz externas
Laxo dos membros Iros, não podendo
Em pé ter-se ou voltar ao seu tugúrio.»

192-196 Entremeteu-se Eurímaco: «Rainha,
Se outros em Argos de Jasão te vissem,
Amantes amanhã mais numerosos

Conviver cá viriam; pois superas
As demais em beleza e garbo e tino.»

197-199 Contestou-lhe modesta: «O Céo tirou-me
Forças, beleza e tino, assim que os Dânaos
Me levaram consigo a Tróia Ulysses.

200-207 Venha, mande-me e reja, e a minha glória
Mais resplendeceria: hoje um demonio
Me entristece e comprime. Ele, á partida,
A destra me travou: — Mulher nem todos
Escaparemos; pois tem fama os Teucros
De habeis em dardo e seta, em coches destros,
Que a vitória decidem na refrega:
Se um deus me salve ignoro, ou se ali morra.

208-212 Tudo regra; inda mais te recomendo
Meu pai e minha mãe. Barbado o filho,
Deixa-lhe os bens e casa-te. — Assim disse,
E o tempo se perfez: negreja a noite
Em que ás núpcias me obrigue o ymphausto Jove.

213-216 Mas uma dor me pesa: era o costume
Dos que herdeira opulenta requestavam,
Prodigando-lhe prendas, bois e ovelhas,
Banquetear amigos da esposada;

217-219 Mas não comer impune á custa alheia.»
Folga o herói de que as dávidas atraia,
E o pensamento encubra com lisonjas.

220-222 E Antino: «Aceita, Icária, offertas nossas,
Mau seria enjeitar; mas cá seremos,
Té um marido livremente escolhas.»

223-226 Eles, de acordo, arautos já despacham.
O Eupiteides recebe um fino peplo,
De áureas doze fivelas abrochado
E curvos alamares, grande e vário;

227-229 Eurímaco, artefata gargantilha
De electro e ouro, como o Sol fulgente;
Eurídamas, dous brincos de três gemas;

230-232 O régio Politórides Pisandro,
Colar brilhante; os mais seus dons presentam.
Sobe ela, e tudo as fâmulas carregam.

233-237 Em danças e tangeres permanecem;
E, quando aponta Vésper, três lucernas
Acendem, sêca lenha em roda, a bronze
Pouco há fendida, e archotes acrescentam:
As servas por seu turno o fogo atiçam.

238-240 Cauto o herói: «Vós do triste ausente escravas,
Ide, ou fusos torcendo ou lãs cardando,
Aliviar a augusta soberana.

241-243 Do lume para todos me encarrego,
Bem que os ache a velar a pulcra aurora;
Pois, avezado, a lidas não fraqueio.»

244-254 Riram-se umas olhando para as outras,
E o insultou Melântia, gentil prole
De Dólio, de Penélope em menina
Como filha amimada, e ingrata sempre
Á criação, de Eurímaco era amásia:
«Mentecapto, o argúi, tu nem te abrigas
De um fabro na oficina ou vil baiúca,
Nem de galrar te pejas entre os grandes:
Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso
De Iros, ufano estás. Pode um, que surja,
Calamocado e em sangue rechaçar-te.»

255-261 Ele a mediu: «Cachorra, esse descôco,
Para em peças Telemacho picar-te,
Lho contarei.» De susto e esmorecidas,
Crendo que era verdade, pela sala
Vão-se a tremer. Atento e em pé vigia
Nas lucernas Ulysses, mas revolve
No âmago planos, que írritos não foram.

262-269 Prosseguem nos insultos, porque Palas
Quer do Laércio o peito mais pungido.
Eurímaco de Pólibo chasqueia
E excita o riso: «O coração vos abro,
Clarissimos rivais. Foi certo um nume
Que o dirigiu de Ulysses á morada:
Na cabeça não tendo um só cabelo,
A lisa calva é mais uma lanterna.»

270-272 E vôlto ao forte urbífrago: «Salário
Enjeitarás, vindiço, em minha herdade,
Sebes tecendo e árvores plantando?

273-275 Que! só no mal sabido e preguiçoso,
Preferes mendigar de porta em porta,
Por cevares o ventre insaciavel.»

276-281 «Se em jejum, diz o herói, té vir a tarde,
Fouce na mão, nos longos vernais dias,
Num vasto campo, Eurímaco, apostássemos,
Roçaria eu mais erva. Junta eu reja
De bois iguais, robustos e medrados,
A charrua a puxar por quatro jeiras;

282-291 Verás ceder-me a gleba, e como rasgo
Profundos regos. Se hoje o grã Satúrnio,
Guerra ateando armasse-me de escudo
E lanças e éreo casco, antessignano
Ver-me-ias combater, sem que exprobrares
A penuria e pobreza. És nímio injusto,
Nímio orgulhoso; bravo te apregoam,
Porque estás entre poucos e cobardes:
Surja Ulysses; as portas, bem que largas,
Ser-te-iam todas para a fuga estreitas.»

292-298 Eurímaco em furor, carrega o vulto:
«Ah! mísero, teu mal te aumento agora.
De galrar não te pejas entre os grandes:

Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso
De Iros, ufano estás.» Eis do escabelo,
Subtraído o Laércio aos pés de Anfínomo,
O golpe do escanção na destra bate;

299-301 Supino cai chorando, e o jarro tine.
Tumultuam na sala umbrosa os procos,
A dizer: «Que alvorôto lamentavel!

302-304 Longe antes perecesse o vagabundo!
Que rixemos consegue um vil mendigo,
E o prazer dos festins dessaboreia.»

305-308 Enérgico Telemacho: «Insensatos!
Basta. Algum deus por certo vos concita.
A dormir saciados retirai-vos,
Quando quiserdes; a ninguém expulso.»

309-312 Todos, mordendo os beiços, da ousadia
Pasmavam; mas Anfínomo, de Niso
Aretíades filho, assim discorre:
«Não vos irrite, amigos, o que é justo;

313-315 Não trateis com dureza o forasteiro,
Ou qualquer servo do divino Ulysses.
Eia, o escanção de novo arrase os copos;

316-318 Libemos, e a deitarmo-nos partamos.
Do hospede recebido nos seus lares
Incumba-se Telemacho á vontade.»

319-321 Aprouve o dito. Múlio, o Dulinquiense
Arauto e seu ministro, na cratera
Mescla a bebida e em cerco a distribui;

322-324 Aos beatos celícolas brindando,
Repletos vão-se do licor melífluo,
Cada qual em seu leito a repousar-se.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XIX

✦

1-3 A meditar com Palas na matança
Fica o divo Laércio, e diz: «Meu filho,
Agora as armas recolher te cumpre;

4-6 E caso algum o estranhe, assim te escuses:
Quais as deixou meu pai, já não luziam;
Do vapor do fogão fui preservá-las.

7-9 E outro medo o Satúrnio suscitou-me:
Entre os copos ferir-vos poderíeis,
Nosso convívio e os esponsais manchando;

10-17 Pois a força do ferro atrai o homem.»
Telemacho obedece ao pai querido,
Chama Euricléia á parte: «Eia, as mulheres
Retém, ama, lá dentro, enquanto acima
Reponho as pulcras armas, desprezadas
E do vapor do fogo denegridas
Na ausencia de meu pai. Menino eu dantes,
Ora quero do fumo preservá-las.»

18-20 A ama logo: «Oxalá com tal prudencia
A casa rejas! Mas diante, filho,
Quem te há de alumiar, senão as servas?»

21-25 «Este hospede, responde acautelado;
Que do meu coma ocioso, não tolero.»
Ordem fútil não foi, porque os batentes
Fecha Euricléia. Á pressa ambos carregam
Elmos, cavos broquéis e agudas lanças;

26-31 Precede-os Palas de lanterna de ouro.
«Meu pai, observa o moço, que milagre!
As paredes, as traves abietinas,
As grossas vigas, as colunas altas,
Em lume vivo aos olhos me lampejam:
Um deus parece dentro esclarecê-las.»

32-34 «Tá! não tujas, o atalha o sábio Ulysses:
Os íncolas do Olympo assim costumam.
Deita-te: á espreita eu fico das criadas;

35-38 Esperarei que em pranto me interrogue
Tua mãe.» — Ei-lo busca a própria alcova
No meio do esplendor, e em brando sono
Pega até que desponte a diva aurora;

39-45 Mas o herói permanece com Minerva,
A pensar no horroroso morticínio.
Sai, qual Diana casta ou loura Vênus,
Penélope do tálamo, e lhe achegam
Ao lar o usado assento, obra de argênteas
E ebúrneas orlas, do famoso Icmálio,
De apto escabelo e forro de pelame.

46-48 As cativas gentis ali vieram
Erguer das mesas muito pão restante,
E a copa que servira aos convidados;

49-52 Em terra as brasas dos fogões depondo,
Lenha renovam, que ilumine e aqueça.
Doesta a Ulysses outra vez Melântia:
«Á noite, malandrino, inda importunas?

53-55 Espias as mulheres? Farto e impando,
Fora, fora; ao contrário, atiçoadas
Eu te farei mais presto escafeder-te.»

56-58 Averso a encara: «Insultas-me, demonio,
Por que, em vez de luzir, mesquinho e roto
A mendigar meu pão sou constrangido?

59-62 É de errabundos sina. Eu já palacio
Tive e escravos, e o mais que adita os homens,
E a quaisquer indigentes socorria:
Ora o querer de Jove arruninou-me!

63-69 Também murchar-te a formosura pode,
Que entre as servas te exorna; pode irada
Reprimir-te a rainha, e mesmo aquele
Que inda esperar se deve. Mas, se Ulysses
Perdeu-se enfim, outro elle e não criança,
De Apolo por favor, conhece o filho
Quantas mulheres esta casa infetam.»

70-73 Ouve-a e grita a rainha: «Descarada,
Em ti recairá tanta ousadia.
De mim triste soubeste que informar-me
Do esposo vem.» A Eurínoma virou-se;

74-79 «Traze-me, ecônoma, um forrado escano;
Em repouso, comigo elle converse.»
Á pressa o escano de tosões coberto,
Lhe trouxe a velha; ao divo herói sentado
Penélope interroga: «Hospede, vamos
Quem és; de que família? de que patria?»

80-87 E o circunspecto: «No orbe, alta senhora,
Ninguém te vitupera, e a glória tua
Penetra o céo; qual a de um rei sem pecha,
Que é pio e seus magnatas justo enfreia,
A quem do fruto as árvores se vergam,
O agro viça e engradece, a quem produzem
Greis e armentios, ferve o mar com peixes,
E cujos povos a bondade exercem.

88-93 De outra cousa me inquiras, não da patria,
Não da família; ao recordá-las, custa
Gemer em casa alheia. Enfada o choro:
De alguma serva o escárneo atrairia,
Se o teu não fosse, e pode ser que ao vinho
Meu luto lagrimoso atribuíssem.»

94-100 E ela: «O Céo me tirou beleza e forças,
Desde que a Tróia Ulysses me levaram.
Venha, mande-me e reja, e a minha glória
Mais resplendeceria: hoje um demonio
Me entristece e comprime. A flor dos Gregos
De Dulíquio, Zacinto, Ithaca e Same,
Requestando-me invita, os bens me estragam.

101-103 Já nos pobres nem hospedes provejo,
Ou nos arautos, público ministros:
Saudosa a prantear consumo a vida;

104-115 Urgem-me os procos, e eu maquino enganos.
Um gênio me inspirou tramar imensa
Larga teia delgada, e assim lhes disse:
— Amantes meus depois de morto Ulysses,
Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,
Sem que do herói Laertes a mortalha
Toda seja tecida, para quando
No sono longo o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve tanto. —
A diurna obra desfazia á noite,
E os entretive ilusos por três anos;

116-119 Mas, gastas luas e horas, veio o quarto,
E então, por traça de impudentes servas
Apanhando-me, encheram-me de afrontas,
E a concluir a teia me forçaram.

120-124 Nem mais efúgio nem recurso tenho:
Muito a casar instigam-me os parentes;
Leva meu filho o mal que os bens lhe comam,
Pois, homem já, da casa tratar pode,
Como os que de honras Júpiter cumula.

125-128 Dize-me assim quem és; tu não das penhas,
Não do robre nascestes fabuloso.»
E elle cortês: «Mulher de Ulysses digna,
Já que insistes, conhece-me a linhagem;

129-140 E, bem que obedecendo agrave as penas,
Inerentes aos tristes que erradios
Têm andado, como eu, de povo em povo,
Satisfazer-te vou. — De escuras vagas
Circúnflua jaz recunda e linda Creta,
Com cidades noventa e infindos homens
De lingua mista: Aqueus, Cídones, Cressos
Indígenas de prol, divos Pelasgos,
Dórios cristados. Na ampla Gnosso Minos,
Cada nove anos comensal de Jove,
Pai de meu pai Deucalião brioso,
Os governava. Éton me chamam todos.

141-146 Meu régio irmão Idomeneu de Tróia
Foi-se á guerra, mais velho e mais valente.
Na mesma empresa, á força de procelas

Do Maleia a Creta Ulysses impelido,
Surgiu do Aniso num difícil porto,
Onde é das Ilitias, a espelunca.

147-157 Apenas salvo, a Idomeneu procura,
Que hospedes seu dizia venerando;
Mas este era partido em naus rostadas,
Uns onze sóis talvez. Do porto a Ulysses
Escoltei mesmo, e na abundante casa
Amigo o recebi. Do povo obtidos,
Bois, pães e vinhos dei, por doze dias
Os seus provi de tudo, porque o Bóreas,
De um sevo deus movido, não deixava
Em pé ter-se ninguém; mas no trezeno,
Calmado o vento, o pano desferiram.»

158-162 Assim fingia verossímeis contos,
E ela a chorar de ouví-lo definhava:
Qual, por Zéfiro a neve amolecida,
Liquesce do Euro ao sopro em celsos cumes,
Desata-se em arroios e incha os rios;

163-165 Tal inundava as rubicundas faces,
Anelando o marido ali sentado.
Compunge a Ulysses da consorte o pranto;

166-171 Mas, como ou ferro ou corno, firme e seco,
Por não trair-se, as pálpebras continha.
De lágrimas saciada, continua:

«Quero, hospede, sondar se na verdade
A Ulysses recolheste: qual seu trajo,
Qual seu porte, quais eram seus guerreiros?»

172-174 O marido prossegue: «Árduo é, senhora,
Indo em vinte anos que saiu de Creta,
Exato ser; mas ouve o que me lembra.

175-181 De áureo firmal e duplo anel, seu manto
Era encorpado e mórbido e púrpureo,
De alto lavor: nas anteriores patas
Um cão tinha tremente corçozinho,
E ávido o sufocava; elle a escapar-se
Com palpitantes pés se debatia:
Foi pasmo a todos o recamo e a tela.

182-185 Notei-lhe ao corpo a túnica lustrosa,
Fina qual seca tona de cebola,
Alva imitante ao Sol, macia e leve,
Que espantava as melhores tecedeiras.

186-189 Toma sentido, ignoro se tais vestes
Houve-as de casa, ou deu-lhas em viagem
Hospede ou matalote; pois de muitos
Era benquisto, e poucos o igualavam.

190-192 Eu doei-lhe ênea espada, roxo e duplo
Manto e roupa talar, e á despedida
Á tabulada nau fui respeitoso.

193-195 Do arauto seu, mais velho alguma cousa,
Eu me recordo: Euríbato giboso
Era e trigueiro e de cabelo crespo;

196-198 Ulysses entre os socios o estimava,
Por atinado concordar com ele.»
A tão veros sinais, dobrou de pranto;

199-202 Mas acalmada: «Se eras um pedinte,
Ês, hospede, hoje o amigo desta casa.
Trouxe eu mesma da câmara essas vestes,
Eu mesma do firmal ornei luzente.

203-209 Ah! não mais torna á patria o caro esposo!
Fatal partida para a ymphame Tróia!»
«Bem que a dor justa seja, o herói contesta,
Real consorte, o corpo não maceres:
Nunca chorou mulher perdido um jovem
Pai amoroso de seus doces filhos
Melhor que Ulysses, comparado aos numes;

210-213 Porém sossega e atende, eu serei franco.
Tesprotes opulentos me contaram
Que, de riquezas o Laércio onusto,
Na praia ali sozinho aparecera;

214-216 Pois, ao vir da Trinácria, irado Jove
E o Sol, do armento seu pela matança,
No undoso ponto os socios afundaram;

217-222 E ele, agarrado á quilha, enfim surgindo
Na Esquéria, aceito foi dos bons Feaces
Como um deus, e de offertas carregado
Quiseram transportal-o. Há muito Ulysses
Ileso fora aqui, se em outros climas
Não preferisse cumular tesouros;

223-227 Para o que ninguém há de astúcia tanta.
Fídon rei dos Tesprotes me jurava,
Com libações, que a nau já tinha prestes
Para o trazer, e num baixel mercante
Remeteu-me a Dulíquio frumentária;

228-236 Mas primeiro mostrou-me hospitais brindes,
A uma dez gerações talvez sobejos,
Postos no erário, enquanto ia o Laércio
Ao de Dodona falador carvalho,
A indagar dos oráculos de Jove
Se, após tão largo tempo, cá regresse
Oculta ou claramente. Ele é pois salvo,
Nem da casa está longe; eu vou jurar-to:
Atesto o Padre sumo e o lar de Ulysses.

237-240 Onde me asilo, aqui virás sem falta,
Mesmo este ano, esta lua ou na seguinte.»
«Oxalá, diz Penólope! Eu faria
Liberal que ditoso te aclamassem.

241-244 Mas temo, hospede meu; nem elle volta,
Nem tu conseguirás daqui passagem.
Outro Ulysses não tenho (oh! se o tivesse!)
Que afague e expeça honrados forasteiros.

245-248 Depois de um pedilúvio, em cama, ó servas,
De mantas bem se aqueça e belas colchas;
E, assim que a manhã brilhe em trono de ouro,
Banhado e ungido com meu filho coma.

249-252 Ai do que ouse ofendê-lo petulante!
Sem trabalhar descanse, inda que raivem.
De sisuda mulher me louvarias,
A estares mal vestido á nossa mesa?

253-257 Duram breve os mortaes: o iníquo e fero,
Sempre de imprecações coberto em vivo,
Maldizem-no defunto; o afetuoso
E de alma nobre, os hospedes lhe estendem
A glória e fama, e todos o abençoam.»

258-266 Opõe-se o herói: «De Ulysses digna esposa,
Mantas e moles colchas aborreço,
Dês que em remada nau de Creta os cimos
Deixei nevosos: deito-me, como antes
Noites passava insones, e outras muitas,
Á espera da alva aurora, adormecia

No duro chão. De banhos eu prescindo,
Nem me toque nos pés, senão prudente
Anciã no mal provada e oficiosa.»

267-272 E ela: «Nunca de amaveis peregrinos
Tive outrem como tu: quanto proferes
Siso respira. No infeliz conservo
A ama discreta, que, nascido apenas,
Da mãe o recebera e amamentara:
Inda que fraca, os pés lavar-te pode.

273-276 Anda, Euricléia, este coevo banha
De teu senhor: talvez que elle tal seja
E dos pés e das mãos; pois no infortúnio
Rapidamente os homens envelhecem.»

277-279 Tapa a nutriz o lagrimoso rosto
A soluçar: «Ai filho, em vão te anseio!
Pio embora, és de Jove o detestado!

280-286 Ninguém tantas queimou sucosas coxas,
Nem lhe deu mais solenes hecatombes,
Viver quando rogava longa vida
E teu filho educar; mas o Tonante
Sumiu-te a luz da volta! Alhures, zombam
Ah! dele, amigo, em pórticos soberbos,
Outras como as que foges despejadas.

287-292 Lavo-te os pés, não só porque mo ordena
De Icário a boa filha, mas de grado,
Por mera compaixão. Têm vindo muitos
Peregrinantes cá; nenhum, te afirmo,
A Ulysses como tu se assemelhava,
No meneio e no andar, em voz e em gesto.»

293-298 Cauteloso a atalhou: «Sim, todos eram
Desse teu mesmo aviso.» Reluzente
Bacia a velha toma, onde água fresca
Vaza e a fervente em cima. Ao lar no escuro
Senta-se vôlto Ulysses, receoso
Que a cicatriz o arcano revelasse.

299-303 Ela, o senhor banhando, essa conhece
Marca do alvo colmilho de um javardo,
Quando ao Parnaso visitou seus tios
E avô materno Autólico, entre os homens
No pilhar e jurar manhoso e mestre;

304-310 Por Mercurio assistido, a quem de chibos
E anhos queimava as agradaveis coxas.
Veio Autólico a Ithaca ubertosa
De seu neto ao nascer; e, mal cearam,
Põe-lhe o ymphante aos joelhos Euricléia:
«Tu o almejavas tanto, agora inventa
Um nome ao filho da querida filha.»

311-313 Disse o avô: «Genro meu, minha Anticléia,
Eu ressentido contra muitos venho
De um e outro sexo na selvosa terra;

314-317 Um nome lhe imporei, chame-se Ulysses.
Crescido, a casa a visitar materna,
Vindo ao Parnaso, onde as riquezas tenho,
Hei de brindal-o e despedir contente.»

318-324 Foi-se do prometido em busca Ulysses:
Antólico e família o abraçam ternos;
Carinhosa Anfitéia avó beijou-lhe
A testa e olhos gentis. Ao patrio mando,
Para o banquete opíparo, a preceito,
Qüinquene touro os príncipes esfolam,
Picam-no, assam de espeto, e em roda servem;

325-329 E, o dia inteiro á grande regalados,
Liga-os a noite opaca em brando sono.
Ulysses, no arrebol, em montearia
Trilhando as selvas do íngreme Parnaso,
A ventosas fraguras segue os tios;

330-332 E, no arraiar o Sol do mudo Oceano,
Precedendo a matilha farejante,
Vibra o dardo num vale o divo moço.

333-340 Em brenha oculto um javali jazia,
Brenha á diurna torreira impenetravel,
Ao sopro aquoso, á desatada chuva,

Pleno o covil de bastas secas folhas:
Ao latir e ao tropel, sanhuda a fera
Sai, de eriçado pêlo e a vista em brasa,
Tem-se de perto; Ulysses o primeiro
Com forte ávida mão levanta o pinque;

341-345 Prevenindo-lhe o golpe, o dente o cerdo
Lhe aferra no joelho, mas oblíquo,
Sem osso lhe ofender, na carne o embebe:
De ênea cúspide o herói na destra espádua
O atravessa; ei-lo grunhe e tomba e morre.

346-348 Expertos a ferida
ao bravo pensam,
Vedam-lhe por encantos o atro sangue;

349-352 Curam-no em casa, e dele satisfeitos,
Ledo com riscos dons á patria o mandam.
Laertes e Antícléia, jubilosos,
Da cicatriz a causa e tudo inquirem;

353-357 No Parnaso elle conta que o mordera,
Junto a seus tios, javali terrível.
Palpando, a cicatriz conhece a velha,
Nem pode o pé suster; cai dentro a perna,
E a bacia retine e se derrama.

358-362 Dor a assalta e prazer; nos olhos água,
Presa ás fauces a voz, lhe afaga o mento,
E balbucia enfim: «Tu és, meu filho,

És Ulysses; depois que te hei palpado,
Ora por meu senhor te reconheço.»

363-365 E olhou para Penélope, o dileto
Marido a lhe indicar; mas, por Minerva
Distraída, a senhora o não percebe.

366-368 Da destra elle sustendo-lhe a garganta,
A si da esquerda a puxa: «Ama, a teus peitos
Amamentado, queres tu perder-me?

369-374 Volto ao vigésimo ano, após mil transes;
Mas, já que um nume to mostrou, silêncio,
A ninguém me delates. No imo o estampes:
Se me der Jove debelar soberbos,
Não pouparei culpada a nutriz mesma,
Furioso a todas que o palacio ymphamem.»

375-377 «Filho, acode Euricléia, que proferes
Do encerro desses dentes? Inflexível
Tu bem sabes que sou, qual pedra ou ferro.

378-381 Toma sentido: a permittir-te Jove
Soberbos debelar, as que te mancham
A casa apontarei.» — De pronto Ulysses:
«Ama, nem é mister, nem te isso cabe;

382-387 Toca-me descobri-las e julgá-las.
Guarda o segredo, e o mais aos deuses fique.»
Sendo o primeiro banho extravasado,

Sai pela sala a velha em busca de outro,
E o lava e unge; o herói senta-se ao fogo
Se aquece e cobre a cicatriz com panos.

388-391 Ata a rainha a prática: «Inda um pouco,
Hospede meu, que a hora se apropinqua
Do meigo sono, alívio dos cuidados,
Menos dos que um demonio me pródiga.

392-395 Sequer de dia em choro desabafo,
Inspecionando as servas; mas de noite,
Ao reinar o sossego, eu só no leito
Sou de pungentes mágoas salteada.

396-405 A Pandareida verde Filomela,
Na doce quadra amena, entre a folhagem
Flébeis queixumes sonorosa trina
Pelo dela e de Zeto amado filho
Itilo, a quem matou por erro ymphando:
Assim lamento, a revolver incerta
Se ao pé do meu conserve, respeitosa
Ao toro conjugal e á voz do povo,
Servas, paço e riqueza; ou, bem dotada,
Siga o melhor de assíduos pretendentes.

406-409 Enquanto o meu Telemacho era débil,
Não quis largar a marital vivenda;
Mas, púbere hoje, me insta que lha deixe,
Contra os vorazes procos irritado.

410-419 «Explica-me ora um sonho. Gansos vinte
Folgo de ver comendo os grãos no pátio;
Porém de bico adunco montês águia
Sonhei que, tendo lhes quebrado os colos,
Amontoado no terreiro os mortos,
Pelo ar divino alou-se; e eu grito e choro,
E emadeixadas Gregas me circundam
Na minha dor, ao tempo que, voltando,
A águia fala da grimpa em voz humana:
— Ânimo, ó filha do pujante Icário!

420-422 Não é sonho, é visão realizavel:
Gansos os procos são; eu, antes águia,
Sou teu marido, e castigal-os venho.

423-428 Nisto, acordo, olho em torno, e como é de uso,
Vejo os gansos na praia a comer trigo.»
Pausado o herói: «Interpretar o sonho
De outro modo que Ulysses me é defeso:
Iminente é
dos príncipes a perda;

429-431 Nenhum tem de esquivar-se á morte escura.»
Ela acrescenta: «Os sonhos são difíceis;
Muitos, hospede, nunca se efetuam.

432-436 Têm eles dous portões, ebúrneo e córneo:
Os do ebúrneo, falazes, mentem sempre;
Nunca os do córneo falham. Que o meu, deste

Vindo, a mim e a Telemacho aproveite,
Não me lisonjo. Agora sê-me atento.

437-446 O albor nefasto aponta em que dos paços
Me apartarei de Ulysses, e um certame
Vou propor. Inda em casa há meu marido
Secures doze, que erigia em hastes,
E por seus olhos doze em direitura
De longe a frecha rápida enfiava:
Seguirei quem mais fácil o arco estenda
E as secures traspasse, abandonando
Ah! tão saudosa e farta e bela estância,
Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.»

447-450 E Ulysses: «Do Laércio augusta esposa,
Não retardes a prova. Hás de o consorte
Aqui ter, antes que eles o arco verguem
E, tesa a corda, os ferros atravessem.»

451-455 Inda Penélope: «Hospede, a quereres
Junto a mim conversar, de ouvir-te o gosto
Me estancaria o sono; mas não devem
Os mortaes velar sempre, e na alma terra
Lei sobre tudo os numes impuseram.

456-465 Subo a deitar-me enfim no amargo leito
Que de contínuas lágrimas ensopo,
Dês que Ulysses partiu para essa Tróia
De execranda memória. Tu repousa

A teu prazer, no solho ou numa cama
Que se te aprestará»: Disse, e montando
Não só, com duas fâmulas, na excelsa
Maravilhosa câmara pranteia
Seu caro esposo, até que amigo sono
Lhe infunde pelas pálpebras Minerva.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XX

✦

1-4 Ulysses ao vestíbulo descansa:
Em cru taurino coiro estende peles
De immoladas ovelhas, e por cima
Eurínoma lhe deita espessa manta;

5-10 Lá, na vingança meditando, vela.
Eis risonhas de cara e delambidas
As que davam-se aos procos vêm saindo:
Vivamente comoto, em si ventila
Se de súbito as mate, ou lhes consinta
A extrema vez coabitar com eles;

11-18 E o coração lateja-lhe apressado,
Como a galga, a cercar seus cachorrinhos,
Ladra investindo a estranho. A ira enfreia,
Bate nos peitos e cogita: »Cala,
Meu coração! mais suportaste quando
O atroz Cyclope devorou-me os socios:
Com prudencia da cova te livraste,
Onde supunhas trucidado seres.»

19-28 Assim reprime o palpitar interno,
Tem-se; mas anda pela cama ás voltas.
Qual de um brasido ao lume o esfomeado
Vira um gordo ventrículo sangüento

Com desejos de assal-o; inquieto Ulysses
Assim de toda parte se remexe,
Traçando o meio de bastar a tantos
Insolentes rivais. Em vulto humano,
Palas se lhe oferece á cabeceira:
«Por que velas, misérrimo dos homens?

29-31 Tens casa, tens mulher, tens nobre filho,
Filho que outro qualquer te invejaria.»
«Sempre acertas, responde, onisciente;

32-35 Mas posso haver-me, ó deusa, contra a chusma
Que infesta o meu palacio? Inda rumino
Outro cuidado: se os vencer, por graça
De Jove e tua, escaparei com vida?

36-38 Rogo-te me aconselhes.» — «Insensato!
Grita Minerva, um homem noutro néscio
Homem se fia, e tu de mim duvidas?

39-44 Guardo-te sempre, e deusa te protejo.
Eu to declaro: embora multilíngües
Cinqüenta batalhões, a rodear-nos,
O exicio teu conspirem, bois e ovelhas
Tu lhes depredarias. Dorme, é grave
Passar a noite em claro, e o teu mal finda.»

45-47 E espreme-lhe nas pálpebras o sono,
E ao céo volve no instante em que o sossego
Lhe absorve as penas e amolenta os membros.

48-54 Cedo acorda, e sentada ao fofo leito,
Lassa do pranto, ora a Diana a diva,
Das mulheres modelo, honesta esposa:
«De Jove augusta prole, ou tu me arranques
Esta alma a tiros, ou tufão me jogue,
Arrebatada pelos ares cegos,
Ás fauces do retrógrado Oceano;

55-60 Sorte que outrora ás Pandareidas coube.
Órfãs, sozinhas, por querer supremo,
De leite e mel suave e doce vinho
Citeréia as nutria, deu-lhes Juno
Formosura e juizo incomparaveis,
O talhe Délia, os dotes seus Minerva;

61-65 Mas, remontando Vênus ao Tonante,
Que a fundo a sina dos mortaes conhece,
A pedir flóreas núpcias para as virgens,
As Harpias, roubando-as, ao serviço
Das medonhas Erínies as puseram.

66-69 Levem-me assim do Olympo os moradores,
Freche-me Artêmide; eu no abismo horrendo,
Ulysses, te contemple, nem se goze
De mim outro varão que não te iguala.

70-75 Geme o infeliz no dia, á noite ao menos
Esquece adormecido os bens e os males;
A mim sempre um demonio me persegue:

Acaba de antolhar-se-me a figura
De Ulysses tal qual era; cria eu leda
Isto visão real, não mero sonho.»

76-78 Atento o herói divino a tais queixumes,
Ao reluzir da Aurora em trono de ouro,
Cuida-se descoberto e que ela o busca;

79-84 Veste o manto, em cadeira os tosões pousa,
Remove o coiro, em preces alça as palmas:
«Júpiter, se por seca e úmida via
A Ithaca imortaes me conduziram,
Dentro ouça de um desperto o bom presságio,
Fora algum teu prodígio mo confirme.»

85-87 De Ulysses com prazer, fulgure e toa
De resplendida nuvem; perto, o agouro
Solta uma escrava do pastor dos povos.

88-92 Das doze que ao moinho o trigo e azeite,
Medula de homens, preparar soíam,
Fraca ela só, deitadas as parceiras,
Não findava a tarefa: «Ó sumo Jove,
Clamou, do éter sereno assim trovejas?

93-97 Anúncio é para alguém. De mim coitada
Os votos cumpre: o dia extremo seja
Que á mesa de meu amo se regalem
Esses a quem, de afã desfalecida,
Eu môo esta farinha; acabem todos.»

98-100 Do agouro e do trovão contente Ulysses,
Os réos conta punir. Vêm logo as servas
Acender o fogão da pulcra sala;

101-112 O deiforme Telemacho vestido
Vem da alcova, de nitidas sandálias,
No bálteo a espada, aguda lança em punho,
E ao limiar com Euricléia fala:
«Ama, honrastes meu hospede vós outras,
Ou maltrado jaz? Embora sábia,
Minha mãe de um parleiro ás vezes cura
E despede um melhor.» — Mas Euricléia:
«Injusto a acusas, filho. A gosto o velho
Bebeu sentado, abstendo-se da ceia,
Que ela offertou-lhe mesma. Á hora própria
Mandou cama estender; mas ele, afeito

113-115 Á pena e dor, não quis macias colchas,
E ao vestíbulo em coiro e ovinas peles,
Com manta que lhe demos, repousou-se.»

116-118 Hasta na mão, Telemacho atravessa
A grande sala, com dous cães ligeiros,
Aos grevados Aqueus indo juntar-se.

119-122 De Opes de Pisenor zelosa a filha
Esperta as mais cativas: «Borrifada,
Já já, varrei-me a casa, e de tapetes
Forrai purpúreos as louçãs poltronas;

123-127 Lustre as mesas a esponja, a copa e a frasca
Purifiquem-se, e lestes ide á fonte:
Eles madrugam sempre, e o dia de hoje
A todos é festivo.» — Obedeceram:
Ao profundo olho d'água partem vinte;

128-130 As mais dentro o serviço desempenham.
A preceito, chegando, a lenha racham
Os soberbões; da fonte as servas tornam;

131-134 O porqueiro também com três cevados
Entra, em vastas pocilgas escolhidos,
E brandamente fala: «Hospede, os Gregos
Te menoscabam sempre, ou já te poupam?»

135-138 «Eumeu, responde o herói, provera aos deuses
Os insultos punir e os maus desígnios
Desses que estão, sem pinga de vergonha,
Maquinando um alheio domicilio.»

139-144 Entrementes, Melântio se aproxima,
Com dous ajudas, conduzindo cabras
As melhores do fato aos pretendentes,
E amarrando-as ao pórtico sonoro,
Pica a Ulysses de novo: «Inda importunas
A todos pedinchando, e não te safas?

145-148 Sem estas mãos provares, vil mendigo,
Cuido que insistirás. Há comezaina
Entre os outros Aqueus.» Tácito a fronte

Sacode o herói, vinganças ruminando.

149-153 Presenta-se Filétio, o mor vaqueiro,
Uma toura guiando e gordas cabras,
Que as passaram barqueiros do costume,
E ao ligá-las ao pórtico, pergunta:
«Que estranho é este, Eumeu? que gente a sua?

154-156 Donde veio? O mesquinho um rei parece:
Em dor o Céo mergulha os vagabundos,
Mesmo a reis enovela os infortúnios.»

157-161 Vôlto ao mendigo então, lhe cerra a destra:
«Hospede padre, salve! hoje em miséria,
Inda sejas ditoso! Ó tu Satúrnio,
Ó deus o mais cruel, não te comovem
As mágoas dos varões por ti criados.

162-164 Choro e suor agora me rebentam,
Lembrando-me de Ulysses, que afiguro
Assim roto a vagar, se é que o Sol goza.

165-167 Mas se elle no Orco jaz, ai de mim triste!
A quem tão bom senhor, ainda eu menino,
Aos armentos prepôs-me em Cefalênia.

168-171 Inúmeros os bois de larga fronte
Medram mais que a nenhum: cá trago deles
A gulosos, que o filho desfalcando,
A punição dos numes nem receiam;

Do ausente os bens tragar é quanto anelam.
Dupla aflição me rói: com meus bois todos,
Vivo Telemacho, emigrar é feio;

Mas dói muito engordal-o para intrusos.
Longe outro herói buscado eu já teria,
Nesta angústia insofrível, se esperança
De vir não me alentasse o miserando
A profligar ymphames insolentes.»

Ulysses respondeu: «Nem mau nem lerdo
Pareces-me, pastor; eu pois to juro,
Por Jove, pela mesa hospitaleira,
Por este lar e asilo: com teus olhos
Teu bravo amo verás, se o tu quiseres,
Usurpadores crus mandar a Dite.»

O vaqueiro ajuntou: «Permita-o Jove!
Meu braço e minha fé conhecerias.»
E Eumeu também rogava aos deuses todos
Que de seu rei a vinda apressurassem.

A Telemacho, entanto, os corpos tecem
Morte e ruína. Altívola á sinistra
Pávida pomba uma águia eis traz nas garras
E branda Anfínomo: «Ao convívio, amigos;

O plano de matal-o está frustrado.»
Eles dóceis na sala sobre escanos
E camilhas os mantos depuseram.

197-199 Cabras e ovelhas, porcos sacrificam,
E a grã novilha: as vísceras assadas
Repartem, mesclam nas crateras vinho;

200-206 Eumeu taças ministra; o pão, Filétio;
Escanceia Melântio: o bodo encetam.
Á soleira, mas dentro, baixa mesa
E tosco assento o filho pôs a Ulysses,
Que astúcias combinava, e das entranhas
O serve e entorna o vinho em áureo copo:
«A gosto, hospede, bebe entre os guerreiros;

207-210 Salvar-te-ei de golpes e convicios:
A casa não é pública; é de Ulysses,
E herdeiro eu sou. Vós procos, refreai-vos,
Ou lide cá teremos ymphalível.»

211-213 Todos pasmam da audácia e os beiços mordem;
Mas o Eupitéio: «Amigos, suportemos
De Telemacho as fúteis ameaças.

214-216 A querer o Satúrnio, ora açaimado
Aqui seria o parlador canoro.»
Cala Antino, e Telemacho o desdenha.

217-219 Pela cidade arautos hecatombe
Guiam sacra, e no umbroso Febeu luco
Reúnem-se os Grajúgenas crinitos;

220-224 Ao tempo que, do fogo assadas carnes
Os príncipes tirando, as distribuem,
E o festim saboreiam: coube a Ulysses,
Como ordenara seu dileto filho,
Igual porção, que os servos lhe ministram.

225-227 Não consente Minerva que arrogantes
Abstenham-se de afrontas, para o anôjo
Mais do Laércio profundar no seio.

228-239 De Same habitador, iníquo e duro
Ctesipo, que alistou-se entre os amantes
No rico pai fiado, assim vozeia:
«Rivais extremos, é decente, é justo,
Aquinhoal-o bem; nada faleça
De Telemacho aos hospedes, quais forem:
Meu dom receba amavel, com que brinde
A quem, nos paços do imortal ausente,
O banha ou trata.» Aqui, toma de um cesto
E arroja um pé de boi; mas a cabeça
Ulysses, com sardônico sorriso,
Desvia, e o osso na parede bate.

240-244 Em cólera Telemacho lho exprobra:
«Melhor te foi, Ctesipo, que evitasse
O hospede o golpe teu; senão, tu foras
Desta lança varado, e em vez de núpcias
Teu pai te aprestaria a sepultura.

245-248 Proíbo em minha casa iniqüidades;
Não mais criança, o bem do mal distingo:
Só contra muitos, passo os desperdicios
Do meu pão, do meu vinho, do meu gado;

249-252 Mas cesse a hostilidade. E a bronze frio
Se desejais matar-me, antes a morte
Que ver-nos espancar meus protegidos,
Na honrosa casa viciar as servas.»

253-255 Lavra em roda o silêncio, até que o rompe
Agelau Damastórides: «Amigos,
Não braveje nenhum contra a justiça;

256-262 Nem se maltrate o hospede, nem outrem
Que habite na mansão do nobre Ulysses.
Grato seja a Telemacho e á rainha
O que tranqüilo exponho. Enquanto a vinda
Esperaveis do grande e sábio Ulysses,
Causa havia de aqui nos demorardes,
E era justificavel a constância;

263-265 Mas que elle está perdido é manifesto.
Pede pois a Penélope que eleja
Quem lhe aprouver e a dote com largueza;

266-272 Em paz a herança paternal desfrutes,
E tua mãe do noivo orne o palacio.»
Cauteloso Telemacho: «Por Jove,
Agelau, to assevero, pelas dores

De meu pai, que está morto ou longe vaga:
Minha mãe não coíbo, antes a empenho
A esposar quem lhe agrade e muito offerte;

273-279 Mas hei pejo e temor, tolham-me os deuses
Desta casa bani-la ou violentá-la.»
Aqui, Minerva os procos enlouquece,
Um riso inestinguível excitando,
Riso que erra nas bocas louquejantes:
Comem cruentas carnes; de água os olhos
Se lhes arrasa; n'alma o luto versa.

280-282 Teoclímeno a vozes profetiza:
«Misérrimos, que noite vos rodeia
De alto a baixo! que lúgubre ululado!

283-286 Estou já vendo lagrimosas faces,
Em sangue estas paredes e estes postes,
Cheio o vestíbulo e a brilhante sala
De espectros, que ao profundo Érebo descem!

287-290 Morre o Sol, e se esparge e adensa a treva!»
Eles ás gargalhadas o chasqueiam,
E o de Pólibo grita: «O forasteiro,
Cá vindo não sei donde, é mentecapto.

291-295 Moços, ponde-o na rua; ande-se ao foro
Quem por noite hoje toma o dia claro.»
Mas o adivinho: «Eurímaco, retorque,

Não hei mister escolta; olhos e orelhas,
Bons pés tenho, e alma sã no peito alojo;

296-298 Vou-me donde um mal grave está pendente:
Nenhum se livrará dos que este asilo
Manchais de insultos e de ações ymphames.»

299-304 Disse, e foi-se a Pireu, que pronto o acolhe.
Olhando-se e ás risadas, mofam todos,
E um moteja a Telemacho: «És na escolha
De hospedes infeliz: tens um mendigo
Sitibundo e famélico e vadio,
Sem préstimo e valor, da terra peso;

305-307 Outro a vaticinar pouco há surdiu-nos.
Mais útil, eu proponho, é que á Sicília,
Porque hajas pingue lucro, os embarquemos.»

308-314 Desdenhoso o mancebo, taciturno
Fita os olhos no pai, á espera sempre
Do funesto sinal. De cima a Icária
Prudente, em belo escano recostada,
Os escutava. E rindo e zombeteiros,
Tendo eles bastas reses abatido,
Em festim novo e lauto iam cuidando;

315-316 Mas, da injustiça em troca, lhes dispunham
Uma deusa e um varão mais agra ceia.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XXI

✦

1-3 Já da rainha á mente influi Minerva
Propor na sala do arco e das secures
A contenda, princípio da carnagem.

4-8 A escada monta, pelo ebúrneo cabo
Na mão toma carnuda a chave aênea
Curva e artefata, e vai com boas servas
Á superior instância, onde o rei tinha
Muito ouro e cobre e trabalhado ferro;

9-17 Pleno acha o letal coldre e o fléxil arco,
Dons hospitais do Eurítides Ífito,
Lacedemonio herói. Com este Ulysses
No palacio topou do bravo Ortíloco,
Indo a Messena, embaixador imberbe,
Do pai e outros antigos deputado,
Longa viagem, reclamar trezentas
Ovelhas e seus guardas, que Messênias
Galés dos campos de Ithaca levaram.

18-23 Para seu dano, Ífito ali buscava
Éguas doze perdidas e a seus ubres
Doze pacientes mus: foi quando Ulysses,

Que doou-lhe uma espada e forte pique,
Esse arco teve, que, morrendo Êurito
Em seu palacio transmitira ao filho.

24-29 Ah! que nunca um do outro á mesa esteve!
Atalhou-se a amizade, porque Ífito,
Hospedado por Hércules, de Jove
O mais valente e façanhoso garfo,
Este o matou sem pejo dos Supremos,
Ímpia as éguas solípides retendo.

30-37 Por memória do amigo, o arco aceito,
Partindo Ulysses, o deixou na patria.
Vizinha á câmara a mulher egregia,
Tem-se ao portal de robre, esquadriado
E polido, a que o fabro acomodara
Esplêndidas ombreiras e batentes:
Solto o loro do anel, para o ferrolho
Da armela desprender, enfia a chave;

38-42 Com jeito ao revolvê-la, as altas portas,
Qual muge em várzea o touro, abertas rangem.
De sobre estrado, em que pousavam grandes
Caixas de roupa odora, as mãos alçando,
O arco e a funda lustrosa despendura;

43-46 Sentando-se, o coloca aos seus joelhos,
E lamenta e pranteia, ao destojal-o.
Torna, enxutas as lágrimas, á sala,

Setas fatais e o arco sustentando;

47-58 Uma canastra escravas lhe carregam
Do cobre e ferro do certame régio.
Entre fâmulas duas, á soleira
Pára, e abatendo o fino véo perora:
«Vós que, á pretexto de esposar-me, ausente
Meu marido, estragais toda esta casa,
Ouvi-me. O arco eis aqui do nobre Ulysses,
E eu proponho um certame: quem mais fácil
O atese e freche atravessando os olhos
Das machadinhas doze, hei de segui-lo
Da conjugal estância, farta e bela,
Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.»

59-61 O arco e acerado ferro então lhes manda
Pelo fiel choroso Eumeu. Filétio,
Ao ver o arco do rei, suspira e geme.

62-65 Antino os apodou: «Rústicos parvos,
Que só cuidais no de hoje, ah! miseraveis,
Enterneceis com lágrimas aquela
Que, perdido o consorte, em mágoas vive?

66-70 Comei calados, ou carpi de fora;
Deixai-nos o arco da custosa empresa:
Há quem fácil o curve e se equipare
A tão completo herói? Pequeno eu era,
E de Ulysses divino estou lembrado.»

71-75 Assim falou; mas no ânimo contava
O arco tender e traspassar os ferros,
Ele que provará primeiro a frecha
Do rei sem tacha, a quem no mesmo alvergue
Tinha afrontado, os socios concitando.

76-79 Forte exclama Telemacho: «Hui! por certo
Jove desjuizou-me: em que prudente,
Minha dileta mãe diz que por outrem
Larga esta casa, eu rio e insano folgo!

80-85 Procos, eia, ao certame: em Graias terras
Mulher, vós o sabeis, não há como ela,
Em Pilos santa, em Argos, em Micenas,
Nem mesmo em Ithaca ou no Epiro negro:
Para que pois levá-la? Decidamos,
Sem mais tergiversar, tente-se a prova.

86-89 Também o ensaiarei: se o arco ateso
E as secures enfio, a mim dolente
Não me há de abandonar a augusta madre,
Caso ao paterno jogo eu leve a palma.»

90-94 Direito surge, e o manto purpurino
Depõe dos ombros e a cortante espada.
Abre a cada secure funda cova,
Certo as alinha, em torno calca a terra:
Que o faça admiram, sem que nunca o visse.

95-97 Da soleira, o arco tenta, ávido e firme;
Três vezes falha. Espera inda animoso
Tender o nervo e atravessar o ferro;

98-103 E ao quarto esforço o gosto conseguira,
Se Ulysses não lhe acena, e então se teve.
«Oh! céos, brada, ou serei débil guerreiro,
Ou moço inda não posso braço a braço
A ofensa repelir. Vós mais pujantes,
Exp'rimentai; findemos a contenda.»

104-108 E o arco pousa e encosta aos alizares,
Do arco ao remate belo a seta apoia,
E ao posto volve. — Logo Antino: «Em cerco
Pela destra comece e donde o vinho
Se distribui.» O dito aprovam todos.

109-111 Ergueu-se o vate Enópides Liodes,
Junto á cratera assídua sentinela
Censor dos socios, á injustiça avesso.

112-114 Ao limiar, pegando o arco e as setas,
Malogra o esforço; as tenras mãos doridas
Pouco atreitas molesta: «Eu cesso, amigos;

115-122 Outrem cometa a empresa. Este arco a muitos
Estrenuos privará de alento e alma;
E antes morte que vida, a quem frustou-se
Longa esperança. Aquele que inda fia
E pensa haver de Ulysses a consorte,

Verá presto que deve outras Aquivas
Requestar e dotar: com esta case
Quem mais lhe offerte e a sorte lhe destine.»

123-125 Também pousa arco e seta, e vai sentar-se.
Brame Antino em furor: «Que dito acerbo
Desses beiços, Liodes, proferiste?

126-128 O arco annuncias, por que em vão lidaste,
A muitos privará de alento e alma?
Não gerou-te a mãe tua para archeiro;

129-131 Mas outros pulsos poderão dobral-o.»
E ao cabreiro virou-se: «Fogo acende,
Grande escano lhe achega bem forrado;

132-134 Lá dentro há unto e um disco dele traze:
Aqueçamo-lo e o arco amaciemos,
Para em breve o certame concluirmos.»

135-137 Melântio o fogo acende, o escano achega;
O unto, que não falece, ao lume aquentam:
O arco a vergar seus braços não bastaram.

138-144 Abstêm-se Antino e Eurímaco deiforme,
Que facilmente aos outros superavam.
O vaqueiro e o porqueiro ambos saíram
E inda após eles, fora e já no pátio,
Lhes falou com doçura o divo Ulysses:
«Filétio e Eumeu, calar quiçá me cumpra,
E descobrir-me o coração me pede.

145-148 Se um deus súbito Ulysses vos mostrasse,
Deles serieis vós ou desses procos?
Da alma explicai-mo.» — Exclama-lhe o vaqueiro:
«Jove, a meu voto anui! um deus o traga!

149-151 Velho, meu brio e ardor conheceria.»
E Eumeu também depreca ao sacro Olympo
Que volte o rei prudente aos seus penates.

152-155 Deles seguro, brada: «Eis-me, entre angústias
Chego ao vigésimo ano. Reconheço
O vosso amor e fé: dos servos todos
Sois quem me desejais com zelo e afinco.

156-158 Agora me atendei: se me dá Jove
Os intrusos domar, consortes, prédios,
Casas tereis ao pé da minha própria;

159-162 Socios e irmãos sejais do meu Telemacho.
Não há dúvida alguma: eis dos colmilhos
Do javardo o sinal, quando ao Parnaso
Os de Autólico filhos me guiaram.»

163-165 Da cicatriz então separa os trapos:
Certificados, o senhor abraçam
E beijam-lhe a chorar a testa e os olhos;

166-169 O mesmo Ulysses faz. Durara o pranto
Ao posto Sol, se o cauto o não vedasse:
«Basta, alguém ver-nos pode. Vou primeiro,
E entrai, com intervalo, um após outro.

170-174 Se eles do arco pegar me proibirem,
Traze-mo com a aljava, Eumeu divino,
Através da ampla sala; as servas manda
Aferrolhar as portas; nem que sintam
Estrondo e ais, de seu lavor se bulam.

175-177 Os cancelos do pátio, ó bom vaqueiro,
A chaves tranca e fortemente amarra.»
Disse, e dentro sentou-se no seu posto;

178-189 Seguem-no a tempo os dous fiéis criados.
O arco Eurímaco ao lume aquenta e vira,
Mas nem sequer o verga; no orgulhoso
Peito suspira, e suspirando fala:
«Ai de mim e dos mais! Bem que as deseje,
Não choro as núpcias, que Ithaca e outras ilhas
Têm muitas belas; choro a clara prova
De superar-nos tanto o grande Ulysses:
Oh! futuro desdouro!» — A quem Antino:
«Tal não será, Eurímaco; reflete:
Hoje a festa celebra-se de Apolo,
Quem arco dobrará? depô-lo cumpre,

190-192 Inda que em pé deixemos as secures,
Pois ninguém penso as tirará da sala.
Eia, escanção, de novo os copos vaza;

193-196 Larguemos nós libando, o arco e as setas
Traga cedo Melântio nédias cabras;
Ao Longe-vibrador queimando as coxas,
A contenda amanhã terminaremos.»

197-201 Aplaudem-no. Água ás mãos arautos vertem;
As crateras coroando, em roda os moços
O vinho distribuem. Já perfeitas
As libações, manhoso o herói discursa:
«Franco, dignos rivais, serei convosco;

202-204 A Eurímaco mormente me dirijo,
E ao régio Antino, que opinou cordato:
O arco repouse e confiai nos deuses;

205-208 A quem quer amanhã dê Febo a glória.
Mas emprestai-mo, a ver se as forças tenho
Que outrora os membros fléxeis me animavam,
Ou se o mar e a desgraça as confrangiram.»

209-214 Indignaram-se os príncipes, temendo
Que elle o arco dobrasse, e Antino estoura:
«Mísero! endoudeceste. Pouco julgas
Farto comer tranqüilo á nossa mesa,
Ouvir-nos praticar, vantagens que outro
Vagamundo ou mendigo nunca obteve?

215-218 Vinho ardente e melífluo te perturba,
Como a quem nele imódico se encharca.
O vinho a Eurítion, Centauro insigne,

De Pirítoo magnânimo nos paços.

219-222 Inflamou contra os Lápitas; a injurias
Embriagado se moveu tamanhas,
Que os heróis do vestíbulo o expulsaram,
Cerceando-lhe as ventas e as orelhas.

223-225 De alma chegada e leso, errando insano,
Aos Lápitas urdiu cruenta guerra,
E o vinho d'antemão lhe foi desastre.

226-229 Mal do vinho haverás, se o arco vergas.
Tu advogado algum não tens no povo;
Irás a Équeto rei, flagelo de homens,
Em negra nau, sem que dali te salves.

230-233 Bebe em sossego, e a jovens não te afoutes.»
A rainha o impugnou: «É torpe e injusto
Que de meu filho o hospede molestes,
Ou quem se abrigue, Antino, em minha casa.

234-236 Supões que ele, se em forças estribado,
O rijo arco de Ulysses estendesse,
Levar-me-ia consigo por esposa?

237-240 Nem sonha o pobre em tal, nem vos contriste
Nos festins semelhante pensamento.»
Respondeu-lhe o de Pólibo: «Rainha,
Crermos que elle te espose indigno fôra.

241-245 Teme-se a lingua de homens e mulheres;
Talvez diga o mais vil: — O amor cobiçam
Da mulher de um valente os que o seu arco
Não puderam dobrar, quando erradio
Pedinte o fez, atravessando os ferros.

246-249 Tais motetes opróbrio nos seriam.»
«Eurímaco, Penélope retorque:
Respeita acaso o povo os que desonram
E os bens estragam de um varão sublime?

250-252 Sois vós que há muito vos manchai. Fornido
E apessoado, o velho se gloria
De um sangue ilustre: o arco lhe dai; vejamos.

253-256 Se Febo o ajuda, manto lhe asseguro
Belo e túnica rica, aos pés sandálias,
Dardo e anticípite espada que o defendam,
E o mandarei para onde for seu gosto.»

257-262 Sábio Telemacho. «A nenhum dos chefes
De Ithaca branca, ou de ilhas que vizinham
Com a Élide em cavalos abundante,
Mais do que a mim, querida mãe, compete
O arco negar ou dar; nem há quem obste,
Se eu quiser a este hospede offertal-o.

263-265 Vai curar do lavor, da roca e teia,
E assiste ás servas: o arco aos homens toca,
Mormente a mim, que neste paço mando.»

266-270 Retira-se a rainha, e pasma e guarda
O maduro discurso de seu filho.
Sobe com suas fâmulas, chorosa
Pelo marido caro, até que Palas
Sono doce nas pálpebras lhe entorna.

271-273 O arco o divo porqueiro ia levando;
Mas rumor cresce imenso, e um deles brame
«Onde, abjeto porqueiro, esse arco levas?

274-276 A proteger-nos Febo e os outros numes,
Breve hão de nas pocilgas devorar-te
Cães nutridos por ti, sem que te acudam.»

277-281 A arma depôs Eumeu todo assustado;
Minaz também Telemacho bradou-lhe:
«Avante, avante, a chusma não te embargue
Ou, posto que menor, eu te hei-de a pedras
Ao campo repelir, que sou mais forte.

282-284 Assim tanto excedesse aos pretendentes,
Que destes paços os tivera expulso,
Onde exercem flagicios e torpezas.»

285-290 Ei-los a rir a cólera esqueceram.
O arco o fiel pastor, por entre a sala,
Entrega a Ulysses, e á nutriz adverte:
«As servas manda, o príncipe te ordena,
Aferrolhar as portas; nem que sintam
Estrondo e ais, do seu lavor se bulam.»

291-295 Executa Euricléia á risca e pronta.
Mudo Filétio furta-se; os cancelos
Do pátio fecha, e os liga de biblino
Cabo naval, que ao pórtico jazia,
E os olhos no senho, torna a seu posto.

296-301 O arco o herói tenteia, e vira e indaga
Se de vermes roído estava o corno.
Um disse: «Admirador é certamente,
Será de arcos ladrão; possui em casa
Muitos iguais, ou fabrical-os busca:
Destramente o meneia o vagabundo!»

302-309 Outro ajunta: «Bem haja, como agora
Tem de o vergar.» Zombando galrejavam.
Solerte enfim Ulysses o examina:
Qual estende perito citaredo
Com nova chave do alaúde as cordas,
As torsas adaptando ouvinas tripas,
Fácil o atesa, a destra o nervo estira,
Que soou como chilro de andorinha.

310-315 De cor os procos doloridos mudam;
Forte Jove troveja, e o divo Ulysses
Folga ao sinal: da mesa pega a nua
Leve seta, na aljava as outras sendo
Que hão de os Aqueus experimentar; sentado,
Embebe-a no arco, puxa o nervo e as barbas;

316-321 Da mira não desvaira a brônzea frecha,
Das secures zunindo os furos passa.
Ao filho clama: «O hospede que abrigas
Não te desonra; o tiro foi certeiro
O arco tendi sem lida: hei sãs as forças,
Cessem do vitupério estes senhores.

322-325 Hora é de preparar com dia e ceia;
Orne a lira o banquete, o canto o alegre.»
As sobrancelhas move: aguda espada
Eis Telemacho cinge, empunha a lança;

326 Do pai senta-se ao pé, de bronze armado.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XXII

✦

1-3 Despe os trapos o herói, pula á soleira
De arco e de aljava, e aos pés derrama as frechas,
Dizendo aos procos: «A árdua empresa é finda;

4-13 Num alvo nunca dantes alcançado
A mira tenho, e dê-me glória Febo.»
A Antino aqui dispara o tiro acerbo,
Quando elle as duas asas d'áurea taça
Maneava, e o licor ia empinando,
Não cuidoso da morte. Quem previra
Que entre muitos um só, famoso embora,
Á Parca o renderia? A ponta o vara
Da goela á cerviz tenra; ao golpe, Antino
Deixa a taça cair, de ilharga tomba;

14-16 Sangue das ventas jorra, e a pés convulso
A mesa empurra; espalha-se a comida,
Suja-se a carne e o pão. Ferve o tumulto;

17-20 Erguem-se alvorotados, procurando
Em vão, pelas paredes esculpidas,
Escudo ou lança, em cólera fremiam:
«Que! forasteiro, aos homens é que apontas!

Final proeza: abutres vão tragar-te;
Mataste a flor dos Ítacos mancebos.
Louco! acidental suponho o caso,
Nenhum tão iminente o fado cria»;

Mas carrancudo Ulysses: «Cães! julgando
Que eu de Ílio não viesse, consumida
Nossa fazenda, as servas estupraveis,
E de um vivo a consorte pretendíeis,
Sem pejo nem temor de homens e deuses!

Agora transporei o umbral da morte.»
Susto e palor os cobre; olhando buscam
Algum refúgio, e Eurímaco responde:
«Se és na verdade Ulysses Itacense,
Tens razão, porque os Dânoas cometeram
Neste paço e no campo iniqüidades.

Mas ali jaz quem foi de tudo causa,
Antino: a tais ofensas induziu-nos,
Por amor não das núpcias, por cobiça
E ambição de reinar; quis de teu filho,
O que o Satúrnio lhe tolheu, dar cabo.

As traições expiou; poupa teus povos.
Será pública a emenda, e prometemos,
Pagando quanto aqui te consumimos,
Cada um com vinte bois satisfazer-te,
Com ouro e bronze que teu peito alegrem.

46-49 O desagravo aplaque-te os furores.»
Tétrico o herói: «Toda a paterna herança
E muito mais, Eurímaco, me désseis,
A desforra cruenta era ymphalível.

50-55 Só vos pode salvar combate ou fuga;
Nenhum cuido porém que a Parca evite.»
Esmoreceu com isto, os joelhos frouxam,
E Eurímaco replica: «Aljava e arco
Ele não deporá das mãos invictas,
Sem que do limiar nos prostre, amigos.

56-60 Sus, dos gládios puxai, fazer das mesas
Reparo aos tiros seus; num grupo unidos,
O expilamos do ingresso, e reclamemos
Pela cidade auxilio: ultimo o dia
Seja em que setas rápidas jacule.»

61-64 O bronze afiado arranca de dous gumes,
Salta horrendo a rugir contra o Laércio;
Que lesto á mama o fere, e a veloz farpa
No fígado lhe prega: a espada vai-se;

65-68 Revolto em cerco á mesa, donde rola
Comida e louça, de cabeça em terra
Bate, e a pés, convulsivo e agonizante,
Sacode o assento; a vista se lhe entrava.

69-72 Corre Anfínomo a Ulysses glorioso,
De alfanje nu, para o expelir da entrada;
Mas o pique Telemacho entre os ombros
Atrás lhe enterra e os peitos lhe traspassa;

73-79 Só não lho extrai, de medo que, ao sacal-o,
Prono o apunhalem. Súbito recorre
A seu pai: «Vou trazer-te aêneo casco,
Dous dardos e um broquel. Tempo é de armar-me
E os pastores fiéis.» — «Sim, volve Ulysses,
Não tardes, filho; enquanto as frechas durem,
Todos eles das portas não me arredam.»

80-83 Á voz do caro pai, despede aonde
Recolheram-se as armas; oito escudos,
Hastas oito, quatro elmos traz cristados,
E ao campeão de pronto vem juntar-se;

84-87 Arneza-se primeiro e os dous pastores,
Com quem de Ulysses em redor se posta.
Do cauto herói cada frechada abate
Um dos procos, e em pilha iam caindo.

88-92 Esgotado o carcás, á ombreira o encosta
E o válido arco á nitida fachada;
Quádruple escudo embraça, rígido elmo
Nutante enfia de cocar eqüino,
Éreos dardos fortissimos apunha.

93-96 Alta janela havia na parede,
E ao cabo do vestíbulo de tábuas
Estreita rampa, a única subida:
Manda Ulysses a Eumeu que ali vigie.

97-100 Agelau, que o percebe: «Amigos, disse,
Não há quem monte á superior janela,
Pelo povo a bradar? com sua ajuda,
Este homem nunca mais dardejaria.»

101-106 Melântio refletiu: «Não é possível,
Divo Agelau; que a rampa, junta ao pátio,
Por empinada e angusta, um só valente
Basta a guardá-la. Acima eu vou pôr armas,
Ânimo! estão, suponho, em celsa estância,
Onde Ulysses e o filho as depuseram.»

107-110 Por interior escada ei-lo que passa
Á câmara de Ulysses, donde aos procos
Doze dardos fornece e broquéis doze,
Doze êneos cascos de camada crista.

111-115 O herói tituba um tanto, ao ver arnêses
Fugir aos peitos e nas mãos remessos;
Maior a empresa então se lhe afigura,
E grita: «Armou-nos, filho, uma das servas
Cruel certame, se não foi Melantio.»

116-118 «A culpa é minha, o príncipe confessa,
A câmara, meu pai, deixando aberta;
Eles desse descuido se valeram.

119-123 Anda a fechá-la, e observa, Eumeu, se alguma
Escrava é quem nos trai, ou, como julgo,
De Dólio o filho.» — Entanto, Eumeu lobriga
Melântio a remontar: «Solerte Ulysses,
O traidor é o ruim que suspeitamos.

124-130 Se o venço, hei de matal-o, ou conduzir-to
Por que pene os excessos perpetrados?»
E o rei prudente: «A lhes conter a furia
Eu basto com Telemacho. Vós ambos
Na câmara o tranqueis: atai-lhe ás costas
Mãos e pés; ao pilar da corda o extremo
O ice; da trave atormentado penda.»

131-133 Apressuram-se os dous. Sem que os bispasse
Já dentro, armas catando, o guarda-cabras,
De sentinela ao patamar ficaram;

134-137 Até que sai, com reluzente casco
Na esquerda, na direita um ressequido
Largo e velho broquel do bom Laertes,
Que estava ali de loros despegados.

138-140 Com juvenil ardor, no solho interno
Rojam-no preso, amarram-no e penduram,
De seu senhor executando as ordens.

141-145 Mordaz, Eumeu, clamaste: «Ora, Melântio,
Na mole veles merecida cama;
E, ao raiar do Oceano a matutina
Aurora em trono de ouro, não te esqueças
De lhes trazer para os banquetes cabras.»

146-150 Arrouchado e suspenso, o abandonaram,
Fechando a porta; e em bronze reluzindo,
A respirar vigor, juntam-se ao divo
Sábio guerreiro: á entrada apenas quatro,
São muitos os da sala e não cobardes.

151-153 Em Mentor se disfarça e vem Minerva;
Ulysses a folgar: «Mentor, socorro;
Amigo teu fui sempre, e me és coevo.»

154-157 Ora assim, mas suspeita ser Tritônia.
Rompem logo em doestos, e é primeiro
Agelau Damastórides: «Ulysses
Contra os procos, Mentor, não te seduza;

158-164 Ou com teu sangue expiarás a culpa,
Assim que elle e Telemacho sucumbam,
Como é de crer. Depois que o bronze expires,
Teus bens de fora e urbanos confundidos
E os do Laércio, de Ithaca a família,
Os filhos teus, as filhas, casta esposa,
Nós surdos á piedade expulsaremos.»

165-171 Em mais cólera a déa: «Já te falta,
Ulysses, o valor que, da alva e nobre
Helena a pró, nove anos despregaste,
Varões tantos rendendo em graves prélios,
Ilion por teus conselhos derrocada:
Como! nas tuas possessões recusas
A insolentes punir! Ânimo, filho;

172-176 O Alcimides verás como te é grato.»
E a fim de comprovar o esforço dele
E do excelso Telemacho, a vitória
Inda balança, e em resplendente poste,
A revoar, qual andorinha, pousa.

177-179 Eurínomo, Agelau, Demoptólemo,
Anfimédon, Pisandro Politório,
Pólibo armiperito, aos seus roboram;

180-183 Os fortes são que vivos pleiteavam,
Pois o arco assíduo os outros já domara.
«Vêde-o, grita Agelau, que as mãos invictas
Retêm; Mentor jactancioso foi-se;

184-186 Á entrada, amigos, sós pelejam quatro.
Eia, brandi, não todos, mas seis dardos:
Jove nos glorifique, o herói firamos;

187-190 Dos mais não se nos dê, se elle é vencido.»
Frustra Minerva os dardos seis que voam:
Prega-se á porta um freixo de érea choupa,

Outro ao grosso alizar, outro á parede.

191-197 Malogrados os tiros, manda Ulysses
Paciente e firme: «Toca-nos, ó caros,
Punir os que ardem consumar seus crimes
Com nossa morte.» Lanças quatro zunem:
Ele a Demoptólemo, o filho a Euríade,
A Élato Eumeu, Filétio ao Politório,
Morder o vasto pavimento fazem.

198-209 Recua ao fundo a chusma, e os quatro os freixos
De chofre dos cadaveres desprendem.
De novo os procos a vibrar forcejam,
E as hastas quase inutiliza Palas:
No portal finca-se uma, outra num poste,
Ou num lanço da sala; mas o corpo
A Telemacho esfola a de Anfimédon,
E a de Ctesipo, a Eumeu roçando a espádua,
Salva o escudo e baqueia. Em torno ao chefe
Mantêm-se inda mais bravos: a Eurídamas
O eversor de muralhas, a Anfimédon
Fere Telemacho, o porqueiro a Pólibo;

210-212 A Ctesipo Filétio os peitos vara,
E ufaneia: «Insultante Politérside,
Cessas de encher a boca de estulticias;

213-215 Cabe o discurso aos poderosos numes.
Pago és do pé de boi com que hospedaste
O divo herói mendigo em seu palacio.»

216-226 Ao falar o vaqueiro, fronte a fronte
Seu amo a Damastórides lanceia;
Por Telemacho a bronze roto o ventre,
Se debruça Leócrito Evenório,
Bate no solo a testa . Eis do fastígio
Alça Tritônia a égide homicida:
Vagam todos atônitos, qual fogem
Do vário ágil tavão picadas reses
Nos vernais longos dias. Da montanha,
De garra e bico adunco, abutres saltam
Sobre aves, que tremendo alam-se ás nuvens;

227-231 Eles porém, folgando os campesinos,
Sem mais refúgio, alcançam devorá-las:
Assim de cabo a cabo a turba acossam,
Rompem, vulneram; mestos ais ressoam,
E todo o pavimento em sangue ondeia.

232-235 Súbito abraça a Ulysses os joelhos
Suplicante Liodes: «Compassivo
Me sê, Laércio. Nunca obrei, nem disse
Cousa que as servas tuas ofendesse;

236-239 Antes continha os socios, que emperrados
O mal purgaram já com morte feia.
Vate e inocente, padecer não devo:
Recompensa futura aos bons compete.»

240-242 Sombrio o rei troveja: «Eras seu vate,
Longe me ansiavas dos queridos lares,
Ter de minha mulher quisestes filhos;

243-246 Trago amargo haverás.» E, erguendo a espada
Que ao morrer Agelau deixara em terra,
Com mão forte a Liodes, que ainda orava,
A cabeça mutila e em pó lha envolve.

247-253 O Terpíades Fêmio, dos intrusos
Cantor coato, esquiva-se ao trespasso;
E, em punho a lira arguta, considera,
Á superior saída, se abrigar-se
Na ara de Jove iria, onde o Laércio
E o pai queimaram coxas mil taurinas,
Se deitar-se-lhe aos pés: foi deste aviso.

254-258 Entre a cratera e a sede clavi-argêntea
Pondo o cavo instrumento, implora e estreita
Os joelhos do herói: «Príncipe augusto,
Perdão! há de pesar-te se exterminas
Vate que humanos e imortaes celebra.

259-261 Eu doutrinei-me, o Céo me inspirou mesmo
Onígenas canções; posso entoar-tas,
Qual a um deus: no meu sangue ah! não te manches.

262-264 Por indigencia não, teu filho o sabe,
Dos procos aos festins forçado vinha;
Tantos e mais potentes me obrigavam.»

265-268 Enérgico Telemacho: «Este insonte,
Nem o arauto castigues, pois na infância
De mim curava, se é que Eumeu, Filétio,
Ou golpes teus letais o não prostraram.»

269-274 Ouve-o Médon alerta, que medroso,
De baixo do seu trono, em fresca pele
Bovina se escondera; e, sacudindo-a,
Ajoelha-se a Telemacho: «O paterno
Cru bronze, amigo, aos loucos não me iguale
Que, esbanjados os bens, te desonravam.»

275-280 Sorrindo o herói: «Telemacho salvou-te
Sus, apregoa que vantagem leva
Sempre a virtude ao vicio. Ao pátio aguarda
Mais o cantor famoso, que eu preencha
Quanto me cumpre.» — Da carnagem fora,
Ambos da ara de Jove tudo espreitam.

281-286 Na sala, circunspecto, elle examina
Se inda algum respirava, e em pó sangrento
Jaziam todos: qual á praia curva

Arrasta a malha os peixes, que, empilhados
Na areia, mudos cobiçando as vagas,
Á luz do Sol em breve o alento exalem;

287-291 Tais os procos ali se amontoavam.
E Ulysses: «Da nutriz já já preciso,
Telemacho.» O postigo o moço volve:
«Olá, quer-te meu pai, não tardes, ama,
Que és das fâmulas todas superiora.»

292-295 Fútil mando não foi; que, abrindo as portas,
Caminha após Telemacho Euricléia:
De mãos e pés imundo encontra a Ulysses
De fresca mortualha circundado;

296-300 Como o leão, que, tendo a rês comido,
Cruento o peito e a cara, avulta horrível.
Nos mortos atentando e no alto feito,
Ia a velha gritar; seu amo o atalha:
«Folgues embora em ti, mas não jubiles;

301-304 Cousa é torpe exultar por homicídios.
Cru destino os domou, sua impiedade:
Sem respeito a ninguém, por bom que fosse,
Pecados seus á Parca os devotaram.

305-307 Agora as delinqüentes me enumera,
Que esta casa honestissima desdouram.»
E a dileta nutriz: «Meu filho, escuta.

308-313 Fâmulas tens cinqüenta, que ensinamos
A lavrar, a cardar, a submeter-se
Á escravidão: na impudicia doze,
De mim não se lhes dá, nem dá senhora
Telemacho, inda há pouco adolescente,
Que a mulheres governe a mãe proíbe.

314-316 Eu já subo a falar com tua esposa,
Por divino favor adormecida.»
Mas ele: «Não é tempo de acordá-la.

317-321 Aqui me chama as impudentes servas.»
Apressura-se a velha mensageira.
A Telemacho o rei e aos dous pastores
Juntos prescreve: «A transferir os mortos
Começai, das mulheres ajudados;

322-327 Expurguem-se depois com água e esponja
Tronos e mesas. Toda a sala em ordem,
As rês daqui levai; de espada a fios
Da cerca do atrio em meio e da rotunda,
Expire uma por uma, e esqueçam Vênus
Que furtivas as ligava aos pretendentes.»

328-332 Elas em pranto e ais chegadas foram;
Soluçando, os cadaveres ás costas,
Ao pórtico do pátio os depuseram,
Mútuo auxilio a prestar-se; o mesmo Ulysses
As concitava, e a custo prosseguiam.

333-335 Limpos á esponja os móveis elegantes,
O solo os três com pás iam raspando,
O lixo as criminosas carregavam.

336-338 E concertada a sala, as conduziram
Da cerca do atrio ao meio e da rotunda,
Augusto sítio, impedimento á fuga.

339-349 Lá Telemacho disse aos companheiros:
«Não morram simples morte as que, nos braços
De ymphames tais, enchiam-me de opróbrio
E a minha casta mãe.» Nisto, um calabre
Naval de uma coluna atando, em roda
No alto passa da torre, que nenhuma
O chão de pés tocasse. Qual, entrando
Pombas ou tordos num vergel, da moita
Em rede caem de estendidas asas,
Triste poleiro e cama; assim, por ordem
Elas em laços, curto esperneando.

350-360 Cessam de palpitar estranguladas.
Ao vestíbulo e atrio, a sevo bronze,
Ventas e orelhas a Melântio cortam,
Lançam-lhe os genitais a cães famintos,
Pés decepam-lhe e mãos. — Completa a obra,
Vão-se purificados ao Laércio,
Que determina: «Salutar enxofre
Traze e fogo, Euricléia; defumada

Seja a casa. Ao depois a vir exortes
A rainha e as escravas.» — Mas a velha:
«Otimamente, filho meu, discorres;

361-363 Outras vestes porém dar-te-ei primeiro:
Decoroso não é que em teu palacio
Forres de andrajos os robustos membros.»

364-366 Insta o senhor: «O fogo é já preciso.»
Fogo e enxofre sem réplica ela trouxe.
Com que Ulysses defuma a sala e o pátio.

367-370 Sobe a ama de novo e intima as ordens:
As servas em tropel sustendo fachos,
Ledas em torno, abraçam-no e saúdam,
Beijando-lhe a cabeça e as mãos e espáduas;

371-372 E ele, que n'alma as reconhece, um doce
Desejo tem de choro e de suspiros.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XXIII

✦

1-7 Ás risadas a velha os joelhos move,
Celérrima a informar que é vindo Ulysses,
E a Penélope fala á cabeceira:
«Surge, anda, filha, a veres com teus olhos
O que tanto almejaste: eis bem que tardo,
Castigou teu marido os que, estragando
Casa e fazenda, o filho te oprimiam.»

8-10 E ela: «O Céo, que á vontade, ama Euricléia,
Do louco um sábio faz, do sábio um louco,
Transtorna-te a razão que te assistia.

11-14 Como! zombas de mim, que hei tantas penas,
E as pálpebras do sono me descerras,
Sono o mais saboroso dês que Ulysses
Foi-se á nefanda Tróia? Desce e vai-te.

15-18 Se outra com tais anúncios me acordasse,
Eu mais dura e severa a despedira;
Mas vale-te essa idade.» — A escrava insiste:
«Filha, de ti não zombo; em casa o temos;

19-22 É o hospede que todos insultavam.
Já sabia Telemacho o segredo;
Ocultava-o prudente, a fim que Ulysses
A soberba e violencia refreasse.»

23-32 Leda salta Penélope do leito,
Em lágrimas a abraça: «Ama querida
Se isso é verdade, se elle aqui se alverga,
Os audazes, que sempre estavam juntos,
Como só derribou?» — E a nutriz: «Nada
Eu vi, nem mo contaram, mas ouvia
O estrondo, o pranto, os ais dos moribundos,
Lá nos retretes, a trancadas portas,
Em susto éramos todas, e teu filho
Por ordem paternal veio chamar-me.

33-35 Achei teu bravo Ulysses entre os mortos
Uns por cima dos outros: exultaras
De o ver leão sangrento e encarniçado!

36-41 Ele, fora os cadaveres em montes,
Fumiga o paço, e ordena que me sigas,
Anda, ambos de alegria abeberai-vos,
Depois de tantas mágoas; a tão longa
Saudade se mitigue. Ele nos torna
Vivo e são; cá te encontra e o filho vosso;

42-45 Puniu já desta casa os malfeitores.»
Logo a rainha: «A rir não te glories.
Sim, grata a vinda sua a todos fora,
Mormente a mim e ao filho que geramos;

46-49 Porém, ama, não creio o que me afirmas:
Indignado algum nume de arrogâncias
E injurias tais, livrou-nos de insolentes
Que a ninguém, por melhor, tinham respeito;

50-52 Mas longe Ulysses acabou decerto.»
«Filha, insiste Eurícléia, que proferes?
Duvidas inda, e ao lar já tens o esposo!

53-59 É muito. Ora um sinal te manifesto:
Ao laval-o, do cerdo conheci-lhe
A cicatriz. Eu ia annunciar-to,
Cauto a boca tapou-me. Vem; consinto,
Mata-me, se te engano.» — «É-te impossível,
Penélope argüiu, por mais ciente,
O arcano, amiga, perceber divino.

60-68 Contudo, ao filho corro; esses perversos,
Aquele que os prostou, meus olhos vejam.»
Desce, do caro esposo revolvendo
Se as mãos e as faces beije, ou tão sómente
O interrogue distante. Já transposto
O pétreo limiar, defronte, ao lume,
Noutra parede fica: ele, encostado
Numa coluna, arreda a vista, á espera
Que o fite e que lhe fale a mulher forte;

69-72 Ela, em silêncio estúpido, ora o encara,
Ora pelo seu trajo o desconhece.
Rompe e a censura o filho: «Que! tão dura
Esquivas a meu pai, nem dele inquires!

73-75 Que outra mulher assim desamorosa
Recebera um marido, após vinte anos
De ânsias cruéis? Tens coração de pedra.»

76-81 Escusou-se a rainha: «De pasmada,
Meu Telemacho, olhar nem falar posso.
A ser teu pai, a todo mundo ignotos,
Sinais temos que o provem.» — Tolerante
O herói sorriu-se: «A mãe consintas filho,
Que me tente e afinal se desengane;

82-86 Sujo e torpe, ela estranha-me e repugna.
Consultemos agora. Se alguém mata
Um popular de asseclas mal provido,
Foge, terra e parentes abandona:
De Ithaca a flor e esteios derribamos;

87-89 Deliberemos nós.» Cordato o jovem:
«Cabe-te isso, meu pai; fama é constante,
Mortal nenhum te iguala no conselho;

90-92 Seguir-te só me cumpre, e eu forças tenha,
Que outrem não há de em ânimo vencer-me.»
E o cauteloso: «Pois meu voto escuta.

93-97 Primeiro vos lavais, mudai vestidos,
E ordenai-me ás cativas que se enfeitem.
O músico na lira preludie
Dança amorosa, a fim que núpcias dentro
Haver pense ou vizinho ou viandante.

98-100 Fora a carniçaria não persintam,
Antes que os agros e vergéis busquemos:
Lá do Olympo o senhor deve inspirar-nos.»

101-106 Lavam-se, dóceis, de vestidos mudam,
Ás mulheres prescrevem que se adornem.
Fênio na ebúrnea lira já consona
Dança ligeira e doce melodia:
Ao tropel toda a casa reboava
De esbeltos jovens e de airosas moças.

107-109 Cruzam vozes da rua: «Algum de tantos
A rainha esposou, que mais valera
Se fiel ao marido os bens guardasse.»

110-112 Assim, néscios do caso, discorriam.
Lava a cuidosa Eurínoma e perfuma
O brioso Laércio, e o paramenta.

113-115 Aformoseia-lhe a cabeça Palas;
Majestoso e maior, na espalda a coma
Cor de jacinto em ondas se lhe esparge;

116-118 Tamanha graça lhe vestiu Minerva,
Quantia infunde em lavor de prata e ouro
Dela e Vulcano artífice amestrado.

119-122 Como um deus sai do banho, torna ao posto
Fronteiro ao da consorte, e assim perora:
«Tão duro coração, femíneo monstro,
Nunca foi dos celícolas forjado!

123-126 Que outra mulher tão fria se portara
Ao chegar seu marido após vinte anos
De pena e dor? Sus, ama, um leito apresta,
Quero dormir. Sua alma é toda ferro.»

127-129 «Monstro eu! retorque; nem te apouco altiva,
Nem me assombro demais: qual te embarcaste
No instruto galeão, me estás na mente.

130-132 Eia, fora da alcova alça, Euricléia,
O reforçado leito, obra de Ulysses,
Com mantas e tosões, com moles colchas.»

133-135 Tal foi para o marido a prova extrema.
Ele á casta mulher gemendo exclama:
«Quem removeu-me o leito? oh! triste nova!

136-139 Isso nímio custara ao mais sabido,
Salvo intervindo um nume; empresa enorme
Fora a humano qualquer, por mais viçoso:
Fi-lo eu sozinho; este sinal te baste.

140-143 Grossa como coluna, vegetava
No pátio umbrosa e flórida oliveira:
Densas pedras em roda, em cima um teto,
Câmara edifiquei de unidas portas;

144-147 Já desgalhado, a bronze descasquei-lhe
Desde a raiz o tronco, e de esquadria
Artífice o puli, verrumei tudo,
Formando um pé, começo do meu leito;

148-152 Marfim neste embutindo e prata e ouro,
Táureas correias lhe teci vermelhas.
Esta a verdade. Ignoro se está firme
Esse leito, ou, serrando-se-lhe o tronco,
Por algum dos varões foi transplantado.»

153-157 Aqui, tendo Penélope a certeza,
Desfaleceu; depois, toda alvoroço,
Em pranto o colo do marido abraça,
E o beija e diz: «Uilsses, foste aos homens
O exemplo da prudencia, não te enfades.

158-162 Irmos juntos logrando os flóreos dias
O Céo nos invejou; perdão, se ao ver-te
Não fui logo lançar-me no teu seio:
De que outrem com discursos me iludisse
Tremia sempre; os dolos não falecem.

163-168 A Dial Grega Helena o toro nunca
Do estranho compartira, a ter previsto
Que á patria e casa os belicosos Dânaos
Tinham de a reduzir: a tanto opróbrio,
Causa da nossa dor, cruel deidade
A infeliz arrastou, que o não cuidava.

169-172 Porém veros sinais manifestaste:
Outro nenhum varão viu nossa alcova,
Nós e a fiel Actóride sómente,
Por meu pai concedida, e que é porteira.

173-175 Minha justa esquivança embrandeceste.»
Ele com isto em lágrimas rebenta,
Mais ao peito cingindo a casta esposa.

176-187 Da praia quando á vista os naufragados,
Por Neptuno e por vagas sacudidos,
Poucos no vasto pelago nadando,
Sujos da maresia, á morte escapam,
Não têm maior prazer do que a rainha
Teve ali. Não despega os alvos braços
Do colo do consorte; e a ruiva Aurora
Os encontrara, se não fosse Palas:
A olhicerúlea, prolongando as sombras,
No Oceano a retinha em áureo trono,
Sem que até ao coche alípides ginetes
Lampo e Faeton, que a luz no mundo espalham.

188-192 «Mulher, diz-lhe o marido, não findaram
Nossas provas; uma árdua imensa empresa
Me cumpre executar: assim Tirésias,
De mim, dos socios meus, soltando os fados,
Profetizou-me na Plutônia estância.

193-196 Mas vamos, doce amiga, ao leito nosso
Deleitar-nos em brando e meigo sono.»
Penélope acedeu: «Já que em meus braços
Pôs-te o Céo, no meu leito a gosto sejas.

197-206 Mas que perigo annunciou-te o vate?
Se hei de saber depois, que o saiba agora.»
«Se o queres, anjo meu, responde Ulysses,
Não to escondo: ah! matéria é de tristeza
Para ti, para mim! Que peregrine
Remotas plagas me ordenou Tirésias,
E ágil remo sustendo, a povos ande
Que o mar ignoram, nem com sal temperam
Que amuradas puníceas não conhecem,
Nem remos, asas de baixéis velozes.

207-210 Deu-me o sinal: assim que um viandante
Pá creia o remo ser, eu do ombro o desça
Finque-o no chão, carneiro e touro imole,
Varrão que inça a pocilga, ao rei Neptuno;

211-214 Mas na patria hecatombes sacrifique
Aos imortaes celícolas por ordem.
Do mar cá me virá mui lenta a morte,
Feliz velho entre gentes venturosas.

215-220 Certos me asseverou seus vaticínios.»
Ela acudiu: «Se os deuses te prometem
Melhor velhice, espero que triunfes
Inda uma vez.» — Enquanto praticavam,
Eurínoma e a nutriz, de acesas tochas,
A cama afôfa e mórbida estendiam.

221-224 Isto acabado, a velha foi deitar-se,
E a camareira ao quarto alumiou-os
E retirou-se. Com delicias ambos
Do antigo toro o pacto repetiram.

225-227 Também Telemacho e os leais pastores
Suspensa a dança, despedindo as servas,
Pelos sombrios paços repousaram.

228-233 Ao desejado amor depois de entregues,
Em colóquios os dous se regozijam:
Conta a mulher divina os dissabores
De olhar contínuo a turba dissoluta,
Que, bois, cabras e ovelhas degolando,
E os tonéis exaurindo, a requestava;

234-237 Ele, as dores impostas ou sofridas.
Leda a esposa de ouvir, só depois dorme.
Primeiro expôs o estrago dos Cícones,
E a terra dos Lotófagos ubérrima;

238-241 Como vingou-se do feroz Cyclope,
Que os socios lhe comeu; como, inda á patria
Ir não sendo seu fado, com doçura
De Eolo aceito, mais por fim repulso;

242-244 Jogo ah! foi da procela em mar piscoso;
Como, aportado á Lestrigônia, tantos
Perdeu, salvando seu baixel apenas.

245-248 Expôs os dolos e dobrez de Circe;
Como, a Plutão vogando em nau compacta,
Viu, do Tebano vate após consulta,
Irmãos de armas e a mãe que amamentou-o;

249-251 Como as Sereias lhe cantaram; como
Chegou-se a instaveis rochas e a Caríbdis,
E a Cila que sem perdas não se evita.

252-256 Expôs que, a raio o Altíssono a matança
Dos bois do Sol punindo, a nau ligeira
E os demais soçobrou; que, á ilha Ogígia
Arribando elle só, foi por Calypso
Detido em cava gruta e acarinhado;

257-259 Que a nympha, de esposal-o cobiçosa,
Prometeu-lhe uma eterna juventude,
Sem jamais demovê-lo da constância.

260-262 Findou pelos Feaces, que de um nume
A par o honrando, em nau de cobre e alfaias
E de ouro onusta, a Ithaca o mandaram.

263-269 Do sono aqui dulcissimo assaltado,
Solve os pesares; e, julgando-o Palas
De repouso e de amores satisfeito,
Chama a fulgente Aurora do Oceano,
E na alvorada o sábio herói desperto
Se endereça á mulher: «Sobejas penas
Tivemos: tu, chorando a minha ausencia;

270-275 Eu, delongas e empeços que o Satúrnio
E outros deuses á vinda me opuseram.
Ora, que o nosso tálamo ansiado
Já tocamos, dos bens restantes cura:
Para suprir os meus currais e enchê-los,
Hei de apresar, e parte haver do povo.

276-281 Aos bosques vou-me e campos, as saudades
Aliviar do genitor. Consorte,
Bem que discreta, observa os meus preceitos:
Alto o Sol, desses procos a matança
Ressoará; com tuas servas monta,
Sem comunicação lá permaneças.»

282-284 Vestindo logo as suas, manda que armas
Também Telemacho e os pastores peguem.
Arnesando-se os quatro, as portas abrem;

285-286 Ulysses marcha á frente. Era já dia;
Mas enublados os dirige Palas.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CANTO XXIV

✦

1-3 Dos procos o Cilênio evoca as almas,
De ouro empunhado o caduceu que os olhos
Mortaes a gosto esperta e os adormece;

4-9 Elas ao toque ciciando o seguem.
Em divo antro profundo a revoarem,
Guincham morcegos, se um dos cachos tomba
Da rocha a que aderiram: tal se move
Trás Mercurio benóvolo, em murmúrios
Pelo hediondo espaço, o tropel todo;

10-15 Vão-se ao fluido Oceano e á Pedra-Branca,
Do Sol ás portas e ao dos Sonos povo.
Em prado verde, habitação dos manes,
Os do Pelides acham, de Pátraclo,
De Antíloco, de Ajax galhardo e forte,
Que os Dânaos superava, exceto Aquiles.

16-18 Eram deste em redor, quando Agamemnon
Surge dolente, e as sombras dos que Egistho
Em seu paço com elle assassinara.

19-23 «Atrida, enceta Aquiles, ao Tonante
Nós julgávamos seres o mais caro,
Por dominares nos heróis que em Tróia

Padecemos sem conto. Ah! que o tributo
Não rendeste primeiro á Parca dura!

24-26 Naqueles campos com supremas honras
Tu falecesses! dos Aqueus ereto,
Glória a teu filho o monumento fora;

27-30 Era fatal misérrimo acabares!»
E Agamemnon: «Beato herói divino,
Em torno a quem, longe da Grécia extinto,
Bravos Teucros e Argeus caíram tantos!

31-34 Em túrbida poeira amplo jazias,
Dos corcéis esquecido; e a combatermos
Ante o cadaver teu, só conturbados
Por um tufão de Júpiter, cessamos.

35-45 Posto em féretro a bordo o corpo egrégio,
Em quente água expurgado e ungido, os Gregos
Choravam, tonsa a coma. Eis, das Nereidas
Ouvida a grande voz, tremeram todos,
E nos porões iam meter-se, quando
Experiente Nestor, com douto aviso,
De grado concionou: — Tá! vem do pego
Tétis madre e as irmãs carpir seu filho. —
Coibida aos Grajúgenas a fuga,
Cercam-te as filhas do marinho velho,
Cobrem-te em ais de incorruptível manto.

46-53 As Musas nove alternam-se em lamentos:
Ninguém podia, á lugubre toada,
As lágrimas conter. Por dezassete
Noites e dias, de mortaes e deuses
Regou-te o pranto e na seguinte aurora
Demos-te ao fogo, e ovelhas te immolamos
Gordas e negros bois; nas divas roupas,
Em óleo e doce mel, queimado foste;

54-59 Muitos peões e armados cavaleiros
Circundaram-te a pira estrepitosos.
De manhã, gasta a carne, os brancos ossos,
Em perfumes e vinho e ambalsamados,
Recolheu-te a mãe terna em urna de ouro,
Dom de Baco e trabalho de Vulcano.

60-62 Estão mistos aos teus os de Pátroclo,
Dos de Antíloco perto, a quem dos socios,
Morto o Menécio, maiormente honravas.

63-66 E os do exército sacro te exalçamos,
Do amplo Helesponto em prominente riba
Um magnífico túmulo, que ao longe
Aos vivos manifeste-se e aos vindouros.

67-70 Prêmios obteve dos mais numes Tétis,
Que os pôs no circo aos príncipes Aquivos.
A régios funerais tenho assistido,
Onde o páreo mancebos disputavam;

71-74 Tu se os visses, Pelides, admiraras
Da mãe déa argentipede as offertas.
Grato aos Céos, teu renome não perdeste,
Que de evo em evo troará no mundo.

75-77 Mas que valeu-me a guerra? Na tornada,
Júpiter propinou-me o copo amaro,
Por mãos de Egistho fero e da traidora.»

78-80 Entretanto, o Argicida arrebanhava
As almas dos que Ulysses abatera,
A cujo encontro as mais com pasmo correm.

81-86 Agamemnon conhece incontinênti
O Melanteides ínclito Anfimédon,
Que em Ithaca o hospedara: «Que desastre,
Escolhidos e eqüevos, cá vos trouxe
Ao reino tenebroso? Não podia
Alguém numa cidade achar melhores.

87-91 Com soltos ventos e escarcéos furentes
Vos afundou Neptuno? ou de inimigos
Preia fostes em terra, aos saqueardes
Armentos e rebanhos? ou pugnando
Pela patria e família? Nada encubras;

92-97 Hospede teu me chamo. Não te lembra
Que me acolheste e a Menelau divino,
Quando a embarcar-se para Tróia Ulysses

Fomos nós suadir? Um mês inteiro
O largo ponto aramos, e a bem custo
O eversor de muralhas demovemos.»

98-109 «Rei dos reis, Anfimédon respondeu-lhe,
Tudo me lembra, e franco vou narrar-te
Nosso funesto fim. Do ausente Ulysses
A esposa ambicionávamos; que, avessa
A morte a nos tramar, nos entrctinha
E, com sutil pretexto, imensa enrola
Teia fina ao tear, e assim discursa:
— Amantes meus, depois de morto Ulysses,
Vós não
me insteis, o meu lavor perdendo,
Sem que do herói Laertes a mortalha
Toda seja tecida, para quando

110-113 No sono longo o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve tanto. —
Esta desculpa ingênuos aceitamos.

114-120 Ela, um triênio, desmanchava á noite
Á luz da lâmpada o lavor diurno;
Ao depois, avisou-nos uma escrava,
E a destecer a teia a surpreendemos:
Então viu-se obrigada a concluí-la,
E aos olhos despregou-nos a luzente
Obra insigne, imitante ao Sol e á Lua.

121-124 Não sei donde um mau gênio trouxe Ulysses
Ao campo que habitava o guarda-porcos:
Nesses confins se reuniu seu filho,
Já da arenosa Pilos aportado;

125-127 E ambos, disposto o plano da matança,
Para a nobre cidade caminharam,
O herói depois, Telemacho primeiro.

128-131 Eumeu guiava o pai, que abordoou-se
Em trajo de um decrépito mendigo,
E era tão roto e sujo e mal vestido,
Que aos mais idosos conservou-se ignoto.

132-138 A golpes e baldões o acometemos;
Tudo curtiu paciente em seu palacio.
Mas, do Egíaco Jove espiritado,
As armas com Telemacho afastando,
Em cima as tranca, e pela astuta esposa
O arco nos apresenta e o claro ferro,
Donde se derivou nosso infortúnio.

139-142 Nenhum de nós dobrou-lhe o forte nervo,
Baldo o esforço; e, ao momento que o Laércio
Dessa arma ia apossar-se, blasfemamos
Que, apesar das instâncias, não lha dessem;

143-146 Mas Telemacho insiste, e o pai, seu arco
Fácil dobrando, enfia as machadinhas.
Ao limiar, derrama a pronta aljava,

E gira a vista horrendo e frecha Antino;

147-151 A lutíferas setas rechinantes
(Um deus o protegia) uns após outros
Seu furor em cardumes nos prostrava:
Aos gemidos, aos botes, muge a casa
E se inunda em cruor. Tal fim tivemos!

152-154 No pátio os corpos nossos, ora, Atrida,
Isso amigos não sabem, que chorando,
Enxuto o negro sangue, nos sepultem;

155-157 Honra devida aos míseros finados.»
Grita Agamemnon: «Venturoso Ulysses,
Possuis mulher de uma virtude rara!

158-160 Do varão que pudica amou primeiro
Nunca olvidou-se; obtém perene glória,
Que hão de inspirados celebrar cantores.

161-163 Quão diversa a Tindárida ao marido,
Que houve-a donzela! odiosa nas balatas
Será do povo, e nódoa ás mais sisudas.»

164-173 Enquanto as almas de Plutão conversam
No vácuo reino, Ulysses e companha
De Laertes entravam pelo enxido,
Que a muito preço e lidas o comprara:
Tinha ali casa, e da varanda em roda
Os servos, com prazer cultivadores,
Comiam, repousavam; diligente

Do amo tratava, em rústico retiro,
Sícula velha. Aos três voltou-se Ulysses:
«Preparai para o almoço um bom cevado.

174-180 Verei se o pai me reconhece ainda,
Ou se ignoto me faz tamanha ausencia.»
E as armas dando aos socios, que partiram,
Ao pomar foi-se logo para o intento:
Não topa a Dólio e filhos e os mais servos
No grã vergel, do velho conduzidos
A colher espinheiros para sebes;

181-184 Só acha o pai no amanho de uma planta:
Sórdida a capa e remendada a roupa,
Luvas grosseiras, borzeguins de coiro,
Para evitar esfoladuras, tinha;

185-188 Gorra caprina o luto lhe aumentava.
Desde que o divo sofredor o enxerga
Dos anos e desgostos combalido,
Quedo pranteia á sombra de um pereiro;

189-196 Hesita se o abrace e o beije e informe,
Ou se antes com perguntas o exprimente.
Mordaz sondal-o preferindo, avança
Quando, baixa a cabeça, elle de roda
Cavava um tronco, e lhe bradou: «Meu velho,

Não és inábil; a pereira, a vide,
A oliveira, a figueira, o estão mostrando,
Nem há palmo de terra sem cultura;

197-202 Mas não te agastes, se o desleixo noto
Com que trapento afeias essa idade.
O amo não te maltrata pela incuria,
Nem tens servil presença; um rei no vulto
Semelhas ao que, já banhado, come
Para em mole dormir, jus da velhice.

203-205 Mas de quem és? o prédio a quem pertence?
Em Ithaca em verdade agora estamos,
Como um certo em caminho asseverou-me?

206-211 Brusco foi-se e imprudente, sem dizer-me
Se o meu hospede é vivo, ou se entre os manes.
Na patria, escuta, recebi festivo
O herói primeiro que a meu lar sentou-se:
De Ithaca era nativo, e se aclamava
Por filho do Arcebíades Laertes.

212-218 Com bondade acolhi-o, e generoso
Dons hospitais lhe presentei condignos:
De ouro talentos sete bem cunhados,
Copa argêntea florida, capas doze,
Doze mantos louçãos, e iguais tapetes
E túnicas iguais; por cima, á escolha,
Quatro prendadas e gentis mulheres.»

219-223 Em choro o pai: «Chegaste, forasteiro,
Á terra que me indicas, velhacouto
De malvados cruéis. Teus dons frustraste:
Se elle aqui fosse, em câmbio encontrarias
Também dons e benévolo agasalho.

224-231 Sê franco, esse infeliz, que era meu filho,
Em que ano o recebeste?. .. Oh! fútil sonho!
Dos seus longe e da patria, no profundo
Foi mantimento a peixes, a terrestres
Aves ou feras! Na mortalha envolto,
Da mãe, do genitor, não foi carpido,
Nem a casta mulher fechou-lhe os olhos,
A lamentar no féretro o consorte;

232-236 Sacro dever, dos mortos recompensa.
Mas quem és, me declares, de que povo,
De que família? A nau veloz e os nautas
Onde os tens? ou vieste em vaso alheio,
Que te largou, na rota prosseguindo.»

237-244 Pronto Ulysses: «Eu tudo vou narrar-te.
Prole de Afidas rei Polipemonio,
Sou de Alibas, em nobre alcáçar moro,
Eperito é meu nome; da Sicânia
Fez-me arribar um nume, e tenho surto
Na costa o meu navio. Quanto a Ulysses,
Anda em cinco anos que saiu de Alibas:
Voláteis á direita lhe adejavam;

245-247 Ao despedir-nos, ambos nós contentes
Rever-nos esperávamos, e um dia
Riquezas mutuar, doce amizade.»

248-250 Um negrume de mágoas tolda o velho;
Pega da ardente cinza, a encanecida
Cabeça asperge, do íntimo soluça.

251-254 Comoto o herói, das ventas resfolgando,
Olha o dileto pai, salta-lhe ao colo,
E o beija e abraça: «Ó pai, sou quem suspiras,
Vindo ao vigésimo ano á patria amada;

255-257 Essas penas e lágrimas reprime.
Atende-me, urge o tempo; em nossos paços
Vinguei-me já de injurias e insolencia.»

258-263 A quem Laertes: «Se és meu próprio Ulysses,
Dá-me um claro sinal que mo comprove.»
«Na cicatriz repara (ao pai mostrou-a)
Do alvo dente suíno, indo eu, por ordem
Materna e tua, ás abas do Parnaso,
Pelas promessas que anuiu teu sogro.

264-268 As árvores direi que tu, rogado
Por mim que ymphante os passos te seguia
Pelo vergel, me deste, a nomeá-las
Uma a uma: pereiras foram treze,
Macieiras dez, em quádruplo as figueiras;

269-271 Marcaste-me também cinqüenta renques
De uvas de toda casta, que maduram
Quando nelas de Jove as horas pesam.»

272-274 Do velho, a provas tais, frouxas as pernas,
Desmaia o coração; mas lança os braços
Ao filho, que nos seus o estreita e cinge.

275-278 O pai já cobra alento: «Ó sumo Jove,
Desses procos o crime a estar punido,
Certo no Olympo há deuses. Mas hei medo
Que a turba assalte e invoque os Cefalenes.»

279-282 Ulysses o acalmou: «Receios bane.
Á casa andemos do jardim vizinha:
Telemacho, Filétio e Eumeu, diante
Mandei que á pressa o almoço nos preparem.»

283-286 Já na mansão formosa aos três encontram,
Partindo as carnes, misturando os vinhos.
Lava primeiro e unge, orna e reveste
Ao bom Laertes a Sicana serva;

287-293 Porém Minerva os membros lhe engrandece,
Majestoso e divino sai do banho.
O filho o admira: «Gentileza e talhe,
Ó pai, te aumenta um nume!» E o velho: «Ó Jove,
Palas e Apolo, eu fosse o mesmo que era
Quando rendi, com Cefalênias hostes,
No continente a Nérico soberba!

294-296 Arnesado e brioso os vis intrusos
Também contigo repelira; a muitos
Os joelhos solvera, e tu folgaras.»

297-299 Entanto, prestes o festim, por ordem
Em camilhas e tronos se abancavam;
Eis chega Dólio do labor e os filhos.

300-305 A eles corre a Sícula, que anosa
Todos nutria e do ancião tratava;
Mudos pasmaram de rever seu amo,
Que afavel os convida: «Á mesa, ó velho,
Á mesa, o espanto cesse; á vossa espera,
Ávidas mãos retínhamos dos pratos.»

306-311 Braços abertos, se lhe atira Dólio,
Do amo os pulsos oscula: «Amigo, os votos
Nos enches de improviso, e pois os deuses
Te restituem, salve! alegre exultes
No grêmio da ventura! Á esposa a nova
É já notória, ou cumpre annunciarmos?»

312-315 «Ela o sabe, responde o astuto e cauto;
Mas nisso que te vai?» Tornado ao posto,
Beijam-lhe a destra os moços e o saúdam,
E junto ao pai em ordem se colocam.

316-319 O trabalho do almoço ocupa a todos.
Na cidade se espalha a triste fama
Da vingança: ante o paço estrepitosa

Carpe a gente, os cadaveres enterra;

320-326 Embarca em leves bojos os que á patria
Ir deviam por mar; com dor se ajunta
O parlamento. Em luto inexprimível
Eupiteu se levanta, a cujo filho
Antimo o divo herói matou primeiro,
E em soluços e lágrimas acusa:
«Amigos, oh! que horror, que atroz maldade!

327-329 Esse homem naus levou, levou guerreiros;
Frota e nautas perdeu: na volta, agora,
Deu cabo dos melhores Cefalenes.

330-335 Eia, antes que elle a Pilos se recolha,
Ou busque a dos Epeus Élide santa,
Vamos; ou torpe vida e eterno opróbrio
Tem de caber-nos: se de irmãos e filhos
Não punimos os brutos matadores,
Sombra unir-me anteponho a sombras caras.

336-339 Vamos, vamos, os bárbaros não fujam.»
Seu lastimar os corações comove;
Mas do palacio, em que os deteve o sono,
Chegam Médon e o músico divino;

340-343 Médon pondera: «Aquivos, nunca Ulysses
Tanto obrara sem nume: um vi que avante,
Na forma de Mentor, na sala o instava,
E o tropel todo em ruma ia caindo.»

344-352 Palor súbito invade os circunstantes.
Ergueu-se o herói Mastórida Haliterse,
No passado o mais douto e no futuro,
E orou sisudo: «Cidadãos e amigos,
Do feito a culpa tendes; não quisestes,
Surdos aos de Mentor e aos meus conselhos,
Flagicio enorme sopear dos filhos,
Que, os bens roendo, injuriando a esposa,
Com tão potente rei já não contavam.

353-356 É sem remédio. Ouvi-me agora ao menos:
Mores desastres atalhai, não vamos.»
A assembléia divide-se em tumulto:
Uns de Haliterse á voz se aquietaram;

357-360 Mas outros, ao combate persuadidos,
Em corpo avançam, reluzindo em bronze,
Por vastas ruas, de Eupiteu sequazes,
Que cego ou desagravo ou morte anela.

361-363 Consulta ao pai Minerva: «Ó soberano,
Que tens na mente? Guerra ou congraçal-os?»
E o Nubícogo: «Filha, que perguntas?

364-366 Não traçaste que á volta se vingasse?
Pois bem. Direi contudo o que é decente:
Vingado o herói divino, assente as pazes;

367-369 Reine em povos leais; de irmãos e filhos
O castigo apaguemos sanguinoso;
Renove-se a amizade, haja abundância.»

370-376 Disse, o ardor a Minerva acrescentando,
Que do jugoso Olympo se arremessa.
Apaziguada a fome, aos companheiros
Adverte Ulysses: «Veja alguém se perto
Já nos atacam.» Sai de Dólio um filho,
E enxerga logo da soleira a turba:
«Arma, arma, grita, a gente se aproxima.»

377-379 Armam-se os quatro, e os seis irmãos com eles;
E Laertes e Dólio, encanecidos,
No perigo urgentissimo se arnesam.

380-383 De ponto em branco, as portas escancaram,
Precipitam-se fora, e os manda Ulysses;
Disfarçada em Mentor, veio amparal-os
A Tritônia, de Jove augusta prole.

384-387 Ledo o chefe do auxilio: «Hoje, meu caro
Telemacho, aos mais fortes investindo,
Mostres brio e vigor; nem me envergonhes,
Nem dos caros maiores degeneres.»

388-391 E Telemacho: «Á frente, ó pai dileto,
Ver-mes-ás honrando sempre a estirpe tua.»
Regozijou-se o avô: «Propicios deuses,
Rivais são na virtude o filho e o neto!

392-394 Que dia! que prazer!» — E a gázea Palas:
«Arcesíades, socio o mais querido,
Roga a Minerva e ao Padre, afouto vibres.»

395-397 Ela ânimo e denodo aqui lhe infunde;
O herói, finda a oração, de Eupiteu rompe
De lança o elmo, á queda o arnês ressoa.

398-402 Ulysses e Telemacho os mais bravos
Talham de espada e pique, e total fora
O estrago e perda, se a gritar Minerva
Não contivesse o povo: «Ítacos, basta,
Já já da da crua guerra separai-vos.»

403-407 Pálido susto, á voz divina, os toma;
Das mãos voando as armas, ansiosos
De resguardar as vidas, se retiram:
Furente Ulysses a bramir os segue,
Tal como águia altaneira as nuvens rasga.

408-412 Então fulmina Júpiter, e o raio
Cai ante Palas, que ao Laércio intima:
«Dial cordato aluno, abster-te cumpre
Da discórdia civil, para que infesto
Não te seja o Tonante onipotente.»

413-415 Gostoso á deusa Ulysses obedece.
A Mentor semelhando em som e em vulto,
Sela a paz a do Egifero progênie.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0